

MESTRADO EM SOCIOLOGIA
[ESPECIALIZAÇÃO EM DESIGUALDADES E INTERVENÇÃO SOCIAL]

***As experiências e representações do espaço
público por parte das trabalhadoras sexuais
na cidade do Porto: uma abordagem
etnográfica***

Filipa Sapinho

M

2024



Filipa Sapinho

***As experiências e representações do espaço
público por parte das trabalhadoras sexuais
na cidade do Porto: uma abordagem
etnográfica***

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela Professora
Doutora Lúcia Ferro

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

Filipa Sapinho

***As experiências e representações do espaço
público por parte das trabalhadoras sexuais
na cidade do Porto: uma abordagem
etnográfica***

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela Professora Doutora Lígia Ferro

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade) Classificação
obtida: (escreva o valor) Valores

Aos meus avós, que plantaram em mim as sementes do saber, à minha mãe, que me deu asas para voar e mostrou-me como alcançar os céus, e ao meu pai, que me guiou na arte de sonhar com os pés no chão.

Sumário

Declaração de honra	3
Agradecimentos	4
Resumo	5
Abstrat	6
Introdução	7
Capítulo 1 - Enquadramento teórico	11
1.1. A problemática do trabalho sexual: conceitos e dinâmicas	11
1.2. A cidade: uma análise multidimensional	15
1.3. O direito à cidade	16
1.4. O espaço público: produção e uso	20
1.5. Sentimento de insegurança: o trabalho sexual	26
1.6. O poder e a sexualidade	27
Capítulo 2 - Abordagem metodológica: etnografia urbana	33
2.1. Etnografia Urbana	35
2.2. Técnicas etnográficas aplicadas	38
2.2.1. Observação participante	38
2.2.2. Diário de campo	40
2.2.3. Entrevista semiestruturada andante	40
2.3. Definição e caracterização da amostra	47
Capítulo 3 - Análise dos dados	49
3.1. O uso dos espaços públicos e a prática da prostituição	49
3.1.1. O sentimento de insegurança urbana	52
3.1.2. O direito e acesso à cidade das trabalhadoras sexuais	59
3.2. O sentido de pertença e as representações sociais em relação aos espaços públicos	64
3.2.1. O sentimento de insegurança na prática de prostituição	65
3.2.2. O sentido de pertença das trabalhadoras sexuais em relação à cidade	71
3.2.3. O sentimento de segurança na prática da prostituição	72
3.3. As relações de poder e de género na prática de prostituição	77
3.3.1. As relações de poder instrumentalizadas através de mecanismos subtis	79
3.3.2. As relações de poder instrumentalizadas através da violência	81
3.3.3. As percepções do <i>self</i> na prática do trabalho sexual	84

3.3.4. Substâncias aditivas e o trabalho sexual.....	86
Capítulo 4 – Considerações finais.....	90
4.1. Conclusões.....	90
4.2. Pistas futuras	98
Referências bibliográficas	101
Anexos.....	104
Anexo 1- Guião geral entrevista.....	105
Anexo 2- Transcrição entrevista 1.....	107
Anexo 3- Transcrição entrevista 2.....	124
Anexo 4- Transcrição entrevista 3.....	137
Anexo 5- Transcrição entrevista 4.....	153
Anexo 6- Transcrição entrevista 5.....	185
Anexo 7- Transcrição entrevista 6.....	203
Anexo 8- Grelha de entrevista 1	219
Anexo 9- Grelha de entrevista 2	233
Anexo 10- Grelha de entrevista 3	244
Anexo 11- Grelha de entrevista 4	253
Anexo 12- Grelha de entrevista 5	266
Anexo 13- Grelha de entrevista 6	280

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada/o previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) da presente dissertação.

Porto, 2024

Filipa Sapinho

Agradecimentos

Esta dissertação nasceu da vontade de conhecer o universo de quotidianos do trabalho sexual de rua, universo este que é tão exposto, porém tão escondido, repleto de vidas tão distintas da minha, porém geograficamente tão próximas. Este paralelismo despertou em mim a ânsia de conhecer este universo que povoa esta linda cidade, mas que é invisível aos olhos de muitos, desafiando-me a compreender as vivências das trabalhadoras sexuais, de capturar as suas experiências e os modos como estas percorrem as ruas do *nosso* Porto, bem como a forma como estas mulheres reivindicam, mesmo que silenciosamente, o seu lugar na cidade. Esta dissertação é, portanto, uma homenagem a estas mulheres, um espelho que reflete as suas existências numa cidade onde cada história, por mais invisível que possa parecer, é digna de ser ouvida compreensivamente. Portanto, obrigada a estas seis trabalhadoras sexuais que confiaram em mim partilhando as suas vozes. Obrigada, também, a todos os profissionais de saúde e do campo social e a todas as associações¹ que me auxiliaram nesta jornada, o vosso contributo foi essencial.

Gostaria, também, de agradecer do fundo do meu coração à minha orientadora, a Prof. Dra. Lígia Ferro, uma grande socióloga que me inspira profissionalmente e que me acompanhou e auxiliou durante toda esta viagem.

Não podia deixar de agradecer à minha família de sangue, que me criou com amor, empatia e respeito e que me mostrou o verdadeiro significado de resiliência e perseverança. Obrigada, obrigada, obrigada.

Por fim, mas não menos importante, obrigada à família que escolhi, obrigada Clara, Irina, Marisa, Mati e Matilde. Sem vocês não seria a mesma coisa, obrigada por me apoiarem incondicionalmente em todas as etapas da minha vida. Como uma velha sábia disse: “Não é desde sempre, mas é para sempre.”

¹ De modo a preservar o seu anonimato, não menciono o nome das associações e dos profissionais que nelas trabalham.

Resumo

Esta investigação adota uma metodologia qualitativa enraizada no paradigma construtivista, recorrendo à etnografia como principal estratégia de abordagem à realidade. Posto isto, a presente dissertação tem como objetivo analisar as experiências e representações sobre o espaço público por parte das trabalhadoras sexuais na cidade do Porto, através da análise dos significados subjetivos, do sentido de pertença, das vivências e perceções das profissionais do sexo em relação aos espaços da cidade associados à prática da prostituição, uma vez que o trabalho sexual de rua desempenha um papel central na produção e utilização dos espaços urbanos, conferindo-lhe novos significados e representações. Torna-se, portanto, imperativo indagar o impacto do trabalho sexual nestes contextos, explorando a forma como esta prática influencia as normas sociais e as relações de poder na sociedade, bem como a própria morfologia das áreas urbanas.

Palavras-chave: [Porto, trabalhadoras sexuais, espaço urbano, fazer-cidade, sociabilidades]

Abstrat

This research employs a qualitative methodology rooted in the constructivist paradigm, using ethnography as the main strategy to approach the reality. That said, this dissertation aims to analyze the experiences and representations of sex workers in relation to public space in the city of Porto, by analyzing the subjective meanings, sense of belonging, experiences and perceptions of street sex workers in relation to urban spaces associated with the practice of prostitution, since street sex work plays a central role in the production and use of public spaces, giving them new meanings. It is therefore imperative to inquire the impact of sex work in these contexts, exploring how this practice influences social norms and power relations in society, as well as the very morphology of the urban areas.

Key-words: [Porto, sex workers, urban space, making-city, sociability]

Introdução

A presente dissertação tem como objetivo central analisar as experiências e as representações das trabalhadoras sexuais de rua em relação aos espaços públicos urbanos na cidade do Porto, partindo da exploração das suas vivências nos espaços urbanos, dado que estes são experienciados e apropriados de distintas formas consoante as experiências quotidianas dos atores sociais que neles circulam, podendo deter diversas configurações e conceitualizações, sendo, também, abonados de significados, emoções e memórias. No caso da prostituição de rua, por ser exercida em espaços públicos, esta atividade não só utiliza os espaços urbanos como também redefine os seus significados, tendo um papel crucial na produção e uso dos mesmos.

Deste modo, é essencial analisar as transformações do espaço urbano de acordo com as representações sociais dos atores que o utilizam, tendo como fim compreender a forma como o trabalho sexual de rua redefine as normas sociais e as regras de conduta nas sociedades que, concomitantemente, decorrem e se refletem nas relações de poder e na materialidade binária entre o público e o privado, bem como na divisão social dos espaços públicos.

Posto isto, é importante sublinhar que o trabalho sexual está inserido numa extensa conjuntura de explanações e representações antagónicas que se opõem mutuamente no que diz respeito à validade e natureza desta prática, havendo um confronto entre aceite e desprezado, legal e ilegal, normativo e desviante, exploração e trabalho. Tendo em consideração a complexidade deste fenómeno, esta investigação procura explorar o paradoxo social e urbano do trabalho sexual de rua, dado que é uma atividade que utiliza o espaço público e, simultaneamente, nele se dissolve, é tão exposta e, no entanto, tão escondida.

Além disso, esta pesquisa pretende, ainda, indagar os significados subjetivos, o sentido de pertença e as perceções das profissionais do sexo em relação aos espaços públicos alusivos à prática da prostituição de rua, não se tratando apenas de desvendar narrativas individuais, mas de compreender a riqueza dos significados atribuídos pelas trabalhadoras sexuais aos espaços urbanos.

Por conseguinte, irar-se-á, também, explorar a questão que se depreende com o direito e acesso à cidade por parte das trabalhadoras sexuais de rua tendo em consideração as suas perceções, emoções e representações em relação à sua condição como trabalhadoras sexuais e enquanto membros integrantes da cidade do Porto, almejando desvelar como as experiências nos espaços públicos reverberam na noção de pertencimento e participação destas mulheres na vida cidadina.

Adicionalmente, tendo em conta as experiências da amostra em estudo, torna-se pertinente abordar, num plano complementar, a influência das substâncias aditivas na prática do trabalho sexual, com o intuito de indagar o impacto da dependência química de psicotrópicos nas relações de poder que são exercidas durante a prática de prostituição, bem como a forma como o consumo de drogas pode influir no uso dos diferentes espaços da cidade, moldando as interações e o sentido de pertença destas trabalhadoras em relação aos distintos espaços da urbe.

Em suma, este tema desafia-nos a explorar reflexivamente as interações e os significados subjetivos das trabalhadoras sexuais de rua em relação ao espaço público, considerando as várias dimensões teóricas e empíricas que podem opulentar a compreensão dessas experiências no contexto da cidade do Porto. Ao perseguir os objetivos delineados, esta investigação procura expandir o conhecimento científico sobre esta temática através da utilização de instrumentos metodológicos inovadores e de uma abordagem de “dentro e de perto”, como também, incitar uma reflexão crítica e interdependente que possa fundamentar futuras pesquisas que contribuam para um maior aprofundamento e análise da diversidade de experiências das trabalhadoras sexuais na esfera urbana. Esta análise torna-se relevante pois examina uma prática que, apesar de ser anciã e transversal a todas as sociedades e contextos históricos, é, simultaneamente, desprezada pelo meio social e académico, existindo, apesar de frutuosas, poucas contribuições nesta área em Portugal.

Portanto, o presente estudo pretende estimular um mergulho nas complexidades das relações sociais e urbanas, instigando uma análise que se estende para além dos contributos atuais sobre este fenómeno, englobando um conjunto de

reflexões que, a despeito de relevantes, não exaustam a complexidade da problemática em estudo, mas podem prover pistas profícuas para um debate mais alargado dentro da comunidade científica.

Dada a complexidade do fenómeno, e tendo em conta os contornos centrais desta investigação, a presente dissertação terá como base a subsequente questão de partida que orienta toda a pesquisa: “De que forma é que a prostituição em espaços públicos pode influenciar e definir as representações, experiências e significados subjetivos das trabalhadoras sexuais relativamente à cidade?”

A partir deste raciocínio, surgem as seguintes subquestões:

“Em que medida é que a morfologia dos espaços na configuração da cidade do Porto influencia os usos dos espaços públicos para a prática de prostituição e de que forma é que os próprios espaços se modificam por serem utilizados para estas práticas?”

“De que forma é que a prostituição de rua pode influenciar o sentido de pertença das trabalhadoras sexuais em relação ao seu direito e acesso à cidade, tendo em conta as suas emoções e representações subjetivas do eu?”

“De que modo é que as experiências das trabalhadoras sexuais de rua nos espaços urbanos são influenciadas pelas dinâmicas de poder e género patentes na sociedade?”

Em termos de estrutura, a dissertação estará dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo diz respeito ao enquadramento teórico do tema em estudo, onde irei abordar as seguintes problemáticas com base nas questões de partida previamente mencionadas: A problemática do trabalho sexual: conceitos e dinâmicas; A cidade: uma análise multidimensional; O direito à cidade; O espaço público: produção e uso; Sentimento de insegurança: o trabalho sexual; O poder e a sexualidade.

De seguida, o segundo capítulo concerne à abordagem metodológica aplicada nesta pesquisa, onde apresentarei as diversas expressões da técnica etnográfica que encabeçou este estudo. Farei um percurso pelos instrumentos e técnicas de recolha utilizados, como a observação participante, o diário de campo (DC) e as entrevistas

semiestruturadas andantes. Ainda neste capítulo, irei definir e caracterizar a minha amostra.

O terceiro capítulo corresponde à análise de dados das entrevistas. Este capítulo estará dividido em três dimensões de análise: O uso dos espaços públicos e a prática da prostituição; O sentido de pertença e as representações sociais em relação aos espaços públicos; As relações de poder e de género na prática de prostituição.

Por fim, no quarto e último capítulo farei as minhas considerações finais sobre o objeto em estudo, bem como irei referir pistas futuras que possam fundamentar novas investigações sobre a realidade do trabalho sexual em Portugal e a forma como este modifica o uso funcional dos espaços urbanos das cidades.

Capítulo 1 - Enquadramento teórico

1.1. A problemática do trabalho sexual: conceitos e dinâmicas

O trabalho sexual é um fenómeno complexo e plural que engloba uma multiplicidade de contextos, práticas e atores que se inserem em conjunturas históricas, culturais e sociais diversas. Sendo uma atividade que se integra num sistema ilícito na perspetiva normativa da sociedade contemporânea, o trabalho sexual abarca significados e representações distintas e, até, contraditórias, na medida em que a própria definição da atividade não é unânime. Desta forma, o trabalho sexual está inserido num universo vasto de explicações e representações dissimilantes que entram em conflito entre si, dado que, esta atividade é “simultaneamente reconhecida e relegada, idêntica e diferente. (...) Não foi abolida, mas que é muito vigiada, que é legal mas não reconhecida, tolerada mas reprovada e encontra-se nas fronteiras do ilícito e do dizível” (Oliveira, 2001, p. 72).

Como vimos, dado a sua complexidade, definir os contornos do trabalho sexual não é uma tarefa simples, existindo uma panóplia de possíveis delimitações do que é esta atividade, estando sempre sujeita a um reducionismo teórico. Posto isto, começemos, então, por identificar uma possível definição de trabalho sexual.

A partir dos anos 70, surge pela primeira vez o conceito de trabalho sexual, sendo este alusivo a “serviços, desempenhos ou produtos sexuais comerciais” (Oliveira, 2001, p. 83). Assim, o trabalho sexual abrange diferentes atividades relacionadas com o comércio do sexo, como a prostituição, pornografia, strip-tease, danças eróticas e chamadas eróticas (Oliveira, 2001, p. 83).

No que concerne à prostituição, sendo esta “o desempenho de relações sexuais (genitais, orais, anais ou masturbatórias), entre outras atividades com conotação sexual, com uma pessoa ou mais por motivos não sexuais, geralmente económicos” (Oliveira, 2001, p. 84), podendo ser categorizada em dois formatos distintos: a prostituição de rua, onde os trabalhadores solicitam em espaços públicos; e a prostituição de interior, onde

os trabalhadores se situam em bordéis, casas de massagem, serviços de acompanhamento, entre outros (Oliveira, 2001, p. 84).

De acordo com Alexandra Oliveira (2001, pp. 107-108), a prostituição de rua e de interior podem ser distinguidas através de cinco parâmetros analíticos, tais como:

Estatuto social- Os trabalhadores sexuais em contexto de rua detêm um estatuto inferior e mais estigmatizante do que os que trabalham em contexto de interior;

Controlo sobre as condições de trabalho- Comparativamente com as prostitutas de interior, as prostitutas de rua tendem a ter um maior controlo da sua atividade, na medida em que possuem mais independência para gerir o seu trabalho, desde a possibilidade de escolher a sua flexibilidade horária, recusar clientes e recolher integralmente os ganhos monetários da sua atividade, não estando dependentes de gerentes e chulos como as prostitutas de interior;

Experiências no trabalho- Devido a uma maior exposição e estigma, as prostitutas em contexto de rua tendem a ter experiências mais negativas durante a sua atividade do que as prostitutas de interior, estando mais vulneráveis a agressões e violações por parte de terceiros e mais suscetíveis a contraírem doenças sexualmente transmissíveis. Congruentemente, as prostitutas de rua tendem a considerar o trabalho menos compensador do que as prostitutas de interior, sendo que as últimas relatam perceções mais positivas das suas experiências;

Problemas psicológicos e de autoimagem- Determinadas pesquisas relatam que, em contraste com as prostitutas de interior, as trabalhadoras do sexo em contextos de rua tendem a enfrentar mais perturbações psicológicas; aferem um maior despreço pela sua atividade; e consideram que o trabalho tem um impacto prejudicial nos seus quotidianos, tendo, também, uma perceção mais débil no que concerne à validade dos seus serviços;

Impacto na comunidade- Uma vez que a prostituição de rua recorre ao uso de espaços públicos, esta torna-se intrinsecamente mais visível, tendo, assim, um maior

impacto na comunidade do que a prostituição em contextos de interior, dado que esta utiliza espaços mais resguardados e discretos.

Por outro prisma de análise, importa abordar os efeitos da adoção do termo trabalho no contexto do trabalho sexual. De acordo com Leigh (1997, citado por Ramalho, 2012, p.168), em 1979, o processo de redefinição da prostituição foi configurado através da alteração do termo prostituta para trabalhador do sexo. A adoção do termo trabalhador sexual ou profissional do sexo, surge em resposta à conotação negativa associada ao termo prostituta, frequentemente vinculado ao crime, desvio, estigma e vergonha. Em contraste, a utilização do termo trabalho sexual consolida o reconhecimento desta atividade como uma forma de trabalho (Sanders et al., 2009 citado por Ramalho, 2012, p.168). Esta alteração terminológica marcou, assim, o início de um movimento internacional centrado na defesa dos direitos dos trabalhadores do sexo e na sua consequente profissionalização. Este cenário tem suscitado, nas últimas décadas, um debate no que concerne à profissionalização desta atividade. Neste âmbito, surgem uma panóplia de perspetivas que abordam de diferentes óticas a caracterização de trabalho sexual.

De acordo com Oliveira (2001), a adoção dos termos "trabalho sexual" ou "trabalhador sexual" pressupõe a conceção desta prática como uma atividade dedicada à prestação de serviços sexuais e, consequentemente, tal constatação implica a defesa da profissionalização da atividade. Neste seguimento, Oliveira (2001) constata que:

A prostituição e outros trabalhos eróticos, quando desempenhados de forma voluntária e independente ou com relação contratual justa, só não podem ser encarados como outro trabalho qualquer por existir um estigma associado. E porque a existência desse estigma pode ter consequências psicológicas negativas em quem o pratica. Não sendo alvo de estigmatização, como acontece com muitas trabalhadoras sexuais de interior, poderá considerar-se um trabalho como os outros. Não o fazer é passar para o domínio da moral. (p. 86)

Segundo a autora, as maiores defensoras desta posição são as próprias trabalhadoras sexuais. As declarações de St. James e Alexander (1977, citado por Oliveira, 2001, p.84), corroboram essa perspectiva ao alegarem que a distinção entre o pagamento por uma hora de serviços sexuais e outras atividades laborais é desprovida de sentido.

Seguindo a mesma linha de pensamento, autores como Hirschi (1962, citado por Oliveira, 2001, pp. 84-85) defendem a classificação do trabalho sexual como uma profissão, traçando minuciosamente as técnicas intrínsecas à sua execução. Deste modo, Hirschi (1962), exemplifica as técnicas necessárias para o exercício da prostituição, tais como: A identificação de potenciais clientes; efetuação da venda de um serviço; seleção de um local apropriado para a realização da transação; satisfação do cliente; receção de compensação financeira; salvaguarda contra doenças, gravidez e danos físicos; e a evitação das autoridades policiais.

Posto isto, acrescentando contornos analíticos distintos, surge o contributo de Welzer-Lang, Barbosa e Mathieu (1994, citador por Oliveira, 2001, p. 86). Para estes autores, a prostituição pode ser considerada um trabalho, mas não como outro qualquer, na medida que características como o medo, a intervenção de chulos, o uso de substâncias psicoativas e a presença de transações obscuras conferem ao trabalho sexual uma singularidade que o diferencia, tornando-o incomparável a outras ocupações profissionais.

Não obstante, em oposição às perspectivas anteriormente delineadas, segundo Oliveira (2001), subsiste uma corrente que refuta a associação da prostituição à conceção tradicional de trabalho. Jeffreys (1997, citado por Oliveira, 2001, p.84), ao rejeitar categoricamente essa noção e vinculando a prostituição à condição de vítima, propõe a substituição do termo "prostituta" por "mulher prostituída". Além disso, advoga pela necessidade de conceber um termo para o cliente que reflita a noção de agressor. De acordo com Chapkis (1997 citado por Oliveira, 2001, p.84), os argumentos opostos à profissionalização do trabalho sexual podem ser categorizados em três princípios:

- A impossibilidade de existir consentimento na prostituição, sugerindo-se que esta deveria ser equiparada à escravidão ao invés de trabalho;

- A visão de que as prostitutas estão meramente a realizar algo inato e, portanto, não se pode classificar sexo como trabalho. Nesse contexto, desvaloriza-se a comparação com outras formas de trabalho físico, como as massagens terapêuticas, argumentando que, nestas, o pagamento decorre de competências técnicas, enquanto no sexo, por ser considerado tão elementar e destituído de complexidade, não requer especialização, infirmando, desta forma, a caracterização desta atividade como trabalho no sentido de ocupação profissional;

- A objeção a conferir ao trabalho sexual o estatuto de profissão é fundamentada na ideia de que a sexualidade, intrinsecamente ligada à pessoa que se prostitui, implica uma venda do Eu. Defensores dessa visão argumentam que o Eu é inalienável e, portanto, não pode ser objeto de transação comercial.

Contudo, apesar dos debates sobre a possível profissionalização desta atividade, especialmente dentro da esfera pública, tais práticas ainda são amplamente estigmatizadas. Neste contexto, estigmatização inerente ao trabalho sexual está profundamente ligada à construção social em torno da feminilidade, que é retratada como um domínio sagrado, onde as distinções entre atos consagrados e profanos são claramente delineadas, destacando o comércio amoroso como um sacrilégio por excelência.

Tendo em conta o âmbito desta investigação, a presente dissertação irá focalizar-se no universo da prostituição de rua, tendo como objetivo analisar as explicações e interpretações sobre o mundo social desta atividade e como esta se relaciona com as experiências e representações do espaço público por parte das profissionais do sexo.

1.2. A cidade: uma análise multidimensional

De modo a obter uma maior compreensão das representações do espaço público por parte das trabalhadoras sexuais, começamos, então, por analisar a conceção de cidade e como esta reflete os quotidianos dos seus habitantes.

De acordo com Agier, a cidade não pode ser vista como realidade estática, mas sim, como uma entidade dinâmica e complexa que é moldada pelas práticas, relações e narrativas daqueles que a habitam. Deste modo, segundo o autor, é necessário perspectivar a cidade como algo que está em constante evolução e transformação, cuja natureza é ajustada através das representações individuais e das experiências urbanas dos sujeitos. Neste sentido, Agier (2015) introduz o conceito de *cidade bis* com o intuito de descrever a cidade a partir da ótica daqueles que a vivenciam, destacando a importância de entender a cidade através das práticas e representações aqueles que nela habitam e, conseqüentemente, fazem a cidade.

Desta forma, podemos auferir que a cidade não é uma mera localização geográfica, mas, simultaneamente, um palco de atuação onde múltiplas realidades coabitam e, conseqüentemente, se transformam e metamorfoseiam-se em dinâmicas e experiências urbanas variadas, o que a torna num espaço social e culturalmente heterogêneo que absorve e espelha as práticas e os quotidianos dos cidadãos que nela circulam. Em síntese, pelas palavras de Park (1967, citado por Harvey, 2014), podemos constatar que a cidade, é:

A tentativa mais coerente e, em termos gerais, mais bem-sucedida de refazer o mundo em que se vive, e de fazê-lo de acordo com seus mais profundos desejos. Porém, se a cidade é o mundo criado pelo homem, segue-se que também é o mundo em que ele está condenado a viver. Assim, indiretamente e sem nenhuma consciência bem definida da natureza de sua tarefa, ao criar a cidade o homem recriou a si mesmo. (p. 28)

1.3. O direito à cidade

Neste âmbito, surge a concepção de direito à cidade desenvolvida por Lefebvre (2011). Para o autor, o direito à cidade, além do acesso individual ou grupal aos recursos urbanos, implica, também, a capacidade de alterar e reinventar a cidade de acordo com os desejos mais profundos dos indivíduos, abrangendo o direito de participar na definição e organização dos espaços urbanos das cidades, isto é, o “direito à vida urbana, transformada, renovada” (Lefebvre, 2011, p. 118).

Assim sendo, o autor critica a crescente alienação e a mercantilização do espaço urbano, considerando que estes fenômenos dão aso a cidades cada vez mais privatizadas e segregadas, defendendo que os espaços públicos não devem ser exclusivamente controlados por interesses comerciais ou burocráticos, mas sim pelos habitantes das cidades, dado que o espaço urbano é um espaço de vida coletiva, um local de encontro, interação social e expressão cultural onde os cidadãos detêm o direito de participar ativamente na criação e recriação da vida urbana. Deste modo, o direito à cidade implica a transformação do espaço urbano de uma forma que promova a justiça social, a igualdade e a participação democrática (Lefebvre, 2011, p. 118).

Neste prisma de análise, Henri Lefebvre (2011) explora a forma como as cidades, devido aos processos de urbanização e industrialização, estão cada vez mais descentralizadas, na medida em que, impulsionada pela luta de classes, deu-se a expulsão das classes dominadas para as periferias, surgindo, assim, uma nova centralidade controlada pelas classes dominantes, o que, conseqüentemente, resultou numa transformação do espaço urbano. Desta forma, o espaço urbano que, à priori, era pautado como uma “obra coletiva, detentora do próprio sentido e significado, legitimada por e para a sociedade civil; torna-se, pois, um mero produto, alheio a si mesmo, moldado por interesses políticos e econômicos particulares claramente marcados por relações de poder assimétricas.” (Silva, n.d.) Ou seja, a cidade passou a ser definida pelo valor de troca, em detrimento do valor de uso.

Neste âmbito, surge a distinção entre *habitat* e *habitar* desenvolvida por Lefebvre (2011, citado por Silva, n.d.). O *habitat* remete para a questão da residência, ou seja, alude à necessidade básica de habitação para sobrevivência individual do ser humano. Em contraste, o *habitar* representa a apropriação efetiva do espaço físico e do ambiente social para a vivência individual e associativa, simbolizando a experiência coletiva do espaço, a troca social, o reconhecimento e a construção de significados, conferindo ao espaço um valor de uso. Desta maneira, as periferias desurbanizadas, criadas pelas forças políticas e econômicas, auferem-se apenas de *habitat*, sendo excluídas de *habitar*, o que contribui para a desaparecimento da realidade urbana nessas áreas. A perda do *habitar*, associada à criação arbitrária de periferias, priva os cidadãos da participação ativa nas

decisões sobre a construção do espaço urbano e, conseqüentemente, do seu direito à cidade.

Seguindo esta linha de pensamento, Henri Lefebvre considera que a descentralização das cidades promove a fragmentação dos espaços urbanos, sendo esta caracterizada pela segregação e especialização de diferentes partes da cidade, o que contribui para o aprofundamento da desigualdade social e alienação dos sujeitos. Posto isto, refere, então, que a fragmentação urbana cria espaços isolados e segregados que dificultam as interações sociais e a formação de comunidades coesas. A especialização de áreas para diferentes usos, como residencial, comercial e industrial, muitas vezes resulta num isolamento de bairros e comunidades, o que leva à falta de oportunidades para encontros casuais, trocas culturais e interações informais entre os habitantes da cidade (Lefebvre, 2011).

Por conseguinte, a fragmentação dos espaços urbanos aprofunda a segregação socioeconómica, dado que diferentes áreas da cidade são designadas para diferentes estratos sociais, gerando barreiras físicas e simbólicas entre as diversas comunidades presentes nas cidades, contribuindo para a reprodução de desigualdades sociais. De acordo com o autor, a segregação dos espaços urbanos é uma forma de exclusão social, pois o acesso a recursos e oportunidades é distribuído de maneira desigual entre os cidadãos. Ademais, o autor constata que a segregação das cidades está intimamente relacionada com o capitalismo, na medida em que o desenvolvimento urbano é orientado pelos interesses económicos em detrimento das necessidades sociais. Assim, certos espaços da urbe são segregados e desenvolvidos de acordo com a lógica do lucro, o que conseqüentemente, pode resultar em espaços dedicados ao consumo em detrimento de espaços públicos de convívio (Lefebvre, 2011).

A par disto, a fragmentação urbana também pode levar à homogeneização de espaços, com áreas específicas da cidade dedicadas a funções especializadas, havendo uma separação rígida entre espaços públicos e privados, limitando a interação social e a apropriação coletiva do espaço urbano. Isto resulta na perda da diversidade urbana, tanto em termos de atividades quanto de população (Lefebvre, 2011).

Na concepção de Henri Lefebvre acerca do direito à cidade e na sua crítica à descentralização das cidades, é imperativo explorar a aplicação destes princípios nas experiências das trabalhadoras sexuais.

A fragmentação do tecido urbano nas cidades contribui para a concentração de atividades marginalizadas, como o trabalho sexual, em regiões específicas da cidade. Tal facto intensifica o estigma associado à prática do trabalho sexual de rua, limitando o acesso das profissionais do sexo aos benefícios plenos do direito à cidade. Ademais, esta estigmatização, aliada à escassez de diálogo intercomunitário, perpetua atitudes discriminatórias, solidificando a marginalização social desta população.

Além disso, a segregação socioeconómica advinda da descentralização da cidade, cria barreiras físicas e simbólicas entre classes sociais, impactando diretamente as trabalhadoras sexuais de rua, uma vez que limita o seu acesso a recursos e oportunidades, sendo este fundamental para uma plena participação no espaço urbano. Aliás, a segregação espacial, não apenas limita o acesso destas mulheres a serviços sociais essenciais, como a clínicas de saúde sexual e programas de apoio psicossocial, mas também acentua as disparidades nas condições de saúde e bem-estar.

Por conseguinte, a falta de coesão social em cidades descentralizadas impõe um isolamento pronunciado às trabalhadoras sexuais de rua, dificultando a formação de redes de apoio. Essa desconexão social, além de ampliar a vulnerabilidade à exploração e violência, prejudica, também, a construção de uma organização coletiva de trabalhadores sexuais, na medida em que a dispersão geográfica e a falta de espaços públicos seguros podem dificultar a criação de redes de apoio e, consequentemente, inibir o sentimento de pertença e de comunidade nestes indivíduos.

Ademais, a escassez de uma economia local rica e diversificada, especialmente evidente em áreas economicamente deprimidas, reflete-se na falta de alternativas de subsistência para as trabalhadoras sexuais, dado que, a fragmentação urbana, ao restringir o acesso a serviços e oportunidades em contextos economicamente desfavorecidos, limita as opções disponíveis, afetando negativamente o direito à cidade destas mulheres.

Por fim, a descentralização da cidade contribui, de igual modo, para a polarização da segurança pública em diferentes áreas da cidade, na medida em que certos espaços urbanos conotados como marginalizados, detêm uma presença policial mais intensiva. A constante assiduidade das forças policiais em zonas citadinas perspectivadas como dissidentes, pode traduzir-se em abordagens policiais desiguais através da criminalização desproporcional das comunidades que utilizam e habitam nestes territórios, acentuando as vulnerabilidades legais e sociais das trabalhadoras sexuais, refletindo, também, a injustiça sistémica que afeta o pleno exercício do direito à cidade por parte destas mulheres.

Desta forma, ao aprofundarmos a análise de Lefebvre sobre o direito à cidade, torna-se patente que estes conceitos têm repercussões profundas nas condições e vivências destas trabalhadoras.

1.4. O espaço público: produção e uso

A propósito de entender a complexidade da cidade e as dinâmicas urbanas que nela estão inscritas, é imperativo explorar a conceção dialética do espaço com o intuito de problematizar a produção e utilização dos espaços públicos que estão embutidos nas cidades.

De acordo com o urbanismo físico, o espaço comum urbano, diz respeito ao espaço existente no interior da cidade, sendo este um espaço de utilização pública e de posse coletiva, podendo assumir diversas configurações, como espaço destinado à circulação, ao lazer e recreação, à contemplação, entre outros. Não obstante, apesar do espaço comum urbano ser de acesso livre e público, há várias formas de o pensar relativamente à sua apropriação material e simbólica. Assim sendo, o espaço público, é por excelência um palco onde os atores sociais interagem e formam representações sociais entre si. Sendo espaço um conceito mutável, amplamente relacionado com a rotina quotidiana, é embebido de rituais e práticas sociais e pessoais, onde se formam concretizações particulares e se exprimem de maneiras diversas as estruturas sociais, culturais e económicas. Em grosso modo, o espaço não é uma mera representação física

mas, também, um conceito explicativo das práticas e das representações que nele se exprimem (Castro, 2002).

Neste sentido, surgem os contributos de Lefebvre (1991). De acordo com o autor, a conceção de espaço pode ser baseada numa triplicidade:

Prática espacial/Espaço percebido- Refere-se à experiência subjetiva do espaço na vida quotidiana, sendo este moldado pelas perceções e interpretações dos atores sociais. O espaço percebido é, então, subjetivo e varia de sujeito para sujeito;

Representações do espaço/Espaço concebido- Alude à forma como o espaço é concebido e representado, ou seja, nesta dimensão, o espaço é propositadamente projetado e construído através de um ordenamento deliberado do território, refletindo a materialização das intenções e visões específicas das entidades e instituições com o intuito de moldar o espaço físico de acordo com objetivos predefinidos;

Espaços representacionais/Espaços vividos- Remete para a forma como os espaços são vividos através de interações sociais, práticas e rotinas, sendo influenciado por processos simbólicos e culturais. O espaço vivido é, assim, um espaço dinâmico que reflete as formas como os atores sociais utilizam e se apropriam do espaço. Esta apropriação do espaço pelos atores sociais pode, ou não, ser consonante com as intenções originais concebidas para a utilização do espaço.

Deste modo, podemos observar que a conceção de espaço é complexa e múltipla dado que tem no seu cerne uma conjuntura de fatores sociais, culturais e económicos que exercem um papel fulcral na sua configuração, uma vez que o espaço é uma construção moldável e que difere consoante o seu contexto e período histórico (Lefebvre, 1991, p. 46).

Seguindo a mesma linha de pensamento, David Harvey (1973, p. 13) considera que o espaço pode ser perspectivado através de três conceções:

Conceção Absoluta do Espaço- Aqui, o espaço é perspectivado como uma entidade independente da matéria, uma "coisa em si", sendo uma estrutura objetiva e neutra que pode ser utilizada para analisar e individualizar os fenómenos. Isto é, o espaço absoluto

é fixo e os atores sociais registam ou planeiam eventos dentro dos moldes que o constitui;

Conceção Relativa do Espaço- Esta perspetiva considera que o espaço é relacional, ou seja, é criado pela presença e interação dos objetos que o ocupam, sendo que esta interação entre os objetos molda e modifica o espaço;

Conceção Relacional do Espaço- Nesta abordagem, o espaço é intrínseco aos objetos e é definido pelas interações que estes estabelecem entre si, sendo que os objetos englobam e representam as relações espaciais. Esta conceção enfatiza a importância das relações na construção do espaço. Assim, de acordo com a visão relacional do espaço, o espaço não existe exteriormente aos processos que o definem, sendo que estes processos não ocorrem no espaço, mas definem o seu próprio quadro espacial.

Além disto, Harvey argumenta que “space is neither absolute, relative or relational in itself, but it can become one or all simultaneously depending on the circumstances” (Harvey, 1973, p.13). Neste sentido, o espaço público não pode ser estritamente perspetivado como absoluto, relativo ou relacional, ao invés, está envolto numa dinâmica complexa onde as três conceções interagem e coexistem entre si, moldando o espaço através de uma constante tensão dialética entre as diversas dimensões.

Neste seguimento, Júnior (2014), inspirado num caso elaborado por Harvey, ilustra a interação entre as diversas dimensões de espaço, demonstrando através de um exemplo prático com uma praça pública pode incorporar estas três conceções:

A square has a physical and legal materiality and is related to the absolute space. In addition, it is possible to situate the same square in relation to other places — e.g., residence, work or leisure, or commerce — and in relation to the flows of persons, services and money, thus recognizing its position in relative space. Finally, it is also possible to attempt to understand the relationship of the square and the process of local property construction in the global property markets, including financing the economy, participating in history and heritage of the city,

and its meaning as a place traversed by personal and collective sentiments and memories, among other aspects. All of these aspects sustain the square as a place of leisure and circulation. (p. 148)

Em suma, este exemplo demonstra como os espaços públicos são experienciados e apropriados de distintas formas consoante as vivências quotidianas dos atores sociais que os utilizam; como os espaços são representados, sejam espaços conceituados para lazer, comércio e residência, ou espaços abertos/fechados e próximos/distantes; e como os espaços são, também, abonados de significados, emoções e memórias, tornando-se espaços representacionais. Portanto, os espaços públicos são experienciados por meio de vivências materiais, intelectuais e emocionais dos sujeitos. Assim, podemos constatar que a prática humana detém um papel central na produção e apropriação dos espaços, atribuindo novos significados aos espaços comuns urbanos.

Lefebvre (1991, p. 55), constata, ainda, que a luta de classes está intrinsecamente embutida na produção e apropriação dos espaços, na medida em que os espaços são arenas de tensões entre as classes sociais. Assim sendo, a cidade configura-se como um cenário onde diversos indivíduos com diferentes interesses se confrontam e interagem como intuito de alcançar os seus objetivos. Estes objetivos podem ser de valor de uso, isto é, objetivos que se relacionam com reprodução social e apropriação simbólica dos espaços comuns urbanos das cidades, ou de valor de troca, ou seja, que remetem para a apropriação material dos espaços (Junior, 2014, p. 149).

Desta forma, podemos afirmar que os espaços comuns urbanos são espaços repletos de contradições, disputas e conflitos materiais e simbólicos entre os diferentes agentes que o ocupam, sendo que a capacidade de dominar estes espaços, através da apropriação material ou simbólica dos bens e serviços neles distribuídos, depende do capital económico, cultural, político, simbólico e social dos indivíduos (Bourdieu, 1997, pp.163-164).

Nesta ótica, Bourdieu (1997) argumenta que o espaço físico da cidade é a manifestação do espaço social:

O espaço social reificado (isto é, fisicamente realizado ou objetivado) se apresenta, assim, como a distribuição no espaço físico de diferentes espécies de bens ou de serviços e também de agentes individuais e de grupos fisicamente localizados (enquanto corpos ligados a um lugar permanente) e dotados de oportunidades de apropriação desses bens e desses serviços mais ou menos importantes (em função de seu capital e também da distância física desses bens, que depende também de seu capital). É na relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens no espaço que se define o valor das diferentes regiões do espaço social reificado. (p. 161)

O espaço da cidade é, então, um reflexo das desarmonias e contrastes sociais materializados no espaço físico, instrumentalizando-se, por exemplo, na divisão entre o centro urbano e as áreas periféricas de uma cidade, sendo que esta divisão revela profundas disparidades sociais. Por sua vez, estas desigualdades sociais também se exprimem nas estruturas mentais e na linguagem utilizada pelos sujeitos para descrever e compreender o espaço urbano. Deste modo, os contrastes sociais e as categorias de percepção do espaço urbano são moldados pelo modo como os atores sociais percebem, representam e se relacionam com a cidade, portanto, o espaço urbano é um espaço social repleto de hierarquias e oposições que influenciam a percepção dos indivíduos sobre a cidade (Bourdieu, 1997, p.162).

Mas como é feita a apropriação deste espaço que é “de todos” e “para todos”? Segundo Castro (2002), a visibilidade nos espaços públicos é um fator determinante para a apropriação do local, uma vez que a expressão de traços distintivos do grupo, sejam estes culturais, sociais e/ou económicos, pode gerar representações negativas por parte de outros utilizadores do espaço, consequentemente, estabelecendo fronteiras simbólicas e espaciais que constituem mecanismos de segregação. O papel da norma também é elementar na apropriação do espaço público, a norma de uso (implícita ou explícita) estabelece-se numa ótica de permitir a convivialidade urbana, através de

competências sociais e técnicas, de modo a conter as tensões sociais derivadas da exposição e da observação.

De acordo com a autora, no caso de não existirem regras implícitas, as práticas sociais poderão ser o resultado da representação coletiva e simbólica daquele espaço ou de uma “aprendizagem coletiva histórica” (Castro, 2002). A coexistência dos diversos grupos sociais num mesmo espaço, traduz-se numa difícil gestão das relações sociais, uma vez que, a proximidade física não se reflete necessariamente numa proximidade social. Estes conflitos, explicam-se pelas “incompreensões alimentadas por concepções e práticas diferenciais do espaço público (...), por comportamentos julgados naturais por uns e reprovados por outros” (Castro, 2002, pp. 58-59).

Desta forma, os espaços que se esculpem nas cidades configuram e são configurados pelas dinâmicas da vida social, refletindo “as maneiras como a vida quotidiana está organizada: os modos como é representada, percebida e entendida; e as formas como diferentes grupos fazem frente e reagem a essas condições” (Remy, 2004, citado por Dinis, 2020, p.71).

Assim sendo, as experiências e representações do espaço público condicionam a utilização do mesmo por parte das trabalhadoras sexuais de rua, numa dicotomia entre o que é expectável do espaço e a forma como estas o utilizam. Assim, o espaço pode ser promotor de inclusão e pertença, ou reprodutor de exclusão e estigma.

Seguindo esta linha de pensamento, ao usar estes espaços públicos como lugar de comercialização do sexo, as profissionais do sexo estão inscritas numa posição de vulnerabilidade, pois, apesar de esse espaço se ter convertido num lugar de liberdade e troca sexual, nunca deixa de ser um espaço de restrições e controlo (Dinis, 2020, p.98).

Ademais, segundo Dinis (2020), a utilização do espaço público como lugar de troca sexual transforma-se num contestar da ordem social que regula o sexo. Ao fugir do controlo da narrativa normativa, que determina o sexo como algo privado, sagrado e não vendável, este uso apropriador dos espaços para o comércio do sexo instiga o questionamento da heteronormatividade que governa o uso das cidades. Deste modo, as trabalhadoras sexuais de rua, exercem influência sobre o espaço público e,

consequentemente, moldam o significado desse espaço, bem como as movimentações e práticas que nele se desenrolam.

1.5. Sentimento de insegurança: o trabalho sexual

Tendo em consideração as representações e experiências que se inscrevem no espaço, Luís Fernandes (2005, citado por Dinis, 2020) introduz o conceito de evitamento experiencial, indicando que as populações normalizadas tendem a evitar, durante o seu percurso pela cidade, espaços que são perspetivados como disruptivos da norma, os tais “espaços perigosos”, dado que estes são um “sítio de construção dos rumores insegurizantes que permanentemente reavivam os temas da ordem e da desordem, do equilíbrio e da desestruturação do coletivo - do destino, enfim, da cidade” (Fernandes e Carvalho, 2000, para. 4). Ademais, o evitamento experiencial exercido pela população normativa influencia e é influenciado pelo sentimento de insegurança urbana.

Ora, de acordo com Fernandes e Carvalho (2000) a insegurança urbana remete para o sentimento de insegurança. O sentimento de insegurança, ainda que parta de uma base factual, remete-nos para o campo subjetivo e psicológico dos sujeitos, para emoções como o medo, sendo que este é constituído pelo conjunto de perigos que residem na cidade. Este medo assenta em perceções e representações das populações normalizadas que:

Associam a um conjunto de figuras, uma determinada zona da cidade, interpretando este conjunto como determinante para a materialização de uma extensa panóplia de ameaças: ameaça à saúde pública (pela insalubridade das suas condições de vida), ameaça à ordem pública (pelo risco de contágio das classes laboriosas respeitáveis, com as suas ideias políticas perigosas), ameaça à ordem moral (pelo desrespeito dos princípios de sobriedade e autodisciplina vitorianos), ameaça à ordem legal (pelos padrões marginais de emprego, mendicidade, criminalidade), em suma, pela ameaça que constituem a toda uma conjuntura de progresso (para. 21).

Por conseguinte, a amálgama destas ameaças recai sobre os *outsiders* que residem nas cidades, isto é, todos aqueles que não se conformam com a norma vigente, como as prostitutas de rua, embutindo na população normativa uma percepção de perigosidade que se opõe à “classe trabalhadora respeitável” (Fernandes e Carvalho, 2000, para. 21).

Posto isto, podemos constatar que o evitamento experiencial, bem como o sentimento de insegurança, são fenómenos que contribuem para a construção da identidade urbana, dado que as práticas sociais dos cidadãos formam a identidade coletiva da cidade. Desta forma, a população normativa, ao perspetivar certos espaços como “perigosos” e associando-os a determinados atores sociais, atores estes que ameaçam a ordem e o equilíbrio da cidade, potencia a formação de uma identidade coletiva cada vez mais fracionada, uma vez que o evitamento experiencial e o sentimento de insegurança urbana estimulam a fragmentação territorial, funcional e social dos espaços urbanos. Esta fragmentação e desconexão social entre os diversos habitantes da urbe, cria comunidades cada vez mais segredadas e polarizadas, incitando a exclusão e marginalização dos *outsiders* por parte da população normativa, dado que estes não se regem pelas normas vigentes da sociedade e, portanto, devem ser privados do pleno acesso a todo o tabuleiro urbano.

1.6. O poder e a sexualidade

A questão da profissionalização do trabalho sexual é uma temática que suscita diversas perspetivas no que tange à validade e natureza desta atividade, propiciando, ainda, uma convergência entre discursos e práticas que instigam “argumentações moralistas, sentimentalistas e paternalistas que apontam a indesejabilidade da prostituição” (Silva, 2007, citado por Ramalho, 2012, p.169). Neste âmbito, com o intuito de analisar as causas pelas quais as trabalhadoras sexuais são negativamente percecionadas através de uma lente analítica permeada de estigma e de juízos morais face às suas práticas e comportamentos, surge como referência o contributo de Foucault com a sua teoria social contemporânea, que aborda questões relacionadas com a sexualidade, promovendo uma reflexão acerca dos conceitos de poder, controlo,

normalização e de política sexual que elucidam as dinâmicas subjacentes que perpetuam o estigma associado aos profissionais do sexo na contemporaneidade. (Ramalho, p. 169)

Na sua abordagem à genealogia do poder, Foucault (1994) empreende a necessidade de explicar os mecanismos e estratégias subjacentes ao poder, proporcionando uma análise minuciosa do seu funcionamento em campos, discursos e contextos temporais distintos nos quais se delinearam as relações de poder sobre a sexualidade, afastando-se de uma concepção convencional do poder, onde a sua ação é alicerçada na proibição, censura, interdição, repressão ou coação, refutando a concepção do poder vinculada ao direito, uma vez que a percebe como uma forma de punir todo o corpo social através do uso de leis, contestando a ideia que o poder deve ser concedido por contratos jurídicos ou políticos. Deste modo, segundo Foucault (1994), o poder deixa de estar localizado numa instituição detida por uma classe dominante que detém a soberania sobre a forma com o poder é exercido e aplicado, desafiando, assim, a concepção tradicional de que o poder é centralizado e exercido hierarquicamente por grupos específicos de indivíduos.

Desta forma, para Foucault (1994), o poder deve ser compreendido como a:

Multiplicidade das relações de força imanentes ao domínio em que se exercem e constitutivas da sua organização; o mecanismo que, por via de lutas e de confrontos incessantes, as transforma, as reforça, as inverte; os apoios que essas relações de força encontram umas nas outras, de maneira a formarem cadeia ou sistema, ou, pelo contrário, os desfasamentos, as contradições que as isolam umas das outras; por fim, as estratégias em que se efectuam e cujo desenho geral ou cristalização institucional tomam corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (p. 95-96)

Segundo Foucault (1994), podemos observar que o poder é relacional, na medida em que as relações de força que atuam na sociedade são efetuadas através de ações de uns sobre os outros, gerando, assim, uma dicotomia de antagonismos por todo o corpo social com o intuito de defender uma verdade própria. Esta verdade é sempre moldada

pela perspectiva de quem a expressa dentro de um determinado contexto histórico-político. Portanto, o poder tem a capacidade de institucionalizar a verdade, o que, concludentemente, se desdobra na norma a seguir, na medida em que este pronuncia e influencia o estabelecimento das regras pelas quais a sociedade se rege. Neste sentido, uma vez que o poder estabelece as regras do “jogo”, este, também, define o que é reprovável ou aceitável, o que é moral ou imoral, portanto, no domínio sexual, o poder institui as normas pelas quais o sexo é definido e perspectivado.

Destarte, esta característica binária do poder potencia e perpetua conflitos nas relações sociais entre os que detêm o poder e, conseqüentemente, estabelecem as normas sociais, e os demais que não se enquadram nessas normas instituídas, levando à exclusão e marginalização dos segundos pelos primeiros. Assim, nesta dinâmica, o poder torna-se um instrumento segregador da sociedade. (Foucault, 1994, 1999, citado por Ramalho, 2012, p. 170).

Não obstante, de acordo com Foucault, as relações de poder não são exercidas inevitavelmente através da violência física, mas antes, através da instrumentalização de configurações de poder mais subtis, sem necessariamente recorrer à proibição, repressão ou coação, o que torna estas ações intrinsecamente mais difíceis de identificar. Contudo, apesar destas relações de poder serem subtilmente exercidas, Foucault argumenta que estas são sempre intencionais e subjetivas, considerando que “não há poder que se exerça sem uma série de miras e de objectivos” (Foucault, 1994, p. 98). Desta forma, o poder “induz, incita, facilita ou dificulta; ao extremo, ele constrange ou, entretanto, é sempre um modo de agir ou ser capaz de acções. Um conjunto de acções sobre outras acções” (Foucault, 1982 citado por Ramalho, 2012, p. 170).

Estas relações de força expressas no âmbito da sexualidade estão alicerçadas num contexto socio histórico e político que determina as dinâmicas de poder patentes na sociedade, dado que as mesmas não são estanques e pré-definidas, sendo alvo de transformações consoante o contexto onde estão inseridas. Logo, de modo a compreender as relações de poder na sociedade, torna-se fundamental indagá-las consoante o contexto onde são praticadas, com o intuito de entender o papel das

normas sociais na modelação das relações de poder que dominam a política do sexo e da sexualidade (Ramalho, 2012).

Nos primórdios do século XVII, a sexualidade e o sexo eram perspectivados como componentes naturais da liberdade individual dos atores sociais, dado que os corpos, os atos sexuais e os discursos no domínio da sexualidade eram notados com tolerância e como um exercício intrínseco ao ser humano. Desta forma, os códigos de conduta assentavam em mecanismos de emancipação corporal, onde os indivíduos podiam expressar e expor a sua corporalidade sem serem subjugados e reprimidos pela sociedade. Assim, através de “gestos directos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas (...): os corpos ostentavam-se” (Foucault, 1994, p. 9).

Contudo, com o desenvolvimento das sociedades burguesas vitorianas, a par da expansão do capitalismo, deu-se uma mudança de paradigma em relação à sexualidade e ao sexo. O sexo passa a ser definido apenas pela sua função de reprodução dentro do seio familiar, havendo um maior controlo social da sexualidade e das funções do sexo na sociedade, transformando-o em algo que deve ser vigiado, reprimido e censurado. Ou seja, o sexo, passou a ser moralmente aceite e tolerado apenas se se inserisse numa conjuntura orientada para a procriação entre um homem e uma mulher, marcando o começo do puritanismo moderno (Foucault, 1994, p.11). Portanto, o sexo torna-se, assim, num mecanismo de instrumentalização do poder, metamorfoseando-se numa questão política e religiosa que deve ser fiscalizada e constrangida.

De acordo com Foucault (1994), a igreja católica deteve um papel central na dissimilação e solidificação da corrente puritana relativamente ao domínio do sexo, instituindo mecanismos de controlo sobre os corpos, a sua exposição e uso, através de técnicas de fiscalização moral da sexualidade pautadas por exames à consciência, como a confissão. Nesta, era incentivado que os indivíduos descrevessem “todo o percurso minucioso do acto sexual na sua própria operação”, estabelecendo “regras meticulosas de auto-exame (...) a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações

voluptuosas, deleites, movimentos conjuntos da alma e do corpo “ (Foucault, 1994, p. 22-23).

Assim, o poder pastoral, por meio da implementação de uma doutrina pautada pela vigilância, instrumentos corretivos e práticas coercivas como o medo, o pudor, a calúnia, a confissão e o pecado, passou a controlar a moralidade dos atos sexuais, possuindo o poder de punir a sexualidade e adestrar os desejos ocultos dos sujeitos (Foucault, 1994). Tal facto, permitiu que esta instituição instaurasse as regras de conduta a seguir, as tais “regras do jogo”, regras essas executadas em nome da moralidade cristã com o intuito de subjugar os indivíduos à doutrina vigente. Deste modo, todos aqueles que não se enquadrassem no novo sistema normativo, seriam alvo de condenação eterna e escrutínio aos olhos da igreja e, concludentemente, aos olhos da sociedade.

Por outro lado, o sexo começou, a partir do século XVIII, a ser perspectivado como um objeto de investigação científica, nomeadamente, devido as transformações sociais advindas da industrialização que fomentaram novas argumentações científicas relativas ao sexo por distintas áreas disciplinares, originando novas formas de pensar esta temática (Mottier, 2010; Foucault, 1994, citado por Ramalho, 2012, p. 173). Disciplinas como a medicina, psiquiatria, pedagogia e direito contribuíram para a solidificação de discursos que representavam as "verdades" sobre a sexualidade humana através dos seus estudos sobre o sexo, sendo que, por exemplo, a psiquiatria começou a analisar o que era considerado "excesso" ou perversão sexual, por sua vez, a pedagogia procurou instruir sobre comportamentos sexuais considerados apropriados e o direito penal passou a punir crimes sexuais, especialmente aqueles considerados "contra a natureza". Através de contínuos diagnósticos, análises, relatórios e investigações, estas áreas científicas descodificaram as “verdades” sobre o sexo, “assinalando por toda a parte perigos, despertando atenções (...); em torno do sexo, (...) irradiam discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante, que por sua vez relança o incitamento a que dele se fale” (Foucault, 1994, p. 34).

Desta forma, encobrendo-se por trás do véu científico, estas disciplinas contribuíram para a institucionalização da sexualidade como um campo científico de

saber-poder, sendo que os conhecimentos produzidos pela ciência em relação ao sexo geraram um novo mecanismo de poder e uma nova forma de controlo das práticas sexuais, passando a deter e a produzir as “regras do jogo”, contribuindo para a instauração de normas e valores em torno da sexualidade, influenciando as práticas sociais e as políticas públicas.

Logo, através da classificação e definição da normalidade sexual, esta passou a ser estipulada e, conseqüentemente, definida em prol da naturalidade biológica, comprovada e dissimilada pela ciência. Assim, coligando a moralidade cristã, a educação sexual e a legislação, fecundou-se um mecanismo de poder que controlava a narrativa da sexualidade, bem como os atos que se desviavam desta, como por exemplo, a homossexualidade, a sodomia, o casamento sem consentimento dos pais, a bestialidade, o incesto, o adultério e a violação, apresentando-se como desvios graves à norma sexual. Esta rigorosa descrição e categorização dos desvios permitiu que o poder se infiltrasse na vida íntima dos indivíduos, moldando as suas concepções em relação ao sexo e à sexualidade. (Foucault, 1994, p. 42-43)

Esta abertura científica no estudo e decodificação do sexo e da sexualidade, que à priori poderia ser vista como uma libertação das amarras repressivas do mutismo e do estigma em relação a esta temática, revelou-se proditória, na medida em que, além de não desmistificar e contribuir para o pleno entendimento da sexualidade e do sexo, também incrementou um novo formato de repressão assente na categorização dos indivíduos e das suas identidades, classificando-as em função das suas patologias. Desta maneira, para existir uma classificação do desvio, essa classificação teria de ser baseada e, posteriormente, comparada com a norma: a família monogâmica heterossexual. A heteronormatividade, passou, assim, a definir as normas sociais e os valores da sociedade.

Por outro prisma de análise, importa ressaltar que, apesar das relações de poder nem sempre se manifestarem através da violência física, por vezes, tal disposição pode se suceder. No que concerne ao trabalho sexual, a violência afigura-se como um fator transversal durante a prestação de serviços sexuais, podendo-se traduzir em altos níveis

de violência sexual, física e/ou verbal (Farley, Baral, Kiremire & Sezgin, 1998; Farley & Barkan, 1998; Karandikar & Próspero, 2010; Nixon et al., 2002; Raphael & Shapiro, 2004, citado por Moreira et al., 2016, p. 73).

De acordo com Moreira et al. (2016) a violência a que os trabalhadores sexuais estão sujeitos no decorrer da prática de prostituição é particularmente elevada quando a mesma é exercida no espaço público, a par da preocupação no que concerne à recorrência de tais atos, especificamente entre mulheres e pessoas transgênero, dois setores populacionais que, historicamente, residem na base da hierarquia social, estando, assim, mais vulneráveis a atos de violência.

Estas relações de poder instrumentalizam-se em mecanismos de controlo social e corporal que espelham e reproduzem os códigos morais conservadores e machistas que permeiam as sociedades. O trabalho sexual, sendo uma prática dissidente, desafia estas normas sociais. Este confronto incessante entre normativo e desviante, fomenta a criação de uma relação dicotómica entre *insider* e *outsider*, fragmentando e polarizando o tecido populacional, onde os *insiders*, isto é, a população normativa, detém uma presumível superioridade moral e ética em relação às *outsiders*, isto é, as profissionais do sexo, pois estas não se enquadram com as linhas normativas vigentes, sendo socialmente excluídas da sociedade do bem e do respeitável. Esta fragmentação social e moral potencia a sedimentação destas relações de poder desiguais, perpetuando e legitimando a estigmatização e os atos de violência que ocorrem nestes contextos.

Capítulo 2 - Abordagem metodológica: etnografia urbana

Uma vez que se pretende analisar as representações sociais, significados subjetivos e as experiências das trabalhadoras sexuais de rua na utilização do espaço público, esta investigação seguirá uma metodologia qualitativa, dado que esta permite uma recolha e análise dos dados através de uma conjugação de métodos que pretendem compreender a dimensão subjetiva dos fenómenos sociais (Creswell, 2009, p. 164).

A metodologia qualitativa tem como objetivo indagar as representações e significados intersubjetivos que os atores sociais constroem sobre a vida social, com o intuito de compreender as interpretações dos processos sociais que os sujeitos detêm sobre a realidade social através de uma análise reflexiva, hermenêutica e indutiva dos fenômenos sociais, viabilizando a construção de categorias de análise, a formulação de hipóteses e de novas teorias explicativas sobre o social. Para tal, o processo de recolha de dados é de natureza emergente, já que o plano vai sendo edificado à medida que a investigação progride. O processo, alicerçado no uso de métodos e técnicas de recolha de dados flexíveis e na articulação entre recolha e reflexão, é concordante com a conceção multifacetada da realidade, que se desvela por meio da interpretação dos significados atribuídos pelos atores sociais (Creswell, 2009, p. 164).

Assim sendo, o modelo em que se reveste esta metodologia de investigação permite uma maior intervenção do investigador sobre o objeto em estudo uma vez que a produção e compreensão do mesmo prevê o compartilhamento de experiências e significados entre o investigador e os sujeitos. Ademais, a pesquisa qualitativa prioriza o processo em detrimento dos resultados, pois o foco analítico recai no entender dos factos da vida social, com o intuito de indagar os modos de construção subjetiva da realidade e como as interações sociais se desenvolvem. Assim, “a investigação qualitativa valoriza as práticas de recolha de informação e os modos de construção subjetiva da realidade (...), o que se justifica pela necessidade de validar e credibilizar os resultados” (Silva, 2013, p. 4), permitindo a “assunção da relação entre os sujeitos e o seu mundo real, entre o mundo subjetivo e o objetivo, entre os significados construídos pelos sujeitos e a sua praxis e a relação entre a visão do investigador e a perspetiva dos atores” (Silva, 2013, p. 5).

Seguindo a mesma ideia, esta investigação assenta, então, em pressupostos do paradigma construtivista, dado que dá ênfase à compreensão dos significados subjetivos que os indivíduos desenvolvem nas suas vivências em sociedade. Estes significados abarcam uma multiplicidade de dimensões, na medida em que os indivíduos estão “carregados de densidade existência que não podem ser, facilmente, resumidos em determinados rótulos. É esse viés que possibilita uma reflexão epistemológica sobre a

heterogeneidade e complexidade, valorizando, portanto, as dimensões intersubjetivas” (Ferro et al., 2022, p. 6). Além disso, estes significados, geralmente, são situados num contexto sócio histórico, dado que os atores sociais estão intrinsecamente inseridos em sociedade e, como tal, através da interação com outros, tornam-se produtos e produtores da realidade social, obedecendo a normas sociais, culturais e históricas que moldam os seus quotidianos (Creswell, 2009, p. 26).

Em suma, de acordo com Crotty (1998) em Creswell (2009), o paradigma construtivista alicerça-se nos seguintes pressupostos:

Meanings are constructed by human beings as they engage with the world they are interpreting (...); Humans engage with their world and make sense of it based on their historical and social perspectives—we are all born into a world of meaning bestowed upon us by our culture”; The basic generation of meaning is always social, arising in and out of interaction with a human community. (p. 26)

Tendo em conta os objetivos teórico-empíricos desta investigação, a técnica etnográfica apresenta-se como um instrumento de excelência para esta dissertação, na medida em que permite uma análise interpretativa e holística, através das perceções e comportamentos dos sujeitos, a fim de explicar o significado quotidiano nos quais o ser humano opera.

2.1. Etnografia Urbana

O método etnográfico, oriundo da antropologia social, tem como intuito compreender as realidades humanas através da análise interdependente dos aspetos diários da vida urbana, captando as nuances sociais, culturais e históricas presentes na sociedade através de um contacto direto e sistemático com os indivíduos em estudo, indagando os seus sentidos, perceções e experiências subjetivas que enriquecem a compreensão do real social. Logo, o método etnográfico possibilita averiguar as dinâmicas sociais patentes na sociedade através de uma lente analítica centrada num olhar intimista e interno que valoriza o entendimento das complexidades urbanas,

obsequiando uma perspectiva única e aprofundada da realidade social (Magnani, 2002, p. 16). Assim sendo, este método tem como intento observar e analisar as subjetividades presentes nos sujeitos, os tais resíduos de significado que permitem gerar um novo entendimento dos díspares modos de vida através da valorização das vivências dos atores sociais.

De acordo com Magnani (2002), a etnografia não se limita a uma técnica de recolha de dados, representando, também, um modo de conhecimento que estima a atenção ao detalhe e a construção de uma compreensão holística a partir da recolha de fragmentos de informação, permitindo, através destes, reconstruir narrativas que transcendem tanto as explicações nativas quanto os esquemas teóricos preexistentes, possibilitando “captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números”, dado que resgata “um olhar de perto e de dentro capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques” que analisam o real social “de fora e de longe” (Magnani, 2002, p. 16-17).

Não obstante, segundo a perspectiva de Magnani (2002), é imperativo mencionar que:

Para captar essa dinâmica, por conseguinte, é preciso situar o foco nem tão de perto que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário e nem tão de longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas indecifrável e desprovido de sentido. (p. 20)

Posto isto, segundo Malinowski (1976, citado por Da Matta, 1981, p. 145) o método etnográfico, além de viabilizar a produção e acumulação de conhecimento científico, procura, também, alargar e enriquecer a visão do mundo do investigador, transformando o conhecimento adquirido em sabedoria, na medida em que a etnografia extrapola a observação e recolha de dados, representando a redefinição e compreensão da natureza humana, refinando-a intelectual e artisticamente através do contacto direto e prolongado com os atores sociais. Destarte, o contacto próximo com o Outro revela o

estabelecimento de uma relação dialética sistemática e cognitiva entre o investigador e os sujeitos em estudo, tornando-se imperativo que o primeiro se imerja nas atividades e modos de vida dos segundos de modo a penetrar nas camadas profundas das experiências e percepções que moldam as interações humanas da população em análise. Desta maneira, “o que coloca a etnografia como uma forma fundamental de construção de conhecimento nas ciências sociais é justamente esta sua abertura ao mundo das interações sociais e culturais que unem o pesquisador às culturas e sociedades por ele investigadas” (Rocha e Eckert, 2008, p. 21).

Desta forma, o investigador ao observar e analisar o Outro, redefine-se. Portanto, “ao captar a visão essencial dos outros com reverência e verdadeira compreensão” (Malinowski, 1976, citado por Da Matta, 1981, p. 145) por meio do trabalho de campo, não apenas expandimos o conhecimento científico dos diversos formatos de participação e edificação da vida social, como também encaramos as limitações e subjetividades que nos caracterizam. É através deste confronto com alteridade e similaridade, com a proximidade e distanciamento que permite que o método etnográfico elabore uma matriz teórica e empírica singular. (Da Matta, 1981)

A teorização de Malinowski (1976) acerca da imersividade e proximidade do investigador para com a sua amostra etnográfica, reflete a importância de atentar e entender todas as realidades humanas, inclusive as conotadas como marginais, alinhando-se com o compromisso da antropologia social em facilitar a comunicação dos pareceres das comunidades e culturas subalternizadas. Deste modo, o método etnográfico permite adotar uma postura crítica e reflexiva sobre as hierarquias de conhecimento impostas pelas categorias normativas da sociedade, reconhecendo a multiplicidade e singularidade dos fenômenos sociais para além das suas configurações institucionais, permitindo atestar a validade das experiências humanas em todas as suas “formas e feitos”, dado que não é possível reduzir uma cultura ou comunidade a partir de um único molde de análise, uma vez que as vivências humanas estão inseridas numa conjuntura ampla e interdependente de ações e representações distintas que caracterizam a vida em sociedade.

Assim sendo, a etnografia assenta na “possibilidade de ver a vida e o mundo de vários ângulos, peculiar a cada cultura”, despertando “o desejo sincero de penetrar noutras culturas, compreender outros tipos de vida”, (Malinowski, 1976, citado por Bastos, 2020) tornando-se, portanto, numa “ferramenta poderosa na abordagem às dinâmicas e contextos urbanos, por permitir um conhecimento por dentro das dinâmicas de sociabilidade informais e das redes de poder estabelecidas em territórios que parecem à primeira vista desorganizados socialmente” (Ferro et al., 2022, p. 7).

2.2. Técnicas etnográficas aplicadas

O método etnográfico abrange uma panóplia de técnicas de recolha de dados, das quais se destacam para esta dissertação a observação participante, o diário de campo e as entrevistas semiestruturadas andantes, como irei aprofundar nos próximos parágrafos.

2.2.1. Observação participante

No que concerne à observação participante, esta implica que o investigador se torne um sujeito ativo nas rotinas e nos modos de vida do grupo em estudo, sendo que, além de observar, integra e participa nas suas atividades, com o intuito de compreender os valores, códigos emocionais, intenções e motivações dos indivíduos. Esta comunicação e participação reforça-se com a aprendizagem e o reconhecimento das formas de falar, modos de agir, gestos, expressões e códigos de conduta dos indivíduos em estudo, que manifestam as suas orientações simbólicas e expressam os sistemas de valores através dos quais interpretam o mundo. Segundo Rocha e Eckert (2008), o reconhecimento das diferentes formas de compreender e experienciar o mundo permite:

Desvendar o tom e a qualidade da vida cultural, o ethos e o habitus do grupo, interpretando o seu sistema simbólico que orienta a vida e reflete os valores éticos dos grupos sociais nas suas ações e representações sobre como viver dentro de um sistema social. (p. 6)

Deste modo, a observação participante revela-se como uma técnica privilegiada para medir a distância entre os discursos dos atores sociais e as práticas que esses atores desencadeiam, tal como o contexto em que esses discursos e práticas ocorrem.

Posto isto, na presente dissertação a técnica da observação participante foi aplicada, primeiramente, na realização de conversas informais a membros de três associações que contactam diretamente ou indiretamente com trabalhadores sexuais, bem como a psicólogos que trabalham nesta área de intervenção de modo a obter um conhecimento mais aprofundado da realidade dos profissionais do sexo em Portugal.

Posteriormente, apliquei novamente a técnica de observação direta quando integrei duas equipas multidisciplinares de enfermeiros e profissionais do campo social, acompanhando-as em rondas de distribuição de materiais de prevenção sexual e de medicação durante cerca de três meses. Estas rondas foram efetuadas em duas carrinhas, uma na zona do Cerco, e outra em São Bento.

Durante a minha presença nestas rondas, sinalizei, através da interação com os utentes das associações, cinco trabalhadoras sexuais de rua que frequentavam serviços prestados por estas organizações. Após vários contactos, em diferentes dias e em diferentes zonas da cidade, instituí uma relação de confiança com estas trabalhadoras que me permitiu observar de forma ativa as suas práticas, interações, representações e emoções durante a minha participação no terreno, onde engajei em múltiplas conversas informais e observei, de perto e por dentro, os seus modos de estar e o ambiente que as envolvia, apontando minuciosamente todas as minhas observações no diário de campo. Salvaguardo que esta observação ocorreu em zonas de consumo e controlo de estupefacientes que a minha amostra frequentava regularmente.

De seguida, com o apoio de uma destas associações distribuí material de prevenção sexual em diversas pensões na cidade do orto, pensões estas onde o trabalho sexual era predominante. Durante uma das rondas de distribuição estabeleci contacto com uma trabalhadora sexual que se prostituía exclusivamente numa das pensões que frequentei, tendo observado as suas interações, rotinas e modos de estar durante a minha presença no terreno.

2.2.2. Diário de campo

Como referido anteriormente, a observação participante implica a presença e participação contínua do investigador num determinado contexto, onde a recolha de dados é efetuada através da observação e da interação com o público-alvo. Contudo, torna-se imperativo, além de observar, o registo das situações que decorrem no terreno, bem como do ambiente que o envolve. Este registo é efetuado através do diário de campo. De acordo com Fernandes (2002):

O diário ordena, através do fio narrativo, a dispersão de acontecimentos do dia-a-dia. Mas não ordena apenas o dado descritivo - ordenam-se uma série de cognições e de sentimentos que constantemente se produzem no contacto permanente com a vida social do local. Escrever estas notas de terreno é, portanto, processo de construção de sentido. (p. 26)

Desta maneira, o diário de campo é uma técnica essencial da etnografia, na medida em que permite a anotação das atividades, modos de estar e discursos dos intervenientes, do meio que os envolve e dos pensamentos e perceções do próprio investigador durante a recolha de informação no terreno. Ademais, este registo é realizado durante a permanência do investigador no local de pesquisa, permitindo que este tome anotações à medida que observa as situações no terreno, sendo, portanto, uma fonte de dados observacionais brutos que, posteriormente, permitirá que este os analise de forma ponderada e minuciosa, sendo, portanto, um auxiliar fidedigno de memória imprescindível para a realização da componente escrita do trabalho de investigação.

2.2.3. Entrevista semiestruturada andante

Por sua vez, surge a técnica da entrevista semiestruturada andante. Na entrevista semiestruturada o processo de recolha de informação afigura-se flexível e dinâmico, na medida em que “these interviews involve unstructured and generally open-ended questions that are few in number and intended to elicit views and opinions from the participants” (Creswell, 2009, p. 169). Neste sentido, o investigador permite que o

sujeito explore de forma espontânea e profundada a temática em estudo, no sentido em que, durante a realização das entrevistas, o entrevistador não limita as respostas do entrevistado, permitindo que o mesmo aborde as questões previamente formuladas de acordo com os seus quadros de referência, aclarando e estruturando livremente as suas respostas. Ademais, por se tratar de entrevistas semiestruturadas, o investigador tem na sua posse um guião orientador com tópicos e perguntas que pretende abordar que serão lançadas no decorrer da entrevista, não sendo necessário seguir a ordem exata estabelecida no guião, podendo ser tratadas no decorrer natural do diálogo (Pardal e Correia, 1995, p. 65).

Posto isto, apelo a entrevista semiestruturada como andante na medida em que, fundo nesta técnica, a técnica da entrevista semiestruturada clássica com a técnica da entrevista andante, como irei aprofundar adiante.

A entrevista andante, proveniente do método biográfico, é uma abordagem de investigação relativamente recente nas ciências sociais que tem como objetivo explorar o papel do espaço, do movimento e dos sentidos dos indivíduos nos espaços urbanos através da utilização de técnicas biográficas, etnográficas, visuais e participativas com o intuito de indagar as experiências vividas dos sujeitos através da sua movimentação e deambulação pela cidade. Assim, no âmbito da análise das estruturas e dos processos sociais que permeiam a sociedade, a entrevista andante tem como fim compreender os sentidos, representações, emoções e sensações dos indivíduos durante a sua circulação nos espaços urbanos, sendo uma técnica etnográfica que se encontra na fronteira das artes e das ciências sociais (O'Neill e Roberts, 2020, p. 1).

Desta forma, a entrevista andante é uma técnica etnográfica que centra a sua ação no ato de andar, sendo esta uma prática quotidiana e familiar que raramente é refletida e analisada. Todavia, caminhar, além de ser uma atividade física comum, pode, também, ser perspectivada “as an experience, source of knowledge, personal sharing, and memory” (O'Neill e Roberts, 2020, p. 1). Neste sentido, a entrevista andante analisa as rotinas, os espaços, a vida pessoal, as relações e interações dos atores sociais durante a sua movimentação pelos espaços urbanos, permitindo, também, que o investigador

adote uma perspectiva interativa e “em movimento” das ações e experiências dos sujeitos em estudo. Desta maneira, podemos constatar que esta técnica etnográfica tem com objetivo primordial “raising awareness of the researcher and the ‘researched’ ‘within the world’ as moving, interacting, experiencing beings” (O’Neill e Roberts, 2020, p. 1).

Não obstante, de acordo com Maggie O’Neill e Brian Roberts (2020), o ato de andar, por si só, não deve ser elevado como uma forma de saber, mas tem determinadas características sinestésicas, sensoriais e performativas que o tornam particularmente apelativo para a investigação etnográfica, na medida em que concede o acesso às rotas e às movimentações dos indivíduos pela cidade, permitindo, desta forma, averiguar a sua utilização e interpretação dos espaços urbanos.

Neste sentido, Solnit (2001, citado por O’Neill e Roberts, 2020) constata que a entrevista andante, ao interligar a imaginação e a cultura à atividade de caminhar, gera uma espécie de ritmo de pensamento, uma vez em que ato de andar é uma ação criativa, contemplativa e educacional que está relacionada à experiência do mundo natural, permitindo observar os vínculos interdependentes entre o movimento corporal, a consciência e o ambiente envolvente dos indivíduos durante a suas movimentações pela cidade. Desta forma, esta técnica etnográfica de recolha de dados permite adquirir um conhecimento aprofundado das experiências vividas dos atores sociais nas áreas urbanas e como as suas experiências se relacionam entre si.

Podemos constatar que esta técnica é um instrumento essencial para a compreensão do quotidiano e das experiências dos atores sociais, na medida em que a ação de caminhar vai para além de uma atividade que tem como fim a deslocação de um ponto para outro, metamorfoseando-se, numa componente empírica que permite que o indivíduo perceçione e se imerja no ambiente que o circunda. Deste modo, a entrevista andante é um instrumento que alude a que o investigador entreviste o Outro enquanto caminha lado a lado com o mesmo, sendo uma forma de comunicar e compreender as suas experiências, dado que, por meio da caminhada, subsiste uma simbiose partilhada entre ambos que os conecta e os sintoniza, onde a trajetória se entrelaça e ganha significado através do movimento compartilhado, abrindo um espaço de diálogo onde o

conhecimento incorporado, a experiência e as memórias podem ser partilhadas (O'Neill e Hubbard, 2010; Pink et al., 2010; O'Neill e Stenning, 2013; O'Neill e McHugh, 2017; Roy, 2016, citado por O'Neill e Roberts, 2020, p. 4).

Esta modalidade de entrevista “has particular benefits for understanding another’s life and experience, otherwise one ‘cannot effectively capture the momentary impressions confronted, the peculiar evanescent atmospheres, the rhythms, immanent sensations and physical effects of walking” (Edensor, 2008, citado por O'Neill e Roberts, 2020, p. 4). Ademais, de acordo com Ingold (2007, citado por O'Neill e Roberts, 2020):

There are interesting parallels to be drawn between walking and ‘telling a story’ – how we give an account of our past in ‘retracing our steps’ that others can follow while composing their own. In this way, a story is also a journey between locations and subjects, and our knowledge gained is part of that movement. (p. 5)

Assim sendo, podemos averiguar que a entrevista semiestruturada andante além de focalizar a sua preocupação com o movimento e com os fluxos espaciais, analisa, também, as dimensões visuais e sensoriais que estão patentes nos indivíduos através da sua circulação nos espaços urbanos, obtendo, assim, um novo entendimento do real social através de uma perspectiva interativa e “em movimento” das dinâmicas sociais. Desta forma, a entrevista andante transcende a mera interação verbal, incorporando o movimento físico e a observação do ambiente como componentes essenciais do processo de investigação, ampliando a capacidade de capturar uma rica variedade de experiências e perspectivas, na medida em que possibilita compreender, não apenas as palavras expressas pelos sujeitos, como, também, a forma como estes se envolvem com o mundo ao seu redor, como as suas memórias são evocadas pelos lugares que frequentam e como as suas identidades são moldadas pelo contexto cultural e espacial em que vivem (O'Neill e Roberts, 2020)

Posto isto, podemos atestar que a entrevista andante é uma técnica essencial e inovadora do método etnográfico no sentido em que analisa a pluralidade de

significados no mundo social e a necessidade de compreender como os valores, as interpretações subjetivas e os vínculos sociais dos indivíduos podem mudar ao longo do tempo e variar consoante o seu contexto. Destarte, segundo O'Neill e Roberts (2020) a entrevista andante:

Concentrates on the experience as within movement: it gives attention to contextual 'moves' from scene to scene and in changing time perspectives; we are beings in shifting place and time; memory is not fixed; our consciousness 'moves' across these dimensions. A strength of the 'walking interview' is that the social conditions are laid bare and their relevance in the research process: the orality, landscape, the sense-scape (...), perceptions, and emotions are based within context, within which both interviewer and interviewee interact. (p. 7)

Por outro prisma, no que concerne à organização e estruturação da entrevista andante, o investigador acompanha o sujeito em estudo no decorrer das suas atividades quotidianas. Durante este processo, o investigador interage com o indivíduo no seu ambiente natural, observando como vive e como confere sentido à sua vida através das interações com outros sujeitos e com o ambiente que o rodeia.

Esta técnica etnográfica permite uma compreensão aprofundada e contextualizada da experiência de vida do sujeito, na medida em que averigua as perceções, valores e práticas dentro do seu contexto social e ambiental. Para tal, o investigador, pode orientar a entrevista andante através de três graus de ação: o primeiro, desvela-se no estabelecimento prévio, entre o investigador e o entrevistado das perguntas a abordar, das áreas a cobrir e do trajeto a percorrer durante a entrevista; o segundo módulo afigura-se mais espontâneo do que o primeiro, dado que o trajeto e as diversas questões surgem durante a caminhada, não havendo qualquer pré definição dos procedimentos; por fim, o último módulo assenta na elaboração de um pós-relato, sendo este realizado pelo entrevistado depois da caminhada estar finalizada (O'Neill e Roberts, 2020, p. 18).

Contudo, independentemente da grau de estruturação da entrevista ambulante, nem todos os procedimentos poderão ser precocemente definidos, como a duração da entrevista, o ritmo, a cadência e as pausas da caminhada e possíveis mudanças de trajetória que se assumam relevantes no momento da mesma, dado que tais procedimentos dependem de diversas variáveis pessoais não controladas, como o ritmo da passada do entrevistado, a sua mobilidade, resistência física e mental, compreensão e decodificação das questões, o seu próprio discurso, podendo ser, por exemplo, um discurso mais sintetizado ou prolongado, bem como o entendimento subjetivo sobre o conceito de entrevista e de caminhada que cada sujeito detém, dado que cada indivíduo possui diferentes referências cognitivas, culturais e relacionais que adquiriu ao longo da sua vida (O'Neill e Roberts, 2020, p. 18).

Tendo em conta os contornos da presente dissertação, executou-se seis entrevistas semiestruturadas andantes a trabalhadoras sexuais, durante um período de três meses. Durante a aplicação das entrevistas semiestruturadas andantes as entrevistadas foram inquiridas em áreas que circulam habitualmente, sendo que, no decorrer da entrevista, se iam movimentando por diversos ambientes e espaços circundantes, permitindo averiguar, em grosso modo, os seus percursos pelo espaço urbano e as suas atividades rotineiras dentro da cidade, dando-me acesso a um fragmento do seu quotidiano.

Desta forma, esta modalidade de entrevista é pautada pela sua dinâmica e fluidez, uma vez que esta foi iniciada num certo ponto da cidade, tendo sido, em diversas ocasiões, extrapolada para outras áreas á medida que os entrevistados se iam deslocando, permitindo que se adquirisse uma perspetiva da sua interação com os espaços e com os indivíduos no espaço urbano, bem como analisar como estes utilizam e interpretam os espaços públicos por onde se movimentam. Contudo, esta movimentação era controlada e de curta duração, pois durante esses momentos de deslocação, a entrevista era momentaneamente interrompida, sendo retomada apenas quando os entrevistados optavam por suspender a sua movimentação.

Contudo, constatei que era justamente nestes momentos de pausa que se revelou a verdadeira essência dos entrevistados, onde o barulho dos seus silêncios, o ritmo dos seus passos e as sutis manifestações das suas ações e discursos adquiriam uma relevância particular para o desenrolar da entrevista, dado que durante a deslocação de um ponto para outro, interagi em conversas e ações paralelas com os entrevistados, podendo observar os seus pensamentos, emoções, ações corporais e verbais, bem como analisar como as suas ações e discursos se diferenciavam durante estes três momentos de entrevista, isto é, o seu início, pausa e retoma.

Estas interações que experienciei durante os momentos de pausa, junto com as informações verbais e corporais acumuladas ao longo do processo, constituíram um valioso substrato para que conduzisse o subsequente diálogo da entrevista de forma mais íntima e ajustada aos sujeitos inquiridos, o que enriqueceu a minha percepção e compreensão das suas experiências vividas e do contexto em que estas estavam inseridas. Desta forma, a técnica da entrevista semiestruturada andante amalgama a solidez e profundidade das informações fornecidas com a agilidade e fluidez da movimentação dos intervenientes.

Por outro prisma, além das seus entrevistas semiestruturadas andantes realizadas a trabalhadoras sexuais de rua, efetuei uma entrevista semiestruturada a uma trabalhadora sexual de interior que solicitava, pontualmente, no espaço público, com o intuito de indagar as suas experiências e representações do espaço público em relação à prostituição e de modo a compreender as percepções e significados subjetivos que esta concedia às diferentes modalidades do trabalho sexual.

Posto isto, salvaguarda-se que, durante a realização das entrevistas, o investigador tem o dever de obter o consentimento informado dos seus participantes, sendo que este pode ser dado verbalmente ou por escrito, antes de iniciar a entrevista. Para tal, deve explicar de forma clara o propósito da entrevista e os métodos que serão usados no seu decorrer, explanando ao entrevistado que tem o direito de retirar o seu consentimento a qualquer momento ou de não responder a determinadas questões. Ademais, caso o entrevistador deseje gravar a entrevista, tem a obrigação de pedir

permissão e consentimento para a gravação e tratamento dos dados adquiridos. A par disto, deve-se sempre garantir a confidencialidade dos participantes, salvaguardando a sua identidade quando necessário. Além disso, o investigador, no decorrer da pesquisa, tem o dever de respeitar a diversidade cultural, social e económica dos intervenientes, evitando qualquer forma de discriminação.

Por fim, é imperativo salientar que o investigador, ao adotar o método etnográfico, deve estar ciente das relações de poder que possam surgir no decorrer da sua interação com a população alvo, estando a par de como estas interações possam vir a influenciar a dinâmica da pesquisa, na medida em que a sua imersão no terreno não se deve refletir numa proximidade tão íntima que comprometa a recolha objetiva dos dados. Neste âmbito, o investigador deve adquirir uma postura reflexiva ao longo das suas saídas de campo, tendo a incumbência de refletir sobre a sua própria subjetividade enquanto indivíduo, devendo cingir-se à objetividade dos dados recolhidos.

Deste modo, as suas experiências, opiniões pessoais e modos de vida não devem interferir na recolha, tratamento e análise dos dados, sendo que estes devem ser tratados com o rigor científico e ético exigido, tornando-se essencial que o investigador adote um equilíbrio científico entre criar uma proximidade física e emocional com os sujeitos, mantendo, em simultâneo, um distanciamento necessário para que não se comprometa a objetividade do estudo. Assim, “a prática etnográfica permite-nos interpretar o mundo social, aproximando-nos do Outro "estranho" e tornando-o "familiar", ou então estranhando o familiar, levando o investigador a superar as suas representações ingénuas e substituí-las por questões relacionais sobre o universo de investigação analisado” (Da Matta, 1978 e Velho, 1978, citado por Rocha e Eckert, 2008, p. 6)

2.3. Definição e caracterização da amostra

Esta investigação segue uma amostragem em bola de neve, sendo uma amostra não probabilística que emprega cadeias de referência de modo a aceder a comunidades marginalizadas que, comumente, são mais difíceis de alcançar. Assim, a execução da amostragem em bola de neve principia com a identificação inicial de elementos-chave

para a pesquisa, sendo denominados como "sementes", podendo ser documentos ou informantes privilegiados reconhecidos por terem ligações relevantes dentro do contexto de estudo. Este método é geralmente adotado em situações em que a realização de uma amostragem probabilística é inviável ou impraticável, permitindo ao investigador explorar e expandir a sua rede de contactos através de sucessivas referências. Assim, através das "sementes", são fornecidos contactos da população alvo ou de indivíduos que tenham acesso à mesma, gerando-se novos contactos, o que consequentemente, permite que amostra cresça progressivamente.

No caso desta dissertação, as "sementes"² foram os profissionais de saúde de um centro que cuida e acompanha pessoas portadoras do vírus da imunodeficiência humana, mais conhecido como HIV. No decorrer de diversas visitas a este centro, estabeleci uma convivência com enfermeiras e técnicas através de conversas informais, sendo que estas foram essenciais para iniciar a definição da minha amostra, uma vez que, não tendo acesso a trabalhadores sexuais de rua, proveram o contacto de uma associação que trabalhava diretamente com esta população.

Esta associação permitiu que eu integrasse duas equipas de ação social e de saúde que contactavam esporadicamente com trabalhadoras sexuais durante as suas rondas de distribuição de material de prevenção sexual e de apoio à toxicodependência, sendo que, no decurso destas rondas, sinalizei cinco trabalhadoras sexuais de rua que frequentavam serviços prestados por estas organizações, tendo sido incluídas na minha amostra.

Após ter esgotado os seus recursos, esta associação deu-me acesso a uma outra organização que considerou de relevância para o meu estudo. Esta associação distribuía materiais de prevenção sexual em diversas pensões na cidade do Porto, pensões estas onde o trabalho sexual era preponderante. Durante a minha presença nestas rondas, estabeleci contacto com uma trabalhadora sexual que se prostituía numa destas

² Por questões de confidencialidade, as associações e os profissionais que nelas trabalhavam, permanecerão anónimos.

pensões, sendo que, após algumas conversas informais, a mesma foi incluída na minha amostra.

Ao estabelecer este último contacto a presente amostra atingiu o seu ponto de saturação, dado que, o ciclo de contactos adicionais findou e cuja inclusão de novas parcerias não contribuiria significativamente para a compreensão do fenómeno em estudo. O reconhecimento da saturação da amostra emerge como um aspeto crucial para demarcar o fim do processo de recolha de dados. Deste modo, a presente amostra engloba, na sua totalidade, seis trabalhadoras sexuais.

No que concerne à caracterização da amostra, as presentes envolvidas são mulheres de idades compreendidas entre os vinte e dois e os quarenta e seis anos de idade, de nacionalidades portuguesa e brasileira, sendo que cinco das seis intervenientes são consumidoras de substâncias aditivas. Ademais, apenas uma das profissionais do sexo trabalha de forma permanente e exclusiva numa pensão, sendo que as restantes exercessem a prática de prostituição tanto no espaço público como em pensões, apartamentos ou em carros.

Posto isto, a amostragem em bola de neve obsequia, assim, flexibilidade e adaptabilidade na seleção de participantes, embora possa introduzir vieses devido à natureza não aleatória da seleção.

Capítulo 3 - Análise dos dados

3.1. O uso dos espaços públicos e a prática da prostituição

O espaço público, sendo este um espaço de utilização e posse coletiva, pode assumir diversas configurações, havendo várias formas de o pensar relativamente à sua utilização material e simbólica. Assim sendo, o espaço público é um espaço onde os atores sociais interagem e formam representações sociais entre si. Sendo espaço um conceito mutável, amplamente relacionado com a rotina quotidiana, é carregado de rituais e práticas, onde se formam perceções e se exprimem de maneiras diversas as

estruturas sociais, culturais e económicas. Em grosso modo, o espaço não é uma mera representação física, mas também, um conceito explicativo das práticas e das representações que nele se expressam. (Castro, 2002)

Neste sentido, o espaço da cidade é, então, um reflexo das desarmonias e contrastes sociais materializados no espaço físico, dado que as categorias de perceção do espaço urbano são moldadas pelo modo como os atores sociais percebem, representam e se relacionam com a cidade. (Bourdieu, 1997, p. 162).

A forma como o espaço é projetado e construído através de um ordenamento deliberado do território, nem sempre reflete a forma como os atores sociais o utilizam e experienciam, dado que os espaços são vividos através de interações sociais, práticas e rotinas dos indivíduos. Deste modo, o espaço é moldado por meio das formas como os atores sociais utilizam e se apropriam do mesmo. Esta utilização do espaço pelos sujeitos pode, ou não, ser consonante com as intenções originais concebidas para a utilização do espaço. (Lefebvre, 1991)

A conceção de espaço é complexa e múltipla, uma vez que o espaço é uma construção moldável, portanto, as áreas que são utilizadas para a prática de prostituição podem ter significados distintos consoante as experiências e a utilização dos indivíduos que por nelas circulam.

De acordo com um grupo de entrevistadas, um dos principais espaços utilizados para a solicitação e prática de serviços sexuais é a estação ferroviária de São Bento, sendo esta uma área que abarca, de forma fugaz, centenas de pessoas por dia. Neste sentido, para estas trabalhadoras sexuais a estação de São Bento representa o seu local de trabalho, utilizando este espaço de forma distinta através da qual este foi concebido, ou seja, como um ponto de acesso ao sistema de transporte público que permite a entrada e saída de passageiros. Deste modo, a estação de São Bento, é um espaço que é experienciado e percecionado de diversos formatos, sendo utilizado como local de acesso para transportes públicos e um ponto turístico por uns, e como um local de prestação de serviços sexuais por outros.

Segundo as entrevistadas que utilizam a estação de São Bento para a prática de prostituição, este espaço foi selecionado devido ao facto de ser um espaço perto de diversas pensões e com bastante movimentação, ou seja, a estação de São Bento é um espaço resguardado dos perigos da rua, dado que é um espaço de circulação e de turismo que abriga as trabalhadoras sexuais do isolamento das ruas desertas. Assim, estas trabalhadoras perspetivam a exposição presente neste espaço como um fator positivo na prática da prostituição, uma vez que, devido à afluência constante de pessoas no local, é um espaço que lhes transmite confiança e segurança. Podemos observar este fenómeno através do seguinte excerto:

(É) Onde havia mais pessoas. Também me sentia mais segura, (tem) muita gente aqui. Sentia-me mais segura, e tem pensões à beira, tem bastantes. (Entrevista 3, São Bento, 29 de fevereiro, 16h)

Considero que este espaço possa transmitir este sentimento de segurança devido à sua visibilidade invisível, dado que é um local de circulação e não de permanência, permitindo que estas trabalhadoras se fundam com o local, passando despercebidas pela generalidade dos transeuntes. Assim, a visibilidade das trabalhadoras sexuais num espaço agitado e turístico pode ser percebida como uma visibilidade falsa, no sentido em que, devido há constante circulação de pessoas, estas trabalhadoras acabam por se tornar “parte da paisagem”, tornando-se impercetíveis aos olhos de quem por elas passa, dado que as mesmas permanecem no local, mas todos os indivíduos que as circundam estão em movimento.

Desta forma, a exposição física não se reflete diretamente em exposição emocional, dado que os significados e os sentidos dos indivíduos que circulam neste espaço não coincidem com os significados que as trabalhadoras sexuais concedem a este local. Assim sendo, o sentimento de segurança desta amostra de trabalhadoras sexuais é influenciado pela agitação e movimentação constante dos atores sociais, concedendo-lhes um manto de camuflagem que permite que estas se resguardem mais facilmente

de atos de violência verbais ou físicos de quem possa não aprovar as suas práticas. Assim sendo, a Estação de São Bento apesar de ser um espaço utilizado para a solicitação de prostituição, não é perspectivada como um espaço de práticas dissidentes, dado que a maioria das pessoas não o vê nem o experiencia nesse formato. Assim, devido aos fatores anteriormente enunciados, a estação de São Bento é um espaço público que transmite um sentimento de segurança para as trabalhadoras sexuais que o utilizam. Contudo, diferentes espaços transmitem diferentes sentimentos, sentidos e percepções, como irei aprofundar de seguida.

3.1.1. O sentimento de insegurança urbana

De acordo com Fernandes e Carvalho (2000), os espaços públicos, sendo espaços socialmente construídos e percebidos, são definidos e redefinidos de acordo com as interações e práticas dos indivíduos. Diferentes espaços evocam diferentes sentimentos, comportamentos e percepções consoante a sua tipologia, morfologia, localização e utilização. Assim, certos espaços podem ser conotados como espaços de lazer, turismo, contemplação, entre outros, sendo, habitualmente, perspectivados como seguros, dentro da norma. Ora, se existem espaços que transmitem segurança e fiabilidade, outros transmitem insegurança e estranheza, como espaços para a utilização e consumo de droga, para a prática de prostituição, entre outros.

Neste sentido, os autores introduzem o conceito de insegurança urbana. O sentimento de insegurança, sendo este amplamente baseado nas categorias e códigos emocionais e psicológicos dos indivíduos, como o medo, inquietude e sensação de perigo, é composto pela soma de ameaças que habitam na cidade. Este sentimento de insegurança urbana é o reflexo da associação de certos grupos de indivíduos a determinadas áreas da urbe, sendo interpretados pela população normativa como determinantes para a corporalização de uma vasta imensidão de ameaças (Fernandes e Carvalho, 2000). Consequentemente, a fusão destas ameaças, que incide sobre um conjunto de atores sociais marginalizados e estigmatizados, como as trabalhadoras sexuais, introduz na população normativa uma percepção geral de desassossego, de

estranheza, de resíduo social, contrastando, assim, com as tais “cidadãos do bem” (Fernandes e Carvalho, 2000).

Deste modo os espaços públicos carregam significados e representações distintas conforme as percepções que os indivíduos detêm sobre os mesmos, sendo que essas percepções são fortemente influenciadas por fatores sociais, económicos, culturais e históricos que permeiam a sociedade, moldando a forma como os espaços são vividos e percebidos pelos atores sociais, sendo que estas percepções influenciam as suas experiências, comportamentos e interações com os espaços urbanos.

Esta distinção entre espaços que transmitem segurança e espaços que evocam insegurança urbana espelha a realidade das desigualdades urbanas, dado que os espaços urbanos são frequentemente marcados por disparidades económicas, sociais e culturais que modelam as percepções e sentimentos dos indivíduos. Assim, o sentimento de insegurança urbana não remete apenas para uma questão objetiva de criminalidade, mas também para as percepções subjetivas influenciadas por dinâmicas sociais que modificam a forma com os indivíduos percebem os espaços públicos.

Portanto, assim como num jogo de xadrez, onde cada peça tem um papel específico e é estrategicamente posicionada no tabuleiro, os indivíduos, por meio das forças sociais, catalogaram estrategicamente os espaços da cidade, criando uma composição urbana onde a diferenciação entre espaços nobres e seguros e espaços degradados e inseguros é meticulosamente delineada. Consequentemente, as percepções urbanas geram uma categorização social sobre quem pertence a cada espaço da cidade. Assim, as características sociais dos indivíduos são estrategicamente posicionadas e associadas a determinadas áreas da cidade, sendo que aqueles que se alinham com os padrões normativos e convencionais de respeitabilidade e sucesso ocupam posições privilegiadas no tabuleiro urbano, enquanto os indivíduos que divergem da norma social são relegados a posições secundárias, sendo apenas peões num jogo que valoriza a proteção e continuidade das peças mais valiosas, sacrificando a integridade das restantes.

Seguindo esta linha de pensamento, importa reviver o conceito de evitamento experiencial que abordámos anteriormente. Segundo Fernandes (2005, citado por Dinis, 2020), o evitamento experiencial alude à forma como as populações normativas tendem a evitar, durante a sua deambulação pela urbe, espaços que são percecionados como perigosos, na medida em que estes espaços induzem e incitam nas populações normativas uma sensação de insegurança e de desordem que rompe com a ordem e o equilíbrio das cidades. (Fernandes e Carvalho, 2000).

No que concerne à prostituição de rua, certos espaços públicos estão demarcados como áreas de prostituição, gerando uma fronteira espacial e simbólica entre o moral e o imoral, tendo inscrito no espaço questões relativas às premissas da cultura dominante em relação aos limites do que são condutas adequadas e toleráveis nos distintos espaços da cidade. Assim, estas zonas metamorfoseiam-se num espaço de práticas dissidentes, onde a própria presença destes serviços tende a caracterizar as ruas e as áreas onde se localiza, o que leva a um possível evitamento experiencial pela população normativa e a uma percepção de insegurança urbana (Dinis, 2020). Podemos observar este sentimento de insegurança urbana em relação aos espaços considerados dissidentes através do seguinte excerto do diário de campo:

Parámos a carrinha na avenida de cartes, é uma rua bastante deserta e com poucas pessoas a circularem, estamos ao lado de uma ponte, sendo que o consumo decorre debaixo dessa mesma ponte. Este local é constituído, então, pela ponte, por uma escadaria e por um passeio e zona de terra batida. Este local também tem algumas tendas, presumo que seja um local que abrigue pessoas sem abrigo. Muitas seringas e preservativos no chão e algum lixo. Inicialmente este sítio transmitiu-me alguma insegurança, senti-me um pouco em perigo mas depois de conviver com os utentes essa insegurança desapareceu completamente. Apercebi-me que esta perigosidade que sentia era apenas um reflexo do meu próprio preconceito para ser honesta. Contudo, ressalvo que o facto de ser uma zona meio isolada e suja aumentou esse meu sentimento. Agora sinto-me tranquila e bem-vinda, todos me trataram com imenso respeito e até senti algum intuito de proteção dos utentes em relação a mim, sempre

atenciosos e preocupados com o meu bem-estar. (DC, 9 de janeiro, avenida de cartes)

No caso da estação de São Bento, de acordo com as perceções das trabalhadoras sexuais entrevistadas, o evitamento experiencial pela população normativa e a percepção de insegurança urbana por quem nela transita não é verificado:

Simplesmente eu estou ali, ou faça ou não faça, eu estou ali, toda a gente sabe dá bem comigo por isso, não excluí de nada, nem deixam de falar para mim, nem nada. Por isso, sou uma pessoa como as outras. (Entrevista 2, São Bento, 16 de fevereiro, 15h)

Contudo, em determinadas ruas na zona de São Bento, como por exemplo, a Rua da Madeira, já se torna mais visível esse fenómeno, dado que é uma zona que é associada a práticas dissidentes e, portanto, os indivíduos tendo a interagir com o espaço de forma distinta, uma vez que aliam a perigosidade ou imoralidade da zona a quem por nela circula, como as prostitutas de rua. Neste sentido, uma das trabalhadoras sexuais que utiliza a Estação ferroviária de São Bento para a solicitação de clientes e que, posteriormente, se dirige com os mesmos para as pensões situadas na Rua da Madeira, considera que o sentimento de insegurança urbana e o evitamento experiencial da população é mais pronunciado segundo as suas experiências e emoções, afirmando que:

Eu sinto-me mal é de me verem a ir com as pessoas para os quartos. (...) Algumas pessoas põem-se a olhar para mim, entendes? (...) Veem-me com maus olhos. (Entrevista 2, São Bento, 16 de fevereiro, 15h)

De acordo com este testemunho, podemos observar que, na Estação de São Bento, esta trabalhadora sexual sente-se segura devido ao facto de estar invisível aos olhos de quem por ela passa, dado que não é socialmente rotulada como prostituta pelo facto de não ser um espaço perspetivado como dissidente. Contudo, quando se dirige para as pensões, os atores sociais agem de forma distinta do que o que se verifica na

estação, tendo abordagens e comportamentos díspares pois, como é uma zona perspectivada como dissidente, subsiste um sentimento de insegurança urbana que potencia interações sociais mais estigmatizantes e discriminatórias, tornando nítida a fronteira entre o moral e imoral, o aceitável e reprovável por parte da população normativa, havendo um olhar mais afunilado e direcionado por parte dos transeuntes em relação às trabalhadoras sexuais, pois associam espaços dissidentes a práticas dissidentes. Ora, a exposição e visibilidade física desta trabalhadora sexual também se intensifica, traduzindo-se numa maior exposição emocional e numa maior perceção de insegurança por parte desta em relação aos restantes transeuntes.

A par desta declaração, diversas entrevistadas relatam situações semelhantes à anterior, considerando que, quando estão a prestar serviços sexuais em zonas da cidade conotadas como zonas de prostituição, e, portanto, dissidentes, como a Rua Coelho Neto no Campo 24 de Agosto ou a Rua do Jornal de Noticias na Trindade, o sentimento de insegurança urbana tende a aumentar, traduzindo-se em abordagens e atitudes discriminatórias e pejorativas por parte da população normativa para com as trabalhadoras sexuais, como podemos notar através do seguinte excerto:

É complicado. É um bocadinho complicado, sabes porquê? Porque nós somos muito má vistas perante a sociedade. Nós ainda somos muito julgadas (...). Há pessoas que olham-te sempre com má cara. Ou és vista como consumidora, ou és mulher da vida. Há pessoas que nos veem bem, há outras que fazem sempre aquela cara feia tipo: “Vem aí a prostituta. (Entrevista 5, Miragaia, 16 de março, 16h)

Logo, a perceção dos indivíduos em relação aos espaços públicos molda as suas interações sociais, bem como os significados simbólicos que os mesmos concebem aos espaços urbanos, diferindo consoante a zona da cidade onde a prática da prostituição é exercida. Neste sentido, quando a mesma é efetuada numa zona perspectivada como complacente com as normas vigentes de moralidade, e onde, dificilmente, subsiste um

sentimento de insegurança urbana, a população normativa tende a não ter reações e atos depreciativos para com as trabalhadoras sexuais, uma vez que não as depreende como uma ameaça à ordem pública ou moral.

Por outro lado, em espaços urbanos entendidos como divergentes, os indivíduos tendem a perceber estas áreas como inseguras e moralmente questionáveis, potenciando a marginalização e estigmatização das trabalhadoras sexuais, que são frequentemente notadas e rotuladas como vestígios sociais ou ameaças à decência pública, podendo enfrentar atos de violência e de discriminação que vão desde olhares apreensivos a comportamentos violentos, uma vez que, como estão situadas numa área socialmente reprovável, existe uma maior resistência e hostilidade moral e social por parte da população normativa em relação aos espaços e as práticas sociais que neles se desenrolam. Assim a percepção de insegurança urbana por parte da população normativa nessas áreas da cidade não se cinge a uma preocupação com segurança física, simbolizando, também, uma desconfiança e estranheza generalizada que legitima a marginalização e a estereotipização destes grupos sociais dentro do tecido urbano, excluindo-os de uma plena participação na vida urbana.

Desta forma, podemos constatar que os transeuntes, frequentemente transitórios e de passagem efémera por áreas onde a prostituição é observada, tendem a pronunciar as suas percepções à luz de convenções normativas vigentes. Persuadidos por narrativas culturais hegemónicas, que associam a prática da prostituição a um desvio social, estes sujeitos frequentemente respondem com atitudes de evitamento experiencial, desconfiança e, em casos extremos, hostilidade. Esta postura reflete uma postura de distância física e emocional, fundamentada através de representações estereotipadas que estigmatizam as trabalhadoras sexuais como transgressoras das fronteiras do moral e lícito. Podemos observar esta dinâmica através do seguinte excerto:

E1: E as pessoas que não estão com o objetivo de contratar esse serviço, mas estão só, por exemplo, a passar na rua, a usar o espaço? e1: Ai, aí você sente muito preconceito (...) Tem as mulheres sozinhas dirigindo e elas passam

olhando, assim, com cara de nojo, ou algumas passam olhando, às vezes, com cara de curiosidade (...) mas a grande maioria, assim, das mulheres passam com um olhar, assim, realmente de raiva, de preconceito, de repulsa. (Entrevista 4, Campo 24 de Agosto, 11 de março, 14h)

Em contrapartida, os residentes locais e os comerciantes mantêm uma relação próxima e contínua com as áreas urbanas onde a prática da prostituição se desenrola. Testemunhas da constante presença física das trabalhadoras sexuais e das rotinas quotidianas, estes sujeitos tendem a desenvolver percepções mais complexas e humanizadas em relação às mesmas, uma vez que partilham uma proximidade e convivialidade espacial, traduzindo-se numa maior inclusão e familiaridade que transcende estereótipos e preconceitos. Assim, ao perceberem as trabalhadoras sexuais como pessoas reais ao invés de apenas figuras estereotipadas, os moradores e comerciantes frequentemente adotam uma abordagem mais clemente, desafiando os estigmas territoriais e sociais com que as trabalhadoras sexuais se debatem dentro do tecido social.

Neste sentido, de acordo com as entrevistadas, o sentimento de insegurança urbana não se verifica em moradores ou em comerciantes que utilizam espaços públicos percebidos como disruptivos da norma, constatando que o fenómeno anteriormente descrito e analisado diz respeito a pessoas transeuntes, e não a indivíduos que permanecem e habitam nestas áreas. Segundo estas trabalhadoras sexuais, os moradores e os comerciantes locais não perspetivam estes espaços da cidade como imorais ou inseguros, detendo, conseqüentemente, uma perspetiva distinta sobre as próprias trabalhadoras sexuais. Conforme os testemunhos das trabalhadoras sexuais, os indivíduos que utilizam e circulam habitualmente por estes espaços públicos, tendem a ter uma visão mais respeitosa e amistosa para com esta população do que os transeuntes, subsistindo uma dinâmica de convivência entre ambas as partes. Podemos observar esta dinâmica através dos seguintes excertos exemplificativos:

Como eu já tinha o meu sítio, já tinha o meu ambiente, as pessoas começam-se a habituar-se a ti também.” (refere-se aos comerciantes e residentes locais) ” É aquele respeito. Por exemplo, eu sou a prostituta naquela porta, fora daquela porta já não sou prostituta. Já sou uma pessoa normal. (...) Tratavam-me sempre (com respeito), trataram e sempre me dei esse respeito também. (...) Tive de ganhar esse respeito. (Entrevista 5, Miragaia, 16 de março, 16h)

Porque ali já é uma coisa normal e com o tempo, as pessoas que trabalham ali, (..) as pessoas passam, você dá bom dia, você...as pessoas vão vendo que você é um ser humano, você só tá ali fazendo um trabalho diferente. Então, quando eu cheguei ali, isso já era uma coisa muito amenizada. (Entrevista 4, Campo 24 de Agosto, 11 de março, 14h)

Esta dicotomia entre transeuntes e residentes/comerciantes, evidencia as profundas divergências de percepções e representações dos indivíduos em relação aos espaços urbanos, desvelando, também, as ténues dinâmicas poder e de controlo social que permeiam as urbes contemporâneas. Esta dualidade revela a complexidade das interações humanas inscritas nos espaços urbanos e o modo com as dinâmicas sociais e a organização morfológica dos espaços da cidade moldam as percepções dos sujeitos com os espaços urbanos e com os indivíduos que por eles circulam.

3.1.2. O direito e acesso à cidade das trabalhadoras sexuais

Posto isto, face o fenómeno anteriormente analisado, torna-se pertinente indagar o direito e acesso à cidade por parte das trabalhadoras sexuais de rua. Henri Lefebvre (2011) demonstra como a crescente fragmentação dos espaços urbanos e a consequente organização espacial das cidades pode exacerbar o sentimento de insegurança urbana e o evitamento experiencial da população normativa a certas áreas da cidade, bem como restringir o acesso e direito à cidade por parte das trabalhadoras sexuais, visto que esta fragmentação delimita socialmente e espacialmente o tecido urbano, na medida em que específicas áreas urbana são associadas a determinados grupos e práticas sociais, criando barreiras invisíveis que categorizam e dividem a

população. Este fenómeno pode ser observado na cidade do Porto, onde certos bairros da cidade são demarcados como “zonas de risco” para a população normativa devido às características socioeconómicas, culturais ou raciais dos seus habitantes, como por exemplo, o bairro da Pasteleira e do Cerco.

A fragmentação urbana cria espaços isolados e segregados que dificultam as interações sociais e a formação de comunidades coesas, gerando fronteiras físicas e simbólicas entre as diversas comunidades patentes nas cidades, o que contribui para a reprodução de desigualdades sociais e para o aumento do sentimento de insegurança urbana, levando, conseqüentemente, ao evitamento experiencial da população normativa a áreas consideradas "dissidentes" ou perigosas.

Desta maneira, a fragmentação do tecido urbano nas cidades contribui para a concentração de atividades marginalizadas, como o trabalho sexual, em zonas específicas da cidade, como por exemplo na Rua Coelho Neto no Campo 24 de agosto, a Rua do Jornal de Noticias na Trindade, a Rua da Alegria em Bonfim ou a Rua Alameda de Cartes no Cerco, tendo sido referenciadas por parte das trabalhadoras sexuais entrevistadas como as zonas que mais utilizam para a prática de prostituição. Tal facto intensifica o estigma associado à prática do trabalho sexual de rua, limitando o acesso das profissionais do sexo aos benefícios plenos do direito à cidade. Ademais, esta estigmatização, aliada à escassez de diálogo intercomunitário, perpetua atitudes discriminatórias, solidificando a marginalização social desta população.

No que concerne ao direito e ao acesso à cidade por parte das trabalhadoras sexuais, a presente amostra pode ser dividida em dois grupos distintos, dado que um grupo de entrevistadas considera que o seu direito e acesso à cidade é restringido, enquanto outro grupo considera que a sua movimentação na cidade não é afetada e que detêm pleno acesso a todo o “tabuleiro urbano”.

Segundo o primeiro grupo de entrevistadas, o seu direito e acesso à cidade é restringido devido à exclusão social e, conseqüentemente, territorial imposta pela população normativa em determinadas zonas da cidade, dado que as trabalhadoras sexuais são perspectivadas de forma distinta quando se encontram numa área urbana

percebida como não dissidente. Segundo alguns testemunhos, as entrevistadas tendem a concentrar as suas atividades quotidianas em espaços da cidade onde praticam a prática da prostituição. Apesar de se movimentarem livremente por todo o território urbano, acabam por se cingir aos espaços que estão habituadas a circular, dado que estes locais proporcionam-lhes um sentimento acrescido de segurança e familiaridade, refletindo um comportamento análogo ao dos demais cidadãos, que também procuram zonas da cidade que lhes são familiares e a que estão acostumados.

Todavia, observa-se uma dinâmica de evitamento experiencial idêntica à manifestada pela população normativa, que evita certas áreas urbanas por considerá-las inseguras ou dissidentes. As trabalhadoras sexuais, por seu turno, também evitam determinadas zonas da cidade percebidas como potencialmente perigosas devido ao sentimento de insegurança que a população normativa lhes incute. Paradoxalmente, estas zonas, frequentemente vistas como seguras e harmoniosas pela restante população, são perspetivadas pelas trabalhadoras sexuais como zonas de risco, exacerbadas pela intensa estigmatização e estereotipização a que estão sujeitas. A partir desta dinâmica, podemos observar que o espaço urbano é um espaço social repleto de hierarquias e oposições que influenciam a perceção dos indivíduos sobre a cidade, sendo que esta fragmentação territorial, que potencia o sentimento de insegurança urbana e o evitamento experiencial dos atores sociais a certas áreas urbanas, pode intensificar a desarmonia e incoesão social entre as diversas comunidades, inabilitando-as de exercer uma plena participação ativa na cidade, perpetuando um ciclo contínuo de "nós contra eles".

Neste sentido, as trabalhadoras acabam por, através das suas experiências e perceções, circunscrever a sua movimentação e acesso à cidade devido aos perigos que possam residir em áreas consideradas normativas, temendo interações discriminatórias e comportamentos marginalizadores por parte da população normativa pelo simples facto de frequentarem uma área da cidade que não lhes "pertence". Nesse contexto, algumas entrevistadas relatam que, ao utilizarem um espaço percebido como normalizado, sentem a necessidade de o utilizar com cautela, avaliando constantemente o espaço e as interações nele inscritas, de modo a compreender se a sua presença é

tolerada pela população normativa, como podemos notar através do seguinte testemunho:

Em alguns lugares eu evito (frequentar). (...) Eu sempre vou e testo. Eu vou num café, eu tomo um café, vejo (...) como que eu vou ser recebida. Ou então eu vou num restaurante, vejo como eu vou ser atendida, se vai ter alguma diferença, e aí eu vou vendo aonde eu consigo pisar e onde eu não posso pisar. (Entrevista 4, Campo 24 de Agosto, 11 de março, 14h)

Esta vigilância contínua, ainda que frequentemente inconsciente, revela o impacto que as divisões espaciais e sociais podem deter sobre os seus quotidianos, sublinhando a complexa interseção entre exclusão social e territorialidade urbana, como podemos observar através do seguinte excerto:

Eu fui ali na esquina tomar um café e pedi... o café, tudo certinho, e sentei para comer. E aí vem um homem, sentou na mesa do lado e começou a me perguntar preços. Eu falei, olha, não estou a trabalhar, está bem? Depois. Não estou no meu horário de trabalho. E a dona do café veio até mim e começou a gritar coisas do género: 'Olha, aqui não é lugar disso, isto é um lugar de respeito. Saia daqui, não faça isso aqui.' E eu fiquei extremamente constrangida porque o café estava cheio de pessoas. As pessoas sabiam que eu era prostituta e foi uma humilhação muito grande para mim. (Entrevista 4, Campo 24 de Agosto, 11 de março, 14h)

A partir do excerto anterior, no qual uma trabalhadora sexual é publicamente humilhada por frequentar um café, isto é, um "lugar de respeito", podemos observar a discriminação explícita e o tratamento desigual que as trabalhadoras sexuais podem enfrentar em espaços normativos. Este tipo de interação reforça a exclusão social e limita o direito à cidade destas mulheres, forçando-as a navegar cuidadosamente entre áreas onde são aceites e onde são abertamente rejeitadas, criando uma espécie de mapa mental entre as diferentes zonas urbanas.

Assim, a recorrência de experiências negativas em espaços normativos pode levar a uma circunscrição dos seus movimentos a áreas onde se sentem confortáveis e bem-vindas. Esta delimitação do espaço urbano é ilustrada no seguinte testemunho, que sublinha a maneira como as trabalhadoras sexuais são forçadas a negociar constantemente seu direito à cidade:

No geral, tem um restaurante onde eu sempre almoço e janto. E todos sabem que eu sou prostituta. Senti-me muito confortável porque nunca fui questionada. Sempre foi muito tranquilo. (...) Todos sabiam que éramos prostitutas e eu senti-me totalmente à vontade. (Entrevista 4, Campo 24 de Agosto, 11 de março, 14h)

Por outro lado, o segundo grupo de entrevistadas considera que o seu acesso e direito à cidade não é limitado, como podemos observar com o seguinte testemunho:

(a sua movimentação na cidade) Não me afeta em nada, porque assim, nisso não me afeta, porque assim, eu dou-me bem com toda a gente, como tu vês. Toda a gente me respeita e eu respeito toda a gente. (...) Somos todos iguais (...). (Entrevista 2, São Bento, 16 de fevereiro, 15h)

De acordo com o excerto anterior, podemos contatar que a movimentação na cidade e as rotinas quotidianas desta trabalhadora sexual, de acordo com o seu próprio testemunho, não se restringem pela sua atividade profissional, pois a mesma afirma circular livremente por todo o tecido urbano, considerando deter pleno acesso e direito à cidade. No entanto, observamos que determinados espaços urbanos, como o trajeto da estação à pensão, influenciam as suas emoções subjetivas. Em certas ruas, a sua passagem está emocionalmente condicionada pela sua atividade e pelos significados subjetivos que esta lhe atribui, levando-a a sentir-se observada e estigmatizada pela população normativa, que lhe lança olhares julgadores enquanto transita por essas áreas, como podemos observar:

(O caminho da rua até à pensão) (...) É aquele receio de olharem para mim assim com aquela cara assim de, sei lá, olha lá vai ela e não sei o quê. Veem-me com maus olhos e não gosto de ser julgada (...). (Entrevista 2, São Bento, 16 de fevereiro, 15h)

Assim, embora a sua movimentação física pela cidade não se modifique, mantendo o acesso ao espaço urbano como os demais cidadãos, o seu direito à cidade pode ser condicionado pelas representações sociais e emoções que experimenta ao circular por determinadas zonas. Ao contrário do primeiro grupo de entrevistadas, que ajustam conscientemente as suas movimentações urbanas de forma seletiva, esta trabalhadora sexual utiliza plenamente o território urbano. No entanto, o peso das representações sociais e das percepções internas que ela vivencia pode influenciar como experiencia a cidade e, conseqüentemente, o seu direito à mesma.

Não obstante, dado que se trata de uma amostra reduzida e de testemunhos pouco detalhados no que concerne a esta temática, sublinho a necessidade de pesquisas futuras com um enfoque mais aprofundado e minucioso sobre este fenómeno, de modo a compreender de forma mais pormenorizada as dinâmicas que moldam o quotidiano das trabalhadoras sexuais nas áreas urbanas e como estas podem ou não impactar o seu direito à cidade.

3.2. O sentido de pertença e as representações sociais em relação aos espaços públicos

Agier (2015), destaca que os espaços onde os indivíduos expressam as suas práticas quotidianas são atos de construção da cidade, pois essas ações contribuem para moldar o espaço urbano e definir a identidade da cidade. Assim, o autor explora como as ações urbanas desempenham um papel fundamental na construção da identidade urbana, enfatizando que as práticas sociais dos habitantes contribuem para a formação da identidade coletiva da cidade, sendo esta perspectivada como um palco onde as pessoas representam e reafirmam a sua identidade. Desta forma, Agier (2015) discute o papel dos afetos na experiência urbana, constatando que as ações urbanas podem gerar

diversos sentimentos e emoções nos indivíduos, podendo incluir um sentimento de pertença à cidade ou, contrariamente, promover a exclusão e a desigualdade social.

Deste modo, o estigma associado à prostituição de rua demarca a criação de um sentido de pertença ao lugar, podendo despertar uma conotação negativa que as trabalhadoras sexuais reproduzem sobre o seu “eu”, dado que a criação da identidade social pode sofrer influência do estigma territorial que é retratado pela sociedade, sendo que este abarca um “carácter cumulativo, dinâmico e persistente (...)”, constituindo simultaneamente causa e consequência das múltiplas rupturas na coesão social, implicando manifestações de dualismo e fragmentação social” (Rodrigues et al., 1999, citado por in Tarsi, 2016, p. 48), podendo afetar de forma disruptiva a perceção interna e a autoestima dos sujeitos.

Neste sentido, torna-se imperativo analisar o sentido de pertença e as representações sociais das trabalhadoras sexuais em relação ao espaço público, bem como os sentidos que as mesmas atribuem a diferentes áreas urbanas, com o intuito de compreender como estes podem impactar os significados subjetivos atribuídos à cidade. Assim, o presente capítulo tem como finalidade indagar as dimensões emocionais e simbólicas que moldam a vivência urbana destas trabalhadoras sexuais no espaço urbano, uma vez que estas dimensões podem influenciar diretamente a forma como as entrevistadas experienciam e vivem a cidade.

3.2.1. O sentimento de insegurança na prática de prostituição

Com base nas entrevistas realizadas, podemos observar que o sentimento de insegurança durante a prática do trabalho sexual é um fenómeno transversal a todas as entrevistadas, influenciando a forma como estas experienciam e percecionam os diferentes espaços urbanos. De acordo com distintos testemunhos, o espaço público para a prática do trabalho sexual é perspectivado como inseguro e perigoso, sendo que a rua representa incerteza, inquietação e imprevisibilidade, como podemos observar nos seguintes excertos:

Tinha medo, sentia medo sempre, sentia. (de angariar clientes na rua) (...) E já me fizeram mal.” (...) “Tinha medo que pudesse aparecer alguém que me puxasse

para algum carro, ou coisa... sei lá... podia acontecer” (tinha medo) que tratassem mal. (Entrevista 5, Miragaia, 16 de março, 16h)

Na rua é muito mais perigoso. (...) Na rua, tenho colegas que trabalham que entram em carros de clientes para fazer programa. Isso é uma coisa que eu jamais faria. (...) do trajeto onde o cliente te pega até o final, muita coisa pode acontecer. Esse cliente pode-te drogar, esse cliente pode fazer algum tipo de coisa com você. (Entrevista 4, Campo 24 de Agosto, 11 de março, 14h)

Na rua é mais medo. (...) Medo no geral mesmo, de ser roubada, de ser agredida. (...) Até medo dos próprios clientes. Mais à noite, porque normalmente quando eu fazia isso era à noite. E depois assim, uma pessoa não conhece, uma pessoa tem sempre receio que nos aconteça alguma coisa. (Entrevista 5, Miragaia, 16 de março, 16h)

Os excertos anteriores evidenciam como o sentimento de insegurança é uma constante que permeia a experiência urbana das trabalhadoras sexuais nos espaços públicos, na medida em que o espaço urbano, ao invés de representar liberdade, autonomia e seguridade, representa vigilância, perigosidade e constrangimento, alterando a forma como estas o experienciam.

O espaço urbano, além de representar insegurança, representa também, vulnerabilidade, dado que, por se tratar de um espaço aberto e de utilização coletiva, pode exacerbar a exposição das trabalhadoras sexuais a atos estigmatizantes e marginalizadores por parte da população normativa, dado que estão fisicamente mais expostas e exclusas de privacidade devido à natureza tangível e visível do espaço urbano, podendo gerar fronteiras sociais e simbólicas entre a população normativa e as trabalhadoras sexuais devido ao facto de as últimas exercerem uma atividade que, para a generalidade dos indivíduos, deve manter-se no foro privado ao invés de público, estando mais suscetíveis a atitudes discriminatórias nas áreas urbanas por parte da população normativa, como podemos observar através do seguinte testemunho:

E1: Então sentes-te mais segura ou protegida na pensão é isso? e1: Sim neste caso na pensão porque dá-me gozo. Também é mais fechado, tem menos pessoas. E1: Sim, exato. E como é que vê a rua? e1: Para isso não, a rua não. Na rua não, é insegurança e as pessoas olham. E1: Então preferes a pensão por questões então de segurança e de exposição, não é? e1: Sim, exato. E1: Foi sempre uma regra tua? e1: Sempre, não pelo amor de Deus. É uma questão da segurança e de higiene e tudo, não é? (Entrevista 2, São Bento, 16 de fevereiro, 15h)

Assim, a prática de trabalho sexual em contexto de rua representa uma exposição física e emocional das trabalhadoras sexuais aos olhares críticos e aos julgamentos morais dos indivíduos que circulam e utilizam os mesmos espaços urbanos, uma vez que esta exposição facilita a identificação e categorização das trabalhadoras sexuais como *outsiders* ou marginais por parte dos transeuntes. Além disso, a visibilidade constante no espaço público pode situar as trabalhadoras sexuais numa posição de desvantagem perante as autoridades, dado que estas podem aplicar medidas repressivas baseadas em leis e regulamentações que restringem a prática do trabalho sexual.

Ademais, importa referir que a claridade, ou a falta dela, constituiu um fator crucial na intensificação do sentimento de insegurança durante a prática de prostituição nas áreas urbanas. Diversas entrevistadas relatam que as suas perceções relativamente aos espaços urbanos variam significativamente conforme a altura do dia em que a prática de prostituição é exercida, atestando que a noite simboliza um perigo exponencial quando comparada com o dia. Para estas trabalhadoras, o sentimento de insegurança que a noite lhes transmite pode ser metaforizado como um oceano profundo e desconhecido. Assim como a vastidão e a escuridão do oceano profundo despertam um temor intrínseco ao desconhecido, à imensidão inexplorada e aos perigos invisíveis que podem espreitar por debaixo da superfície, a noite desperta um sentimento semelhante nestas trabalhadoras sexuais, representando imprevisibilidade, ameaça, um medo penetrante:

À noite tinha mais medo, é mais perigoso, também estava mais escuro, menos pessoas. (Entrevista 3, São Bento, 29 de fevereiro, 16h)

e1: De dia sim. De noite nunca, nunca. (trabalhava) (...) Nunca se confia em homens... E1: Mas por uma questão da tua segurança? e1: Sim, claro. (Entrevista 1, Bairro do Cerco do Porto, 8 de fevereiro, 11h)

Desta forma, o espaço urbano também é percecionado e representado de diversos formatos conforme a altura do dia em que este é utilizado, sendo que a escuridão da noite representa uma ameaça acrescida, intensificando a perceção de risco e vulnerabilidade que as trabalhadoras sexuais experienciam nos espaços urbanos, dado que oculta potenciais ameaças e limita a capacidade de resposta imediata em casos de perigo, podendo traduzir-se num ambiente mais propício para atos de violência e agressão devido ao despovoamento das ruas durante este período. Nesta conjuntura, o espaço urbano é percecionado como inseguro por parte das trabalhadoras sexuais, exigindo que estas naveguem por um território onde o controlo é drasticamente reduzido e as ameaças são omnipresentes.

Por oposição, o dia representa visibilidade, segurança e controlo, conferindo aos espaços urbanos uma sensação de ordem, previsibilidade e proteção, diminuindo de forma significativa o sentimento de insegurança sentido pelas trabalhadoras sexuais, na medida em que a presença contínua de serviços e de indivíduos no espaço público e a claridade do dia contribuem para um sentimento geral de segurança e confiabilidade, tornando-se exponencialmente mais fácil reconhecer potenciais ameaças e perigos que possam residir na cidade, ao invés da noite escura e deserta que permeia os espaços públicos durante o período noturno.

Podemos averiguar esta distinção entre o dia e a noite através dos seguintes excertos:

e1: (...) Há segurança no dia, posso ver os meus clientes e perceber as intenções...E1: E acabas por te sentir mais no controlo? e1: Sim, claro. (Entrevista 1, Bairro do Cerco do Porto, 8 de fevereiro, 11h)

e1: À noite, eu à noite, na rua, era muito raro trabalhar. Era muito raro. E1: Por alguma questão específica? e1: Segurança. E1: Segurança. Achas que o facto, por exemplo, de estar, por exemplo, a luz do dia... e1: A luz do dia, é....é sempre é mais garantido durante o dia do que à noite. Porque depois à noite também não tens pensões. Antigamente havia muitas, havia muitas abertas, agora não. (Entrevista 5, Miragaia, 16 de março, 16h)

Contudo, importa referir que apesar das trabalhadoras sexuais perspetivarem o dia como seguro, as dinâmicas de insegurança, exposição e vulnerabilidade que observámos previamente mantêm-se relevantes, tornando o espaço público num palco de múltiplas dissidências e percepções consoante o contexto em que este é perspetivado.

Portanto, em suma, os fatores anteriormente mencionados intensificam a sensação de insegurança que o espaço urbano representa, podendo influenciar o sentido de pertença das trabalhadoras sexuais em relação à cidade, dado que a constante ameaça de estigmatização, marginalização e violência, exacerbada pela visibilidade e exposição pública, pode afetar a forma como estas se relacionam com os espaços urbanos. Assim, este processo de exclusão simbólica e física não só reforça a desconexão intercomunitária entre as trabalhadoras sexuais e a população normativa, como pode levar a um sentimento de alienação em relação ao espaço urbano, dado que, devido às forças sociais externas que amplificam as dinâmicas de poder e de controlo social, estas trabalhadoras sexuais podem sentir que a cidade não lhes pertence na sua forma plena, refugiando-se em áreas que as acolhem e que lhes transmitem confiança e segurança.

Desta maneira, a vivência da cidade por parte destas trabalhadoras é caracterizada pela intensificação de estímulos nervosos e pela incessante necessidade de adaptação e readaptação aos potenciais perigos que residem nos espaços urbanos,

exigindo uma vigilância contínua por parte das trabalhadoras sexuais ao utilizarem o espaço urbano para o exercício do trabalho sexual, subsistindo uma tensão permanente entre a procura de autonomia e segurança individual e as forças externas de perigo e controlo que estão inscritas na cidade.

Esta dualidade entre autonomia/segurança e perigosidade/vulnerabilidade é mitigada através da utilização de mecanismos de defesa que as próprias trabalhadoras sexuais inscrevem nas suas práticas. De acordo com diversos relatos, as entrevistadas optam por zonas da cidade que lhes são familiares e que lhes dão uma sensação de controlo e confiabilidade, preferindo exercer a prática de prostituição nesses espaços urbanos, como podemos observar através dos seguintes excertos:

e1: Tenho mais segurança quando é um espaço que eu conheço e controlo. (...) Do que se fosse no meio da rua em que não conheço. E1: Em termos de segurança, prefere ser tu a escolher o local porque... e1: Claro, podem estar lá na minha espera num sítio qualquer e a situação pode sair-me do controlo, não é? (Entrevista 1, Bairro do Cerco do Porto, 8 de fevereiro, 11h)

E1: E é sempre aqui (onde trabalhas)? (Aponta para a estação) e1: Ya. E1: Por alguma razão específica? e1: Porque eu não vou para mais nada nenhum, porque eu não confio em mais nada nenhum. E1: E porque é que confias mais nesta zona? e1: Eu confio mais nesta zona porque aqui tem muita mais gente, sabes? E assim como há muita gente que é violada e tal, entendeste? Sabe o que quero dizer? Pronto, é isso. E1: Ou seja, é nível de segurança. e1: Exato, exato. (...) E1: E sempre foi aqui? e1: Sempre. E1. Não se vê a trabalhar noutro sítio? e1: Não. (Entrevista 2, São Bento, 16 de fevereiro, 15h)

Ademais, além de optarem por zonas urbanas que lhes transmitem segurança, as trabalhadoras sexuais implementam nas suas práticas regras restritas de atuação, de modo a navegar nos espaços urbanos de forma mais segura e autónoma, como por exemplo, através da seleção criteriosa de potenciais clientes, avaliando a sua presença, comportamento e estado emocional, sendo que se o cliente lhes transmitir um

sentimento de periculosidade ou ameaça estas recusam o seu atendimento, possuindo um maior autodomínio da situação e, conseqüentemente, preservando a sua segurança física. Em adição, se estão a solicitar numa área que lhes inspira segurança, não permitem que o cliente as desvie para outras zonas cidade que lhes são desconhecidas, detendo, assim, um maior controlo do meio envolvente. Além disso, a maioria das entrevistadas recusa-se a praticar a sua atividade durante a noite, resguardando-se, assim, de perigos acrescidos e imprevisíveis que possam surgir nos espaços.

Esta diligência atesta a negociação constante que as mesmas reproduzem nos espaços urbanos, demonstrando as diversas representações sociais que auferem a diferentes espaços da cidade. Portanto, apesar do espaço urbano deter uma representação de insegurança e perigosidade, o mesmo pode ser um local de confiabilidade e segurança, o que remete para as múltiplas interpretações que as trabalhadoras sexuais podem dar aos espaços urbanos.

3.2.2. O sentido de pertença das trabalhadoras sexuais em relação à cidade

Podemos averiguar que a perceção de segurança ou de perigo no espaço urbano é subjetiva e construída através das experiências individuais e das perceções emocionais que as trabalhadoras sexuais concedem e detêm sobre os espaços urbanos. Não obstante, importa ressaltar que estas não são apenas vítimas passivas dos seus ambientes, mas sim agentes ativos que constroem e negociam os seus espaços de atuação, desafiando e reestruturando constantemente as suas práticas através da implementação de estratégias que garantem a sua segurança e autonomia nos espaços públicos. Assim, as práticas adaptativas que estas desenvolvem no espaço urbano destacam a resiliência e a capacidade de ajuste e adaptação das trabalhadoras sexuais face às complexidades sociais e espaciais inscritas na cidade. Através destes mecanismos, as trabalhadoras não apenas aumentam o seu nível de segurança, como também afirmam e reafirmam a sua presença dentro do espaço urbano.

Neste sentido, este fenómeno desvela as dinâmicas de poder e de resistência presentes no espaço urbano, desafiando as narrativas simplistas e paternalistas que retratam as trabalhadoras sexuais como apenas figuras vulneráveis e passivas de ação e

escolha. Portanto, as suas estratégias de adaptação ao meio urbano constituem uma forma de reivindicação do espaço, reclamando o seu direito de existir e operar no mesmo, aumentando o seu sentido de pertença nestes espaços. Deste modo, apesar dos desafios mencionados, as trabalhadoras sexuais reconstroem continuamente o seu sentido de pertença através da apropriação e ressignificação dos espaços urbanos. Ao escolherem cuidadosamente as áreas onde trabalham e ao estabelecerem redes de apoio com outras trabalhadoras, estas mulheres criam nichos de segurança e solidariedade dentro de um ambiente hostil que caracteriza as áreas urbanas.

Assim sendo, o sentido de pertença das trabalhadoras sexuais em relação ao espaço urbano é dinâmico e plural dado que, tanto é moldado e influenciado pelas experiências de exclusão e vulnerabilidade, como pelas práticas de resistência e de afirmação e reafirmação das suas identidades no espaço urbano. Este paralelismo espelha a incessante dialética entre a utilização e a apropriação dos espaços que permeiam as cidades.

3.2.3. O sentimento de segurança na prática da prostituição

Posto isto, se por um lado, a rua representa para as trabalhadoras sexuais uma sensação de ameaça, exposição e vulnerabilidade, levando-as a desenvolver estratégias de atuação que visem a sua sobrevivência, por outro lado, para a grande maioria das entrevistadas, as pensões representam segurança, privacidade e liberdade, tornando-se um refúgio dentro da cidade, como podemos reparar através dos seguintes testemunhos:

E1: E sentias alguma diferença entre, por exemplo, quando estavas aqui mais exposta no exterior... em relação ao quando estavas numa pensão? Sentias alguma diferença? e1: Sentia-me mais à vontade. E1: Aonde? e1: Na pensão. E1: Na pensão, porquê? e1: Ninguém estava a ver, não é? E era mais seguro. E1: Sentias que havia mais segurança quando estavas nas pensões? e1: Muito mais, sim. (Entrevista 3, São Bento, 29 de fevereiro, 16h)

E1: E para ti, porque é que escolheste trabalhar numa pensão ao invés de na rua? (...) e1: Na rua é muito mais perigoso. E1: Foi a questão da segurança? e1: Sim,

porque na pensão, se o cliente fizer qualquer coisa, é só você gritar e tem uma pessoa lá que vai e entra no quarto e socorre. Na rua, tenho colegas que trabalham que entram em carros de clientes para fazer programa. Isso é uma coisa que eu jamais faria. Uma outra coisa que eu também não faço de forma alguma, é deslocamento. (...) As pessoas têm que vir até mim e no meu local de trabalho. (...) E1: E houve mais algum obstáculo ou alguma diferença que viste que compensava mais inicialmente a pensão? e1: Olha, trabalhar na rua, tipo assim, entrando em carro de cliente, compensa porque você pode cobrar mais. Na pensão, normalmente, todas cobram o mesmo valor para não baixar tanto o valor, não desvalorizar tanto e para ficar uma coisa mais de igualdade. Mas, quando você atende o cliente no carro, você pode cobrar até mais, mas você tem um risco. E aí, você coloca na balança que a sua vida não vale 50 euros, a sua vida não vale 100 euros, o risco que você vai correr não vale a pena. E também, o cliente, ele te pega num ponto, mas você não sabe onde o cliente vai te deixar. Você não tem garantia de que esse cliente vai te machucar. (...) E1: E sentes que, por exemplo, nessas situações específicas, tens mais controlo estando na pensão e tendo mais gente, do que se, por exemplo, trabalhasses na rua? (...) e1: Sim, porque ali na porta, querendo ou não querendo, o cliente para e pergunta o seu preço, você olha para a cara do cliente, você consegue perceber se ele está alcoolizado, você consegue perceber se ele usou algum tipo de substância e aí você consegue fazer esse filtro. (Entrevista 4, Campo 24 de Agosto, 11 de março, 14h)

Segundo os testemunhos, podemos observar que as pensões são espaços que permitem que as trabalhadoras sexuais exerçam a sua atividade com um maior grau de segurança e independência, reduzindo a sua vulnerabilidade aos riscos imprevisíveis e às dinâmicas conflituosas do espaço urbano, provindo-lhes uma sensação de conforto, controlo e previsibilidade que advém da familiaridade com o espaço, da possibilidade de estabelecer regras mais restritas quanto ao acesso e à interação com os clientes e da proteção infraestrutural que a pensão lhes concede. Ademais, por se tratar de um

espaço normalizado para a prática de prostituição, as trabalhadoras sexuais podem perspetivar o mesmo como um espaço de emancipação, libertando-se das repressivas amarras moralistas patentes na cidade. Assim, as pensões permitem que as trabalhadoras operem num ambiente protegido e privado, o que reforça o seu sentido de pertença nestes locais.

Todavia, embora as pensões sejam, predominantemente, perspetivadas como pequenos oásis de segurança e liberdade pela grande maioria das entrevistadas, uma delas destaca-se pelo seu relato divergente, desafiando a visão consensual da amostra.

De acordo com esta trabalhadora sexual a pensão representa um espaço de subordinação, coerção e imposição, dado que, neste local, subsistiam relações de poder assimétricas que restringiam o autodomínio corporal e a segurança física desta entrevistada, na medida em que, a pensão, forçava-a a realizar serviços sexuais desprotegidos e dificultava o seu acesso a cuidados de saúde primários, como a realização de testes e exames médicos periódicos que auferem o estado de saúde da trabalhadora sexual, nomeadamente, no que concerne a doenças sexualmente transmissíveis. Desta forma, a pensão transmitia um sentimento de insegurança para a entrevistada, pois desprovia-a de controlo sobre suas práticas e sobre o seu ser:

e1: Não. Não, não me dou em apartamentos. Não me dou, porque eu já trabalhei numa casa e obrigaram-me a fazer sem camisa, e eu disse, não quero. (...) Porque eu não vou estar a ir para uma casa onde vai lá qualquer um, nem fazem exames nem nada e querem que a gente faça sem camisas. Não aceito. (Entrevista 1, Bairro do Cerco do Porto, 8 de fevereiro, 11h)

Em contrapartida, o espaço urbano é visto por esta trabalhadora sexual como um espaço de libertação e emancipação, uma vez que a rua, apesar de lhe transmitir insegurança devido aos perigos que nela residem, providencia-lhe, paralelamente, um maior sentimento de segurança e autodeterminação, considerando deter pleno controlo e autonomia sobre as suas ações, como podemos observar através dos seguintes excertos:

E1: Sentes que tens mais controlo na rua? e1: Claro. Aliás, controlo no trabalho.
E1: Então sentes que tens assim mais um controlo sobre o teu corpo quando estás na rua? e1: Claro, sim. Sempre, sempre. Sim é as minhas regras e eu não mudo. E não mudo. Sou fixa nisso eu já faço esta vida há 25 anos, ou mais ainda. (Entrevista 1, Bairro do Cerco do Porto, 8 de fevereiro, 11h)

e1: Gosto sempre de ter o meu espaço para controlar os homens, porque nunca se confia, não é? Eles só te querem mal, mas nós precisamos deles, mas nunca confiar, nunca, nunca, nunca. (...) E1: Sentes que com essa segurança tens mais controlo sobre a situação com um cliente? e1: Eu tenho mais controlo. Por eles, porque eles não utilizam a cabeça, utilizam mais a cabeça de baixo do que a cabeça de cima. É que eles... primeiro fazem as coisas, depois é que pensam. Eu não, eu primeiro penso e depois é que faço porque é isso que tu tens de fazer para não te arrependeres tens de saber aquilo que queres. (Entrevista 1, Bairro do Cerco do Porto, 8 de fevereiro, 11h)

Assim, para esta entrevistada, a rua representa autodeterminação e proteção, uma vez que a mesma detém as “regras do jogo”, no sentido em que pode livremente estabelecer os cânones da sua prática que visam manter a sua autopreservação, conferindo-lhe um sentimento de segurança e de controlo superior, dado que detém completo domínio sobre o seu corpo e o seu ambiente.

Não obstante, considero que esta sensação de segurança e de liberdade que a trabalhadora sexual atribui aos espaços urbanos pode estar diretamente relacionada com as suas vivências pessoais, dado que se trata de uma entrevistada que se intitula como “uma mulher da rua”, devido ao facto de estar em situação de sem abrigo desde os doze anos de idade, tendo vivido a grande maioria da sua vida na rua. Neste sentido, de modo a manter a sua salvaguarda num ambiente urbano frequentemente adverso, a entrevistada foi desenvolvendo ao longo do tempo estratégias de atuação que permitissem que a mesma se adaptasse ao seu contexto, tendo sido constrangida pelo seu ambiente a definir as suas regras de modo a conservar a sua sobrevivência. Portanto,

trata-se de pessoa que está mais familiarizada com o espaço público do que com o espaço privado.

Desta forma, assim como uma pessoa numa situação convencional sente segurança e controlo no conforto da sua casa, esta trabalhadora sexual sente segurança e controlo no espaço urbano, dado que este é, de facto, a sua casa, o seu porto seguro. Para esta entrevistada o espaço urbano não representa um mero local de trabalho ou de circulação, mas uma extensão da sua própria existência e resiliência. Neste sentido, o seu sentido de pertença à cidade é profundamente acentuado, na medida em que o espaço urbano é metamorfoseado, por um lado, num palco de desarmonia e conflito e, por outro lado, num espaço que define e afirma a sua identidade, a sua existência.

Em oposição, considero que esta trabalhadora sexual perspetive a pensão como um local de repressão e controlo, devido ao facto de ser obrigada a subjugar-se às normas e regras vigentes impostas por terceiros, fazendo-a sentir significativamente mais vulnerável e insegura pois não detém pleno controlo do seu ser e do ambiente que a envolve, sendo estas duas características essenciais para quem se encontra no seu contexto. Assim, a pensão representa um espaço onde a autonomia individual é severamente restringida, impossibilitando que a entrevistada defina as tais “regras do jogo”, regras estas que são determinantes para a preservação da sua segurança e da sua liberdade.

A percepção de ter de depender de outros, seja em que contexto for, compromete gravemente a liberdade e a autenticidade desta trabalhadora, dado que a realidade da mesma é profundamente marcada pela sua experiência prolongada na rua, preferindo optar por realizar a prática de prostituição no espaço urbano, mesmo que essa escolha implique uma maior vulnerabilidade e suscetibilidade aos perigos que residem na cidade em troca da preservação de sua autonomia e integridade pessoal, rejeitando uma vida de subordinação, seja nas pensões ou no seio familiar, como podemos observar através dos seguintes excertos:

e1: (...) Eu estou nesta situação (de sem abrigo) porque não quero dar braço torcer, sabes? E1: Em termos de alojamento? e1: Sim, prefiro ser eu própria. Não

quero depender dos meus filhos. Porque se tu vais para a casa dos teus filhos, vais começar a mentir. A enrolar para poder sair, para poder fazer dinheiro para consumir. E eu não quero isso. (Entrevista 1, Bairro do Cerco do Porto, 8 de fevereiro, 11h)

História de vida muito complicada. (...) Tem família, mas gosta de estar sozinha e de controlar todos os aspetos da sua vida, daí recusar o apoio da família. (DC, 9 de janeiro, avenida de cartes)

3.3. As relações de poder e de género na prática de prostituição

Como vimos anteriormente, o espaço da cidade, sendo este um espaço social e coletivo, é um reflexo das desarmonias e dos contrastes sociais que se materializam no espaço físico, podendo instrumentalizar-se em dinâmicas de poder desiguais entre os indivíduos que residem nas cidades, nomeadamente, entre a população normativa e as trabalhadoras sexuais, dado que o trabalho sexual é uma temática que suscita diversas perspetivas no que tange à sua validade e natureza, intensificando o estigma e a marginalização dos seus praticantes. Neste sentido, o presente capítulo tem como objetivo analisar as relações de poder e de género que se instituem entre a população normativa e as trabalhadoras sexuais, tendo como finalidade compreender como esta dinâmica interfere no quotidiano e nas experiências das entrevistadas nos espaços urbanos. Ademais, importa, ainda, analisar o impacto que este fenómeno pode deter nas dimensões emocionais das trabalhadoras sexuais, podendo moldar os significados subjetivos destas em relação ao seu “eu”.

De acordo com Foucault (1994), as relações de poder que atuam na sociedade são efetuadas através de ações de uns sobre os outros, gerando, assim, uma dicotomia de antagonismos por todo o corpo social com o intuito de defender uma verdade própria. Esta verdade é sempre moldada pela perspetiva de quem a manifesta dentro de um determinado contexto histórico-político. Portanto, o poder, tem a capacidade de institucionalizar a verdade, o que, concludentemente, se desdobra na norma a seguir, na

medida em que o poder pronuncia e influencia o estabelecimento das regras pelas quais a sociedade se rege.

Neste âmbito, uma vez que o poder estabelece as regras do “jogo”, este define o que é reprovável ou aceitável, o que é moral ou imoral, o que é normativo ou desviante. Portanto, no domínio sexual, o poder institui as normas pelas quais o sexo é definido e regularizado. Neste sentido, a Igreja Católica deteve um papel central na dissimilação e solidificação da corrente puritana relativamente ao domínio do sexo, estabelecendo mecanismos de controlo sobre os corpos por meio de práticas de fiscalização moral da sexualidade marcadas por exames à consciência, como a confissão, pois, de acordo com os fundamentos católicos, o sexo deve ser definido pela sua função de reprodução dentro do seio familiar, devendo subsistir um maior controlo social sobre as funções do sexo na sociedade, transformando-o, assim, em algo que deve ser vigiado, reprimido e censurado.

Logo, o sexo torna-se, assim, num mecanismo de instrumentalização do poder, “garantindo à sociedade a produção de uma sexualidade economicamente útil e de uma população politicamente conservadora. É esta normatividade que guiará, até aos dias de hoje, as políticas de administração do Estado que visam gerir a vida da população” (Ramalho, 2012, p. 175).

Embora a influência da Igreja Católica na definição das normas sociais vigentes tenha diminuído significativamente nas sociedades contemporâneas em função da separação entre Estado e Igreja, a sua herança histórica e cultural permanece enraizada na sociedade portuguesa, continuando a influenciar os preceitos e as práticas em torno do sexo e da sexualidade nos dias de hoje. Assim, devido ao contexto histórico da sociedade portuguesa, o sexo, envolto num manto de silêncio, constrangimento e discrição, é uma atividade que deve ser exercida no foro privado, ou invés do público. Desta forma, o legado secular da Igreja Católica definiu as regras de conduta a seguir, as tais “regras do jogo”, estabelecendo, assim, a norma vigente.

Esta característica binária do poder intensifica o estabelecimento de relações antagónicas por todo o corpo social, nomeadamente, entre os que se conformam com

as normas sociais instituídas e os demais que não se “encaixam” nesse sistema, levando à exclusão e discriminação dos segundos pelos primeiros. Neste sentido, uma vez que o trabalho sexual é perspectivado como uma prática dissidente que se opõe ao sistema normativo vigente, quem o exerce é socialmente percebido e rotulado como desviante, delinquente. Esta dinâmica compactua e fortalece a instituição de relações de poder desiguais entre a população normativa e as trabalhadoras sexuais nos espaços urbanos.

3.3.1. As relações de poder instrumentalizadas através de mecanismos subtis

As relações de poder podem ser exercidas através da instrumentalização de configurações de poder subtis, que torna estas ações intrinsecamente mais difíceis de identificar, ou através de atos de violência, que são exponencialmente mais fáceis de reconhecer devido ao seu carácter físico e tangível. Estas relações de poder materializam-se num sistema de poder alicerçado numa dicotomia de dominação/superioridade e de submissão/inferioridade.

No que concerne às relações subtis de poder, considero que estas se podem manifestar num plano macro e micro de atuação. A nível macro, estas podem ocorrer através da estigmatização por parte da população normativa para com as trabalhadoras sexuais, sendo que quem se enquadra com o sistema normativo vigente detém uma superioridade moral em detrimento daqueles que se desviam desse sistema, estabelecendo uma relação de poder entre os primeiros para com os segundos, podendo traduzir-se na exclusão social e na marginalização das entrevistadas de zonas da cidade que são perspectivadas como normativas, dentro da norma.

Ademais, considero que a exclusão urbana preconizada pelo poder estatal, se transponha, também, numa relação subtil de poder, dado que as trabalhadoras sexuais são sistematicamente ignoradas pelos decisores políticos no estabelecimento de políticas públicas e na implementação de estratégias de planeamento urbano, restringindo o acesso e direito à cidade das trabalhadoras sexuais. Portanto, o poder estatal estabelece uma relação de poder para com as trabalhadoras sexuais ao excluí-las de uma participação ativa na vida urbana.

Por outro lado, a nível micro, estas relações subtis de poder podem exteriorizar-se através de microagressões verbais, como por exemplo, comentários depreciativos ou ações condescendentes e paternalistas por parte da população normativa em relação às trabalhadoras sexuais durante a sua interação quotidiana nos espaços urbanos, contribuindo para um ambiente de desumanização constante e para a solidificação de um sistema hierárquico onde as trabalhadoras sexuais residem na base enquanto os restantes indivíduos permanecem no topo da pirâmide.

Estas demonstrações subtis de poder podem ser observadas através do seguinte testemunho:

e1: Alguém a faltar me ao respeito? Já! Já, já, já tive aquelas velhotas e aqueles homens. Lá está, aquela sociedade menos (...) compreensível perante a nossa profissão. E depois é assim, nós somos muito mal-amadas nesta profissão (...). (Entrevista 5, Miragaia, 16 de março, 16h)

Ainda neste âmbito, podemos observar que a coerção económica dos clientes durante a prestação de serviços sexuais também se traduz num mecanismo que espelha a relação subtil de poder por parte dos primeiros para com as trabalhadoras sexuais. A superioridade financeira dos clientes permite que estes exerçam o seu poder ao recusar o pagamento de serviços sexuais que os mesmos solicitaram ou ao pagar uma quantia inferior àquela que ficou inicialmente estabelecida, reforçando a sua soberania e autoridade em relação às trabalhadoras sexuais, desprovido-as do controlo das suas práticas, como podemos averiguar através deste excerto:

E a outra experiência foi um me dizer: “é só pago no fim”. Chegou ao fim e disse aí, agora não há dinheiro para ninguém. (Entrevista 3, São Bento, 29 de fevereiro, 16h)

Por fim, os clientes, na sua grande maioria do sexo masculino, podem exercer uma relação subtil de poder através da solicitação de trabalhadoras sexuais mais jovens.

Ao deterem esta preferência podemos constatar que subsiste uma necessidade de afirmação de autoridade e dominação dos clientes para com as trabalhadoras sexuais, uma vez que a jovialidade é, frequentemente, associada a uma maior vulnerabilidade, inocência e maleabilidade, características estas que podem ser percebidas como um fator facilitador para a manipulação e persuasão destas jovens, exercendo uma relação de controlo que submete as trabalhadoras sexuais numa posição de submissão e obediência.

Tendo em conta esta dinâmica, as trabalhadoras sexuais mais jovens podem sentir-se condicionadas a providenciar serviços sexuais em condições abusivas e desiguais, onde as vontades e desejos dos seus clientes assumem soberania em detrimento da segurança e bem-estar destas trabalhadoras, podendo perpetuar uma relação assente na exploração sexual e na dominação do corpo feminino.

O fenómeno anteriormente analisado pode ser corroborado através do seguinte testemunho de uma trabalhadora sexual:

e1: Eu tenho 22 anos, mas para os meus clientes eu tenho 20. E1: Ok. Sentes que tens que ser mais nova para os teus clientes? e1: Sim, porque a maioria dos clientes gostam de garotas novinhas, o que é até uma coisa meio preocupante, porque eu atendo muitos idosos. Então isso levanta um precedente referente à pedofilia. (Entrevista 4, Campo 24 de Agosto, 11 de março, 14h)

3.3.2. As relações de poder instrumentalizadas através da violência

Por outro prisma, as relações de poder instrumentalizadas através de atos de violência, estabelecem-se pela dominação física dos clientes em relação às trabalhadoras sexuais. De acordo com as experiências relatadas pela grande maioria das entrevistadas, este tipo de manifestação de poder é o que está mais patente na prática do trabalho sexual nos espaços urbanos, possivelmente devido ao facto de ser transversalmente mais fácil de reconhecer e identificar. Assim, no que concerne às relações de poder alicerçadas através da força e violência física, o fator género assume

uma posição central nesta discussão, dado que este fenómeno assenta na hierarquização baseada no sexo, onde o sexo masculino imprime uma relação de dominação e superioridade em relação ao sexo feminino. Considero que esta relação de poder pode ocorrer devido à disseminação e consolidação de crenças sociatais sobre o sexo e o corpo feminino, que sustentam a ideia de que as mulheres que se prostituem são inferiores às restantes, sendo meritórias de atos violentos (Moreira et al., 2016, p. 74).

Deste modo, as relações de poder baseadas na violência têm como intuito reprimir e desumanizar as trabalhadoras sexuais, deixando-as numa posição de vulnerabilidade constante. Além disso, esta dinâmica de poder serve como afirmação da autoridade dos agressores, que utilizam a força como um meio de exercer e demonstrar o seu domínio sobre os corpos e as vidas das trabalhadoras sexuais. Esta forma de poder é particularmente insidiosa, dado que, além dos danos físicos que pode causar, contribui, também, para um ambiente de terror psicológico, onde a ameaça de violência durante a prática de prostituição nos espaços urbanos é constante. Podemos observar esta dinâmica de violência e alerta constante através do seguinte excerto do diário de campo, que analisa o estado de espírito de uma das trabalhadoras sexuais:

Prostitui-se desde os 11 anos até aos dias de hoje. Foi violada pelo pai desde os 3 anos. Teve de se submeter a uma cirurgia na coluna quando era muito nova devido aos abusos sexuais do pai. Consome desde muito cedo. Já foi violada 7 vezes, espancada, amarrada a uma cama privada de comer e beber e a vagina rasgada por clientes. (...) Deu-me conselhos para ter sexo seguro, nunca confiar em homens porque têm sempre segundas intenções, disse-se para nunca não começar a consumir, não deixar que ninguém me influencie e ter cuidado com as pessoas em que confio. (DC, 9 de janeiro, avenida de cartes)

Neste sentido, o espaço urbano pode ser perspetivado como um “espaço perigoso”, gerando um sentimento de insegurança e uma dinâmica de poder desigual por quem o utiliza para a prática de prostituição, na medida em que, de acordo com estudos realizados sobre esta prática, é comum a violência aparecer como um fator

transversal durante o trabalho sexual, especialmente, quando este é efetuado no espaço público, podendo-se traduzir em elevados níveis de violência sexual, física e/ou verbal (Farley, Baral, Kiremire & Sezgin, 1998; Farley & Barkan, 1998; Karandikar & Próspero, 2010; Nixon et al., 2002; Raphael & Shapiro, 2004, citado por Moreira et al., 2016, p. 73), o que vai de encontro com as experiências relatadas pelas entrevistadas, como podemos observar nos seguintes excertos:

A gente leva com todo o tipo de homem. Todo que existe à face da terra. De assassinos, a mandar na pessoa por uma pequena coisa. Nunca confies em homens filha, só querem o teu mal, sempre, sempre, sempre. (Entrevista 1, Bairro do Cerco do Porto, 8 de fevereiro, 11h)

Eles (os homens) só te querem mal mas nós precisamos deles mas nunca confiar, nunca, nunca, nunca. Já fui muito inocente, mas agora não, já vivi muito e já sofri muito, muito mesmo. (Entrevista 1, Bairro do Cerco do Porto, 8 de fevereiro, 11h)

(...) Uma vez...também entrava nos carros, ia para os parques e isso era de madrugada. E uma vez houve um que andou sempre, sempre e eu dizia, então onde é que vamos? E ele “Ai, eu conheço um sítio” ... e depois vou para o sítio e apareceram mais...fui violada... e me deixaram-me lá. (Entrevista 3, São Bento, 29 de fevereiro, 16h)

Oh, senhora, eu vou-lhe dizer uma coisa. Cheguei ao ponto de entrar num carro ir para um parque de camionetas (para se prostituir) e daí apontam-me a arma à cabeça, porque viram-me eu a pôr o dinheiro no pé. (Entrevista 6, Miragaia, 20 de março, 17h)

Todavia, é crucial reconhecer que, apesar das relações de poder que são exercidas pelos clientes em relação às trabalhadoras sexuais, estas não são meras espetadoras dos seus destinos, detendo, também, estratégias de atuação que confrontam e mitigam estas dinâmicas de poder, exercendo uma forma de controlo através de mecanismos que negociam e mediam as interações com os clientes, com o

objetivo minimizar as suas vulnerabilidades e maximizar a sua autoridade. Estas relações inversas de poder, podem traduzir-se, por exemplo, na recusa de atendimento, na escolha do local onde os serviços sexuais ocorrem ou através da imposição do pagamento antecipado dos serviços sexuais. Estes mecanismos de adaptação, permitem que as trabalhadoras sexuais detenham um autodomínio acrescido sobre as suas práticas e sobre os seus corpos, nivelando, assim, um pouco mais a balança do poder.

3.3.3. As percepções do *self* na prática do trabalho sexual

Por outro prisma, de acordo com Armstrong, as trabalhadoras sexuais “tendem a encarar este tipo de violência como expectável, representando uma espécie de ruído inevitável” (2015, citado por Moreira et al., 2016, p. 74). Esta premissa demonstra como o estigma e o preconceito ainda latentes nas sociedades contemporâneas podem ter impacto nos códigos emocionais e psicológicos das trabalhadoras sexuais, podendo influenciar os seus significados subjetivos e a sua valorização pessoal. Ao banalizarem estes atos de violência, as profissionais do sexo interiorizam que são merecedoras dos mesmos, perspetivando-os como parte dos “ossos do ofício”. Esta normalização da violência, pode ocorrer devido ao facto de as trabalhadoras sexuais internalizarem no seu íntimo os comportamentos e os discursos dominantes, discursos estes que as representam como os “resíduos sociais” de uma sociedade respeitável, influenciando negativamente a sua percepção do *self*. Podemos observar esta dinâmica através dos seguintes testemunhos:

É um sentimento que eu nunca pensei ter. Ódio...por mim mesma. Querer-me matar ao ponto e não vale a pena. Porque a vida é boa, a gente é que faz a vida. (Entrevista 1, Bairro do Cerco do Porto, 8 de fevereiro, 11h)

Infelizmente eu fazia disso mesmo trabalho. (...) (Havia) Uma altura em que eu senti-me mal. (por ser trabalhadora sexual) Tipo, eu olhava para os outros, tipo, os outros eram empregadas de mesa, eram empregadas de cafés e eu nunca consegui sair daquela vida. (Entrevista 5, Miragaia, 16 de março, 16h)

E1: Vê como uma coisa natural não é? (o trabalho sexual) e1: Sim, mas é assim também não acho bem aquilo que eu estou a fazer, não é? (...) E1: Que

sentimentos é que tens em relação ao teu trabalho? e1: Assim, não estou... não me sinto bem, não é? Não me sinto bem comigo própria também, não é? (Entrevista 2, São Bento, 16 de fevereiro, 15h)

De acordo com os testemunhos das entrevistadas, podemos observar como a constante marginalização e estigmatização da população normativa em relação às trabalhadoras sexuais influencia negativamente as percepções que estas reproduzem sobre o seu “eu”, afetando a sua autoimagem e valorização pessoal, podendo corroer o seu sentido de identidade e pertença, dado que estas acabam por internalizar as percepções negativas externalizadas pela sociedade.

No entanto, ainda que a autoimagem das entrevistadas se encontre denegrida por esta pressão estigmatizante exercida por parte da sociedade, a mesma é simultaneamente restaurada pela constante afirmação identitária e valorização individual, dignificando e renovando as suas próprias percepções sobre o “eu”. Este processo de resiliência interna que eleva as suas existências atua como um contrapeso emocional, permitindo-lhes uma percepção dignificada de si mesmas, como podemos examinar nos seguintes excertos:

E1: E a nível das reações negativas que também já experienciaste com as pessoas, sentes que também houve ali alguma barreira que te fez sentir mal contigo própria, ou que te fez questionar ou que te fez... e1: Já, já, já. Isso, sim! (...) Havia uma altura que eu julgava-me a mim mesma. E não tenho que me julgar, é uma profissão como as outras. (Entrevista 5, Miragaia, 16 de março, 16h)

(...) Eu comecei a mudar um pouco a minha visão. Do tipo, não sou pessoa que sou coitada, eu sou uma pessoa que eu tô aqui porque eu escolhi estar. Porque ser prostituta não é um trabalho desonesto, é um trabalho diferente. (Entrevista 4, Campo 24 de Agosto, 11 de março, 14h)

e1: Veem-me com maus olhos e não gosto de ser julgada, mas não interessa nada, mas também que se olhem para o espelho delas, não é para o meu, é um

espelho, elas que olhem de cima a abaixo para elas. Eu não sou menos que ninguém. (Entrevista 2, São Bento, 16 de fevereiro, 15h)

É uma jovem ambiciosa e segura de si, aparenta não ter qualquer problema ou receio em informar que é trabalhadora sexual, tem orgulho de o ser e vê esta atividade como um trabalho honesto como outro qualquer. (...) Vê-se que tem uma atitude bastante diferente em relação às restantes entrevistadas e vê o trabalho sexual como uma atividade digna e de empoderamento. Vê a sua prática como um negócio. (DC, 11 de março, Campo 24 de Agosto)

Esta simbiose cria um paralelismo psicológico singular, onde o autodesprezo e a apreciação coabitam, entrelaçando-se num ciclo permanente de conflito e reconciliação, subsistindo uma negociação e reafirmação constante das suas identidades dentro de um sistema que as marginaliza e menospreza, demonstrando, assim, a capacidade das entrevistadas em compartimentalizar dimensões cognitivas e emocionais divergentes.

3.3.4. Substâncias aditivas e o trabalho sexual

As trabalhadoras sexuais fazem parte de um setor grandemente heterogéneo, enquadrando-se numa vasta diversidade de conjunturas sociais e económicas, nas quais o risco e as vulnerabilidades diferem consideravelmente consoante o contexto em que se situam.

No caso das trabalhadoras sexuais presentes na amostra, a sua grande maioria está inserida num contexto socioeconómico desfavorável, o que as coloca numa posição de vulnerabilidade e risco acrescida. Esta condição é agravada devido ao facto de, das sete entrevistadas que compõem a amostra, seis são usuárias de substâncias aditivas. Esta prática pode intensificar a exposição a situações de risco, dado que “(...) comportamentos como, ameaças de violação, violação e penetração vaginal digital ou com objetos, são mais comuns em locais onde, concomitantemente, se verifica o consumo de drogas” (Moreira et al, 2016, p. 74). Neste sentido, as experiências relatadas por estas trabalhadoras sexuais durante a prática de prostituição, demonstram de forma

clara a materialização das relações de poder instrumentalizadas a partir da violência física, sendo que esta dinâmica de poder pode tomar contornos de ação mais extremos quando aliada à toxicodependência:

E1: E como foi a tua experiência quando começaste na rua? e1: Ó meu amor, foi o que é, não é? Fui violada, espancada...E1: Por clientes? e1: Sim, homens. Um, um dia levou-me para um beco onde eu também consumia e espetou-me a cona com um ferro quente, tive de ir para o hospital. (Entrevista 1, Bairro do Cerco do Porto, 8 de fevereiro, 11h)

Neste sentido, a toxicodependência é um fator que detém relevância nesta amostra³, dado que, de acordo com os testemunhos, as entrevistadas referem que a sua dependência por substâncias aditivas foi um fator que motivou a entrada no mundo da prostituição, devido à necessidade financeira urgente para sustentar o consumo, como podemos observar através dos seguintes excertos:

e1: (...) Metia-me nas drogas, já uns anos, andava há uns anos, mas agora eu já parei com isso. E1: Ok. Então começou, consegue-me dizer mais ou menos com que idade? Tem alguma noção? E1: Prai com vinte e poucos anos. E1: Começou a consumir? E quando é que se começou a prostituir? Foi por causa da... e1: Do consumo. E1: Do Consumo. e1: Foi quando eu comecei a ficar mais enterrada nas drogas. (Entrevista 3, São Bento, 29 de fevereiro, 16h)

e1: É necessidade. É necessidade do dinheiro, necessidade da droga. Andei 12 anos na droga. E1: Prostituí-se para consumir? e1: Sim, senhora. Para o consumo, sim, senhora. Sim, senhora. (Entrevista 6, Miragaia, 20 de março, 17h)

Por outro lado, outros relatos constataam que o trabalho sexual potenciou o consumo substâncias aditivas, como podemos observar no seguinte testemunho:

³ Ressalvo, mais uma vez, que o trabalho sexual é uma prática amplamente heterógena, e, portanto, a amostra apresentada não é, nem pode ser, perspectivada como uma representação plena e total deste setor populacional.

e1: Há cerca de... quatro anos e meio, mais ou menos. (que se começou a prostituir) Opa fiquei sem trabalho, sem nada. E1: E começou a ir para a prostituição? e1: Sim, depois meti-me na droga, pronto, foi o que me fodeu. (...) E agora a droga foi-se, não é? Ando na metadona mas também me fodi mesmo grande, muito mesmo. (Entrevista 2, São Bento, 16 de fevereiro, 15h)

Considero que esta interdependência entre o trabalho sexual e as substâncias aditivas possa dever-se a duas causas distintas, que não necessitam de ser mutuamente exclusivas:

Por um lado, o consumo de substâncias aditivas pode ser um mecanismo amenizador dos desafios que as trabalhadoras sexuais se deparam durante a sua atividade, uma vez que o trabalho sexual de rua pode ser emocionalmente e fisicamente desgastante, onde a droga, pode, frequentemente, ser utilizada como um instrumento que transmite uma sensação de alívio temporário, permitindo que as trabalhadoras sexuais suportem os seus quotidianos, criando uma ilusão de controlo e escapismo.

Por outro lado, o consumo de drogas no mundo do trabalho sexual, pode ocorrer devido à convivência e proximidade espacial e social entre ambas as práticas, na medida em que, tanto o trabalho sexual de rua como o uso de drogas, são atividades dissidentes que desafiam as linhas normativas do mundo convencional, potenciando o estigma e a marginalização dos seus praticantes por parte da população normativa. Esta marginalização materializa-se no afastamento urbano destas atividades, sendo, regularmente, renegadas a áreas periféricas ou secundárias do tecido urbano, dado que não se enquadram nos parâmetros da cidade respeitável, criando fronteiras territoriais e sociais invisíveis que separam o aceitável do inaceitável, os desviantes dos normativos. Esta fragmentação territorial e social potencia a confluência e agrupamento de atividades marginalizadas em áreas específicas da cidade, traduzindo-se, por um lado, num evitamento experiencial da população normativa a estas zonas “vermelhas” da cidade, e, por outro, num espaço de pertença e identidade para os restantes indivíduos, os *outsiders*. Desta forma, a coabitação de diversas atividades dissidentes em zonas

citadinas específicas, facilita a transladação entre as diferentes práticas desviantes, que se influenciam e reforçam mutuamente.

No que concerne ao consumo de substâncias aditivas durante a prática do trabalho sexual, como abordámos anteriormente, a dependência química das trabalhadoras sexuais aumenta a sua vulnerabilidade a atos de violência durante a prática do trabalho sexual, tornando-as mais suscetíveis à exploração e ao abuso por parte de terceiros. Esta vulnerabilidade acrescida, potenciada pelo uso de substâncias aditivas, pode fragilizar o controlo e a dominação das trabalhadoras sexuais sobre os seus corpos e as suas práticas, intensificando as relações desiguais de poder que se expressam neste contexto, na medida em que o seu estado mental e físico pode ser comprometido pela contínua utilização e consumo de substâncias aditivas, debilitando a autonomia e a capacidade de julgamento das trabalhadoras sexuais durante a prática de prostituição, o que potencia a consolidação de mecanismos de controlo e relações de poder desiguais entre as trabalhadoras sexuais e os seus clientes.

Ademais, a necessidade incessante de obter meios financeiros para sustentar o vício, pode intensificar a suscetibilidade das trabalhadoras sexuais a situações de risco, podendo ser forçadas a manter-se em contextos adversos e potencialmente abusivos de modo a alimentar a sua dependência, subsistindo uma relação de poder desigual entre a trabalhadora sexual e o cliente, alicerçada através do poderio monetário. Considero que esta dinâmica é exacerbada se o pagamento dos serviços sexuais por parte do cliente for efetuado através do fornecimento de substâncias aditivas, traduzindo-se, mais uma vez, numa clara relação de poder desigual, uma vez que o provimento de drogas pelo cliente além de intensificar a dependência da trabalhadora sexual, solidifica, também, a posição de controlo e dominância do cliente sobre esta, dado que, ao transformar o serviço sexual numa moeda de troca direta, perpétua uma relação de sujeição e codependência da trabalhadora sexual para com o cliente.

Capítulo 4 – Considerações finais

4.1. Conclusões

O espaço urbano é, por excelência, um palco onde os atores sociais interagem e formam representações sociais entre si, sendo embebido de rituais e práticas sociais por aqueles que nele circulam, onde se formam percepções e representações e se exprimem de maneiras diversas as estruturas sociais, culturais e económicas da sociedade, sendo um conceito explicativo das experiências urbanas que nele se exprimem. Portanto, se o espaço é a materialização das interações e dos códigos sociais de uma sociedade, este é, então, um espaço de confronto e conciliação, de negociação e compromisso e de transformação e reconfiguração da identidade individual e coletiva dos atores sociais, ou, por outras palavras, da cidade. Sendo o espaço urbano um espelho simbólico tanto das estruturas basilares de uma sociedade, como das interações e práticas dos indivíduos que nele residem, este é, também, um espelho das desarmonias, dos conflitos e das desigualdades.

Assim, o espaço urbano pode ser perspectivado como um livro em branco sem fim, cujas páginas são escritas e reescritas pelos habitantes da cidade, onde cada rua, cada praça, cada área, é um parágrafo numa narrativa coletiva que é continuamente editada pelas práticas, interações e representações dos indivíduos, e onde cada capítulo é redigido pelas dinâmicas sociais, culturais e económicas inscritas na sociedade. Neste cenário, as políticas públicas de urbanismo e a morfologia da cidade são os títulos que guiam a leitura, moldando o modo como o espaço é percebido e vivido. Assim sendo, o espaço urbano é o espelho que reflete, através da sua arquitetura, configuração e formas de utilização e apropriação, as complexidades e as contradições do ser humano, enfim, da sociedade.

A complexidade das dinâmicas presentes no espaço urbano pode ser observada através da fragmentação territorial e social do tecido urbano, existindo uma clara separação entre espaços normalizados e espaços dissidentes, sendo que as trabalhadoras sexuais, ao praticarem uma atividade perspectivada como desviante e imoral, não “pertencem” a zonas da cidade respeitável, sendo excluídas do seu acesso e

direito à cidade pela população normativa. A própria prática de prostituição é influenciada por esta fronteira territorial e, conseqüentemente, social, no sentido em que, quando a mesma é efetuada numa zona perspectivada como complacente com as normas vigentes de moralidade, a população normativa tende a não ter reações e atos depreciativos para com as trabalhadoras sexuais, uma vez que não as depreende como uma ameaça à ordem pública ou moral, o que contribui para uma coexistência marcada pela indiferença ou aceitação tácita, que se traduz numa certa dinâmica de invisibilidade social.

Por outro lado, em espaços urbanos percebidos como dissidentes, os indivíduos tendem a perceber estas áreas como inseguras e moralmente questionáveis, potenciando a marginalização e estigmatização das trabalhadoras sexuais, que são frequentemente notadas e rotuladas como vestígios sociais ou ameaças à decência pública, enfrentando atos de violência e de discriminação que vão desde subtis olhares desconfiados a atitudes hostis e agressivas, uma vez que, como estão situadas numa área socialmente reprovável, subsiste uma maior resistência e hostilidade moral e social por parte da população normativa em relação aos espaços e às práticas sociais que se exprimem nos mesmos.

Este contraste é intensificado pelo sentimento de insegurança urbana, dado que, ao existir uma separação social e moral entre diferentes áreas da urbe, as sensações e as emoções dos indivíduos também diferem consoante o espaço da cidade onde se encontram, sendo que zonas urbanas conotadas como dissidentes são associadas a uma sensação de perigosidade, de estranheza, enquanto aquelas que se alinham com as normas vigentes de moralidade, transmitem um sentimento de segurança, de familiaridade.

Contudo, por oposição, o preconceito e a estigmatização das trabalhadoras sexuais em espaços perspectivados como dissidentes não é preconizado pelos residentes e comerciantes locais, dado que estes mantêm uma relação mais íntima e prolongada com as áreas urbanas onde a prática da prostituição se desenrola, sendo testemunhas da contínua presença física das trabalhadoras sexuais e das suas dinâmicas e rotinas

quotidianas. Ao partilharem uma proximidade e convivialidade espacial com as profissionais do sexo, perspetivam as mesmas como pessoas reais e como membros integrantes da comunidade ao invés de apenas figuras estereotipadas, adotando uma abordagem mais tolerante para com estas mulheres. Neste sentido, o sentimento de insegurança urbana não se verifica neste contexto.

Esta dicotomia entre transeuntes e residentes/comerciantes, evidencia as profundas divergências que subsistem em relação aos espaços urbanos, desvelando a complexidade das interações humanas que nele se inscrevem e o modo como as dinâmicas sociais e a organização dos espaços da cidade moldam as perceções e representações dos sujeitos em relação aos espaços urbanos e aos indivíduos que por nele circulam.

Desta maneira, considero que o contraste entre residentes e transeuntes convida-nos, de facto, a refletir sobre a profunda influência das normas sociais e dos códigos morais que regem as perceções dos indivíduos através de uma doutrinação conservadora, machista e purista que condena e exclui todos aqueles que não se enquadram nas linhas normativas vigentes, perspectiva esta que é constantemente legitimada e consolidada por meio de discursos religiosos, políticos e mediáticos que polarizam e fragmentam os diferentes setores populacionais. O modo como as trabalhadoras sexuais e as restantes comunidades subalternas são publicamente percecionadas e representadas, alimenta e amplifica a marginalização a que são sujeitas, perpetuando uma visão estigmatizada que se imprime nos códigos psicológicos e emocionais da população normativa, influenciando a forma como esta interage e interpreta a presença das trabalhadoras sexuais nos espaços urbanos.

Deste modo, estas construções sociais criam uma fronteira entre as comunidades normalizadas e as comunidades marginais, dificultando a plena integração das trabalhadoras sexuais na cidade, bem como o seu reconhecimento como membros legítimos da sociedade. Considero que a estigmatização e o preconceito da população normativa para com os restantes é, em muitos casos, uma mera reprodução e projeção de discursos dominantes que distorcem a realidade e perpetuam a exclusão, sendo que

as percepções de perigosidade, estranheza, mal feitura e desvio são moldadas por narrativas que, frequentemente, ignoram a complexidade e a diversidade das experiências das trabalhadoras sexuais, reduzindo-as a estereótipos simplistas e desumanizantes.

Esta visão é desafiada quando existe uma proximidade e convivência prolongada com estas mulheres, demonstrando que uma maior coesão intercomunitária permite uma compreensão mais reflexiva, empática e tolerante das diversas comunidades que habitam os espaços urbanos, mostrando que a verdadeira natureza das trabalhadoras sexuais, de facto, pode diferir das representações distorcidas que são amplamente difundidas.

Ademais, a dualidade presente entre os transeuntes e os residentes, também nos incita a refletir sobre a profunda influência do planeamento urbano e da configuração dos espaços urbanos da cidade nas representações sociais dos indivíduos em relação às comunidades subalternas, fazendo-nos refletir sobre até que ponto é que a disposição e organização funcional e morfológica dos espaços molda as visões e percepções que os atores sociais constroem uns sobre os outros. Desta forma, constato que o espaço urbano é tanto a tela, como o pintor, é tanto um produto, como um produtor das dinâmicas sociais que se exprimem nas cidades.

Assim, a percepção de insegurança urbana sentida por parte da população normativa nas zonas dissidentes da cidade legitima a marginalização e estereotipização das trabalhadoras sexuais dentro do tecido urbano, excluindo-as de uma plena participação na vida cidadina. Esta exclusão pode ser analisada quando observamos a movimentação das trabalhadoras pela cidade.

De acordo com os seus testemunhos, a grande maioria das entrevistadas condiciona a sua circulação a espaços que lhes transmitem uma sensação de segurança e conforto, longe dos olhares julgadores da população normativa. Esta tentativa incessante de salvaguarda a atos depreciativos e discriminatórios traduz-se numa movimentação urbana que se subordina aos ideais convencionais de moralidade, dado que, para evitar possíveis situações de risco e vulnerabilidade, as trabalhadoras sexuais

tendem a cingir a sua circulação a áreas da cidade que lhes pertencem, as tais áreas dissidentes.

Contudo, mesmo quando as trabalhadoras sexuais afirmam auferir de um pleno acesso à cidade, assegurando que a sua movimentação não é restringida, os seus discursos demonstram que a estereotipização e estigmatização exercida pela população normativa para com as entrevistadas, opera como uma sombra silenciosa que as acompanha em cada passo na cidade, como se o próprio chão carregasse o fardo do preconceito. Sentimentos como vergonha, insegurança e desonra são emoções que todos os seres humanos procuram evitar, portanto, apesar de existir uma circulação aparentemente livre, o peso emocional e psicológico da discriminação que paira constantemente nos ombros destas entrevistadas, limita, inconscientemente, a sua movimentação na urbe, e, conseqüentemente, a sua participação na cidade.

Este processo de exclusão simbólica e física não só reforça a desconexão intercomunitária entre as trabalhadoras sexuais e a população normativa, como pode levar a um sentimento de alienação em relação ao espaço urbano, dado que, devido às forças sociais externas que amplificam as dinâmicas de poder e de controlo social, estas trabalhadoras sexuais sentem que a cidade não lhes pertence na sua forma plena, refugiando-se em áreas que as acolhem e que lhes transmitem confiança e segurança. Assim, a fragmentação social e urbana afeta diretamente o sentido de pertença das trabalhadoras sexuais, na medida em que, sendo excluídas de zonas moralmente respeitáveis, estas absorvem o preconceito dos demais nas suas percepções do *self*, afetando o seu sentido de valorização pessoal, pois não são dignas de todo o tabuleiro urbano.

Desta forma, a marginalização territorial e social transcende o espaço físico, transpondo-se nas camadas mais íntimas do seu ser, dado que a constante exposição a atitudes discriminatórias corrói os códigos emocionais das trabalhadoras sexuais, sentindo que não merecem mais do que aquilo que a sociedade lhes oferece: violência,

intolerância, repúdio, moldando, assim, a autoestima e o sentido de identidade destas mulheres pois, perante a sociedade, “umas são putas, e outras, são senhoras.”⁴

Este sentimento de despertencimento, de descrédito e de insignificância sentido pelas trabalhadoras sexuais, é reforçado pelas normas vigentes que tecem os limites entre o moral e o imoral, o normal e o desviante, o aceitável e o que deve ser punido, normas estas que estão profundamente enraizadas na herança histórica e cultural da Igreja Católica, que promove uma visão purista envolta num manto de silêncio, constrangimento e discrição em torno do sexo. O sexo, confinado à sua função reprodutora dentro do seio familiar, torna-se em algo que deve ser vigiado, reprimido e censurado, sendo que todos aqueles que não se enquadram nas normas sexuais instituídas são alvo de condenação eterna e escrutínio aos olhos da igreja e, concludentemente, aos olhos da sociedade.

Ainda que, com o avanço dos tempos, a influência da Igreja Católica sobre as normas sociais e morais se esteja a dissolver, e que o pensamento coletivo sobre os modos de ser e estar se esteja a metamorfosear num caleidoscópio de novas perspetivas e numa maior aceitação e inclusão das diversas formas de existência e expressão humana, tal narrativa ancestral ainda detém um papel central na consolidação de um sistema de poder alicerçado numa dicotomia de dominação/superioridade e de submissão/inferioridade em relação à moralidade, perpetuando conflitos nas relações sociais entre os que se conformam com as normas sexuais vigentes e os demais que não se inserem nesse sistema, levando à exclusão e marginalização dos segundos pelos primeiros.

Neste sentido, uma vez que o trabalho sexual é perspetivado como uma prática dissidente que se opõe ao sistema normativo vigente, quem o exerce é socialmente percebido como resíduo social, desviante, marginal. Esta dinâmica compactua e reforça o estabelecimento de relações de poder desiguais entre a população normativa e as trabalhadoras sexuais nos espaços urbanos, sendo que estas dinâmicas de poder podem ser instrumentalizadas através de mecanismos subtis de poder ou através da violência.

⁴ Paráfrase do discurso da entrevista 5 (Miragaia, 16 de março, 16h)

No que concerne às relações de poder subtis, estas podem ter diversas configurações e modos de atuação, podendo manifestar-se através da marginalização e exclusão territorial preconizada pelo poder estatal e pela população normativa para com as trabalhadoras sexuais, excluindo-as de zonas da cidade que pertencem apenas à classe trabalhadora respeitável, bem como através de microagressões verbais ou corporais realizadas pela população normativa na interação com as trabalhadoras sexuais, contribuindo para um ambiente de desumanização constante e para a solidificação de um sistema hierárquico onde estas mulheres residem na base enquanto os restantes indivíduos permanecem no topo da pirâmide.

Além disto, as relações de poder subtis também podem ser exercidas através da coerção económica preconizada pelos clientes para com as trabalhadoras sexuais, reforçando a sua soberania e autoridade financeira em relação estas por meio da recusa ou alteração do pagamento dos serviços sexuais, bem como através da solicitação de trabalhadoras sexuais mais jovens, subsistindo uma necessidade de afirmação de autoridade e dominação, uma vez que a jovialidade é, frequentemente, associada a uma maior vulnerabilidade, inocência e maleabilidade, características estas que podem ser percebidas como um fator facilitador para a manipulação e persuasão destas jovens, exercendo uma dinâmica de controlo que submete as trabalhadoras sexuais numa posição de submissão e obediência.

Considero que estes atos de dominância não se resumem a um caso de preferência individual, mas antes expressa a estrutura patriarcal que permeia a sociedade portuguesa, perspetivando as mulheres, especialmente as mais jovens, como objetos sexuais passíveis de ser controlados e utilizados para o prazer masculino. Esta dinâmica machista está historicamente enraizada na prática de prostituição, dado que a preferência por mentes e corpos jovens não é recente, refletindo as normas culturais e sociais que valorizam a juventude e a inexperiência como qualidades desejáveis para a prática de prostituição, sendo que esta dinâmica de dominação é intensificada quando se considera a disparidade de idades entre as partes envolvidas, propiciando o estabelecimento de uma relação de submissão onde a juventude é valorizada pela facilidade com que pode ser dominada.

Por outro lado, as relações de poder instrumentalizadas através de atos de violência, preconizam-se pela dominação física dos clientes em relação às trabalhadoras sexuais, tendo como intuito subjugar-las e desumanizá-las, deixando-as numa posição de vulnerabilidade e inferioridade constante, sendo que, quando a prática de prostituição é efetuada em zonas de consumo de droga, esta relação de poder assume contornos ainda mais extremos.

Estas relações de poder são, evidentemente, um reflexo dos códigos morais que permeiam a sociedade portuguesa, sendo que as trabalhadoras sexuais presentes na minha amostra inserem-se num segmento populacional que está triplamente vulnerável a este fenómeno, no sentido em que, por um lado, são mulheres, e portanto, fazem parte de um setor demográfico que está estatisticamente mais suscetível a sofrer atos de violência devido às desigualdades de género inscritas na sociedade, por outro lado, são trabalhadoras sexuais, afastando-se das normas vigentes por exercerem uma atividade dissidente, sendo perspetivadas como objetos sexuais, e, para finalizar, são toxicodependentes, estando, portanto, mais suscetíveis a situações de risco devido à sua dependência química. Desta forma, tal conjuntura torna estas profissionais do sexo extremamente expostas a relações de poder assentes na violência, sendo que estas são legitimadas pelos agressores em prol de uma suposta superioridade moral.

Todavia, é imperativo evitar uma perspetiva paternalista ao analisar as dinâmicas urbanas que se inscrevem nos espaços e as relações de poder que neles são exercidas, dado que as profissionais do sexo não são meras agentes passivos das suas circunstâncias e ambientes, pelo contrário, elas atuam como protagonistas ativos, negociando e reivindicando a sua presença e identidade nos espaços urbanos, revelando, assim, a luta constante por autonomia e dignidade dentro de uma cidade dominada pelos poderes hegemónicos da moralidade cristã, onde a própria existência das trabalhadoras sexuais no espaço é, por si só, um símbolo de resistência e afirmação. Ademais, no que concerne às dinâmicas de poder que se desenrolam nos espaços citadinos, estas mulheres implementam estratégias adaptativas que permitem a detenção de um autodomínio acrescido sobre as suas práticas e os seus corpos, nivelando, assim, um pouco mais a balança de poder.

Em suma, podemos concluir que as representações e as experiências das trabalhadoras sexuais em relação ao espaço urbano podem ser interpretadas como uma dança constante entre a luz e a sombra, onde estas mulheres são as protagonistas que se movem por um palco, ora iluminado por holofotes, ora coberto por densas cortinas escuras, sendo que as suas trajetórias e experiências no espaço urbano são continuamente moldadas pelas forças de exclusão e discriminação que operam nos bastidores e pelos focos de resistência e afirmação que ganham destaque no palco da cidade. Este cenário urbano é, então, caracterizado por um paralelismo quase lírico onde o estigma e a resiliência coabitam, exprimindo-se num ciclo constante de conflito e reconciliação, subsistindo, assim, uma negociação permanente das identidades das trabalhadoras sexuais dentro de um sistema que as marginaliza e despreza, evidenciando a capacidade destas mulheres em se reafirmarem num sistema que as nega. Portanto, diante deste espetáculo de opostos, convido à seguinte reflexão: A cidade, no seu grandioso palco, é verdadeiramente um espaço que acolhe todas as suas personagens, um cenário que é de todos e para todos?

4.2. Pistas futuras

O universo do trabalho sexual é grandemente heterogéneo, abarcando no seu cerne múltiplas realidades e configurações, destacando-se como uma temática de estudo que requer contínuas investigações que promovam o conhecimento aprofundado desta prática. Desta forma, tendo em conta os contornos metodológicos da presente dissertação e as limitações temporais da mesma, torna-se premente a necessidade de fomentar novas pesquisas que explorem a realidade desta prática em Portugal, bem como as suas implicações na configuração dos territórios urbanos e na utilização dos espaços públicos.

Tendo em conta esta premissa, apelo a realização de investigações que integrem uma abordagem multidisciplinar, conjugando os princípios teóricos e empíricos oriundos de diversas disciplinas científicas com o intuito de promover uma análise interdependente, abrangente e reflexiva deste fenómeno. Posto isto, considero relevante explorar futuramente as seguintes dimensões de análise:

Um estudo comparativo entre géneros, de modo a indagar as experiências dos trabalhadores sexuais de diferentes géneros, de modo a obter uma maior compreensão das dinâmicas de poder, vulnerabilidade e resistência no espaço urbano, sob a ótica das distinções de género;

Ademais, considero essencial adotar uma abordagem biográfica no estudo desta realidade, que analise as histórias de vida, as motivações e as trajetórias que levam esta população alvo a ingressar na prática do trabalho sexual, tendo como objetivo obter uma contextualização mais rica das vivências individuais destes sujeitos;

De seguida, salvaguardo a necessidade de explorar as diversas modalidades do trabalho sexual, dado que a análise das distintas configurações desta prática pode contribuir para um saber mais aprofundado da interação com o espaço urbano, da forma como este é utilizado, bem como das dinâmicas de visibilidade e invisibilidade que emergem em diferentes contextos e em diferentes modalidades do trabalho sexual;

Considero, ainda, que a realização de pesquisas transversais que contemplem uma amostra mais ampla e heterogénea de trabalhadores sexuais, abrangendo variáveis como idade, etnia, orientação sexual e classe social, seria imperativa para o entendimento da pluralidade de experiências que são vivenciadas por estes indivíduos;

Além disso, ressalvo a importância da análise do impacto das políticas de urbanismo e de ordenamento do território, bem como das políticas de saneamento e conservação da cidade nas experiências e nas representações dos trabalhadores sexuais e das comunidades marginalizadas em relação ao espaço urbano e à sua utilização, avaliando o papel destas políticas na inclusão ou exclusão territorial e, consequentemente, social, das diversas populações que habitam a urbe;

Por fim, o estudo de uma perspectiva de “fora e de longe” do fenómeno do trabalho sexual por parte dos restantes cidadãos pode ser uma mais-valia na compreensão das perceções, representações e atitudes dos habitantes urbanos em relação à presença dos trabalhadores sexuais nos espaços públicos, visando a compreensão do estigma e preconceito em relação aos trabalhadores sexuais.

Posto isto, proponho a criação de observatórios educativos dedicados ao estudo desta realidade social, promovendo um entendimento mais pleno e próximo das experiências dos trabalhadores sexuais no espaço urbano. Estes observatórios poderiam desempenhar um papel fundamental na transformação de premissas assentes no senso comum sobre este fenómeno, amplamente difundidas pelas massas, com o intuito de criar uma cidade mais tolerante e informada sobre as comunidades que nela residem, onde a pluralidade de vivências é reconhecida e valorizada.

Em nota conclusiva, convido todos os leitores a refletirem sobre o impacto social das políticas de urbanismo nas cidades, incentivando ao pensamento crítico e reflexivo sobre o papel destas políticas na fragmentação do espaço urbano por meio da segregação social e funcional dos territórios, instigando, assim, a divisão e exclusão territorial entre os cidadãos, bem como aumento do sentimento de insegurança urbana. Assim sendo, apelo à promoção de políticas públicas informadas que promovam espaços urbanos inclusivos e coesos e que incitem o diálogo intercomunitário, de modo a fomentar a plena participação na vida urbana a todos os seus habitantes.

Referências bibliográficas

Agier, M. (2015). *Anthropologie de la ville*. PUF.

Bastos, C. (2020). Um olhar antropológico sobre autenticidade e deslocamento nos estudos do turismo. *GT07 - Ciências Sociais, turismo e territórios: desafios, limites e possibilidades*.

<https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUlFVSZVZPljtzOjQ6IjQ0MTAiO3OiO3M6MT0iaCI7czozMjoiYTtk1NGlyMmQ1OTEzZDY2ZGRiNGI2ODI5MmlyZjJhNWliO30%3D0>

Bourdieu, P. (1997). Efeitos do lugar. In P. Bourdieu (Coord.), *A miséria do mundo* (pp. 159-166). Petrópolis, RJ: Vozes.

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5944580/mod_resource/content/1/A%20mis%C3%A9ria%20do%20mundo%20-%20Pierre%20Bourdieu.pdf

Castro, A. (2002). Espaços públicos, coexistência social e civilidade: Contributos para uma reflexão sobre os espaços públicos urbanos. *Cidades, Comunidades e Territórios*.

Creswell, J. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. SAGE Publications, Inc.

https://www.ucg.ac.me/skladiste/blog_609332/objava_105202/fajlovi/Creswell.pdf

Da Matta, R. (1981). *Relativizando: Uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes.

<https://introhcs.wordpress.com/wpcontent/uploads/2015/10/relativizandoumaintrroduoantropologiasocial-robertodamatta-150212221050-conversion-gate02.pdf>

Dinis, J. M. (2020). Espacialidade da sexualidade. Lugares de desejo dissidente. Apontamentos sobre a cidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/128611>

Fernandes, L. (2002). Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: as facetas da escrita etnográfica. *Experiência etnográfica em ciências sociais*. <https://hdl.handle.net/10216/94812>

Fernandes, J. L., e Carvalho, M. (2000). Problemas no estudo etnográfico e objectos fluidos: os casos do sentimento de insegurança e de exclusão social.

Ferro, L., Abalos Júnior, J. L., & Pereira, J. M. (2022). Atores urbanos, trajetórias e projetos de vida na cidade: abordagens etnográficas em perspectiva.
<https://hdl.handle.net/10216/147138>

Foucault, M. (1994). *História da sexualidade I – A vontade de saber*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Harvey, D. (1973). *Social Justice and The City*. Oxford: Blackwell Publishing.
<https://erikafontanez.com/wp-content/uploads/2017/09/david-harvey-social-justice-and-the-city.pdf>

Harvey, D. (2014). Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana.

Junior, O. A. D. (2014). Urban common space, heterotopia and the right to the city: Reflections on the ideas of Henri Lefebvre and David Harvey. *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 6, 146-157.

The production of space (D. Nicholson-Smith, Trad.)

Henri, L. (1991). *The production of space* (D. Nicholson-Smith, Trad.) Massachusetts: Blackwell.
https://monoskop.org/images/7/75/Lefebvre_Henri_The_Production_of_Space.pdf

Lefebvre, H. (2011). *O direito à cidade* (R. E. Frias, Trad., 5ª ed.). São Paulo: Centauro Editora.

O'Neill, M., & Roberts, B. (2020). *Walking methods: Research on the move*. Routledge.
[file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/walking-methods-research-on-the-move-9781315646442-9781138182486-9781138182479_compress%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/walking-methods-research-on-the-move-9781315646442-9781138182486-9781138182479_compress%20(1).pdf)

Moreira, V., Rolo, A., & Cardoso, J. (2016). *Violência no contexto da prostituição: Impacto psicológico*. Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz.
<https://core.ac.uk/download/pdf/223215231.pdf>

Oliveira, A. (2001). *Da prostituição ao trabalho sexual: Atrizes, práticas e contextos* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Areal Editores.

Ramalho, N. A. (2012). A estigmatização do trabalho sexual: contributos de Michel Foucault na análise do poder e controlo sobre a sexualidade. <http://hdl.handle.net/11067/1061>

Rocha, A. L. C. D., & Eckert, C. (2008). Etnografia: Saberes e práticas. *Iluminuras: Série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS*, 21, 1-23. <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301/5371>

Silva, E. (2013). As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais. *Revista Angolana de Sociologia*. <http://journals.openedition.org/ras/740>

Silva, J. (n.d.). *O direito à cidade sob a perspectiva das capacidades*. Departamento de Ciências Sociais, PUC-Rio. https://pucrio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2012/relatorios_pdf/ccs/SOC/SOC-Jo%C3%A3o%20Manoel%20Bentes%20Nonato%20da%20Silva.pdf

Tarsi, E. (2016). As lógicas da exclusão urbana no contexto português: uma perspectiva Sul-Norte. In *Forum Sociológico. Série II* (No. 29). CESNOVA.

Anexos

Anexo 1- Guião geral entrevista

Fale-me um pouco do seu percurso de vida e da sua atividade profissional.

Como é que o facto de exercer prostituição em locais públicos influencia a sua perspetiva e experiência enquanto profissional do sexo? E como pessoa, sente que o facto de exercer esta atividade alterou a forma como vive o seu quotidiano e como as pessoas a veem e abordam?

Como geres o facto de exercer esta atividade em espaços públicos? Sente que tem de se comportar ou agir de forma diferente devido ao facto de estar mais visível no seu local de trabalho do que se trabalhasse em contextos de interior como em apartamentos?

Como se sente ao exercer a sua atividade na rua? Como lida com o facto de estar mais exposta e vulnerável durante a sua atividade em espaços públicos?

Como interage com o espaço público durante a sua atividade? (formas de estar, posicionamento, abordagem, segurança, exposição...)

Para si o que simboliza a prostituição e como lida com as reações de outras pessoas que não se prostituem? Considera que as reações de outras pessoas afetam a forma como se sente em relação ao seu trabalho e enquanto pessoa?

De que forma é que o facto de trabalhar em contexto de rua influencia a sua atitude e forma de estar enquanto trabalha?

Consideras que as pessoas a tratam de forma diferente quando sabem qual é a sua atividade? E como geres essas emoções?

Considera que forma como se movimenta na cidade e faz o seu dia a dia é influenciada pela sua atividade profissional?

Para si, quais são as maiores barreiras ao exercício da prostituição de rua?

Num modo geral em que zonas costuma trabalhar mais? E porque é que escolheu essas zonas para exercer a sua atividade?

Qual é o seu horário de trabalho habitual? Escolheu esse horário devido a alguma razão particular?

Anexo 2- Transcrição entrevista 1

(Bairro do Cerco do Porto, 8 de fevereiro, 11h)

E1⁵: Está a gravar. Apenas para ficar registado, dás-me consentimento para realizar esta entrevista e para utilizar as informações da mesma para a minha dissertação?

e1⁶: Sim meu amor, já tinha dito que estás à vontade.

E1: Obrigada. Então vamos começar, pronto a primeira... deixa-me só confirmar se está a gravar. Ok está. Podemos começar.

E2: Queres sentar-te aqui? Tens aqui uma cadeirinha.

e1: Não, estou bem em pé.

E1: Preferes...como é que preferes? Estas bem assim? Podemos ir para outro lugar se te sentires mais confortável.

e1: Eu estou bem assim.

E1: Tu é que sabes, como for melhor para ti, mesmo, sem problema. Estás bem aqui?

e1: Eu estou bem sim, começa.

E1: Ok, a primeira pergunta que eu tenho para ti é uma pergunta mais geral.

e1: Vai direta, vai direta, sem medo em respondo a tudo.

E1: podes não responder a qualquer pergunta que não te sintas confortável.

e1: Não, não, mas mesmo que sejam sensíveis não faz mal que eu respondo.

⁵ E1: Entrevistadora

⁶ e1: Entrevistada

E1: Ok. Então eu queria que me falasse um bocadinho do teu percurso de vida e da tua atividade.

e1: O meu percurso de vida foi muito horrível porque eu fui violada por meu pai quando era pequena e depois ele desapareceu e só aos 12 anos é que voltou. Quando ele disse-me que eu tinha que deixar a minha avó, eu tive que fugir de casa.

E1: Vivias com a tua avó?

e1: Vivia com a minha avó desde que nasci. A minha mãe nunca me criou. Por isso é que eu te digo, há certas pessoas que têm filhos para vir ao mundo sofrer e não devia de ser assim.

E1: Sem acompanhamento.

e1: Claro.

E1: E fugiste de casa e foste para a rua?

e1: Com doze.

E1: E a partir daí ficaste sempre na rua?

e1: Sim, sim, sempre.

E1: Desde os doze?

e1: Desde os doze até agora. Até agora.

E1: E tens contacto com a tua família?

e1: Tenho...tenho contacto com a minha mãe, com a minha tia, com o meu tio, a minha irmã. A minha tia irmã não porque ela quis me meter na cadeia sem motivo nenhum. Estive a viver com ela um mês e vendeu-me a um preto. Não vale a pena.

E1: E o que é que me pode falar um bocadinho da tua atividade?

e1: A minha atividade é...desde que eu...obrigaram-me a consumir, ataram-me a uma cama. Fiquei um ano sem comer, sem beber, sem nada e tinha um buraco debaixo do rabo para fazer as necessidades. Fui violada várias vezes.

E1: Ainda quando vivias em casa...

e1: De um rapaz que quando cheguei cá. Eu estava a ver que estava a desistir, aceitei e comecei a consumir e ele me meteu-me a trabalhar na vida da noite e nunca mais deixei. É a vida mais fácil. E é a mais perigosa. O meu pai vendeu-me, desde pequena.

E1: E como foi a tua experiência quando começaste na rua?

e1: Ó meu amor, foi o que é, não é? Fui violada, espancada...

E1: Por clientes?

e1: Sim, homens. Um, um dia levou-me para um beco onde eu também consumia e espetou-me a cona com um ferro quente, tive de ir para o hospital. Mas não gosto de falar disso, deixa-me muito mal pensar no passado.

E1: Sim, claro que sim. Não precisamos de falar de nada que não te sintas confortável em partilhar. E achas que o consumo acabou por ser uma forma de te protegeres do que estava a acontecer?

e1: Sim, mas não protege nada. Quando iniciei a consumir pensava que sim, mas era ao contrário. Agora vejo que é o contrário.

E1: O que é que me podes dizer sobre isso?

e1: É um sentimento que eu nunca pensei ter. Ódio...por mim mesma. Querer-me matar ao ponto e não vale a pena. Porque a vida é boa, a gente é que faz a vida.

E1:E achas que isso foi potenciado pelo consumo e pela prostituição?

e1: Sim. A gente leva com todo o tipo de homem. Todo que existe à face da terra. De assassinos, a mandar na pessoa por uma pequena coisa. Nunca confies em homens filha, só querem o teu mal, sempre sempre sempre.

E1: Sim, na rua sentes...sentes essa exposição.

e1: É, exatamente filha.

E1: Eu depois já te vou perguntar um bocadinho sobre isso. Mas em relação ao que me estás a contar, já pensaste em teres algum tipo de acompanhamento? Alguém....

e1: Já tive, já tive.

E1: Alguém para desabafares.

e1: Não adianta, ainda fico pior.

E1: Ficaste pior? Sentes que pensas mais nas coisas e te sentes pior ou?

e1: Hmhm é isso porque aquilo que eu passei, já passei. E só quero é que fique lá no escuro. Percebes? Não quero voltar a ter aquele sentimento, porque eu não era sociável como estou a ser com vocês aqui. Eu era rude. Era má.

E1: Então sentes que apesar de tudo já houve uma evolução?

e1: Já, já. Desde que tive os meus filhos, sim.

E1: E tens quantos filhos?

e1: Seis.. Já estão todos casados, já sou avó nove vezes. Agora vou ser avó de duas já. De todos os seis. Agora vou ter dois gêmeos do Manu. Não é fácil, não.

E1: É muito filho e é muito neto. (risos) Mas é família.

e1: Claro. Eu estou nesta situação porque não quero dar braço torcer, sabes?

E1: Em termos de alojamento?

e1: Sim, prefiro ser eu própria. Não quero depender dos meus filhos. Porque se tu vais para a casa dos teus filhos, vais começar a mentir. A enrolar para poder sair, para poder fazer dinheiro para consumir. E eu não quero isso.

(barulho de fundo, troca de lugar)

E1: Os teus filhos sabem que te prostituis?

e1: Eles são contra, mas olha é assim...

E1: Sim, mas sentes que a prostituição acaba por ser uma decisão tua?

e1: É. É uma decisão minha. Porque é uma rota fácil, em vez de eu andar aí a pedir, a ficar com mais ódio ainda, por não me ajudarem por eu ser sem-abrigo. Prefiro vender o meu corpo.

E1: Sentes-te em controlo de ti quando fazes essa atividade?

e1: Sim, tenho todo o controlo.

E1: A minha próxima questão é como é que o facto de exerceres a prostituição em locais públicos, ou seja, que estão visíveis para toda a gente, influencia a tua perspetiva e experiência enquanto até profissional do sexo, enquanto trabalhadora sexual?

e1: Porque eu dou bons conselhos, já os passei.

E1: Mas às pessoas que estão a entrar neste mundo, ou?

e1: Toda a gente sabe que eu faço isto. Eu não escondo, para quê esconder? Passas na rua, vejo a andar para um lado e para o outro, o que é que estás a fazer?

E1: Como é te sentes com as pessoas que passam?

e1: Estas pessoas passam e não... não ligam. Não me tratam de forma diferente sabem o que estou a fazer.

E1: E a minha próxima questão era um bocadinho sobre isso, sentes que o facto de exerceres a prostituição alterou a forma como tu fazes o teu dia-a-dia e como as pessoas te veem?

e1: Não vejo isso. Porque em todos os sítios que eu tenho andado, eles sabem o que eu faço. Porque eu respeito.

E1: Sim.

e1: E ali na loja do cidadão, quando eu estava ali, agora já não estou.

E1: A trabalhar?

e1: Não, a dormir. Eu ali não fazia isso. Onde eu durmo, não trabalho. Nunca. O meu sítio é só o meu e o do Pedro. Não é de mais ninguém.

E1: É o vosso espaço.

e1: É o meu espaço. É o meu cantinho, é o meu berço. Porque se levar toda a gente ali já não vai ser o meu berço.

E1: Sim. Sim, acaba por ser o seu espaço seguro, não é?

e1: Claro.

E1: Então, por exemplo, até as pessoas...as pessoas que te conhecem e que sabem que fazes esta atividade, ou pessoas estranhas....

e1: A minha família toda a gente sabe e respeitam o que eu faço. E respeitam-me, sim. Porque eu dou-me ao respeito.

E1: Sim. Também pedes isso de volta, não é?

e1: Sim. Tem que ser uma coisa... antes de trabalhar, pedir para me respeitar. Sempre. Sempre. Sempre. Às pessoas que não cumprem, dão-se mal.

E1: E pessoas, por exemplo, desconhecidas? Estás a trabalhar num certo sítio, ou a solicitar num certo sítio, e vêm, por exemplo, grupos desconhecidos ou pessoas que não te conhecem. Sentes que és abordada de forma diferente por estares a solicitar, ou...

e1: Não, acho que não. Nunca me aconteceu.

E1: Nunca te aconteceu. Sempre tiveste experiências minimamente positivas nesse...no sentido em como as pessoas te veem.

e1: Sim. Porque se tu não te dás o respeito, não me tens o respeito. Não é? Porque se tu vais a um café vestida da mesma maneira que estás a trabalhar, não pode ser.

E1: Achas que tem que haver uma diferença.

e1: Claro. Porque as pessoas não têm que levar comigo, não é? Da maneira que eu estou vestida. Quando estou à procura de clientes visto-me de forma diferente para eles gostarem.

E1: E quando tu estás na rua, tu tendes, por exemplo, a ir mais para um sítio resguardado do que um sítio em que, por exemplo, vejas que estão muitas pessoas?

e1: Não.

E1: Como é que é esse processo?

e1: Para fazer os clientes, a gente tem que ser isolado. Isso é. Porque há certas pessoas que querem estar com pessoas, eu não aceito. Nunca...não faz o meu género.

E1: Mais que uma pessoa?

e1: Mais que uma pessoa, sim. Eu já fui com seis pessoas e ia uma de cada vez, não é? Mas estava lá muita gente e eu disse não, não quero. Entreguei o dinheiro e vim-me embora.

E1: Então, por exemplo, solicitas na rua mesmo estando pessoas?

e1: Não. É sempre em sítios isolados. É sempre... Por exemplo, aqui, aqui não. Aqui não, porque há pessoas e há movimento. Há sempre pessoas a passar, nunca há concentração, nunca há para ter uma pessoa chegar ao ponto não pode estar distraída. Não é?

E1: Sim.

e1: Quando tu estás com o teu namorado, não gostas de estar com as pessoas à volta.

E1: Sim.

e1: Gostas de ter um sítio isolado e com privacidade.

E1: Claro. Isto vai de encontro com a próxima pergunta. Como geres o facto de exerceres em espaços públicos? Por exemplo, sentes que tens de comportar, como tu já falaste um bocadinho, e agir de certa forma, devido ao facto de estares mais visível, porque trabalhas, diretamente na rua?

e1: Sim, é isso...

E1: Do que, por exemplo, se te prostituíssem em apartamentos?

e1: Não. Não, não me dou em apartamentos. Não me dou, porque eu já trabalhei numa casa e obrigaram-me a fazer sem camisa, e eu disse, não quero.

E1: Ok. Sentes que tens mais controlo na rua?

e1: Claro. Aliás, controlo no trabalho. Porque eu não vou estar a ir para uma casa onde vai lá qualquer um, nem fazem exames nem nada e querem que a gente faça sem camisas. Não aceito.

E1: Então sentes que tens assim mais um controlo sobre o teu corpo quando estás na rua?

e1: Claro, sim. Sempre, sempre. Sim é as minhas regras e eu não mudo. E não mudo. Sou fixa nisso eu já faço esta vida há 25 anos, ou mais ainda.

E1: Quantos anos é que tens?

e1: Quarenta e três. Eu já faço isto há muitos anos e olha que nunca, nunca, mesmo a rressacar, a borrar-me toda, não aceitei fazer sem camisa.

E1: Para a tua própria proteção.

e1: Claro. Claro. Porque o meu irmão morreu com a SIDA e eu sei muito bem o que é perder uma pessoa com essa doença e ele deixou a vida... novo, com 23 anos. E era o meu bijuzinho.

E1: Ele era mais novo?

e1: Era, era mais novo.

E1: Eu queria... Tu já me explicaste, mas eu queria aprofundar se, por exemplo, o facto de exerceres na rua se sentes que tens de te comportar de forma diferente ou ir para sítios...

e1: Eu tenho de ser eu própria.

E1: Sim. Comportar até pode ser em formas, por exemplo...

E1: De trabalho?

E1: Sim.

e1: De trabalho não eu não faço isso.

E1: Como assim?

e1: Eu quando vou com uma pessoa...tenho o meu sítio, não é? Tu apanhas essa pessoa, vais de carro, vais para um sítio. Não vais a pé!

E1: Exato. Então, o que eu estava a perguntar era exatamente isso. Até podes solicitar na rua, encontrar um possível cliente, mas depois o ato em si, preferes ir para um sítio que já conheces.

e1: Claro, claro que sim, é afastar das pessoas. É o respeito que eu tenho de dar porque as pessoas que não entendem o que isto é, porque há, entre aspas, normais e toxicodependentes, não é? E vocês não veem toxicodependente com a boa cara, pois não?

E2: Eu vejo. (risos) Tu és um espetáculo!

(Conversas paralela entre o assistente social e a entrevistada)

e1: Eu não ouvi o que ele disse.

E1: Ele estava a dizer que tu és um espetáculo. (risos)

e1: Ei! (risos) Ai mãe. (risos) Mas a vida em si ensinou-me o respeito e é respeitar o próximo. É coisa que eles não sabem que isso é, eles entendem droga, droga, droga e sempre droga. Não é o respeito por ela mesma, elas não têm valor, não dão valor a eles mesmos, dão valor à droga, até a consumir à frente de toda a gente. Eu às vezes, quando estou lixada da cabeça, dou uma caneca à frente de toda a gente, mas sinto-me mal.

E1: Prefere que seja uma atividade mais privada.

e1: É evidente, mas opá...

E1: E sentes que fazes isso também até pela tua própria...

e1: Segurança.

E1: Na prostituição?

e1: Sim, porque os homens não gostam que a gente consuma.

E1: E sentes que os homens...

e1: Tenho mais segurança quando é um espaço que eu conheço e controlo.

E1: Sim.

e1: Do que se fosse no meio da rua em que não conheço. No meio da rua nunca fiz, nunca fiz nem faço. A primeira regra da prostituição é essa. Nunca fazer na rua, no meio da rua. Por exemplo, tu tens um prédio aqui, não é? Apanhas um cliente e ele quer fazer ali. Não. Não podes fazer porque está sempre a passar gente, mora gente no prédio, não dá. A primeira regra é essa. Gosto sempre de ter o meu espaço para controlar os homens, porque nunca se confia, não é? Eles só te querem mal, mas nós precisamos deles mas nunca confiar, nunca, nunca, nunca. Já fui muito inocente, mas agora não, já vivi muito e já sofri muito, muito mesmo, estar na rua não é fácil, é o caminho fácil e dói. A segunda é não habilitar a fazer-se sem camisa com ninguém, nada, nada.

E1: É uma regra tua.

e1: É uma regra minha já... desde o início. Porque eu ganhei a sífilis, como já ouviste falar. Está controlada porque eu gosto de...

E1: Cuidas de ti.

e1: Claro, tem que ser, mas é a única doença que eu tenho, não tenho mais nada.

E1: Sentes que com essa segurança tens mais controlo sobre a situação com um cliente?

e1: Eu tenho mais controlo. Por eles, porque eles não utilizam a cabeça, utilizam mais a cabeça de baixo do que a cabeça de cima. É que eles... primeiro fazem as coisas, depois é que pensam. Eu não, eu primeiro penso e depois é que faço porque é isso que tu tens de fazer para não te arrependeres tens de saber aquilo que queres. Não tens um cigarrinho amor?

E1: Aqui não, desculpa.

e1: Não tens de meter desculpa, não me debes nada. Tá-se bem.

E1: Ok (risos). Então deixa-me só...(pausa mudança de sitio, continuámos a andar) Eu ainda tenho mais duas ou três para ti, se for ok.

e1: Não, tá-se bem.

E1: Ainda queria especificar aqui algumas coisinhas que falaste. Mas se quiseres para outra vez podemos continuar noutro momento. A minha pergunta então era, como é que interages com a rua? Ou seja, por exemplo...

e1: Interajo muito mal...

E1: Como assim?

e1: A gente tem que ver com quem tu estás, porque é diferente eu estar com ele ou estar com outro e depois ele passa a ver-me ali, mas passa com a mulher...aí eu não falo. Eu não posso dizer, olá, tudo bem que sou a X que fui contigo. Não posso.

E1: Acaba por haver quase essa regra da confidencialidade.

e1: Sim, há uma regra que a gente tem que eles necessitam de nós e nós necessitamos e deles porque necessito de dinheiro, é isso que é a regra fundamental, sigilo.

E1: Sigilo, Ok. Para todos os teus clientes?

e1: Para tudo. Para tudo. Eles já não porque eles falam com toda a gente né? A gente sabe, mas da minha parte eles podem passar e não adianta.

E1: Não vais interagir. E quando, por exemplo, quando tu estás a solicitar clientes, tu sentes, por exemplo, como tu estavas a dizer até a forma de vestir, que é o modo trabalho e depois o modo de ir ao café...

e1: Mas eu trabalho de qualquer maneira, seja de calça, seja de saia, seja de mini-saia, qualquer coisa. Às vezes, tenho que expor mais que...

E1: Sim, sentes que há essa necessidade.

e1: Claro, mas naqueles sítios, não é em todo o lado.

E1: Ou seja em ruas específicas.

e1: É, porque a gente não vai estar de soutien à beira das pessoas, não é?

E1: Já falámos um bocadinho da exposição, ou seja, expõe-se para os seus clientes, mas depois a prática em si é isolada é fora dos olhos de toda a gente.

e1: Sim é isso.

E1: Em termos de segurança, prefere ser tu a escolher o local porque...

e1: Claro, podem estar lá na minha espera num sítio qualquer e a situação pode sair-me do controlo, não é?

E1: Tu sentes alguma insegurança ao solicitar na rua?

e1: Sim, sim, sim...

E1: Já houve alguma situação em que sentes essa insegurança?

e1: Sim, muito.

E1: A minha questão era um bocadinho isso, por exemplo, as tuas formas de estar tendo em conta essa insegurança que tu sentes para com um cliente novo ou um potencial cliente consegues-me dizer um bocadinho como é que tu...

e1: Fico um pouco nervosa, fico um pouco desequilibrada, mas depois conversando fica normal. Primeiro ajo diferente porque tento-me abrir mais mas com cuidado pela minha segurança na mesma porque nunca se sabe o que temos à frente. A minha segurança em primeiro lugar para a minha proteção porque já houve pessoas que eu acreditei e dei-me mal.

E1: E como é que é essa abordagem?

e1: Chego ao pé da pessoa, começo a conversar e depois é que lhe peço-lhe um cigarro e pergunto se tem uma moeda e depois começo a perguntar se quer ir comigo, se queres me ajudar ou não...começo sempre assim ok. Mas tenho de ter cuidado, muitos tratam-te como lixo não né? E abusam muito, muito mesmo. Eu tenho as minhas regras e os homens muitos não querem saber, a gente acabasse por habituar-se. Como se não fosse pessoa.

E1: Hm, hm. E achas que o seu/teu trabalho influencia como andas na cidade, e como fazes o teu dia-a-dia?

e1: Não percebi. Como é que é o meu dia? É isso?

E1: Por exemplo achas que quando durante o decorrer do teu dia acabas por ficar em certas zonas do Porto porque depois vais trabalhar nessas zonas ou não é algo que costumavas fazer?

e1: Ah... Eu não percebi bem amor mas não, eu ando pela cidade toda. Sou sem abrigo não é? Eu trabalho aqui nesta zona, depois é onde calha, vou vendo como estão os sítios.

E1: Como assim, podes explicar um pouco melhor?

e1: A gente consume aqui não é? Onde estamos todos também para tomar a meta não é? Eu vivo aqui ao lado, ali naquela estradas, olha ali consegues ver daqui.

(mudança de sitio enquanto entrevisto)

E1: Ahh ali onde estão aquelas tendas?

e1: Claro, estou lá a viver com o Luis mas nunca trabalho ali, ali nunca ali é o meu espaço. Sempre fora, vejo as zonas percebes?

E1: Sim, sim estou a perceber. Então...

e1: Eu vou vendo, já tenho clientes que sabem onde estou e veem ter comigo, outros vou procurando por aí.

E1: Mas costumavas ter algum lugar de trabalho específico?

e1: A gente tem mas não tem. Depende muito, se tá a chover não vou estar na rua vou para um sitio resguardado.

E1: Sim, claro. Mas tens algumas zonas que tendes a trabalhar mais ou?

e1: Por aqui...no Cerco e ali naquela zona (aponta) mas não sei não é? Também temos de ver as pessoas, é preciso respeito.

E1: Podes elaborar?

e1: É o que eu disse, respeito acima de tudo, não vou para uma escola, não é? Temos de ter cuidado. Eu não quero muito saber o que as pessoas acham, se olham se querem saber, não é? Mas sempre com cuidado para que a gente não se meta em confusões.

E1: Sim, a tua abordagem acaba por depender muito da zona da cidade onde estás e das pessoas que estão a passar é isso?

e1: Claro, claro.

E1: E tens algum horário de trabalho habitual? Mais de dia, de noite...

e1: De dia sim. de noite nunca, nunca.

E1: Porquê?

e1: Nunca se confia em homens...

E1: Mas por uma questão da tua segurança?

e1: Sim, claro.

E1: E em relação à exposição?

e1: Exposição?

E1: Durante o dia acaba por haver sempre talvez mais exposição, não? Achas que ficas mais exposta? E como lidas com isso?

e1: Ah...sim. Há mas depende sabes? Eu não me importo mas de noite há menos mas não compensa.

E1: O risco?

e1: Claro, há segurança no dia, posso ver os meus clientes e perceber as intenções...

E1: E acabas por te sentir mais no controlo?

e1: Sim, claro. A gente tem depois de lidar com outras coisas, não é?

E1: Que tipo de coisas? Podes dizer?

e1: Claro. Opá, coisas, olhares...Amor já acabei a meta tenho de ir ter ali.

E1: Sem problema! Já estávamos a terminar, X. Vai lá, muito muito obrigada pela tua participação! Foste incrível, obrigada por teres tirado esta tempinho para responderes a isto.

Anexo 3- Transcrição entrevista 2

(São Bento, 16 de fevereiro, 15h)

E1: Para amanhã já não é preciso, (risos) fica já despachada. Pronto, como a informei a minha tese é sobre as experiências e representações das trabalhadoras sexuais na cidade do Porto, sendo que atualmente estou a entrevistar trabalhadoras sexuais de rua. Consente a gravação desta entrevista para meios académicos e a utilização destas informações?

e1: Sim, sim já me tinhas falado. Podes começar.

E1: Pronto, então, a primeira pergunta é um bocadinho mais geral. Pode-me falar um pouco do seu percurso de vida e da sua atividade profissional?

e1: A minha atividade profissional neste momento é fazer sexo é isso, essas coisas e é sempre com o preservativo.

(interrupção da entrevista para a toma de medicação. Conversas paralelas entre a entrevistada, outros utentes e os profissionais de saúde)

(mudança de lugar da entrevista)

E1: Este sítio está ok? Está confortável aqui?

e1: Hm.hm, sim menina, fecha só aí a porta. Olha aí o vidro também, fecha. Está calor, mas é melhor assim. Pera aí menina, deixa-me só tomar. Tive de ir tratar de um assunto e só cheguei agora. Ó João, dá cá a medicação, ó João despacha-te.

E1: Ele hoje está mais lento, está. (risos)

e1: Victor, dá cá, aqui, aqui.

E1: Já vem aqui à carrinha há muito tempo?

e1: Sim, há quatro anos praí, já há muito tempo.

E1: Tome lá, acho que isto é seu.

e1: Hmhm, dá-me um segundo.

E1: Sem problema.

e1: Ok, feito.

E1: Ok, então vamos retomar, vou voltar a perguntar se me pode falar um bocadinho sobre o seu percurso de vida e de ser trabalhadora sexual, da sua atividade.

e1: A minha atividade é....agora neste momento é sobre sexualidade, não é? Pronto...

e1: Ok.

e1: Mas não trabalho na rua.

E1: Ok.

e1: É só em pensões e sempre com o dito na pila, tás a ver?

E1: Ou seja, tem as suas regras.

e1: Claro, não sou maluca. Pronto e é o seguinte...mas eu também quero deixar esta vida, não dá muito...

E1: E está há quanto tempo?

e1: Há cerca de... quatro anos e meio, mais ou menos.

E1: Quatro anos?

e1: Opa fiquei sem trabalho, sem nada.

E1: E começou a ir para a prostituição?

e1: Sim, depois meti-me na droga, pronto, foi o que me fodeu.

E1: Mas então...

e1: E agora a droga foi-se, não é? Ando na metadona mas também me fodi mesmo grande, muito mesmo. Reduzi muito mesmo, até a Virgínia falou assim para mim: como é que pode ser? Não pode. Eu estava a tomar setenta... para trinta? É assim, é logo, ou é ou não é. (risos)

E1: Acabou por reduzir logo de uma vez.

e1: Sim, ao é ou não é. E tás a ver eu tou bem. Mas mesmo assim agora tomei e amanhã se não tomar estou bem na mesma.

E1. Isso é bom, já significa uma evolução.

e1: Já, já, exatamente.

E1: E o seu trabalho? Pronto há mais ou menos quatro anos, não é? E era para consumo ou era para...

e1: Era para pagar, era para pagar, era para pagar as minhas contas e para consumo também.

E1: Ok. E nunca trabalhou na rua?

e1: Não, ya. Era.

E1: Mas angaria os clientes na rua ou como funciona?

e1: Não, só aqui na estação de São Bento, aqui fora.

E1. Ou seja, ia buscá-los à estação e não...

e1: Não, não. Estou ali, não é? (aponta para a estação) Eles vão ter comigo e eu vou com eles lá acima ali.

E1: Ah, então acaba por ser na rua a solicitação? No espaço público.

e1: Exatamente, sim.

E1: E é sempre aqui? (Aponta para a estação)

e1: Ya.

E1: Por alguma razão específica?

e1: Porque eu não vou para mais nada nenhum, porque eu não confio em mais nada nenhum.

E1: E porque é que confias mais nesta zona?

e1: Eu confio mais nesta zona porque aqui tem muita mais gente, sabes? E assim como há muita gente que é violada e tal, entendeste? Sabe o que quero dizer? Pronto, é isso.

E1: Ou seja, é nível de segurança.

e1: Exato, exato.

E1: E por causa da exposição também? Tem muita gente na rua.

e1: Exato, ya.

E1: E sempre foi aqui?

e1: Sempre.

E1. Não se vê a trabalhar noutro sítio?

e1: Não.

E1: E costuma ser sempre nos mesmos...os clientes são fixos ou?

e1: São. São sempre os mesmos.

E1: E como é que os aborda?

e1: Vem ter comigo ali ou liga para mim, é melhor assim.

E1: E inicialmente...agora se calhar já têm os seus contactos, não é?

e1: Claro.

E1: Mas inicialmente, como é que os abordava? Como é que se comportava?

e1: Eles é que vinham ter comigo, não era eu que ia ter com eles. Eles é que vinham ter comigo.

E1: Ok. E como é que eles sabiam? Por exemplo...

e1: Vem dar para mim e olhavam, vinham e perguntavam olha não vais levar a mal? Vou-te fazer uma pergunta. E eu respondia, sim ou não, não é? Era só isso.

E1: E era por estar numa zona mais conhecida por...

e1: Mais resguardada, não ali mesmo à beira.

E1: Ok. E nessa zona costuma também estar outras pessoas a fazer o mesmo?

e1: Sim, sim.

E1: Ah, ok então...

e1: Eles iam a mim porque sabiam se eu estava ali porque como estava ali na zona, associavam.

E1: Ok, a próxima é como é que o facto de exercer a prostituição em locais públicos, ou angariar neste caso clientes em locais públicos, influencia a tua perspetiva ou experiência enquanto fazes esta profissão?

e1: Eu quero arranjar trabalho.

E1: Como? Não percebi, desculpe.

e1: Quero arranjar trabalho fora disto.

E1: Ok. Mas sentes, por exemplo...basicamente o que eu estou aqui a perguntar é se... se vives o teu dia-a-dia de forma diferente por fazeres esta profissão. Se andas por mais alguma zona ou...

e1: Não, normal, nada. Vejo isto como um trabalho, uma profissão. Atão não estou a roubar nada a ninguém.

E1: Sim, sim claro! Eu estava a falar de...

e1: Há quem roube, mas eu dou no focinho. (risos)

E1: (risos) Eu estou a perguntar porque...

e1: Mas não é bem assim.

E1: Como assim? Em relação ao que estava a falar?

e1: Em relação à profissão, não é bem assim. Não, não é bem isso, é simplesmente eu estou ali, ou faça ou não faça, eu estou ali, toda a gente sabe dá bem comigo por isso, não excluí de nada, nem deixam de falar para mim, nem nada. Por isso, sou uma pessoa como as outras.

E1: Sim, claro. Vê como uma coisa natural não é?

e1: Sim, mas é assim também não acho bem aquilo que eu estou a fazer, não é? Mas, vá, não vou roubar. Não, roubar é mais feio vou para a cadeia e depois... é complicado. É complicado. (risos)

E1: Que sentimentos é que tens em relação ao teu trabalho?

e1: Assim, não estou... não me sinto bem, não é? Não me sinto bem comigo própria também, não é?

E1: Podes desenvolver? Se te sentires confortável.

e1: Como é que eu hei de explicar? Eu não me sinto bem comigo própria porque assim, eu não faço sexualidade como eles, entendes? Eu finjo que faço, entendeste? Percebeste agora...

E1: Como se fosse uma performance?

e1: Estás a entender? Pronto, é isso. Isso é que me dá me alento para isso. Dá-me gozo, eles pensarem que estou a fazer sexo comigo e não estão.

E1: Vê como se fosse quase um teatro.

e1: A sério. (risos)

E1: E como é que te sentes em relação a isso?

e1: Até me dá mais gozo, é isso que me dá gozo. Eu sinto-me mal é de me verem a ir com as pessoas para os quartos. É isso.

E1: É como? Desculpa não percebi o que disseste.

e1: É verem-me com os homens a ir comigo ao quarto. Entendes? É isso que me sinto mal. Agora o resto dá-me gozo. Dá-me gozo eles pensarem que estão a penetrar e não estão. Isso é que me dá gozo. (risos)

E1: Ou seja, quase a ver ali uma performance. (risos)

e1: Dá-me gozo, a sério. (risos)

E1: Então o que te incomoda é o caminho até ao quarto?

e1: É. Algumas pessoas põem-se a olhar para mim, entendes? E às vezes são piores que nós nesta vida, não é? São piores que muita gente junta e pronto pensam que são os outros e depois são piores que nós.

E1: Ou seja, então, não é propriamente o que tu fazes, mas a forma como as pessoas veem aquilo que estás a fazer.

e1: Algumas pessoas, exatamente.

E1: Na rua.

e1: Exato.

E1: Ou seja, dirias que é aquela exposição da rua entre a estação e a pensão.

e1: Sim, exatamente.

E1: E que emoções sentes quando estás na rua a caminho até à pensão?

e1: Não é bem medo, como é que eu digo, é aquele receio de olharem para mim assim com aquela cara assim de, sei lá, olha lá vai ela e não sei o quê.

E1: De preconceito?

e1: É. Veem-me com maus olhos e não gosto de ser julgada, mas não interessa nada, mas também que se olhem para o espelho delas, não é para o meu, é um espelho, elas que olhem de cima a abaixo para elas. Eu não sou menos que ninguém.

E1: Sim, sim. Então sentes-te mais segura ou protegida na pensão é isso?

e1: Sim neste caso na pensão porque dá-me gozo. Também é mais fechado, tem menos pessoas.

E1: Sim, exato. E como é que vê a rua?

e1: Para isso não, a rua não. Na rua não, é insegurança e as pessoas olham.

E1: Então preferes a pensão por questões então de segurança e de exposição, não é?

e1: Sim, exato.

(mudança de sítio, em andamento)

E1: Foi sempre uma regra tua?

e1: Sempre, não pelo amor de Deus. É uma questão da segurança e de higiene e tudo, não é?

E1: Sim, sim.

e1: Mais, mais perguntas. (risos)

E1: Ok, vamos lá. (risos) Eu queria explorar aqui mais um bocadinho, quando estava a dizer que eles agora vão ter consigo...

e1: Olha, aproveita e faz aquela também. (aponta para outra pessoa)

E1: Como é que esta se chama?

e1: Estela.

E1: Ok, obrigada, tenho de tentar falar com ela. (risos) Agora queria-lhe perguntar, agora eu já percebi que os clientes vêm ter consigo, não é? Já não é aquela...

e1: Não.

E1: Mas, ou seja, então para eles saberem, até possíveis novos clientes, ou até os velhos clientes, para perceberem que está nesta atividade, tem que se posicionar de alguma forma? Abordar de alguma forma? Diga-me como funciona, como costuma trabalhar ali na estação.

e1: Não, ligam para mim, para ir ter com eles ou eles vêm ter comigo.

E1: E antes de terem o seu contanto como é que houve esse primeiro contacto?

e1: Foi que eu que dei o meu número de telemóvel.

E1: E como? Por exemplo...

e1: Quando a primeira vez, não é? Eles não sabiam, não é? Mas depois, quando eles vieram ter comigo, eles disseram olha dá-me o teu número de telemóvel e quando eu vier aqui ao Porto e não sei o quê...

E1: Para ser mais fácil depois.

e1: Prontos, assim ao menos não vou com mais ninguém. Agia sempre normal. Nunca fui ter com ninguém, ficava ali na estação à espera sempre que houvesse alguém a ir ter contigo. Próxima pergunta. (risos)

E1: Ok, percebi. (risos) Eu queria perguntar se o facto de trabalhares aqui nesta zona afeta de alguma maneira a forma como te movimentas pelo resto da cidade?

e1: Não, não. Não me afeta em nada, porque assim, nisso não me afeta, porque assim, eu dou-me bem com toda a gente, como tu vês. Toda a gente me respeita e eu respeito toda a gente. Se alguém desrespeitar outra pessoa que seja da minha profissão ou não eu intervenho. Somos todos iguais, só não somos iguais numa coisa, é roubar. Isso, santa paciência. Uma prostituta como na mesa de um rei e um ladrão não.

E1: Sim.

e1: Não é? É verdade. Mas, por exemplo, o que eu te queria perguntar é, então tu circulas livremente, sem problema certo?

e1: Exato.

E1: Mas por questões profissionais, já que trabalhas ali em São Bento, tendes a fazer o teu dia mais nesta zona, porque é o teu local de trabalho ou não tens essa essa restrição?

e1: Não, eu só venho aqui mais, para fazer, se tiver que fazer, faço. Se não quiser fazer, não faço. Fico por causa da metadona, não é por causa de mais nada.

E1: Ok, ok, percebi. Ou seja, não há essa restrição só porque trabalhas aqui e ficas mais tempo...

e1: Não, não. Eu só venho aqui à tarde, por isso. O resto faço em casa, passo em casa. Não faço nada em casa, simplesmente trabalho em casa, arrumo a minha casa e tudo mais.

E1: Sim, sim, trabalhos domésticos e isso...

e1: Eu agora vou precisar fazer outro curso, então é que vai ser... olha não sei vai ser uma maravilha.

E1: Curso de quê?

e1: Eu não sei do que é que vai ser ainda.

E1: Ah, ainda está...

e1: Não sei, ainda está a haver ali expectativas. Ainda não sei.

E1: E para si, quais são as maiores barreiras ou os maiores obstáculos que sente a exercer essa sua profissão?

e1: Oh filha tás a ver...os entraves...tás a ver...a mim nunca me aconteceu mas tas a ver ali várias pessoas que eu conheço obrigadas a fazer coisas que elas não querem e isso para mim era a pior coisa porque eu matava logo a pessoa e ficava logo ali estendida no chão, pronto, estava tudo arrumado. E é só isso, mais nada.

E1: Ou seja, a maior barreira para ti é a questão de segurança, então?

e1: Exato, é isso mesmo. Mas eu não tenho medo.

E1: Não tem medo?

e1: Não. O que dá-me gozo é eles fazerem o que estão a fazer e eu não tenho medo de nada. Mas não sei...

E1: Também agora já conhece melhor os seus clientes não é?

e1: Exato.

E1: E quando iniciou, mesmo no início, sentia-se igual a agora?

e1: Sentia aquele receio. Sim, mas não... é assim, eu sentia, mas foi logo no primeiro dia que eu comecei a fazer esse entrave.

E1: Ok.

e1: Percebes?

E1: Sim, sim claro. Ok. E eu queria perguntar, é...costuma sempre trabalhar aqui em São bento, e horário de trabalho? Tem algum?

e1: Não, então tu olha, hoje cheguei aqui às duas horas da tarde, duas, duas e pouco e agora vou até lá abaixo e depois daqui a bocado vou embora.

E1: Mesmo que não haja assim um horário específico tem preferência ou de manha, de tarde, à noite? Ou não tem preferência?

e1: Não, não, não, à noite não. Só de tarde, mais ou menos da parte da tarde.

E1: E porque não de noite?

e1: Porque não. É o caso de não. É assim, às noites as pensões muitas delas estão fechadas. Entende?

E1: Ah, então é mais uma questão logística?

e1: Exato. Também há menos pessoas, tá escuro e tal. Mais nada. Só por causa disso. Mais nada. Senão eu não vou para a rua, não sou maluca. De noite não. É isso. Demora muito mais? Tenho de descer.

E1: Pronto, olhe, era só, está tudo. Muito obrigada.

e1: De nada, meu amor qualquer coisa estou lá em baixo.

Anexo 4- Transcrição entrevista 3

(São Bento, 29 de fevereiro, 16h)

E1: Tenho agora de repetir apenas para ficar registado (risos). Consente a gravação desta entrevista para meios académicos e a utilização destas informações? Pode confirmar que os seus direitos foram-lhe descritos e que o objetivo deste trabalho foi-lhe dito?

e1: Sim, minha querida. Foi tudo, podes começar eu aceito.

E1: Ok, muito obrigada. Pronto, a primeira pergunta é um bocadinho genérica, que é falar-me um bocadinho do seu percurso de vida e da sua atividade profissional ou da sua atividade passada como trabalhadora sexual.

e1: Era para ganhar dinheiro para o consumo.

E1: Era para ganhar dinheiro para o consumo?

e1: Era.

E1: Ok. E em termos de percurso de vida, consegue-me contar um bocadinho sobre a sua história?

e1: A minha história?

E1: Tudo o que tiver à vontade para contar, o que não se sentir à vontade...

e1: Para experimentar, para experimentar. Metia-me nas drogas, já uns anos, andava há uns anos, mas agora eu já parei com isso.

E1: Ok. Então começou, consegue-me dizer mais ou menos com que idade? Tem alguma noção?

E1: Prai com vinte e poucos anos.

E1: Começou a consumir? E quando é que se começou a prostituir? Foi por causa da...

e1: Do consumo.

E1: Do Consumo.

e1: Foi quando eu comecei a ficar mais enterrada nas drogas.

E1: Ok. E foi há muito tempo atrás?

e1: Já há muito tempo mesmo. Não me lembro há quanto, mas já vai há muito tempo. Já parei com isso ah praí 1 ano ou mais.

E1: E em termos de... quando fazia a prostituição, consegue-me contar um bocadinho dessa altura?

e1: Era todos os dias.

E1: Havia... havia mais ou menos um horário de trabalho? Ou era quando desse?

e1: Era quando desse, era quando desse. Mas às vezes andava a noite toda, o dia todo.

E1: Ok. E era clientes assim mais fixos? Ou eram...

e1: Mais fixos, podia aparecer um mais raro, mais novo, mas era fixo.

E1: Ou seja, geralmente já a conheciam?

e1: Conheciam, já.

E1: E eram sempre as mesmas pessoas?

e1: Sim, sim, sim.

E1: Pronto. Eu queria lhe perguntar, como é que é o facto de exercer prostituição em locais públicos...

e1: Sim.

E1: Presumo que era em locais públicos, não era em apartamentos ou pensões?

e1: Era em pensões.

E1: Mas solicitava na rua? Ou seja, angariava clientes na rua ou?

e1: Na rua, na rua, sim.

E1: Ok. Então, como é que o facto de angariar clientes em locais públicos influenciava a sua perspetiva e experiência enquanto trabalhadora sexual? Consegue-me...

e1: Como assim?

E1: Ou seja, eu vou voltar a repetir. Como é que o facto de exercer prostituição na rua ou angariar clientes na rua a influenciou na sua vida? Ou seja, o facto de exercer esta atividade que é considerada um pouco escondida, não é?

e1: sim, sim, sim.

E1: Que as pessoas têm um bocadinho de...de receio em admitir porque podem ter medo das consequências. Como é que se sentiu ou como é que influenciou a sua perspetiva enquanto trabalhava? O facto de angariar clientes na rua.

e1: Tinha medo, sentia medo sempre, sentia.

E1: Consegue dizer um bocadinho mais sobre isso?

e1: E já me fizeram mal.

E1: Clientes?

e1: Sim.

E1: E como é que... consegue-me desenvolver um bocadinho mais essa experiência que teve?

e1: Uma vez... também entrava nos carros, ia para os parques e isso era de madrugada. E uma vez houve um que andou sempre, sempre e eu dizia, então onde é que vamos? E ele "Ai, eu conheço um sítio"... e depois vou para o sítio e apareceram mais... fui violada... e me deixaram-me lá. E a outra experiência foi um me dizer: "é só pago no fim". Chegou ao fim e disse aí, agora não há dinheiro para ninguém. Foram estas duas só que eu passei.

E1: Então sentiu que o facto de angariar os clientes na rua e até...

e1: Eu senti medo.

E1: Medo.

e1: Pois, era sim. E já, já não ia nos carros nem nada, comecei só a ir à pensão e comecei a pedir primeiro o dinheiro.

E1: Começou a arranjar estratégias para se tentar também pôr em segurança?

E1: Pois, isso mesmo.

E1: Como se fossem regras de trabalho, não é?

e1: Sim, sim, exatamente.

E1: E como pessoa, sentes que o facto de teres exercido esta atividade alterou a forma como vivias o teu dia? Ou seja, o facto de te prostituíres alterou a forma...o teu quotidiano, o teu dia-a-dia?

e1: Alterou como?

E1: Ou seja, como as pessoas te veem...ou...

e1: Algumas discriminam...

E1: Como as pessoas te abordam?

e1: Algumas discriminam, outras dizem, ahh olha uma mulher da rua...haaaa, e eu...

E1: E como é que te fez sentir isso?

e1: Ajudou-me a deixar.

E1: Como? Desculpa?

e1: Isso também me ajudou a deixar... esse... fiquei com vergonha e acabei por deixar isso.

E1: Ah, o facto de as pessoas interagirem mal consigo fez com que se sentisse envergonhada ou...

e1: E ajudou-me a deixar isso.

E1: E ajudou-te a deixar?

e1: Sim, sim.

E1: Ok. Então foi por causa das...

e1: Isso e também decidi não consumir nem nada.

E1: Sim, ter um rumo diferente.

e1: Sim, sim.

E1: Ok. E em termos de, por exemplo, pessoas mais conhecidas, próximas tuas sabiam que tu tinhas esta atividade ou era uma coisa que só tu sabias?

e1: Sabiam, sabiam, também me ajudaram a deixar.

E1: E como é que elas... como é que tu te sentiste?... ou como é que foi essa dinâmica entre as pessoas que sabiam que tu tinhas essa atividade?

e1: Deixei e aí ficaram contentes.

E1: Ficaram contentes?

e1: Até me apoiaram mais.

E1: Apoiaram-te mais?

e1: Sim.

E1: E sentes que tiveste menos apoio quando entraste na prostituição?

e1: Sim, sim, tive menos, tive.

E1: Ou seja, as pessoas viam-te...sentiste alguma...

e1: Com maus olhos.

E1: Com maus olhos?

e1: Não me apoiavam, não, acho que até tinham vergonha de mim.

E1: E achas que tinham vergonha...

e1: A maior parte sim, algumas tinham. Olha para a puta...

E1: Ui! Caiu tudo.

e1: Isto está solto. (Risos)

E1: Olha, não sabia que estava solto. Mas não faz mal. (risos)

e1: Ahhh. (risos)

E1: E como é que...como é que te sentias, por exemplo, tendo em conta que te prostituías em espaços públicos, ou angariavas clientes em espaços públicos, como é que... sentes que tinhas de agir de forma de uma certa forma... por exemplo, comportares-te de certa forma?

e1: Sim, sim.

E1: Consegues-me contar um bocadinho como é...como é... que tu fazias essa gestão quando angariavas clientes?

e1: Ia à beira da pessoa pedia uma moeda para fingir, depois baixinho falava, ou a pessoa convidava e eu dizia sempre à pessoa fala baixinho, não é preciso ninguém ouvir e puxava sempre para a pensão...dizia que era melhor.

E1: E como é que fazias essa gestão, por exemplo, há muita gente na rua, não é?

e1: Sim.

E1: Como é que tu escolhias mais ou menos quem abordar? Havia alguma seleção ou era...

e1: É assim eu penso que tinha olho, não sei. Eu via aqueles que andavam à procura... já detetava. Já percebia, dava para perceber, porque há muitos que davam a entender que andavam à procura.

E1: Ok, e abordavas...

e1: Percebe-se, quem anda na vida, percebe-se.

E1: Ou seja, já há aqueles contactos, já consegues perceber que as pessoas...

e1: Sim, sim já percebia, notam-se sempre.

E1: Ok.

e1: Muitos... nota-se sempre.

E1: E sentias alguma diferença entre, por exemplo, quando estavas aqui mais exposta no exterior... em relação ao quando estavas numa pensão? Sentias alguma diferença?

e1: Sentia-me mais à vontade.

E1: Aonde?

e1: Na pensão.

E1: Na pensão, porquê?

e1: Ninguém estava a ver, não é? E era mais seguro.

E1: Sentias que havia mais segurança quando estavas nas pensões?

e1: Muito mais, sim.

E1: E porquê que sentias essa insegurança na rua?

e1: Sei lá...tinha medo que pudesse aparecer alguém que me puxasse para algum carro, ou coisa... sei lá... podia acontecer. Nunca aconteceu, isso não, mas podia acontecer.

E1: Que te tratassem mal?

e1: Que tratassem mal...sim.

E1: Angariavas clientes na rua, mas tinhas algum receio de...

e1: Sim, sim isso mesmo.

E1: Do que as pessoas pudessem fazer estando mais exposta?

E1: e1: Sim. Sim. Isso.

E1: E em termos de locais, por exemplo, quando prostituías tu escolhias aqueles locais, ou angariavas clientes em locais específicos, ou era um pouco por toda a cidade?

e1: É por todo lado.

E1: Não havia...

e1: Quando eu visse e percebesse que havia alguém à procura, que nota-se sempre.
(risos)

E1: Então não havia assim um sítio, por exemplo, São Bento, ou...

e1: Sim, sim, aqui. Era mais aqui em São Bento, era. O sítio era mais em São Bento.

E1: Mas por alguma questão específica, ou era porque era onde havia mais pessoas?

e1: Onde havia mais pessoas. Também me sentia mais segura, muita gente aqui. Sentia-me mais segura, e tem pensões à beira, tem bastantes.

E1: Ok. Então, o facto de também estar muita gente aqui nesta rua, também te fazia sentir que... provavelmente não ia acontecer nada, porque estava muita gente a ver-te?

e1: Sim, sim, precisamente!

E1: E quando tu estavas a angariar clientes, como é que era o teu comportamento? Ou seja, já percebemos que era assim mais discreto...

e1: Sim, sim!

E1: Mas tinhas alguma abordagem? Posicionavas-te de alguma forma? Expunhas-te de alguma forma para tentar angariar esse cliente ou tentar convencê-lo? Como é que fazias?

e1: Dava-lhe a volta, punha-me sempre encostada nas outras e ele percebia logo.

E1: Ou seja, punhas-te ao lado também de outras trabalhadoras sexuais?

e1: Sim, sim!

E1: E sentias-te segura por estar ali perto de pessoas que também estavam a fazer o mesmo que tu?

e1: Sim, sentia, sentia!

E1: Então normalmente era sempre ao pé de outras pessoas que também estavam...

e1: Sim, sim.

E1: Ou era sozinha?

e1: Às vezes sozinha, às vezes não havia ninguém. Mas tava sempre de uma maneira que eles vissem que estava bastante tempo naquele sítio... eles viam logo que ali era a pessoa que andava na prostituição.

E1: Ou seja, estavas parada...

e1: Parada, à espera.

E1: Para que eles percebessem também que te podiam abordar.

e1: E eles acabam por perceber sempre, notam sempre. Porque depois também há zonas específicas, né?

E1: Sim, por exemplo, ali...

e1: Isto é a zona própria, eles procuram sempre aqui, ali em baixo, perto da estação.

E1: Perto da estação?

e1: Sim, na estação.

E1: Ok.

e1: E ali eu punha-me ali... e eles já sabem.

E1: Ok. E depois ias para as pensões?

e1: Sim.

E1: Ok, ok.

e1: Mas isto já acabou.

E1: Sim. E como é que te sentes agora?

e1: Sinto melhor, claro.

E1: Sentes que tens mais apoio?

e1: Sim, sim.

E1: De outras pessoas.

e1: Sim, sim muito mais.

E1: Pronto. Se se sentir desconfortável há alguma pergunta, podes não responder.

e1: Não, não, não. Não, não há problema.

E1: E consideras, por exemplo, tendo em conta que aqui, por exemplo, estavas em São Bento e trabalhavas mais aqui nesta zona.

e1: Era, era.

E1: Sentes que o facto de exerceres a prostituição tinhas de movimentar-te na cidade do Porto de forma diferente, por exemplo...

e1: De um lado para o outro.

E1: Para exerceres...

e1: Sim, sim.

E1: O teu dia-a-dia na cidade. Imagina que não te estavas a prostituir, achavas que mudava alguma coisa o facto de te estares a prostituir? Por exemplo, ficares mais fixa nalguma zona específica?

e1: Sim, sim, ficava mais fixa. Sim.

E1: E consegues dizer mais um bocadinho dessa parte?

e1: Ficar mais fixa claro, eles viam uma pessoa ali tanto tempo parada, viam logo o que era.

E1: Movimentavas-te a cidade de acordo com as zonas específicas de prostituição ou não?

e1: Sim, sim, era isso mesmo. Anda sempre naquelas zonas.

E1: Onde os clientes podiam vir.

e1: Sim, sim, onde eu sabia que eles vinham.

E1: Ou seja, então isso era o teu dia-a-dia?

e1: Sim, era. Fazia mais nestas zonas para conseguir mais trabalho.

E1: E era em que zonas, consegues-me dizer? Ou seja, aqui em São Bento, à pé da estação...

e1: São Bento... aqui em São Bento, ou então lá em cima no Jornal Notícias.

E1: No Jornal Notícias?

e1: Mais acima do Metro da Trindade, mais acima no viaduto sim.

E1: Era nestas duas zonas?

e1: Era, só.

E1: Então durante o teu dia-a-dia ficavas mais entre estas duas zonas da cidade?

e1: Sim, sim, sim, só essas.

E1: E ficavas nestas zonas...ahhh... por uma questão de trabalho então?

e1: Sim, sim! Ficava sempre nessas zonas.

E1: Porque já estavas mais perto da zona para angariar clientes?

e1: Sim, sim.

E1: Ok. Já agora, consegues-me dizer só para ficar registado o teu nome e idade?

e1: Carla...ahhh...todo?

E1: O que quiseses.

e1: Carla Domingues.

E1: E a idade?

e1: 47.

E1: Se quiseses, claro.

e1: Vou fazer 48 em abril.

E1: Ah, então está quase.

e1: Tá quase, tá. (risos)

E1: Está quase.

E1: E para ti, quando exercias a prostituição, qual é que eram as maiores barreiras? Os maiores obstáculos para ti?

e1: Ui, era o tempo. Não gostava de estar muito tempo à espera quando demorava muito tempo.

E1: Como, desculpa?

e1: Quando demorava muito tempo a aparecer alguém. (riso)

E1: Era a espera?

e1: A espera, sim. Hum, hum.

E1: E sentias mais algum obstáculo?

e1: Sim, o medo. Sim, sim, sim. Eram essas duas coisas.

E1: Ok, então era o facto de estares muito tempo na mesma posição à espera? No mesmo sítio.

e1: Sim! Saturava muito, sim. E o medo.

E1: O medo de outras pessoas? Que pudessem...

e1: Sim, sim, das pessoas e da polícia. Já tive medo disso, também!

E1: Ou seja, aquelas figuras de autoridade...

e1: Qualquer uma, tinha medo, mas nunca aconteceu.

E1: Ainda bem. (risos)

e1: Ainda bem, nunca aconteceu. (risos)

E1: Então achas que estas... há mais algum obstáculo?

e1: Estar afastada da minha família não ajudou também.

E1: Estes três obstáculos eram os principais, não é?

e1: Foi, é mesmo só esses.

E1: Ou seja, medo, a espera...

e1: E a família, ter-me afastado. Sim, sim, sim.

E1: Ok. A próxima pergunta já respondeste, que era onde é que costumavas trabalhar mais.

e1: Sim, sim, já respondi.

E1: Em São Bento e no jornal Notícias. E fazias isso um pouco durante o dia?

e1: Sim, sim.

E1: Mas dirias que era mais de manhã, de tarde, à noite ou...

e1: Mais à tarde. Sim, mais à tarde, era mais à tarde.

E1: Mas preferias...

e1: Mas mais à tarde era melhor.

E1: E alguma razão por ser à tarde?

e1: Porque era melhor, havia mais pessoas à procura. (risos)

E1: Havia mais pessoas à procura?

e1: Sim. (riso)

E1: E achas que...já trabalhaste também à noite não foi?

e1: Já! De manhã também, mas isso foi poucas vezes.

E1: E desses... desses horários, manhã, tarde e noite, houve algum horário, sem ser o facto de haver mais gente, que te sentias mais confortável a trabalhar?

e1: Era à tarde.

E1: Por que não à noite, por exemplo?

e1: À noite tinha mais medo, é mais perigoso, também estava mais escuro, menos pessoas.

E1: Ok. Era só. Era só isto. Muito obrigada!

Anexo 5- Transcrição entrevista 4

(Campo 24 de Agosto, 11 de março, 14h)

E1: Ok, está a gravar. Para ficar registado, confirmas que estás a par dos objetivos desta entrevista e confirmas que posso utilizar a mesma para fins académicos bem como me dás consentimento para gravar esta conversa?

e1: Sim. (risos) tudo bem, claro podes avançar.

E1: Então, primeiro gostaria que me pudesses dizer o teu nome, se sentiste confortável, e tua idade.

e1: O meu nome é verdadeiro ou o meu nome é de trabalho?

E1: O nome que quiseses dar e te sentires confortável. É para uma questão só de...

e1: O meu nome verdadeiro, é Juliana, mas o meu nome de trabalho é Ana. Eu tenho 22 anos, mas para os meus clientes eu tenho 20. (risos)

E1: Ok. Sentes que tens que ser mais nova para os teus clientes?

e1: Sim, porque a maioria dos clientes gostam de garotas novinhas, o que é até uma coisa meio preocupante, porque eu atendo muitos idosos. Então isso levanta um precedente referente à pedofilia. Mas, toda vez que eu penso nisso, eu penso que é melhor o cliente estar ali comigo do que fazendo alguma coisa...

E1: Sim.

e1: Com alguém que não queira estar lá com...

E1: Pronto, a primeira pergunta é assim mais geral. Podes-me falar um bocadinho do percurso da tua vida, o que quiseses contar, claramente e da tua atividade profissional.

e1: Da minha vida assim, no geral? Eu cresci numa família muito pobre.

E1: No Brasil?

e1: No Brasil. Uma família tipo bem pobre, assim mesmo e eu tenho sete irmãos. Meus pais foram casados durante 40 anos e de todos os meus irmãos, eu sou a única filha que se formou em Universidade Federal Pública. Porque eu consegui, né? Graças a Deus eu consegui estudar, consegui um ensino de qualidade e consegui entrar na universidade. De todos os meus irmãos, eu sou a única que fez Universidade Federal, uma das melhores do país. Fui a primeira filha dos meus pais e a única a me mudar de sítio, mudar de zona do país. Eu saí do Sudeste e fui pro Nordeste, fui pra outra parte do país, do outro lado do mapa.

E1: Engraçado, tenho muitos colegas no meu curso que também fizeram os cursos na zona do Nordeste.

e1: Sim. E aí eu fui, fui para a Universidade, eu tenho licenciatura em Língua Espanhola, fui para a faculdade com 18 para 19 anos. No período da faculdade, eu trabalhei para uma multinacional de telecomunicações e comecei como atendente de telemarketing e depois eu subi para analista de ouvidoria com 6 meses de empresa e com 9 meses eu passei num processo relativo interno para instrução de treinamento operacional.

E1: Ok.

e1: E aí eu trabalhei durante 2 anos na instrução de treinamento operacional e foi uma fase da minha vida em que eu fui relativamente muito satisfeita profissionalmente porque eu trabalhava dando aula e preparando treinamentos e o meu trabalho basicamente era ensinar os operadores a mexerem no sistema da empresa.

E1: Ok, ok.

e1: E orientar eles a como fazer os procedimentos dentro do sistema da empresa.

E1: Sim, era a que coordenava ali os mais jovens.

e1: Isso. Eu dava treinamento num setor de 370 operadores presenciais e 180 e poucos home office. Entre homens, mulheres, jovens, adultos, enfim, era bem variado. Nesse período eu tive um relacionamento e fiquei noiva. O meu ex-noivo, eu conheci ele no trabalho, e... é... como posso te dizer? A gente começou assim, eu conheci ele, ele já tinha 3 anos de empresa e durante o nosso relacionamento eu fui subindo de cargo. Eu subi de cargo 3 vezes e ele era uma pessoa que profissionalmente ele era um pouco mais acomodado, eu sempre fui muito esforçada no trabalho, muito dedicada.

E1: Ambiciosa.

e1: Muito, em crescer e ele nem tanto e quando eu fui pro cargo de instrução de atendimento operacional o nosso relacionamento entrou muito em atrito porque eu consegui o cargo que ele sempre sonhou, mas ele nunca...

E1: Sentiu-se ameaçado de alguma forma ou?

e1: Várias vezes e eu senti desamparo.

E1: Sim.

e1: Eu sentia uma coisa um pouquinho ácida dele, ele não me apoiava profissionalmente assim.

E1: Talvez também alguma inveja ali... ou...

e1: Sim. E também eu era... ele era subordinado a mim, ele tava num cargo subordinado, então, eu tava num cargo superior ao dele e pro homem, isso fere muito o ego e enfim. Com um ano e meio de relacionamento eu fiquei noiva com essa pessoa e passei mais 6 meses noiva. No início de 2023... já vimos tendo vários atritos na nossa vida pessoal e eu passei por situações de violência doméstica.

E1: Sinto muito teres passado por essa situação...

e1: É, e era uma situação assim de muita dualidade porque pras pessoas, no geral, eu tinha a vida perfeita. Né? Eu era jovem, tava me formando, o meu noivo ele trabalhava na mesma empresa, muito embora eu sempre mantinha um relacionamento extremamente profissional. Eu nunca... nunca dei nenhum...a entender que tinha um relacionamento, mas todos sabiam por conta das redes sociais. E morávamos do lado de um shopping então, íamos juntos, voltávamos juntos, íamos juntos pro trabalho e voltávamos juntos do trabalho e como morávamos perto, a gente ia andando e então as pessoas conheciam, né? Todo mundo sabia. E no início de 2023 comecei a ter algumas suspeitas de infidelidade da parte dele, até que uma das minhas alunas veio até mim e falou, olha, né? Seu noivo tá dando em cima de mim. E no princípio eu não acreditei até um belo dia que eu pedi o celular dele pra ver alguma coisa e aí eu olhei no Instagram dele e, no direct, eu peguei uma conversa cortada, como se ele tivesse apagado a conversa e ele só respondeu depois. E aí eu fiquei de orelha em pé e aí eu apaguei a conversa com a pessoa e falei, olha, tá aqui o telefone, eu vou colocar ali pra carregar. E aí eu saí. Fui pra cozinha, morávamos juntos num apartamento e aí eu fiquei de olho. E foi coisa assim de cinco minutos, eu peguei ele no telefone, assim, era uma tomada baixinha e aí eu peguei ele olhando o telefone procurando aquela conversa e aí eu questionei. O que você tá escondendo de mim? Né? O que que tá acontecendo?

E1: Foi nesse momento que percebeu...

e1: E no início foi aquela coisa de negar, tudo certinho. Só que o tempo foi passando e outras pessoas vieram me mostrando conversas dele, ligações, vídeos e aí realmente eu tive que aceitar, não, isso tá acontecendo e eu preciso lidar com isso. E...

E1: Isso foi um ponto de viragem para vires para Portugal?

e1: Foi. Porque um mês depois, mais ou menos num... num mês não, quinze dias depois tivemos uma discussão em casa por um motivo desse e...e aí ele pegou e saiu de casa. Voltou pra casa da mãe dele. E aí... nesse término eu fiquei assim numa situação, tipo, ah quer saber? Você quer? Então vai, eu vou ficar aqui. E aí eu fui curtir o Carnaval em fevereiro e aí em fevereiro eu comecei a fumar cigarra, tabaco, bebi muito, curti a festa.

Não fiquei com ninguém nessa época, mas eu dancei muito e fui pra praia, peguei muito sol. Passado uns dias depois do carnaval a gente passou uma madrugada assim discutindo por mensagens. No dia seguinte eu acordei sentindo muita dor e muito enjoio. Fui até o banheiro, agachei assim na frente da sanita pra vomitar, vomitei, e quando eu olhei pra baixo tinha uma poça de sangue. Eu tive um aborto espontâneo. Eu não sabia que eu estava grávida e... aí eu fui pro hospital, fiz todos os exames e realmente foi constatado que eu estava tendo um aborto. eu precisei fazer a sucção pra tirar. E... quando eu fui pro hospital, quando eu contei pra ele o que tinha acontecido ele demonstrou felicidade por eu ter perdido o bebê, por eu ter perdido o filho dele. E ali pra mim aquilo me pegou muito...

E1: Claro, claro que sim...

e1: Porque o sonho da minha vida sempre foi ser mãe e ali eu me deparei do tipo, olha eu não posso ter um filho desse cara porque...né? E eu entrei numa depressão muito grande, muito grande. E outras coisas no trabalho começaram a acontecer e eu comecei a ligar alguns pontos de tipo, quando eu andava no setor de operações eu via as pessoas olhando pra mim, cochichando, comentando e aí eu me liguei, nossa, as pessoas não estavam falando por conta do meu trabalho, elas estavam falando por conta de fofoca, porque elas sabiam do que estava acontecendo e... pra mim...essa...essa coisa dele ter me desrespeitado, me humilhado profissionalmente, me destruiu. Porque eu senti que ele me humilhou como mulher, como ser humano e a última coisa que ele poderia ter feito era me humilhar enquanto profissional e até isso ele conseguiu. E eu entrei numa depressão muito ruim. E....passado um mês, em março, a minha irmã mais velha que morava aqui em Portugal ela falou, ah, Ju, estou grávida. Ela me ligou e falou, Ju, você vai ser tia e eu falei tu está brincando comigo. E...eu sofri muito com o aborto, fiquei muito mal. Principalmente porque eu senti, eu tive um sentimento muito ruim, um sentimento muito grande de culpa, tipo, será que se eu não tivesse ido curtir o carnaval, não tivesse me exposto tanto eu talvez tivesse conseguido preservar aquele bebê. Isso ficou muito forte na minha cabeça. Depois eu conversei com alguns médicos e eu

consegui entender que não foi minha culpa. Eu tive uma gravidez ectópica e o bebê não ia sobreviver de qualquer forma.

E1: De qualquer forma, exatamente. O bebê estaria sempre em risco, não é? Sinto mesmo muito teres de ter passado por todas estas situações ainda por cima tão nova, nem consigo imaginar a...

e1: Exatamente, bebê estaria sempre em risco e nunca, nunca poderia o ter. Que acho que faria muito pior para o meu emocional fazer um aborto forçado. E aí nessa época a minha irmã virou e falou, por que você não vem para Portugal? Eu te ajudo, você fica na minha casa, você consegue um emprego aqui. Tenta tirar sua documentação e sai daí porque você não tem mais nada aí, você já está infeliz no seu trabalho, seu relacionamento não deu certo. A minha situação financeira no Brasil também, apesar de que eu tinha um salário muito bom, a questão da inflação no Brasil estava muito forte naquela época.

E1: Foi o virar de uma página ir aqui Portugal.

e1: Foi. Então eu saí colocando preço em tudo, no meu apartamento vendi tudo, pedi demissão, expliquei toda a situação que eu estava passando para a minha gerente e ela conseguiu me demitir. E aí eu recebi um dinheiro e aí eu consegui pagar a minha viagem para cá e me mudei para cá. E aí eu morei quatro meses com a minha irmã.

E1: Isso foi em 2023?

e1: Foi. No ano passado e eu morei quatro meses com a minha irmã, depois eu fui trabalhar na cidade vizinha. Nesses quatro meses eu não trabalhei porque eu estava fazendo tratamento para depressão e depois que eu estabilizei eu fui trabalhar e tudo mais. Fiquei ali com a minha irmã até a minha sobrinha nascer, eu acompanhei todo dia a sessão da minha irmã, eu ajudei a comprar um enxoval.

E1: Acabaste por ser ali um apoio fundamental para ela.

e1: Foi, eu estive ali o tempo inteiro quando a minha sobrinha nasceu. Depois de um mês eu olhei assim para a minha irmã e falei, olha, eu acho que eu vou mudar para o Porto, lá tem mais oportunidades. Eu não tenho cartas de condução e lá tem metro, lá tem mais uma questão de mobilidade, é um pouquinho melhor. Eu vou tentar. E aí eu pedi demissão do restaurante que eu trabalhava peguei meu último ordenado e vim para cá. E isso de vir para cá foi onde começou. Onde foi ali a virada para eu virar prostituta porque chegando aqui eu trabalhei 20 dias em um restaurante italiano e o restaurante... inicialmente ele era ali em Matosinhos e ele mudou para Ermesinde. Nessa mudança eu precisava...eu pegava metro para ir e eu precisei pegar comboio. No primeiro dia que eu fui trabalhar no restaurante ainda ia ajudar na montagem do restaurante, o comboio atrasou. E eu e um garçom chegámos 12 minutos atrasados e o meu chefe surtou. E ele me disse coisas do tipo, você é irresponsável era sua responsabilidade vir um dia antes para ver o trajeto, você devia se virar. A culpa é sua.

E1: Culpou-a, culpou-a de...

e1: E aí eu virei e falei, não, meu amigo, não tenho obrigação nenhuma. Até porque o restaurante é seu, você tem a obrigação de vir trabalhar, né? Nunca que eu vou deixar um dia da minha vida de vir aqui só para ver o horário que o comboio vai fazer, né?

E1: Sim, claro. Claro que sim.

e1: Pelo amor de Deus. E ele me disse, olha, você não tem desculpa, cala a sua boca e pode voltar para casa. Você não trabalha mais para mim. Passa daqui uma semana que eu te pago. E eu falei, tudo bem, é a vida. Não é a primeira vez que eu sou demitida e não vai ser a última. Acontece. Passou uma semana, liguei para saber do meu pagamento e ele falou: então, como você se demitiu sem dar aviso prévio, eu não vou te pagar.

E1: Impressionante...

e1: E aí eu questioneei: como assim, né, meu amigo? Vamos lá, tu me manda embora com a mão na frente e outra atrás e agora tu está falando que eu me demiti? E eu xinguei esse cara até à última geração dele. (risos)

E1: Sim. (risos) Claro.

e1: Fui até a delegacia, fiz registro, fui até o departamento de trabalho, fiz registro, mas até hoje eu não vi o dinheiro, A cor desse dinheiro. (risos)

E1: Sim. Nós temos aqui em Portugal, não sei se já deve ter sentido, mas é muito, a nível burocrático, é mesmo muito difícil porque tinhas toda a razão, tinhas direito ao teu pagamento do trabalho que estiveste a fazer. Depois, o grande problema é que tudo demora imenso tempo. Tudo é muito lento. Deve ter sido muito complicado...

e1: E nesse dia que ele me falou, olha, você não vai receber um cêntimo, eu cheguei em casa e eu desabei de chorar. Eu olhei assim e falei, meu Deus do céu, meu arrendamento já estava atrasado três dias eu já não tenho dinheiro para comprar comida. (risos)

E1: Pois, o estresse todo da...

e1: Né? Eu não sei o que é que eu faço da minha vida. Chorei, chorei, chorei, chorei, chorei. E aí eu parei e falei, não, eu já passei por coisas muito piores na minha vida e coisas muito piores mesmo. Eu já dormi na rua, eu já passei por coisas muito piores na minha vida, eu já passei fome. Quando eu tinha 16 anos, a minha mãe morreu na minha frente, minha mãe teve um ataque cardíaco em casa. Então assim, eu olhei e falei, cara, se eu sobrevivi a muitas outras coisas, não é isso que vai me derrubar. E aí eu parei assim, olhei minhas opções e falei, quer saber? Eu vou tentar. Todo mundo tenta uma vez na vida, por que você não tenta, né? Ser prostituta. E aí eu morava num apartamento compartilhado e eu tinha um amigo nesse apartamento que a gente se conhecia. A gente se conheceu nesse meio tempo, né? E aí eu falei pra esse meu amigo, olha, me ajuda a achar casa de garotas? Ele falou, vamo embora. Aí eu peguei, coloquei uma saia bem curtinha, um top de renda, passei maquiagem, coloquei um casaco, um salto alto

e a gente foi ali na Rua das Galerias. E pra ver se eu achava alguém que soubesse de alguma coisa, enfim, né?

E1: Algum contacto ou...

e1: E aí andando pela Rua das Galerias, era mais ou menos umas 9 horas da noite, os bares ainda estavam abrindo e eu vi uma menina servindo as mesas e eu não sei por que eu me senti confortável de ir até ela e perguntei, olha, desculpa eu estar te perguntando isso, mas é porque eu estou precisando mesmo, você sabe onde tem casa de prostituição aqui? E aí ela me falou alguns lugares e falou pra mim, olha, eu sei que em Campo 24 de Agosto tem umas pensões onde as meninas usam o quarto, elas pagam o valor, vão lá, trabalham e é mais seguro. Eu só não sei te dizer onde é que fica, mas eu sei que fica nessa localidade. E aí esse meu amigo me levou até a estação de metro e falou, olha, daqui é contigo. Agora tu vai. E aí eu vim, desci aqui na estação de Campo 24 de Agosto e em vez de descer pra cá, eu fui subir a rua.

E1: Para o outro lado.

e1: Eu subi a rua, mais ou menos uns 3 quarteirões parei numa esquina e aí eu peguei e tirei o casaco. E estava muito frio, muito frio mesmo, acendi um cigarro e fiquei ali na esquina, parada. Foi questão assim de 15, 20 minutos dois homens me abordaram, eram dois rapazes jovens, menos de 30 anos, eles eram estrangeiros, não falavam nada de português e o meu inglês também não era lá grande coisa, né? Então a gente conversou mais ou menos pelo Google Tradutor e eles perguntaram o que eu estava fazendo ali. Aí eu expliquei por alto ali o que tinha acontecido e falei que eu precisava de dinheiro e eu estava trabalhando. E eles me perguntaram, nossa, é a sua primeira vez fazendo isso? Eu falei, é. E eles me questionaram, ah, qual é o seu valor? Aí eu falei, ah, é 50 por hora. Nem fazia ideia de quanto cobrava. (risos)

E1: Foi assim no improviso. (risos)

e1: Foi assim...né mesmo ali no improviso (risos) e aí eles falaram, tudo bem, a gente paga, mas a gente quer os dois ao mesmo tempo. E eu falei, tudo bem, mas é o mesmo

valor para os dois. E eles falaram, tudo bem, mas a gente só tem uma hora. Eu falei, tudo bem, vocês me pagam 50 a cada um e a gente faz uma hora.

E1: Mas foi numa pensão ou foi na rua a primeira vez que...

e1: Então, eu não fazia ideia de onde tinha motel. E aí eu falei, olha, eu não conheço nenhum lugar, vocês sabem? E aí eles me trouxeram até a pensão onde eu estou trabalhando mas tipo assim, foram eles que me trouxeram, porque eu não conhecia.

E1: Ah, ok, ok.

e1: E aí eu entrei, subi com esses dois clientes e eu não sabia como funcionava, como era a dinâmica de trabalho ali. Eu só fui com eles, atrás deles morrendo de medo. Né, porque aqui na Europa tem muito tráfico humano. Então, eu fui assim, fui eu rezando para Jesus. E aí, enfim, subi, fiz o meu primeiro programa com esses dois rapazes, eles foram tranquilos comigo, não me machucaram, não me trataram mal. Foi bem tranquilo mesmo. E pra mim foi até engraçado, porque eu já tinha o fetiche de trabalhar com dois homens, então, né, eu realizei esse fetiche sendo paga ainda, né. E aí eu saí, né, do quarto terminamos, saí. E a moça que é responsável pela pensão, ela me abordou e falou, o que você está fazendo aqui? Você é tão nova, você é menor de idade? E aí eu mostrei a foto do meu passaporte, da minha data de nascimento. E eu falei, não, eu estou passando por uma dificuldade, eu preciso de dinheiro para pagar as minhas contas até eu conseguir um emprego. Inicialmente eu não ia continuar, eu só precisava fazer o dinheiro e pagar as contas, assim. E ela falou, olha, aqui funciona assim. Você paga cinco euros por quarto. As meninas, elas cobram 35. Cinco o cliente paga para o quarto e 30 para a garota. Você usa por 20 minutos desce e fica ali na porta, se você quiser. Ou então fica ali na rua e aí você sobe para trabalhar. É só não arrumar problema com as meninas, porque aqui são todas tranquilas e não deixar o quarto bagunçado. Sempre que sair do quarto, dá ali aquela geral, ajeita e não deixa preservativo no chão nem nada. E aí eu falei, tudo bem, mas naquela noite eu não fiquei porque como foi a minha primeira relação com dois homens eu senti fisicamente. Eu saí um pouquinho dolorida e aí eu fui para casa. E no caminho para casa eu fiquei pensando, nossa, em uma hora eu fiz 100

euros, sabe. Tipo, 100 euros é o quê? Três, quatro dias de trabalho. E aí eu olhei assim e falei, tá, eu vou fazer isso até ter o dinheiro e depois eu procuro um emprego, procuro outro trabalho. E aí na noite seguinte eu voltei nessa pensão para meio que ver como é que funcionava direito, né. Porque o meu maior medo era acabar caindo na mão de um cafetão, uma pessoa que ia me extorquir. uma pessoa que ia querer pegar parte do dinheiro que eu conseguisse e pudesse me ameaçar ou machucar de alguma forma. E aí eu fui, trabalhei a noite seguinte. O dono da pensão veio até mim e falou, olha, você pode trabalhar aqui tranquilo, as meninas são tranquilas. Não tem problema nenhum, ninguém vai te incomodar e você pode ficar tranquila trabalhando. Seja bem-vinda. E aí eu olhei assim até achei estranho mas enfim, eu fiquei naquela noite até fechar. E naquela noite eu fiz acho que 250 euros. E aí eu voltei para casa aí eu olhei assim e falei, nossa, eu me mato de trabalhar, ainda mais a gente que é imigrante, que a maior parte vai para restauração. Se mata de trabalhar 13, 14 horas por dia. No restaurante que eu trabalhava, em Monção, eu chegava a trabalhar 15 horas. Eu chegava tipo 7 horas da manhã e ia embora quase 4 horas da manhã. Eu olhei assim e falei, talvez eu não precise me matar tanto ali, eu vou trabalhar algumas horas e faço o que eu faria vários dias de trabalho.

E1: Viste o trabalho sexual como uma alternativa para ti.

e1: Sim. E aí eu peguei e continuei trabalhando ali nesse período. Trabalhei acho que uns 15 dia e depois eu fui chamada para trabalhar em um spa de massagem tântrica que eu tinha já entrada com currículo. Enviei meu currículo online e me chamaram para trabalhar. E aí nesse spa ele funcionava assim, você fazia massagem corpo a corpo, na massagem estava toda nua e você faz massagem com o seu corpo no corpo do cliente nu. O foco da massagem tântrica é você fazer o cliente chegar ao orgasmo só que nesse spa. Você não pode fazer nem sexo oral e nem penetração, de fora isso. Todas as outras formas de fazer o cliente chegar ao orgasmo eram válidas. E eu fiquei trabalhando um mês e meio e não aguentei porque a chefe desse spa, que inclusive é um dos spas mais caros do Porto, que fica na Boavista, eu prefiro não falar o nome.

E1: Sim, sim, não tens de falar.

e1: Mas é um spa assim excelente realmente, o serviço é excelentíssimo, mas trabalhar foi muito ruim para mim porque a minha chefe lá ela era uma pessoa extremamente detalhista, então ela via detalhes. Ai você tem uma estria aqui, você está com uma gordurinha ali, você vai perder cliente para fulana, você vai perder cliente para ciclana. E isso todos os dias ali, durante as oito horas de trabalho. Foi começando a me fazer mal psicologicamente e fora outros comentários que ela fazia abertamente que eram muito ofensivos. E ela é uma pessoa que você não pode fazer questionamentos, tipo, olha não é muito legal isso que você está falando. Porque para ela é uma afronta, então deu mais ou menos um mês e meio e ela sabia que eu era garota de programa nesse meio tempo e eu não queria que ela soubesse. Nesse um mês e meio que eu trabalhei ali eu precisei parar de fazer programa e o meu rendimento caiu lá no chão, porque num dia de trabalho ali que tivesse 180 euros de massagem, eu recebia percentagem da massagem só. Eu sabia que se eu fosse fazer programa a noite, depois do trabalho, eu ia conseguir compensar. Então foi tranquilo durante uma semana até que ela descobriu e me fez escolher. E naquela época eu ainda tinha uma coisa de querer ter um trabalho honesto para não precisar falar para as pessoas que eu era garota de programa.

E1: Sim, até pelo medo do estigma e...

e1: Sim. E aí, nesse meio tempo, no final de dezembro, eu conheci um rapaz que era bem mais novo do que eu, ele tinha na época 16 anos, um metro e noventa e cinco, barba, parecia que tinha 28 anos. Mas tinha 16 e era jogador de vôlei. E aí eu me envolvi com essa pessoa, comecei a gostar muito dele. E eu comecei a custar eu querer sair do trabalho porque eu sabia que se eu voltasse a fazer programa ele não iria querer ficar comigo. E no meio de fevereiro...no início de janeiro desse ano, eu comecei a passar muito mal, eu comecei a ter algumas hemorragias quando eu ia no banheiro evacuar e a princípio eu achei que era um problema de hemorroide e aí passei na farmácia, comprei uma pomada e comecei a usar. Uma semana depois eu comecei a ter febre muito alta, febre assim de 39 graus e aí, numa noite, eu estava no trabalho, já era tipo

umas sete e meia da noite eu tive uma febre muito alta e desmaiei. E aí eu acordei no hospital. No dia seguinte e aí eu passei por alguns exames eu estava com uma falência no fígado e aí fiquei internada durante sete dias. E fui para ter tratamento intensivo porque o meu fígado não estava funcionando, o meu baço estava com três vezes o tamanho normal e o meu rim também não estava funcionando. Eu precisei fazer hemodiálise e eu fiquei literalmente entre a vida e a morte porque você ter três órgãos parando de funcionar, quando um órgão para de funcionar os outros também vão parando. É sequência em cadeia. E aí eu olhei e falei, meu Deus do céu eu estou morrendo, eu tenho 22 anos. E no spa mesmo que eu não estivesse fazendo massagem eu tinha que fazer a limpeza do local. E conforme o tempo foi passando eu sou uma pessoa que quando eu vejo uma coisa que não está muito certo eu não consigo ficar calada, eu vou lá e questiono e eu quero saber o que está acontecendo, e isso para a minha chefe no spa, isso era uma afronta muito grande. Então, o que ela começou a fazer...ela não marcava massagem para mim, só que eu tinha que fazer a limpeza. Então, às vezes eu passava três, quatro dias indo trabalhar de graça. Porque eu não recebia nada por estar ali o dia inteiro. E algumas horas da noite fazendo limpeza, eu não recebia por isso, apenas se eu fizesse massagem eu recebia, e eu não fizesse não recebia. E nesse meio tempo eu olhei e falei: cara, eu estou trabalhando muito mais do que eu trabalhava eu estou ganhando muito menos. Eu estou me estressando demais e estou mantendo essa situação por conta da pessoa que eu estou gostando e porque eu quero dizer que eu tenho um trabalho honesto e durante a minha internação esse rapaz, ele terminou comigo. Porque eu pedir para ele me visitar no hospital, porque aqui no Porto eu estava sozinha e eu falei: olha, por favor me vem me ver, eu estou sozinha e estou com medo.

E1: Sim, claro, claro que sim.

e1: E ele falou, tudo bem, eu vou te visitar e fiquei o dia inteiro esperando.

E1: À espera...

e1: Eu, à noite, liguei e perguntei: aconteceu alguma coisa? E ele simplesmente me respondeu: Aí, que eu fui sair para passear com o cachorro e eu não levei o relógio. E

acabou aí, nunca mais...E aí eu falei, tá, você tá com a sua namorada internada no hospital em estado grave e você sai pra passear com cachorro? E ele falou, ah, mas eu vou aí ver você no dia seguinte. Eu falei, não precisa não, pode ficar aí, tá? Quero mais não, terminamos aqui. Isso foi com dois dias internada, aí eu fui estabilizando, fui estabilizando, né? Melhorando e nessa época o meu cunhado, ele perdeu o emprego então a minha irmã, ela começou a passar por muitas dificuldades financeiras e eu entrei em desespero, porque eu me vi numa situação em que eu tava no hospital, eu tava ali tendo as três refeições no dia e eu não sabia se a minha irmã tava comendo.

E1: Sim, ainda por cima foi situação em cima de situação. Acredito que tenha sido um período mesmo muito difícil para ti.

e1: É, foi. E eu fiquei muito desesperada e até que eu, né? Eu acordei assim e questioneei os médicos, olha, o que que eu tenho? O que que tá acontecendo? Porque ninguém tá me falando nada? Vocês falam que eu não posso sair ainda, mas ninguém me diz o que que tá acontecendo e eu não posso mais ficar aqui, eu preciso trabalhar porque se eu não trabalhar, eu não recebo.

E1: Ainda por cima depois de saberes da situação da tua,...da tua, da família, da tua irmã.

e1: E aí a médica sentou comigo e falou, olha, a gente não sabe o que causou a falência no seu fígado, você foi diagnosticada com uma hepatite muito grave. O seu fígado não tava funcionando quando você chegou aqui, você já tá um pouco estável, mas a gente não pode te dar alta porque se você passar mal fora do hospital, o hospital não vai se responsabilizar. E aí eu olhei assim e falei, se eu sair hoje, em quanto tempo eu morro? E aí a médica virou e falou, não, você não vai morrer mas se você tá correndo risco de você passar mal e ter que voltar. E eu falei, tá, tudo bem. Então se eu sair agora, eu não morro. Ela falou, não, mas não é aconselhável que você saia. Eu falei, olha, então por favor, me traz a minha alta que eu vou assinar. Ela falou, não, mas você não pode fazer isso. Eu falei, olha, eu não posso...eu não posso mais ficar aqui. Hoje eu tô há uma semana parada, eu preciso trabalhar. E foi uma decisão muito difícil, porque eu fiquei tipo, ou eu continuava ali e terminava o tratamento e deixava-me passar por uma

situação mais grave ou eu arriscava em sair do hospital e voltar a trabalhar. E aí eu sentei assim e falei, olha, se eu passar mal, eu volto. Se eu passar mal, vocês vão impedir de eu voltar pro hospital? Aí a médica falou, não, você pode buscar o tratamento. Falei, então peraí, eu tô indo embora, depois se der ruim, eu volto. Assinei a minha alta, saí do hospital. Eram umas quatro horas da tarde e fui pra casa e tomei um banho. À noite eu já vim trabalhar.

E1: Toda esta situação e o stress financeiro que a tua irmã estava a passar, isso foi um ponto de viragem decisivo para continuares nas pensões?

e1: Foi. E dali eu olhei e falei, quer saber? Tá me custando demais querer ter um trabalho honesto. Assim, em abre aspas, né? Porque ser prostituta não é um trabalho desonesto, é um trabalho diferente.

E1: Sim, claro!

e1: É um trabalho que não é aceito, não é bem visto, mas não é um trabalho desonesto. Porque você não tá matando, você não tá roubando de ninguém. Você tá parada numa porta e as pessoas vão, saem da própria casa, vão até ali e te pagam pra você fazer um serviço. Então assim, não é desonesto. E aí eu falei, quer saber? Tá me custando demais querer ouvir a opinião das pessoas. A opinião das pessoas não vai pagar as minhas contas, isso não vai colocar comida na minha mesa, isso não vai pagar as minhas contas. Então eu vou vestir a camisa e falar, quer saber? Eu sou puta mesmo. E aí eu continuei a trabalhar. No final de janeiro eu já tava com a minha situação financeira totalmente estável e eu consegui ajudar a minha irmã, dinheiro pra ajudar a minha irmã. Eu fiz assim, dois dias de trabalho e mandei dinheiro pra ela, ficou tudo certo. Em fevereiro, eu fechei o mês de fevereiro com 9.500 na minha conta. E aí eu olhei assim e falei, caraca. Mas assim, eu trabalhei das nove da manhã até uma da manhã quase todos os dias. Eu quase não tirei folga. E aí no fim de fevereiro a minha irmã virou assim pra mim e falou, olha eu quero muito comprar um carro novo. Mas só o valor da entrada é 3.000 euros. E eu não tenho esse dinheiro. Eu peguei e falei, tá, vai lá comprar o seu carro que não vai me fazer falta. Vai lá e compra teu carro. E a minha irmã olhou assim e falou, de onde veio

esse dinheiro? O que você está fazendo? Porque no spa você não está mais trabalhando. E aí eu olhei pra minha irmã mais velha, né, por ligação, eu falei, olha, você quer que eu te responda de forma educada ou você quer a resposta honesta? E ela falou, você sabe que você pode ser honesta comigo? E aí eu falei, olha, eu estou fazendo programa. E ela falou, como assim? Eu lembro quando eu te liguei e falei que eu não ia receber meu salário, meu ordenado? Ela falou, lembro, e eu falei, então, naquela noite eu fui fazer programa e eu estou fazendo programa desde então. Parei pra trabalhar no spa, só que eu saí do hospital e eu já fui, já fui mandada embora, né. Minha chefe, ela só falou assim pra mim, olha, eu venho pegar as suas coisas e não preciso mais voltar, e desde então eu estou fazendo programa. Estou me prostituindo e é isso.

E1: E desde que constaste à tua irmã tens tido o apoio da tua família? Ou da tua irmã, neste caso?

e1: Oi?

E1: Se sentes o apoio da tua irmã nesse...

e1: Sim. A minha irmã olhou pra mim e falou, olha, não é a vida que eu gostaria que você tivesse, mas você está fazendo isso porque você precisa ou porque você quer? E aí eu falei pra ela, olha, hoje é porque eu quero, porque eu não quero ter outro emprego. Eu não quero mais me sujeitar a trabalhar 8 horas pra ganhar 30 euros por dia. Eu não quero mais aguentar humilhação, eu não quero mais aguentar maus-tratos, porque quando a gente é empregada, e principalmente imigrante, a gente é muito humilhado.

E1: Sim, sim.

e1: Muito humilhado mesmo. E eu falei, eu não estou mais disposta a passar por isso.

E1: E sentiste que ali nas pensões conseguias controlar mais a tua vida e como é que te tratavam e como agias...

e1: Sim, sim, porque na porta os clientes passam e se eu olhar pra cara do cliente e sentir que não é uma boa ideia, eu não vou.

E1: E como é que essa angariação, ou seja, vocês solicitam à porta da pensão?

e1: Isso, a gente fica parada ali na porta e aí as pessoas que passam, a gente está exposto. As pessoas que passam, a gente está exposto e as pessoas que passam de carro, olham muito e depois as pessoas que passam de carro, elas voltam porque elas sabem que ali tem esse tipo de serviço. Então os clientes eles estacionam, então eles voltam a pé e aí eles falam assim, olha quanto que é o preço? E aí você fala, olha, é 35. E eles falam, olha, vamos. E aí a gente sobe com o cliente, o cliente paga 5 euros pro quarto, a gente entra no quarto com o cliente e ele paga o nosso valor e a gente faz o programa. Isso. Então, a maioria das minhas colegas, elas têm ali os clientes da porta, depois de um tempo, eu comecei, eu fiz um cadastro em site de acompanhantes e aí os clientes começaram a me procurar...

E1: Mais online e...

e1: Pra fazer programa e eu sempre direcionei os clientes pra pensão, porque a gente não tem essa proibição de atender clientes de fora, é até melhor pra casa se você trazer clientes.

E1: Novos clientes.

e1: Né? Sim. E aí as pessoas começaram a me procurar e eu fiz um perfil no Instagram, eu apaguei o meu perfil pessoal, onde as pessoas no Brasil me conheciam e aí eu fiz um perfil só pra pessoas de Portugal e a maior parte do meu público no meu perfil do Instagram é são homens. E aí lá eu coloco fotos, eu fiz vários ensaios fotográficos e aí eu fiz ensaios com lingerie na praia.

E1: Para angariar mais clientes.

e1: É, e eu publiquei e as pessoas, elas entram no meu perfil, vêm e me perguntam. E aí eu fiz o meu perfil. (telemóvel toca) Só um minuto.

E1: Sim, claro! Podes atender estás à vontade.

e1: (atende) Sim. E aí os clientes eles vêm até mim, mandam mensagem e falam, olha, você vende conteúdo erótico? E eu vendo, né? Eu fiz ensaio fotográfico nua e fiz vídeos também, tenho uma colega que eu gravei com ela na praia, no motel. Eu também gravei com ela. Eu gravei conteúdo fazendo sexo e eu vendo esse conteúdo. Então, tipo, primariamente os clientes eles compram o meu conteúdo e depois, naturalmente, eles se sentem interessados em vir fazer programa comigo.

E1: E depois vão ter as pensões?

e1: Sim.

E1: E nessa angariação que fazes com os clientes quando é a porta da pensão, ou seja, tirando a parte online, como é que tu lidas com as pessoas que passam, que te veem e abordam? Já sentiste alguma insegurança, alguma exposição? Como é que te sentes?

e1: Dos clientes, não. Porque, normalmente, os homens que consomem disso, eles não são muito hipócritas, sabe? Porque, assim, sempre tem aqueles julgamentos, tipo, aí, ela é puta, né? No português, claro. (risos)

E1: Sim, sim. (risos)

e1: Ela é garotinha de programa. Mas, no geral, assim, eles não têm muito o que falar, porque eles estão indo até lá pra contratar esse serviço.

E1: E as pessoas que não estão com o objetivo de contratar esse serviço, mas estão só, por exemplo, a passar na rua, a usar o espaço?

e1: Ai, aí você sente muito preconceito, como ali é uma avenida e tem muitos carros que passam, as pessoas que passam por ali...até é engraçado. Eu comento muito com as

minhas colegas, a gente tem três tipos de carros que passam, né? Tem as mulheres sozinhas dirigindo e elas passam olhando, assim, com cara de nojo, ou algumas passam olhando, às vezes, com cara de curiosidade. Tem os homens que passam sozinhos ou com outros homens e eles passam olhando tudo que tem pra olhar, pra ver ali todo o produto. Abre aspas, né? Todos os garotos estão ali e às vezes param e perguntam os preços. E depois tem os carros com os casais, e é muito interessante observar os carros com os casais, porque você vê como o homem é nojento. Porque, às vezes, o homem tá ali com a esposa do lado e ele passa olhando pras garotas de programa e aí, depois, é muito engraçado de ver, porque o homem tá olhando e depois ele olha pra esposa e toma um papão na cara. E, de regra, muitas mulheres, quando estão com homens, olham com cara de raiva e preconceito pra nós. Algumas olham com cara de curiosidade. Né? Tipo, como será que é fazer esse serviço? Sempre tem uma curiosidade ali no fundo, mas a grande maioria, assim, das mulheres passam com um olhar, assim, realmente de raiva, de preconceito, de repulsa.

E1: Como é que tu lida com isso quando estás a trabalhar?

e1: Eu ignoro, é assim, eu coloquei assim na minha cabeça, logo que eu comecei a trabalhar, eu olhava assim e pensava, nossa, eu recebo 30 euros pra transar com uma pessoa, né? Tipo, é isso que eu valho. Só que depois de um período, eu comecei a raciocinar que são 20 minutos do meu tempo. Por 20 minutos do meu tempo, eu ganho 30 euros, né? Porque 5 fica pro quarto.

E1: Ou seja, começaste a ver mais com o mesmo trabalho mesmo que...

e1: Sim. Quantas pessoas trabalham 8 horas por dia pra receber 30 euros? Então, são só 30 euros. Mas 30 euros de 20 minutos do meu tempo e a maior parte dos clientes terminam em 6, 10 minutos. Então, em 10 minutos no máximo, eu já recebi 30 euros. Quantos 10 minutos eu não tenho no meu dia? E eu comecei a mudar um pouco a minha visão. Do tipo, eu não sou uma pessoa que sou coitada, eu sou uma pessoa que eu tô aqui porque eu escolhi estar. Eu tô aqui porque eu recebo muito bem. E isso me empoderou enquanto ser humano, no sentido de que eu não preciso ser aceita, eu

não preciso ser gostada e eu não preciso nem sequer ser respeitada. Porque o que isso vai me custar é um preço que eu não tô disposta a pagar. Eu não tô disposta a trabalhar muitas horas no dia pra outras pessoas.

E1: Até, se calhar, sentiste que essa aceitação tinha de ver de ti e não das outras pessoas...

e1: Sim. E já passei por situações de olhar assim e me questionar. Nossa, será que eu tô fazendo uma coisa certa? Principalmente porque particularmente eu não gosto de me envolver com homens casados e com todos os meus clientes assim 100% eu não tenho nenhum tipo de contato senão profissional. Inclusive eu tenho um número de telefone que é o meu WhatsApp de trabalho onde eu tenho uma pessoa que eu pago pra fazer o atendimento dos clientes ali por mensagem. O meu único trabalho...

E1: Ou seja, a tua vida é bastante dividida entre a vida pessoal e o teu trabalho, fazes essa separação, divisão muito...

e1: É totalmente separada. Hoje eu pago um amigo meu, ele é meu funcionário, eu pago mil euros por mês e ele administra o meu Instagram e administra os meus clientes dos sites e aí ele faz toda ali a negociação, né? Ele passa os meus preços, ele faz aquela ladainha de falar com o cliente. Ai, você é maravilhoso, tô querendo você, que não sei o quê...uma coisa que eu não tenho paciência. E aí ele fechou com o cliente, ele falou, olha, tal cliente vai até aí, tal hora, ele é assim e assado. E aí ele falou, olha, tal cliente vai até aí, tal hora, você atende, cobre e acabou. E eu não tenho esse contato pessoal com os clientes.

E1: E quando vais...se calhar a tua interação mais pessoal, com mais exposição é quando estás a angariar nas pensões diretamente.

e1: Então, tu estás com os clientes na rua. Sim, o mais pessoal é ali na porta porque eu falo diretamente com o cliente.

E1: E sentes que tens que, por exemplo, acredito que haja muitas pessoas a passar nessa rua. Como é que tu te comportas? Ou seja, como é que, por exemplo, há um cliente, um potencial cliente, que ainda não é um cliente teu que não sabes ainda se pode vir a ser cliente. Como é que tu geras essa dinâmica? Se te posicionas de uma forma diferente? Se age de uma forma diferente? Como é que funciona para ti?

e1: Eu, particularmente, eu sempre uso uma roupa bem curtinha, para as pessoas olharem para mim e saberem que eu sou garota de programa, né? E aí, quando os homens passam por mim, eu percebo os homens que passam e não olham. E os homens que passam e olham, eu olho diretamente nos olhos desses clientes. Os homens, eles olham para mim, eles olham para mim que eles estão sendo notados de alguma forma. Então quando um homem olha pra mim e eu olho de volta e eu sigo ele com um olhar. Ele já percebe, nossa, eu fui notado. Esse é o primeiro passo. Segundo passo, eu sorrio pro cliente mesmo que ele não venha comigo. Se a pessoa passou e eu segui ela com um olhar e ele olhou de volta, eu sorrio pra essa pessoa porque você já dá uma abertura pra ela. E quando o cliente passa e vê uma garota ali que tá posicionada de forma sensual, tá sentindo que ele foi notado, normalmente ele vai, dá uma volta e depois ele volta. E aí ele volta e fala: Oi, tudo bem? Aí você fala. Oi, tudo bem? Como é que você tá? Você tem que sempre ser mais meiguinha, mais fofa. Porque quando a gente é prostituta você tem que ter muito essa coisa da sedução. Então você tem que tentar encantar esse cliente de alguma forma. E aí você fala com ele de um jeito mais doce. Você fala. Oi, meu bem, tudo bem? Como é que você tá? Tudo bem? Tudo certo. Você tenta ali encantar o cliente. Seduzir pra que ele goste, pra ele se sentir à vontade com você. E pergunte o seu preço. E aí você fala o seu preço, alguns torcem o nariz. E aí tentam falar um preço menor. E eu sempre falo. Olha, meu bem. O mínimo é 30 euros. Porque 5 é pro quarto e 25 é pra mim. Mas eu falo isso com um jeitinho um pouquinho mais amizado e eles olham assim e falam: Olha, eu vou dar uma voltinha, depois eu volto. Porque tem uma outra casa ali na mesma rua onde as meninas cobram menos e aí alguns vão lá nessas meninas. Só que não são garotas tão jovens, né? Eu, na porta que eu tô eu sou a mais jovem, tenho 22, as outras têm mais de 30. E na outra porta são mulheres ainda mais velhas e não são, abre aspas, tão arrumadas. Porque nem existe

mulher feia, existe mulher que não se arruma. E aí eles vão, dão uma olhada nas opções deles. E aí se eles quiserem, eles voltam. Se eles não quiserem, eles não voltam. Mas geralmente quando eles voltam eles já sobem e fazem o programa.

E1: E como é que lidas com aqueles que não são clientes? Ou seja, com as pessoas que param e...como é que tu lidas com essa exposição?

e1: Eu tomo um pouquinho de cuidado quando casais passam por mim. Por exemplo, eu tô ali na porta parada. E eu vejo que tem um casal vindo, eu olho pro outro lado por respeito à mulher, porque se eu fosse, se eu estivesse no outro do lado da mulher eu não gostaria de passar por uma rua e ter uma prostituta olhando pro meu namorado. Então por respeito, eu nunca olho assim pro casal. A não ser que o casal me aborde querendo saber meu valor pra fazer um programa em conjunto, mas até hoje isso nunca aconteceu. Quando passa uma pessoa, tipo uma mulher, me olhando feio, eu encaro diretamente, porque quando você encara uma pessoa que tá te olhando feio você não olha. A pessoa entende que ela não te assusta, que o olhar dela de julgamento não é um problema. E se é a forma como tu expões isso às pessoas, demora a ter esse posicionamento.

E1: Como é que tu te sentes em relação às pessoas que são preconceituosas em relação ao que fazes?

e1: No geral, eu lido bem com isso. Teve apenas uma situação em que me abalou pessoalmente. Eu fui ali na esquina tomar um café e pedi...o café, tudo certinho e sentei pra comer. E aí vem um homem, sentou na mesa do lado e começou a me perguntar preços. E eu falei, olha, eu não tô trabalhando, tá? Depois. Não tô no meu horário de trabalho. E a dona do café veio até mim e começou a gritar coisas do gênero, olha, aqui não é lugar disso, isso é um lugar de respeito. Saia daqui, não faça isso aqui. E eu fiquei extremamente constrangida porque o café tava cheio de pessoas. As pessoas sabiam que eu era prostituta e fui... foi uma humilhação muito grande pra mim. Eu terminei de tomar o meu café com calma, levantei, fui até ela e falei bem assim. Eu falei, olha, você tá me julgando hoje por ser prostituta mas deixa eu te contar uma coisa, enquanto você

tá se fudendo aqui 12 horas por dia, o que você ganha no mês, eu faço em um dia de trabalho. Então, se tem alguém aqui que é burra, não sou eu. Outra coisa, a próxima vez que você ousar me humilhar, eu chamo a polícia pra você. Porque isso é um constrangimento que você não pode fazer. E mesmo que eu estivesse fazendo algo errado no seu estabelecimento, você ainda não pode fazer esse tipo de coisa. Tudo bem? Virei as costas e saí andando e eu nunca mais pisei naquele lugar. Nunca mais, eu não consigo. Acho que foi tão...tão assim...pegou...me pegou tão forte. No momento que eu não tava esperando. Que eu não consigo mais pisar naquele lugar. E aí eu voltei a trabalhar. Trabalhei normalmente naquele dia, quando eu cheguei em casa, eu cheguei e eu sentei e eu chorei. Porque eu olhei assim e falei, realmente, eu sei que as pessoas são preconceituosas, mas hoje eu senti na pele. Essa foi a única vez em que me abalou mesmo.

E1: E tu sentes, por exemplo, isto foi num espaço em que nem sequer estavas no teu local de trabalho. Foi na rua, correto? Num estabelecimento fora do teu...

e1: Foi dentro do café.

E1: E tu sentes que, por exemplo, se calhar a partir desse momento, alguma vez sentiste, sentiste que tinhas que te restringir o teu movimentar, por exemplo, dentro da tua zona aqui no Campo 24. Sentiste que tiveste que evitar algumas zonas porque sabias que podias ser mais abordada ou ter comentários de preconceito. Ou seja, sentiste que a tua movimentação na cidade foi alterada desde o momento em que as pessoas perceberam que eras trabalhadora sexual?

e1: Olha, a minha movimentação...a minha movimentação, não. Mas eu comecei a perceber que as pessoas notavam que eu estava ali e o que eu fazia. Porque é nítido quando a pessoa...parece que é como se você estivesse andando nua no meio de uma multidão, você sente que todo mundo sabe o que você faz. E parece que quando você não está no trabalho em si, do tipo, olha, estou aqui, estou trabalhando, você está num dia de folga, você está fazendo lazer e você sente que as pessoas sabem o que você faz da vida, ali você sente um ponto fraco. Porque você sente que a qualquer momento

você pode ser atacada. Mas quando eu estou trabalhando em si, se as pessoas me xingarem, se as pessoas me falarem desaforo, já passou por várias situações de clientes me perguntarem o valor e eu não concordar em fazer o serviço pelo valor que o cliente me ofertou e o cliente me sair xingando, sair de puta no meio da rua, para quem quisesse ouvir, e eu bati a palma e falo, ah, eu sou mesmo, meu bem. Eu sou mesmo. Né, sou puta mesmo. E aí, você vai fazer o quê? Pelo menos não sou um fodido que nem você que não pode pagar o meu valor. Mas sou puta mesmo. Mas...quando eu estou nas minhas horas de descanso, quando eu estou nos meus dias de folga, eu me sinto um pouco mais vulnerável. E aí eu não ando com roupas curtas, eu uso roupas mais cobertas, eu uso óculos escuros. Eu tento passar...

E1: Sentes essa necessidade de te passar mais despercebida, não é?

e1: Sim. Eu tento passar um pouco mais despercebida para que as situações assim não se repitam.

E1: E em relação às zonas que te movimentas? Por exemplo, este café, outros cafés aqui na zona, que sejam perto do teu lugar de trabalho ou até no teu dia-a-dia, no teu quotidiano. Sentes alguma diferença, lá está, desta forma de sentires mais... que tens que te esconder mais, que tens que se calhar não dar tantas vistas?

e1: No geral, tem um restaurante que eu sempre almoço e janto. E todo mundo sabe que eu sou prostituta. E eu me senti muito confortável porque nunca fui perguntada de nada. Nunca... sempre foi muito tranquilo. E nesse único lugar, eu fui a primeira vez com uma colega minha, que já estava aqui há muito mais tempo. Todo mundo sabia que éramos prostitutas e eu me senti totalmente à vontade. Então, nesse único lugar, é sempre que eu vou. Um outro lugar que eu costumo vir é aqui no Continente, tomar café. Porque como é um pouquinho mais afastado e eu nunca venho com roupas muito provocantes, normalmente eu até passo despercebida.

E1: Então, sentes que tens... acabas por se calhar inconscientemente...

e1: Sim, em alguns lugares eu evito.

E1: Achas que por vezes acabas por escolher lugares quase estratégicos para te sentires bem...

e1: Sim. Eu passei a evitar determinados locais. Eu sempre vou e testo. Eu vou num café, eu tomo um café, vejo...

E1: Como é que te sentes lá...

e1: Como que eu vou ser recebida. Ou então eu vou num restaurante, vejo como eu vou ser atendida, se vai ter alguma diferença, e aí eu vou vendo aonde eu consigo pisar e onde eu não posso pisar.

E1: E para ti, porque é que escolheste trabalhar numa pensão ao invés de na rua? Angariar mais clientes no espaço público em vez de ser na porta da pensão? Houve alguma ponderação nesse sentido?

e1: Na rua é muito mais perigoso.

E1: Foi a questão da segurança?

e1: Sim, porque na pensão, se o cliente fizer qualquer coisa, é só você gritar e tem uma pessoa lá que vai e entra no quarto e socorre. Na rua, tenho colegas que trabalham que entram em carros de clientes para fazer programa. Isso é uma coisa que eu jamais faria. Uma outra coisa que eu também não faço de forma alguma, é deslocamento. Nem atendo cliente em residência. As pessoas têm que vir até mim e no meu local de trabalho. Não faço deslocamento, nem mesmo para atendimento em hotéis ou motéis.

E1: Porquê?

e1: Eu já fiz atendimentos assim e eu sempre ia de Uber, eu não ia no carro de cliente porque do trajeto onde o cliente te pega até o final, muita coisa pode acontecer. Esse cliente pode-te drogar, esse cliente pode fazer algum tipo de coisa com você. Então, é muito arriscado. Esse é o primeiro ponto. E segundo, porque é uma coisa que não compensa, porque nessa localidade onde eu estou e onde eu trabalho, numa hora de

trabalho, se eu trabalhar 20 minutos, 20 minutos, 20 minutos, eu tiro cento e poucos euros. Num programa fora, a maioria dos clientes não querem pagar mais de 100 euros. E você tem o custo do deslocamento, você tem o tempo que você perde se deslocando para ir e o tempo que você perde se deslocando para voltar. Então, financeiramente, não é uma coisa que compense.

E1: Mas, por exemplo, quando tu entraste para o trabalho sexual, ainda não tinhas muitas informações quando chegaste aqui a Portugal...

e1: Não, eu vim totalmente sem...

E1: E nessa altura, onde ainda não sabias os preços das pensões, como é que funcionava aqui em Portugal, a grande distinção entre prostituíres-te através de uma pensão ou continuares a trabalhar na rua como fizeste da primeira vez, foi uma questão então da segurança, da proteção?

e1: Da segurança, sim.

E1: E houve mais algum obstáculo ou alguma diferença que viste que compensava mais inicialmente a pensão?

Olha, trabalhar na rua, tipo assim, entrando em carro de cliente, compensa porque você pode cobrar mais. Na pensão, normalmente, todas cobram o mesmo valor para não baixar tanto o valor, não desvalorizar tanto e para ficar uma coisa mais de igualdade. Mas, quando você atende o cliente no carro, você pode cobrar até mais, mas você tem um risco. E aí, você coloca na balança que a sua vida não vale 50 euros, a sua vida não vale 100 euros, o risco que você vai correr não vale a pena. E também, o cliente, ele te pega num ponto, mas você não sabe onde o cliente vai te deixar. Você não tem garantia de que esse cliente vai te machucar. Porque eu já vi casos onde ali na pensão, por exemplo, aqui nessa pensão que eu trabalho, dificilmente atendemos marroquinos. Porque aconteceram várias situações de clientes marroquinos subirem com a garota, fazerem o programa e depois mostrarem canivete, armas de choque e pedirem o dinheiro de volta. E aí, com medo, a garota deu e o cliente foi embora e não deu nem

tempo, assim, de chamar ninguém. Então, por regra, fomos aconselhadas a não atender nem homem muito bêbado ou drogado e também não atender marroquinos. Por uma questão de segurança, por conta do precedente.

E1: E sentes que, por exemplo, nessas situações específicas, tens mais controlo estando na pensão e tendo mais gente, do que se, por exemplo, trabalhasses na rua?

e1: Sim.

E1: Acaba por facilitar fazer quase essa distinção ou seleção de clientes?

e1: Sim, porque ali na porta, querendo ou não querendo, o cliente para e pergunta o seu preço, você olha para a cara do cliente, você consegue perceber se ele está alcoolizado, você consegue perceber se ele usou algum tipo de substância e aí você consegue fazer esse filtro, tipo, não, esse aqui não vou atender e aquele ali eu vou.

E1: E a nível de exposição, há alguma diferença? Por exemplo, sentes mais protegida, mais coberta quando estás à porta das pensões do que estivesses, por exemplo, numa esquina, a trabalhar mais na rua? Sentes alguma diferença ou não?

e1: Não, a exposição é a mesma. Eu particularmente não tenho problemas com exposição porque a minha mãe já faleceu, eu não tenho contato com meu pai, os meus irmãos no Brasil eu também não tenho contato e a única pessoa que é mais próxima de mim em relação ao nível de família é a minha irmã e a minha irmã aceita. A minha irmã, desde o primeiro dia que eu contei para ela, ela só me disse, olha, você é muito forte porque você precisa ter muito estômago para fazer esse tipo de serviço e eu não sei como você consegue. E toda vez que alguém me questiona, tipo, nossa, você sobe, você traz uma pessoa que você não gosta, pessoa que você não sente atração, eu sempre falo, gente, é a mesma coisa, eu sempre comparo que é a mesma coisa que trabalhar num necrotério. Você não quer estar ali, você não se sente confortável 100% em estar ali, mas é um serviço que precisa ser feito, é um trabalho. E eu particularmente, nesse sentido de trabalho, me tornei uma pessoa muito fria. Muito fria no sentido de que eu entro, eu entro, eu vou, faço meu trabalho e acabou. É um trabalho, não é uma coisa,

assim, pessoal. Lógico que sempre tem clientes que você acha mais bonitinho, que você vê o corpo, que te atrai mais, que você até sente prazer na relação sexual e isso sempre acontece porque é inerente ao trabalho, porque você dá prazer e você recebe prazer. Mas, num modo geral, eu sou muito profissional e eu sou muito fria, eu separo muito bem as coisas. Eu tenho vários clientes que mandam, assim, mensagem pro meu WhatsApp profissional e perguntam, ai, vamos jantar, namora comigo, não importa de você ter esse trabalho e eu sempre falo, meu bem, não, primeiro porque, hoje pra você, hoje pelo menos eu enxergo assim, eu trabalho das 9 da manhã até as 1h30 da manhã, de segunda a quinta. Sexta e sábado eu trabalho até as 3h da manhã e domingo eu trabalho até...

E1: Desculpa não percebi, disseste até as 3h?

e1: Até as 3h da madrugada, e no domingo eu trabalho até as 21h, até as 23h da noite. Hoje, pra mim, ter um relacionamento não é uma coisa vantajosa porque eu não vou ter tempo e eu também não quero ter o gasto de energia de investir num relacionamento com uma pessoa.

E1: Ou seja, neste momento tu estás numa fase da tua vida em que queres focar-te mesmo na questão do trabalho e em ti?

e1: É, e uma coisa que você percebe muito nitidamente quando você é garoto de programa é que os relacionamentos, de modo geral, eles têm data de validade. As pessoas não aceitam esse fato. Mas o relacionamento, a maioria dos relacionamentos, tem data de validade. A maioria dos relacionamentos, depois de 20 anos, eles já não são felizes. O que eu mais atendo são clientes idosos, casados há 50 anos e eu sempre questiono, nossa, você não é feliz no seu relacionamento? O que se passa? E depois de um certo período de tempo o relacionamento esfria e é uma coisa completamente natural. Porque uma pessoa que inicia um relacionamento aos 20 anos não vai ser a mesma pessoa depois de 20 anos. As pessoas mudam, ninguém vai amar a mesma pessoa com a mesma intensidade a vida inteira porque isso é uma coisa inconcebível. As pessoas mudam e é natural mudar. Então, eu parei e pensei, para que eu vou investir

em um relacionamento se fatalmente daqui 20 anos eu não vou ser a mesma pessoa, a pessoa não vai ser a mesma pessoa e não vamos ter o mesmo sentimento. E isso você começa a ter um outro parâmetro de divisão. Você começa a calcular muito mais.

E1: Desapegaste um bocadinho, se calhar, da parte emocional da tua vida pessoal e começaste a usar a tua energia focalizada mais para o teu trabalho...

e1: Eu, particularmente, não sou diferente de ninguém. Muito embora, particularmente, eu seja uma pessoa um pouquinho fria e muito separada da vida profissional para a vida pessoal, muito embora a minha vida profissional ocupe 89% da minha vida. Eu tenho pouco tempo de vida pessoal mesmo. Eu separo muito bem, eu separo o que é o profissional do pessoal. E, num contexto geral, para mim não é uma coisa que compense. Além disso, nas poucas ocasiões onde eu quero um carinho, onde eu tenho aquela carência mais de ser humano, eu descobri uma solução maravilhosa, que é contratar garotos de programa. (risos) Então, assim, quando eu estou mais carente, eu mesma entrei em sites de acompanhantes e eu pesquisei por homens que fazem programa e aí, eu conheci alguns e eu fui até um... eu cheguei a contratar um. De início, eu marquei uma massagem tântrica com ele, mas eu não queria ser tocada nas minhas partes íntimas. Eu só queria massagem mesmo. E aí, eu fui, conheci e eu coloquei assim, tipo, nossa, foi tão tranquilo, foi uma horinha que eu paguei ali o valor e recebi uma massagem. E teve aquela interação, tudo certo.

E1: Através dessas interações sentes que acabas por conseguir na mesma aquele carinho ou uma vulnerabilidade que precisas, mas sem tanto a parte do compromisso a longo prazo.

e1: É isso, porque é que eu não poderia pagar um garoto de programa naquele dia que eu estou mais carente? Eu posso muito bem pagar um garoto de programa três, quatro horas e falar, olha, eu quero que você seja meu namorado, eu quero que você me faça acreditar que você está completamente apaixonado por mim. Eu quero carinho, eu quero beijinho, eu quero abraço, eu quero chamego. Quatro horas. A a pessoa vai e faz.

E1: Sim, como uma contratação de serviços prática.

e1: É, você pode comprar, literalmente, você pode comprar isso. Então, pra que que eu vou sacrificar, né? Abrir mão do meu trabalho hoje, um trabalho que tem rendimento muito bom, em troca de talvez ter isso de outra pessoa e uma pessoa que simplesmente de uma hora pra outra pode me negar. Quando eu posso comprar, tudo ficou mais prático. As coisas da minha vida, pelo menos elas ficaram mais práticas nesse sentido.

E1: Pelo que percebi, inicialmente tu escolheste esta pensão onde trabalhas assim um bocadinho ao acaso, mas houve mais alguma razão que te fez permanecer sempre na mesma pensão? Além do bom ambiente que falaste? Achas que aqui no Campo 24 há bastantes clientes e uma boa afluência? Estarias disposta a mudar ou experimentar outra zona da cidade?

e1: Nesse momento eu estou muito satisfeita nessa pensão porque eu não tenho horário, né? Não sou cobrada de horário. Posso vir de manhã, de tarde, de noite, a hora que eu quiser, isso é possível. Eu, por uma escolha minha, eu decidi trabalhar das 21h até fechar porque é o tempo em que eu faço muito dinheiro. Num dia...

E1. Nesse horário é onde há mais afluência de clientes? Na parte da noite.

e1: Sim. Num dia normal eu faço em torno de 300, 350 euros, num dia. Então, se eu trabalhar o dia todo, eu tenho um rendimento, assim, muito bom. E é um dinheiro que vem ali na hora, eu nunca fico sem dinheiro. Além disso, as minhas colegas de trabalho, elas são muito tranquilas, não existe essa coisa de uma roubar cliente da outra. Você faz muita piada ali, a gente faz muita piada juntas. Essa semana mesmo tem um senhor que trabalha do lado, ele já é velhinho, tem 60 anos e ele é super, super gentil com a gente. Ele fez aniversário e juntaram todas as meninas, compraram um bolo e foram cantar parabéns pra ele. Então foi muito bacana.

E1: Sim, acabaram por criar ali uma comunidade e um bom ambiente de trabalho, não é? E essas pessoas que trabalham ao vosso lado na rua, uma mercearia, um café, uma

loja. Tu sentes-te então, tendo em conta a história desse senhor, sentes-te aceite nessa rua?

e1: Sim, porque ali já é uma coisa normal e com o tempo, as pessoas que trabalham ali, no início, as pessoas que chegam de início, elas podem ter algum tipo de receio ou preconceito, mas o tempo vai passando e aí, as pessoas passam, você dá bom dia, você...as pessoas vão vendo que você é um ser humano, você só tá ali fazendo um trabalho diferente. Então, quando eu cheguei ali, isso já era uma coisa muito amenizada. Eu não senti ali no comércio, ao redor daquela rua, eu não senti discriminação, muito pelo contrário, as pessoas passam, dão bom dia, fazem piada, riem. É mais na questão de alguns lugares específicos em que as pessoas são um pouquinho mais discriminatórias. Mas, de modo geral, ali é um lugar muito tranquilo de se trabalhar.

E1: Então, até sentes que, a nível geral, a discriminação ou preconceito que sentes de angariar clientes na porta são mais as pessoas que estão a passar e não as que convivem habitualmente com vocês nessa zona...

e1: Sim, das outras pessoas que passam sim, as vezes é, mas não das pessoas que estão mesmo nessa rua a trabalhar ou a viver.

E1: Chegámos à última questão. (risos) Já disseste qual era o teu horário de trabalho, mas porque é que consideras que esse é o melhor horário para trabalhar?

e1: Normalmente de manhã, trabalhar no período da manhã, das nove, até o meio-dia, uma da tarde, é muito bom. É um período muito bom, que tem bastante movimento porque é quando os homens, eles estão indo para o trabalho. Então, eles passam ali antes de ir para o trabalho. Inclusive, tem até um senhor que trabalha aqui, no continente. (risos) De manhã, assim, na semana, ele passa ali rapidinho, faz o programa e vai trabalhar. Então, de manhã, é muito bom para isso. E à noite, porque as pessoas estão saindo do trabalho. Então, as pessoas saem estressadas e querem aliviar. De tarde, é um pouquinho mais parado, de tarde é quando tem um movimento ali mais fraquinho.

E1: Isso é engraçado, na verdade faz todo o sentido. (risos) Mas tanto de manhã, quando as pessoas vão para o trabalho, e à tardinha quando as pessoas saem também é quando há mais afluência de pessoas que não estão à procura desses serviços, das pessoas que apenas estão a passar nas ruas.

e1: Sim. (risos)

E1: O facto de teres mais clientes nessas horas de maior afluência geral é um fator que te gera algum tipo de desconforto ou é algo que não costumavas sequer pensar?

e1: Sim, às vezes, sim, mas de modo geral, eu não tenho receio com exposição porque eu sou uma pessoa que...eu não tenho de quem me esconder.

E1: Sim, claro! Quando eu falei sobre desconforto não estava a falar em exerceres a tua profissão, estava a falar sobre as reações das pessoas e...

e1: Sim, sim. De modo geral, as pessoas não são agressivas. Hoje, eu já... já ouvi casos de colegas minhas, de pessoas que passavam, jogavam ovos nelas, né? Passavam xingando. Hoje, eu acho que nem tanto, pelo menos, desde o período que eu comecei a trabalhar até hoje, eu só tive uma situação em que um cliente não aceitou, mas o cliente estava bem alcoolizado e ele não aceitou o meu preço, e eu também neguei atender ele, porque não atendo esse tipo de cliente, nesse estado. Então, o cliente saiu assim, me xingando. Mas, no demais, o máximo que acontece é se as pessoas olharem feio. Mais silencioso.

E1: É uma discriminação mais silenciosa, menos verbal e mais corporal quase...

e1: Isso, isso mesmo, é uma discriminação mais silenciosa.

E1: Ok, está tudo, finalizámos. (risos) Muito obrigada pela tua participação. Foi um prazer.

e1: Ahh querida obrigada eu. (risos)

Anexo 6- Transcrição entrevista 5

(Miragaia, 16 de março, 16h)

E1: Já meti a gravar. Dás-me, então, o teu consentimento de gravar e utilizar esta entrevista para fins académicos? Para a tese que te falei?

e1: Sim, amor. Estás à vontade.

E1: Tudo o que não quiseses responder, não precisas de responder, ok? E podemos interromper a entrevista quando quiseses, ok?

e1: Tudo bem. (risos) Faz as perguntas que eu vou te respondendo.

E1: Ok, pronto a primeira pergunta que tenho para ti é se me podes falar um bocadinho do teu percurso de vida...

e1: Posso.

E1: E da tua atividade profissional.

e1: Posso. Comecei, como é que eu hei de explicar... comecei tudo aos dezoito. Foi a minha irmã até que me...que me guiou pá vida da noite, comecei nos boates. Tinha praí os meus dezoito...os meus dezoito, dezanove, comecei em boates na vida da noite. Ouve lá, entretanto, eu separei-me da minha irmã e vim aqui pó Porto.

E1: Eras de onde?

e1: Eu? Eu tava em Gaia.

E1: Ah em Gaia.

e1: Tava a morar com a minha irmã em Gaia. Mas, entretanto, conheci o pai da minha filha mais velha e vim pó porto, comecei a trabalhar aqui na Batalha, aqui na rua.

E1: Mas como trabalhadora sexual, logo aqui na Batalha?

e1: Ehh... sim, ali em Coelho Neto, ali no Padrão.

E1: Ok. Mas de rua?

e1: Sim, de rua.

E1: Ok.

e1: Trabalhei quatro anos na rua. Trabalhar mesmo trabalhar foram quatro anos.

E1: Nessa rua?

e1: Sim, nessa rua. Era... eu ficava na porta da pensão, os homens vinham ter comigo, combinávamos o preço e subíamos. Era...

E1: Ou seja, angariavas na rua à porta da...

e1: Na rua, na porta da pensão. Nós ficávamos na porta da pensão, na porta da residencial...

E1: Sim.

e1: O homem chegava à nossa beira, perguntava-nos o preço, nós fazíamos um acordo com o cliente e subíamos. Era cinco euros meia hora que o cliente tinha que pagar de quarto, dez euros uma hora o quarto, fora o...

E1: O teu serviço.

e1: O nosso serviço.

E1: Ok

e1: E normalmente eu levava aos vinte, vinte cinco naquela altura.

E1: E atualmente ainda tás a fazer...

e1: Não.

E1: Já não?

e1: Não.

E1: Há quanto tempo é que...

e1: Já... aí...há uns dois anos. Um ano e meio, dois anitos.

E1: Que saíste do trabalho sexual...

e1: Sim, já não...já não tenho muita aptidão para isso... não...

E1: E foste trabalhadora sexual durante mais ou menos quanto tempo?

e1: Tive dos dezoito até aos vinte e quatro mais ou menos.

E1: Quantos anos tens?

e1: Tenho 30.

E1: Ok. Eu queria-te perguntar agora como é que é o facto de exerceres a prostituição em locais públicos ou neste caso angariares os clientes em locais públicos influenciou a tua experiência enquanto trabalhadora sexual. Ou seja, como é que o facto de, de teres esta atividade que...

e1: É complicado. É um bocadinho complicado, sabes porquê? Porque nós somos muito má vistas perante a sociedade...

E1: Era essa a...

e1: Nós ainda somos muito julgadas e depois é assim...é muito complicado angariares clientes porque é assim, nem sempre sabes se aquele cliente vai querer ir ou não ou se

aquele homem... já me aconteceu. Eu até dirigi-me às pessoas e as pessoas não quiserem, já me aconteceu. Por exemplo, à noite, ali em Ferreira Cardoso, aos carros, às vezes eles param e não é para nós... e fica sempre...é...é...é aquela cena constrangida. Há sempre aquele constrangimento.

E1: E como é que lidas com isso?

e1: Oh lido bem. Num dá, dá. Não dá, não dá.

E1: Mas já tiveste alguma...como é que, como é que achas que as pessoas te veem e abordam vendo-te ali ao pé da pensão?

e1: Opaaa, depende. Há pessoas que nos veem bem, há outras que fazem sempre aquela cara feia tipo: “Vem aí a prostituta”.

E1: Mas já tiveste algum...

e1: Alguém a faltar me ao respeito? Já! Já, já, já, já tive aquelas velhotas e aqueles homens. Lá está, aquela sociedade menos...

E1: Que não compreendia, que não aceitava.

e1: Menos compreensível perante a nossa profissão. E depois é assim, nós somos muito mal amadas nesta profissão, nós não temos apoio nenhum para já porque é crime, em certo aspeto é crime. Não se pode prostituir assim....e depois é assim, nós temos muito pouco apoio, muuuuito pouco apoio.

E1: Por parte da generalidade das pessoas?

e1: É, de toda a gente mesmo não... por exemplo aquela cena de dizerem de nós fazermos descontos eu sinceramente eu não acho que fosse mau fazer disto mesmo uma profissão. Porque há mulheres que fazem disto...há mulheres que fazem disto mesmo profissão. (ouve-se uma voz ao longe, de um homem que diz: “É a profissão mais

antiga do mundo”) Eu acho que devíamos fazer disto uma profissão, eu acho. Acho que as mulheres da vida deviam ter muito mais respeito do que aquilo que têm.

E1: Acha que até podia ajudar a estarem mais seguras e a...

e1: Exatamente...

E1: E até terem uma condição de vida melhor?

e1: Exatamente, exatamente (Ouve-se uma voz ao longe de um homem, que diz :“Há países onde já fazem descontos”) Porque nem todas é para drogas, nem todas é para vícios. (Ouve-se uma voz ao longe de um homem, que diz :“Não é considerado uma profissão”) Não eu...eu posso dizer até que já fui prostituta para pagar água, luz, renda, comida...

E1: Sim como um trabalho.

E1: Ya, esses quatro anos era trabalho mesmo.

E1: Ok.

e1: Infelizmente eu fazia disso mesmo trabalho.

E1: Então prostituías-te não para consumo ou também para consumo?

e1: Não, nos finais já era para consumo também. Os meus primeiros três anos era só mesmo para pagar contas, pa ...

E1: Sim, uma atividade profissional.

e1: Era mesmo para a minha vida, para me sustentar. Era um meio de sustento. Só ao fim de um ano, ao fim de quatro anos, o último ano, aí sim, é que já começou a ser para consumo...

E1: Para consumo também...

e1: Para consumo, e não digo que de vez em quando não encontre um cliente mais antigo

E1: E faça serviços.

e1: E faço, e faço.

E1: E faz sempre, sempre fez em pensões? Ou alguma vez que também fez em espaços públicos mesmo. Ou seja, angariar para...

e1: Raramente, raramente me aconteceu isso.

E1: E porquê? alguma razão específica?

e1: À noite, por exemplo, à noite às vezes é mais complicado. Às vezes à noite nós não temos aonde fazer e então arranjam sempre um cantinho.

E1: E quando trabalhava na rua como é que tu te sentias? Alguma razão para ires para as pensões?

e1: É mais privado. É mais privado, é mais higiénico, é mais seguro...

E1: É por uma questão de privacidade? É mais seguro?

e1: E é mais seguro também, porque na rua tu não sabes com quem é que estás. E já mesmo numa pensão, às vezes pode correr mal.

E1: Então sentes-te...que tipo de emoções é que tens quando, por exemplo, prostituías na rua em relação...

e1: Na rua é mais medo.

E1: Medo de...

e1: Medo no geral mesmo, de ser roubada, de ser agredida.

E1: Até medo dos próprios clientes?

e1: Até medo dos próprios clientes. Mais à noite, porque normalmente quando eu fazia isso era à noite. E depois assim, uma pessoa não conhece, uma pessoa tem sempre receio que nos aconteça alguma coisa.

E1: E sentes quando te prostituías em locais públicos, ou angariavas clientes em locais públicos, sentes que tinhas de te comportar ou agir de alguma forma?

e1: Agir de maneira que não dê tanto a entender. Uma pessoa tenta sempre fazer de maneira que...claro que não vais estar no meio da rua: oh, senhor, vamos...não, não é assim. Temos de saber interagir com o homem e o homem connosco. Porque há homens que não gostam, há homens, por exemplo, que chegam à nossa beira e dizem: vamos? “. Vamos, mas vai à frente. Há homens que não gostam de dar nas vistas.

E1: Ok. Ou seja, tens uma abordagem mais discreta, não é?

e1: Para não ficar aquele...

E1: Para não perceberem tudo o que está a passar.

e1: Claro.

E1: Mas tens mais alguma...quase uma espécie de regra na forma de comportares, quando abordas as pessoas?

e1: Não. Não, depende.

E1: Como abordas?

e1: Depende, depende da pessoa também. Tento sempre fazer da maneira mais simples. Para saber.

E1: Abordas todos os homens que passam e que parecem interessados? Ou tens alguma regra de distinção?

e1: Não, tenho uma certa regra. Eu prefiro sempre distinguir antes se é ou não é. Porque às vezes pode acontecer não saber.

E1: E como é que tu fazes essa distinção na tua cabeça?

e1: Normalmente até me meto com eles ou peço-lhes o cigarro, ou pergunto-lhes as horas. De maneira que... como o local é para tal, uma pessoa tenta sempre abordá-los de maneira que... em que eles, os prós olham e dizem: “Está a trabalhar?”. Às vezes é assim.

E1: E quando abordas, neste é o primeiro contacto, sentes que há diferença quando estás ao pé da pensão ou quando estás só na rua?

e1: Há, há. Há, porque é assim, quando estás à beira da pensão eles sabem que estás para aquilo. Quando estás na rua já é diferente, já pode não ser aquilo que estás a pensar que é.

E1: E o que é que fazes nessas situações? Qual é a diferença de atitude?

e1: Na pensão nós estamos na porta da pensão e eles próprios vêm ter com nós.

E1: É mais autoexplicativo, não é?

e1: É, é mais...é mais fácil. Estamos na porta da pensão e eles sabem que estás ali, dás o toque ao homem, o homem quer, quer, não quer, não vem. Na rua já tens que ser tu, se calhar, um bocadinho a ir ter com eles.

E1: Ok. Ou seja, uma abordagem mais pessoal...

e1: Exatamente. Já tem que ser uma coisa mais...

E1: E como é a nível de sentimentos, como é que te sentias ao exercer esta atividade?

e1: Depende. Não muito bem, sabes? Havia momentos em que eu ficava reativa, tipo, chegava, por exemplo, era capaz de chegar ao quarto, deitava-me e muitas vezes até fechava os olhos. Nem sempre era fácil. Nem sempre.

E1: E sentes que, porque aquilo que falaste em termos da segurança, da privacidade, havia alguma diferença, por exemplo, quando prostituías na rua, a nível de sentimentos?

e1: Há, há, há, porque assim, na rua uma pessoa sente-se mais suja, eu acho.

E1: Sentes-te mais suja?

e1: É, não há tanta higiene. E depois é assim, calha do homem não ser propriamente aquela pessoa mais higiénica, mete um bocadinho de nojo. Porque na pensão nós tentávamos sempre com que eles se lavem. Na rua já não.

E1: Têm uns critérios mais exigentes.

e1: É, é, é, um bocadinho, eu sou um bocadinho nojenta, também.

E1: E além da higiene, há mais algum nível, por exemplo, a nível de segurança, ou a nível de facto estar mais escuro, ou a nível da privacidade?

e1: Não, é relativo. Eu acho que isso é um bocado relativo. É conforme o momento.

E1: Depende das experiências, não é?

e1: É. Já tive boas, já tive más.

E1: E para ti, pronto, já percebemos um bocadinho que há pessoas que não reagem bem. E como é que tu lidas com essas reações?

e1: Já sou habituada, já, pá, depende. Às vezes é frustrante, levar...às vezes levas respostas mesmo...até mesmo daqueles que não querem ir, às vezes levas negas. Por exemplo, não vão comigo, mas vão com outra. E se calhar a outra não é bem aquilo que tu... ó pá, depende.

E1: E sem ser aos possíveis clientes, por exemplo, pessoas que estejam a passar na rua, que não têm nada a ver com aquilo, ou até, não sei qual era a rua, o sítio específico onde estavas, mas por exemplo, mercearias, ou pessoas que estejam ali na rua...

e1: Não, já estava habituada, lá está. Como eu já tinha o meu sítio, já tinha o meu ambiente, as pessoas começam-se a habituar-se a ti também. É aquele respeito. Por exemplo, eu sou a prostituta naquela porta, fora daquela porta já não sou prostituta. Já sou uma pessoa normal.

E1: E tratavam-te como esse respeito não é?

e1: Tratavam-me sempre, trataram e sempre me dei esse respeito também.

E1: E inicialmente, ou tiveste de ganhar essa...

e1: Tive de ganhar esse respeito.

E1: E então, como é que era inicialmente? Sentias esse entrave?

e1: Eu sentia, sentia um bocado aquele entrave. Tipo, ia...ele sabe que eu sou prostituta. Sentia um bocadinho, mas isso é psicológico.

E1: Ok.

e1: Isso é um bocadinho psicológico. Sim. Apesar que há pessoas que dão-te sempre aquela tranca.

E1: Sim, as reações, apesar de...

e1: De te aceitarem há pessoas que olham-te sempre com má cara. Ou és vista como consumidora, ou és mulher da vida.

E1: E depois fazem juízos de valor sobre ti que nem te conhecem, não é?

e1: Distinguem, distinguem..

E1: E como é que tu te sentes? Em relação ao teu valor pessoal?

e1: Sinto-me bem, agora sinto-me bem. No início, quando era mais catraia, ficava um bocado frustrada. Agora não, agora já sei lidar melhor com isso.

E1: Já sabes lidar melhor... E tu trabalhavas na?

e1: Coelho Neto.

E1: Tu sentes que o facto de trabalhares nesse sítio fazia com que te movimentasses na cidade? Como é que tu te movimentavas na cidade, mesmo trabalhando nesse sítio?

e1: Era diferente. Ali, ali, era...

(foi interrompida por alguém , que se aproximou e entregou algo à e1)

e1: É assim, movimentava-me diferente. Lá está, porque ali era o meu sítio de trabalho. No resto da cidade, era uma cidade normal. Nos horários de trabalho, era trabalho. Tirando isso, era uma vida normal.

E1: Mas sentes, por exemplo, o facto de trabalhares ali, fazias o teu dia-a-dia mais ali naquela zona por uma questão de conveniência, ou por uma questão de...?

e1: Não, não. Depende. Se tivesse que fazer outra coisa... Se tivesse que me levantar de manhã e tivesse que ir à Segurança Social, fazia a minha vida do lado da Segurança Social. Não tem nada a ver.

E1: Ou seja, ias só para Coelho Neto no horário de trabalho?

e1: Só no horário de trabalho. Podia almoçar lá, podia ir lá às compras. Mas, não, normalmente, Coelho Neto mesmo era para trabalho. Mas, em redor, era uma vida normal.

E1: E porquê o Coelho Neto? Por alguma situação específica?

e1: Porque foi onde eu cresci, foi onde eu tive mais anos.

E1: Porquê esse sítio e não outras pensões?

e1: Não, eu tive muitas pensões. Trabalhei em muitas pensões, mas esta foi a principal.

E1: Mas, por alguma questão, essa zona específica da cidade? Ou foi por onde surgiu a oportunidade?

e1: Foi onde surgiu a oportunidade à primeira.

E1: E depois acabaste por ficar...

e1: Acabei por alugar lá um quarto, também.

E1: E estiveste mais em que zonas?

e1: Porque não era só pensão, era pensão e era a minha casa, também.

E1: Era casa, também.

e1: Eu, por exemplo, trabalhava nos quartos baixos, mas morava nos quartos de cima.

E1: Ah, ok. Então, apesar de ser no mesmo sítio, tinhas um espaço para casa e um espaço para trabalho.

e1: Exatamente, era, era.

E1: E sentiste que essa distinção de espaço te fez bem?

e1: Fez-me, porque eu tinha a minha privacidade pessoal e tinha o meu trabalho. Nunca juntei trabalho com o pessoal. Nunca, nunca fiz clientes na minha casa. Nunca. Nunca gostei.

E1: Exato, ok.

(interrupção. mudança de sitio da entrevista)

e1: Podes continuar.

E1: Para ti, qual é que são ou foram as maiores barreiras para exercer a prostituição?

e1: Acho que não houve assim grandes barreiras, não. Barreiras foram mais quando foi as minhas filhas. Quando tive a minha filha mais velha, aí sim já houve barreira porque aí tive que mudar um bocadito.

E1: Sentiste que como estavas agora responsável pela tua...

e1: Pela minha filha já foi um bocadinho mais complicado, na altura eu nem tinha vida para tal. Tive que entregar a minha filha ao pai.

E1: Mas sentiste que a prostituição te estava a impedir de cuidares da tua filha?

e1: Não, não era a prostituição. Era a qualidade de vida. Na altura era a qualidade de vida. Eu não tinha a qualidade de vida essencial para...

E1: Para poderes cuidar da...

e1: Para poder cuidar da minha filha.

E1: E a nível das reações negativas que também já experienciaste com as pessoas, sentes que também houve ali alguma barreira que te fez sentir mal contigo própria, ou que te fez questionar ou que te fez...

e1: Já, já, já. Isso, sim! Uma altura em que eu senti-me mal. Tipo, eu olhava para os outros, tipo, os outros eram empregadas de mesa, eram empregadas de cafés e eu nunca consegui sair daquela vida. Havia uma altura que eu julgava-me a mim mesma. E não tenho que me julgar, é uma profissão como as outras.

E1: Claro.

e1: Por isso é que eu te digo, acho que é injusto a prostituição não ser uma profissão.

E1: E achas que isso ia fazer com que até as pessoas...

e1: Respeitassem...

E1: Respeitassem mais.

e1: A mim e quem diz a mim, a outras mulheres.

E1: E achas que, por exemplo, que as trabalhadoras sexuais iam se sentir mais respeitadas até a nível pessoal?

e1: Exatamente. Pessoalmente e psicologicamente, muito mais.

E1: E como é que isso te afeta a nível psicológico? Por exemplo, o facto de haver pessoas, por exemplo, a trabalhar nos cafés e tu seres prostituta como falaste à bocado?

e1: A mim afeta-me, não é psicologicamente, mas magoa-me um bocado. Nós somos distinguidas, por exemplo, de uma empregada de café. Por exemplo, nós somos discriminadas perante a sociedade e uma empregada de café não. E se calhar uma empregada de café faz coisas piores. É o que eu acho.

E1: Ou seja, os factos de as pessoas te meterem logo esse rótulo...

e1: É, rótulo de puta, é mesmo assim. Desculpem o termo. (risos) Nós, perante a sociedade, somos uma puta e uma empregada de café é uma senhora. E não pode ser. Acho que isso, para mim, magoa-me.

E1: Sim, claro que sim.

e1: Magoa-me, porque eu passo por amigas minhas em que elas são enxovalhadas, por exemplo.

E1: Também trabalhadoras sexuais?

e1: Exatamente. Até mesmo no mundo agora do consumo, mesmo no nosso mundo de consumo, nós somos muito maltratadas. E eu, se calhar, percebo mais depressa uma mulher que se prostitui para consumir, do que uma mulher que ande com homens por causa de branca. Por exemplo.

E1: Ok.

e1: Sim. Entendes?

E1: Sim, sim.

e1: Mas é mais bonito uma mulher andar com um homem por causa de branca, que uma mulher a prostituir.

E1: Pela sociedade.

e1: Pela sociedade.

E1: E além da Coelho Neto, que outras zonas da cidade é que estiveste a trabalhar?

e1: Estive no Marquês, estive na Batalha, estive em... Estive ali em Ramalde, na zona Industrial, já estive em Baião, já estive em Passos Ferreira, aí já andei um bocadinho.

E1: Em vários sítios.

e1: Já, já andei.

E1: E isso por alguma razão específica ou tinhas algum contacto?

e1: Não, ia atendendo contactos, ia mudando. De vez em quando ia mudando, fazia bem.

E1: Ok. Para também mudar um bocadinho de ares, não é?

e1: Exatamente.

E1: E qual era o teu horário de trabalho? Tinhas um horário específico?

e1: Assim, durante o dia, eu levantava-me por volta das 10 até o meio-dia.

E1: Ok.

e1: Depois pegava às 2, mais ou menos às 7, 8. Isto na rua.

E1: Na rua?

e1: Na rua. À noite era das 10 até às 5 da manhã. E eles pegavam em nós e vinham-nos buscar às 10 e nós saíamos às 5.

E1: Da manhã?

e1: Sim. É o horário noturno da noite.

E1: Mas isso, por exemplo, é as pensões que fazem esses horários específicos ou são vocês?

e1: Não, eu estou a falar nas Boates.

E1: Ah, ok.

e1: Eu nas pensões era de manhã, andava, por exemplo, às 10 até o meio-dia e almoçava. Depois pegava às 2 até às 7. Ia à minha vida. Mas podia sair. Mesmo nesse horário eu saía, ia tomar café ou ia comprar uma camisola. Mas nas Boates era das 10, eles vinham-nos pegar às 10 e depois saíamos às 5 da manhã.

E1: E tinhas esse horário para alguma razão particular?

e1: Não. Na rua?

E1: Sim, na rua.

e1: Eu própria, lá está, como eu fazia daquilo trabalho, fazia horário.

E1: Sim, sim, mas, por exemplo, escolhias, por exemplo, o horário da tarde?

e1: Era mais ou menos conforme o trabalho.

E1: Mas sentias alguma diferença entre trabalhar, por exemplo, de manhã, tarde, noite. Sentias alguma...até a nível...

e1: Sim, havia sempre. Havia dias que valia a pena trabalhar de manhã à tarde e noite. Fazer um bocadinho de manhã, um bocadinho à tarde e um bocadinho à noite.

E1: Ok.

e1: Havia outros que de manhã não valia a pena, fazia só de tarde. Agora, no mundo da noite, aí aí tens mesmo que fazer horário, obrigatoriamente.

E1: Para também te organizares, não é?

e1: É, porque as casas noturnas têm horário.

E1: Pois é, enquanto são abertas, não é?

e1: É, por exemplo, eles vêm-nos buscar às 10, chegar e não chegar, 11, vestir e não vestir meia-noite, era da meia-noite às 5.

E1: Essas 5 horas.

(Alguém se dirigiu à E1. Interrupção. Mudança de sítio)

E1: Só mais uma questão, só para acabar. É mais uma pergunta em relação ao que estavas a dizer agora. Tu sentiste alguma diferença, por exemplo, a nível de segurança, ou disposição?

e1: Sim, sentia. Uma pessoa tendo um horário, tendo uma rotina no mundo da prostituição, é sempre muito mais seguro.

E1: Ok. Podes elaborar?

e1: Porque não trabalhas só à hora. Nesta vida, tu tens que ter um ritmo, tens que ter um horário, tens que ter uma rotina. Porque senão... assim, tendo uma rotina, tendo um horário, sabes que vais encontrar sempre o certinho, não vais encontrar o mesmo maluco.

E1: Ok.

e1: Por exemplo, à noite, não podes trabalhar horas e horas. Não. Tens que ter aquela rotina.

E1: E trabalhavas mais horas, por exemplo, durante a tarde do que à noite?

e1: À noite, eu à noite, na rua, era muito raro trabalhar. Era muito raro.

E1: Por alguma questão específica?

e1: Segurança.

E1: Segurança. Achas que o facto, por exemplo, de estar, por exemplo, a luz do dia...

e1: A luz do dia, é....é sempre é mais garantido durante o dia do que à noite. Porque depois à noite também não tens pensões. Antigamente havia muitas, havia muitas abertas, agora não.

E1: Ok. Pronto, queria-te perguntar, é se tens alguma pessoa, ou conheces alguma, tens alguma amiga que também seja trabalhadora sexual, que tenha trabalhado na rua?

e1: Sim, tenho, tenho algumas, mas...

E1: Se eu te puder dar, eu tenho aqui um cartãozinho.

e1: Pronto, deixas-me o teu cartãozinho, qualquer coisa, eu ligo-te.

E1: Pronto, é isso mesmo, muito obrigada!

e1: Ok, amor. (vê cartão)

e1: Sapinho, que giro!

E1: É mesmo o meu nome. (risos)

e1: Ah, que giro. (risos)

e1: Ok, está bem, eu ligo-te.

E1: Pronto, olha muito obrigada pela tua participação, mesmo.

e1: Oh, de nada, então...ora essa!

E1: Diz-me só, qual é o teu último nome?

e1: Moraes.

E1: Moraes.

Anexo 7- Transcrição entrevista 6

(Miragaia, 20 de março, 17h)

E1: Já está a gravar. Tem a minha palavra. A sua identidade nunca será relevada.

e1: Tá bem, menina eu aceito.

E1: Pronto. Se eu puder começar, então. Tudo que não compreender ou tiver alguma dificuldade ou não quiser responder, é só, dizer. Não é obrigada a...

e1: Sim, sim, já tinhas dito-me. Podes perguntar à vontade.

E1: Pronto, a primeira pergunta é assim, um bocadinho geral, que era se me podia falar um bocadinho de si, do seu percurso de vida, se estiver confortável, e da sua profissão ou o facto de ser prostituído, um bocadinho esse processo.

e1: Já fui 12 anos, é a única situação, e andei a passar a ferro, casas particulares, fui abandonada aos 3 meses e meio de idade, fui criada com pai e mãe adotivos, eram borrachões, deram-me álcool e eu caí também na mesma situação, tive um namorado que me meteu na droga. É a vida, percebe?

E1: Claro.

e1: Mas eu não quero falar aqui.

E1: Não, sem problema.

e1: Não quero.

E1: Ah, aqui nesta zona?

e1: Sim. Desculpe.

E1: Então...

e1: Vamos para outro lado.

E1: Sim, sem problema! (mudança de sitio da entrevista)

e1: Muito obrigado.

E1: Percebo perfeitamente.

e1: Muito obrigado.

E1: Aquilo não é seu?

e1: É, sim senhora. (Vai buscar os seus pertences) Não tenho de contar a minha vida a ninguém.

E1: Claro, claro que sim.

e1: Obrigado, menina. Espere um bocadinho que elas venham, que elas só foram lá em cima.

E1: Ah, mas quer continuar a entrevista ou prefere ir para...

e1: Eu posso ir pra li. Se a senhora não se importar.

E1: Não, eu para mim...

e1: Agora, aquele indivíduo é que...

E1: Sim, eu percebo, são coisas pessoais.

e1: Eu não consigo comer aqui, percebe? Sente-se aqui, se puder. Agora, eu já estava a abrir a minha boca demais quando o vi ali.

E1: Aqui de facto estamos um bocadinho mais sozinhas.

e1: É muito complicado. Não tenho de contar a minha vida a ninguém.

E1: Claro. E tudo o que não quiser dizer, lá está, está 100% à vontade de não responder.

e1: Pronto.

E1: E quando é que se começou, se puder dizer, quando é que começou então a prostituir-se?

e1: Aos 16.

E1: Aos 16? E foi 12 anos a partir daí?

e1: Sim, é.

E1: E hoje em dia? Já não se prostitui?

e1:Não, não, não, não.

E1: Parou há quanto tempo?

e1:Estou a dormir na rua. Uii, uiii, há uns anos.

E1: E a prostituição era na rua ou era em pensões?

e1: Tudo, pensões, carros, rua...

E1: Ou seja, era um pouco por...

e1:Sim, sim, sim.

E1: E havia...

e1: Caminhões.

E1: Ok.

e1: O que aparecesse.

E1: E como é que se sentia, por exemplo, quando havia uma diferença entre ser em apartamentos ou ser num local público? Havia alguma diferença?

e1:Também havia na rua.

E1: Sim, na rua. Sentia alguma diferença?

e1: Ah, claro que sim. É uma badalhoquite. Não tínhamos nada para nos limpar a não ser papel, não há água para nos lavar. Totalmente diferente.

E1: E sem ser a nível de higiene? Mais alguma...

e1: Oh, senhora, eu vou-lhe dizer uma coisa. Cheguei ao ponto de entrar num carro ir para um parque de camionetas e daí apontam-me a arma à cabeça, porque viram-me eu a pôr o dinheiro no pé.

E1: Então alguém estava a roubá-la?

e1: Sim, claro. Devolve o dinheiro. E eu abro a porta, começo fulano tal, fulano tal, salto da porta, vai ele com a porta aberta. Até sentido contrário, senhora. Sujeito...

E1: Num carro ou num caminhão?

e1: Num carro.

E1: Num carro.

e1: Sujeito a vir um carro de caminho. Porque aquilo é uma curva, percebe? Uma curva. Daqui não tens de virar para baixo, tens de virar para cima. Ele virou para baixo, eu na curva.

E1: Ah, então estava mesmo em sentido...

e1: Maluco. Percebe? Maluco. Eu não sei como é que o gajo não se espetou, menina.

E1: Até com outro carro? Ou sozinho?

e1: É o que eu estou a dizer. É o que eu estou a dizer. Se tivesse um carro de cima para baixo que não contasse com ele... Paommmm!

E1: Claro.

e1: Já me saía dali. É que já me saía dali, filha.

E1: Sim, sim. Eu estou a imaginar mais ou menos o cenário.

e1: Nossa senhora, não é?

E1: Então sente que nas... por exemplo, na...quando era na rua...

e1: Já fiquei em França a pé.

E1: Em França?! (riso)

e1: Sim. Com um senhor de 70 anos, outro de 70 e poucos. À boleia, coitadinhos, cheio de neve.

E1: Depois conseguiu voltar a Portugal?

e1: Fui lá à boleia.

E1: Foi de boleia até Portugal?

e1: Sim, sim. Como é que hei de dizer? De certeza que ele já faleceu, que Deus o tem. Como é que eu hei de falar à senhora? camiões da tira, coitadinho do homem.

E1: Ele estava consigo?

e1: Sim, claro.

E1: Foram os dois?

e1: Ele dormiu na parte de trás, tadinho, que eu deixei-o ir e sentei-me na parte da frente. Depois fomos até à próxima área.

E1: Iam indo pedindo boleia ao longo do percurso.

e1: Olha, ele ainda chegou primeiro que eu.

E1: A sério? (Riso)

e1: Lá! E eu fui num carro de dois bebés e um casal. E ele como tinha a reforminha dele, deixou-me ir eu e ficou ele, percebe? Em França.

E1: Sim, sim.

e1: Mas ele...oh, quando eu cheguei lá, olha, não sei como, sei que aquele carro levou-me até Águas Santas.

E1: Ah, então foi mesmo aqui pertinho? (Riso)

e1: Sim, Águas Santas. Depois daí, de Águas Santas, eu estava lá...o senhor Araújo, que Deus o tenha, que já morreu de certeza. Já estava lá o senhor... ai, como é que se chama aquele senhor? Era um taxista, era um taxista.

E1: Que lhe deu boleia também?

e1: Sim, mas depois o senhor Araújo pagou, claro. E ele já estava de cabelo cortadinho, todo bonito. Ai, gostei, gostei. (risos)

E1: E esse senhor é de cá?

e1: É. É.

E1: É desta zona?

e1: É da... era de trás de Conde Ferreira. Já morreu, o Sr.

E1: E a senhora?

e1: Eu sou de Lisboa, fui abandonada aqui, já lhe disse.

E1: Ah, é de Lisboa e depois veio para o Porto.

e1: A minha mãe abandonou-me aqui no Porto.

E1: Aqui no Porto?

e1: Sim, numa celeira de uma porta, embrulhada num cobertor.

E1: E a partir do momento em que... depois cresceu aqui?

e1: Sim, sim, sim, com o pai e mães adotivos, que eram alcoólicos também. Sou muito sincera com a senhora, com a menina, com todo o respeito. Levo a minha vida agora na rua.

E1: E está aqui a ser ajudada no centro?

e1: Tomo a metadona, bebo agora. (Abana a garrafa de plástico com líquido dentro) Já bebi um litro e meio, mas já não bebo durante a noite. Tomo a medicação.

E1: Isso já é bom, já se sente...

e1: Mas há muitos corpos no chão. Doí muito dormir no chão.

E1: Ainda por cima com o tempo que tem estado...

e1: E eu estou cada vez a enterrar-me mais. Agora tou com uma anemia.

E1: Está com uma anemia?

e1: Tou, tou.

E1: Mas está a ser medicada aqui?

e1: Sim, sim, sim.

E1: Está a receber...

e1: Ahhh, eu agora durmo toda a tarde. Só que o mal, o mal...como é que lhe hei de falar menina? (Fala mais baixo) Quando acordo, tenho de ter mais 1 eurinho para beber um litrinho...

E1: Sente logo falta de manhã.

e1: É, do álcool. De manhã e um bocadinho à tarde. Sim. Bebia cinco, agora estou a beber dois.

E1: Tem que estou orgulhosa de si, houve uma boa evolução.

e1: Sim, sim, é verdade. Eu também vejo em mim a minha. Há um bocado estava assim, um bocadinho aflita, a fazer cocó. Percebe, menina? Já não conseguia mais.

E1: Teve de ir aí ao...

e1: Tive de um ali ao café.

E1: Foi um café.

e1: Fui a um café, a um café. Lá puxei, lá puxei, lá puxei, estava-me a custar de sair, que no Hospital Santo António davam-me um xaropito, que era para tomar, para poder fazer a diarreia.

E1: Sim, aqueles remédios para ajudar a evacuar.

e1: Diarreia ou cocó, seja o que fosse. Porque eu tive uns tempos a fazer diarreia. Quero limpar-me. Estava-me ao Hospital.

E1: Sim, estava ali a sair tudo.

e1: Sim, eu não vou mentir que ainda levei vinho comigo. Sempre que podia, uma pinguinha, sempre podia também ia lá para fora fumar cigarro. Percebes, filha? Isto é complicado.

E1: Claro, é muito difícil deixar, é um processo muito complicado, eu percebo a senhora.

e1: Quando conseguir largar isto, juro-te por Deus, que Deus me ajude, não pego mais. É horrível. Ainda por mais uma anemia, sujeita a morrer, de estar lá a dormir e não acordar. Acho que estava com os olhos amarelos, estava com a cara com os poros, o caralho, não sei.

E1: Mas já estava a ser acompanhada há muito tempo aqui?

e1: Já, já, já.

E1: Pouco a pouco... não é fácil. É muito complicado. Olhe, se puderes fazer mais umas perguntinhas sobre a parte do trabalho sexual...

e1: Diga.

E1: Já me disse que estive um pouco em prostituição de apartamento e na rua. Sem ser a questão da higiene...

e1: Apartamento?

E1: Pensões, desculpe.

e1: Sim, pensões, pensões.

E1: A nível de rua, ou seja, de rua incluindo os carros, angariar os clientes na rua, como é que se sentia, por exemplo, como é que se sentia a nível da exposição, da segurança?

e1: Oh filha, mal. Mal. A pedir o dinheiro e eles querem menos, eu não, não vou, xau. Se quiserem pagar o que eu digo, eu entro.

E1: Ok. E a nível de exposição, por exemplo, para outras pessoas? Na rua...

e1: Na rua, como?

E1: Ou seja, vê os clientes na rua e aborda-os, certo?

e1: Sim, sim.

E1: E como é que... como é que é essa interação? Por exemplo...

e1: Há quem aceite, há quem não aceite.

E1: Mas sente que teve já reações de...

e1: Não, não. Mas o que é reações?

E1: Com reações eu quero dizer, por exemplo, como as pessoas a tratam, como se sente, como...

e1: Não, há muitos que têm mulher em casa, é isso que fazem.

E1: Portanto, não se sentiu muito...

e1: É necessidade. É necessidade do dinheiro, necessidade da droga. Andei 12 anos na droga.

E1: Prostituí-a-se para consumir?

e1: Sim, senhora. Para o consumo, sim, senhora. Sim, senhora.

E1: E a nível de... por exemplo, quando trabalhava, há alguma distinção entre quando trabalhava nas pensões, ou era mais na rua, a nível de insegurança?

e1: É igual.

E1: Sentia... e como é que sentia a esse nível?

e1: Ah, não sei. Não sei o que é que quer dizer isso. Insegurança o que é isso? Não conheço a palavra.

E1: Com insegurança eu quero dizer medo ou algum receio ou...sentia algum receio?

e1: Claro que sim, medo que eles façam mal lá dentro. Já tinha sempre um... tinha um homem cá fora.

E1: Nas pensões?

e1: Sim.

E1: E quando era na rua?

e1: Na rua, não, não tinha carro.

E1: Então sentia...

e1: Tinha que me safar sozinha.

E1: E sentia mais medo nesse aspeto?

e1: Mais medo.

E1: Na rua?

e1: Sim, nos carros.

E1: E tinhas algum local específico de trabalho ou era um pouco...

e1: Não, eu sabia os sítios onde ia, só que ele não ia lá até comigo.

E1: Como? Quem é que não ia?

e1: O meu marido. O pai, o pai dos meus filhos. Não ia até comigo.

E1: Então trabalhava sozinha?

e1: Sozinha, sim senhora.

E1: E escolhia...

e1: E o gajo do carro é que tinha que me levar ao sítio.

E1: Ao sítio onde...

e1: Eu estava.

E1: E em que zonas trabalhava mais?

e1: Quando era na rua no Jornal de Notícias.

E1: Jornal de Notícias.

e1: Teatro, Trindade, Lima 5... era por aí.

E1: Por aí. E porquê esse sítio? Alguma razão específica?

e1: Não sei, foi onde eu comecei a parar.

E1: Ok. E começou a parar aí porque tinha algum contacto?

e1: Não. Foi ali que eu parei.

E1: Sim. Mas parou ali porque...

e1: Quero ir comer.

E1: Oh desculpe. Já estou... Já estou... Eu vou tentar despachar...quer parar?

e1: Pode falar, senhora.

E1: A nível então de horário de trabalho. Tinha um horário específico? Ou era...

E1: Já não me lembro, já não me lembro.

E1: Mas era mais, por exemplo, da parte da tarde, da parte da noite?

e1: Não, minha senhora. Já não me lembro disso.

E1: Ok. Mas não se lembra se costumava estar mais escuro? Se trabalhava...

e1: Era durante a noite. Era durante...

E1: Era mais à noite então?

e1: Até às sete da manhã.

E1: Como é que te sentias em ser à noite?

e1: Era fixe. Pegava às dez, saía às sete.

E1: Saia às sete?

e1: Ganhava-se sempre cinco contos, às sete da manhã em ponto.

E1: Só recebia no fim?

e1: Não, ia recebendo...

(pausa, mudança de sitio)

E1: Ok. Ok. E para ti, quando fazias prostituição, quais eram os maiores obstáculos?

e1: Quais obstáculos? O que é que isso significa? O que é obstáculos?

E1: Obstáculos... as maiores dificuldades que sentia?

e1: Não gosto.

E1: E a nível, por exemplo...

e1: Sempre com camisa.

E1: Usava sempre preservativo?

e1: Sempre.

E1: Ok. E sentias, por exemplo, a nível das reações das pessoas?

e1: Sempre com camisa. Ahhh, claro que sim, há porcos, há porcos, há porcos. E violentos há muito. Há muito.

E1: E sentias isso no geral?

e1: Sim.

E1: Ou mais, por exemplo, na rua ou mais nas pensões?

e1: Ó filha é igual.

E1: Era igual?

e1: Era tudo igual, era tudo igual, depende do homem.

E1: Dependia da pessoa, não era?

e1: Sim, filha. Sim. Sim.

E1: E sentias que quando trabalhavas, durante essas horas que trabalhavas, sentias que... Não sei se sentias alguma diferença entre as pessoas que podiam aparecer lá, ou seja, o medo, ou era...

e1: Mais ou menos, é mais ou menos. Tu vês um homem, faz-te uma coisa, mas lá dentro já é outra, já sofri muito, menina.

E1: Depois como reage, e como...

e1: Pois, pois já é outra.

E1: E a nível de angariar os clientes, como é que era a sua abordagem?

e1: “Queres ir amor? Queres ir?”

E1: Era assim mais direto.

e1: Sim.” Queres ir amor? Queres ir ao quarto? E ele disse sim ou não. Só isso.

E1: Ou seja, era uma abordagem direta?

e1: Sim.

E1: Abordava diretamente.

e1: Sim.

E1: E fazia alguma seleção de clientes?

e1: E depois ele pergunta, ele pergunta: O que é que fazes? Eu digo, chupar, foder, cona, cu não. Percebes?

E1: Sim, sim.

e1: Só isso. Só isso. Chupar, foder...é tanto, é tanto e acabou.

E1: E lidava então de forma boa com as pessoas que...

e1: Sim, sim.

E1: E sentiu-se alguma vez...

e1: Olha o porco. (pessoa a passar)

E1: Olhe está concluído, muito obrigada.

e1: Pronto, mas olhe quando quiser aparecer eu estou consigo. Pode confiar em mim?

E1: Sim, é uma ótima companhia então.

E1: Pronto. Obrigado, gostei muito de si.

E1: Ora essa, obrigada eu pelo seu tempo. Consegue-me dizer a sua idade, se puder ser?

e1: A de agora? Quarenta e cinco, acho eu. Já não sei bem.

Anexo 8- Grelha de entrevista 1

Dimensões de análise	Análise	Excerto da entrevista
I. As experiências das trabalhadoras sexuais nos espaços públicos urbanos (vivências, histórias de vida)		“(...) Eu estava a ver que estava a desistir, aceitei e comecei a consumir e ele me meteu-me a trabalhar na vida da noite e nunca mais deixei. É a vida mais fácil. E é a mais perigosa. O meu pai vendeu-me, desde pequena.” “e1: Ó meu amor, foi o que é, não é? Fui violada, espancada... E1: Por clientes? e1: Sim, homens. Um, um dia levou-me para um beco (...) e espetou-me a cona com um ferro quente, tive de ir para o hospital.”
II. As representações sociais das trabalhadoras sexuais relativamente aos espaços públicos urbanos		“E1: Sim, na rua sentes...sentes essa exposição. e1: É, exatamente filha.”

(sensação de segurança/insegurança, exposição e vulnerabilidades)		“E1: (...) Sentes que tens mais controlo na rua? e1: Claro. Aliás, controlo no trabalho. Porque eu não vou estar a ir para uma casa onde vai lá qualquer um, nem fazem exames nem nada e querem que a gente faça sem camisas. Não aceito. e1: Claro, sim (tenho mais controlo sobre o meu corpo). Sempre, sempre. Sim é as minhas regras e eu não mudo. E não mudo. Sou fixa nisso eu já faço esta vida há 25 anos, ou mais ainda.” “E1: (...) Como geres o facto de exerceres em espaços públicos? Por exemplo, sentes que tens de comportar, como tu já falaste um bocadinho, e agir de certa forma, devido ao facto de estares
--	--	---

		mais visível, porque trabalhas, diretamente na rua ou não? 1: Sim, é isso...” “E1: Sentes-te em controlo de ti quando fazes essa atividade? e1: Sim, tenho todo o controlo.” “Quando estou à procura de clientes visto-me de forma diferente para eles gostarem.” “Mas eu trabalho de qualquer maneira, seja de calça, seja de saia, seja de mini-saia, qualquer coisa. Às vezes, tenho que expor mais que... E1: Sim, sentes que há essa necessidade. e1: Claro, mas naqueles sítios, não é em todo o lado. E1: Ou seja em ruas específicas.
--	--	--

		e1: É, porque a gente não vai estar de soutien à beira das pessoas, não é?”
III. Influência do trabalho sexual de rua nos significados subjetivos das trabalhadoras sexuais (percepções do <i>self</i>, sentimentos e emoções)		“É um sentimento que eu nunca pensei ter. Ódio...por mim mesma. Querer-me matar ao ponto e não vale a pena. Porque a vida é boa, a gente é que faz a vida.” “Mas não gosto de falar disso, deixa-me muito mal pensar no passado. “(sobre os abusos que sofreu no passado) “ (...) Porque se tu não te dás o respeito, não me tens o respeito. Não é? Porque se tu vais a um café vestida da mesma maneira que estás a trabalhar, não pode ser.”

		“(...) a gente acabasse por habituar-se. Como se não fosse pessoa.” “É. É uma decisão minha. (a prostituição) Porque é uma rota fácil, em vez de eu andar aí a pedir, a ficar com mais ódio ainda, por não me ajudarem por eu ser sem-abrigo. Prefiro vender o meu corpo.” “Claro, claro que sim, é afastar das pessoas. É o respeito que eu tenho de dar porque as pessoas que não entendem o que isto é, porque há, entre aspas, normais e toxicodependentes, não é? E vocês não veem toxicodependente com a boa cara, pois não?” “Mas a vida em si ensinou-me o respeito e é respeitar o próximo. É coisa que eles não sabem
--	--	---

		que isso é, eles entendem droga, droga, droga e sempre droga. Não é o respeito por ela mesma, elas não têm valor, não dão valor a eles mesmos, dão valor à droga, até a consumir à frente de toda a gente. Eu às vezes, quando estou lixada da cabeça, dou uma caneca à frente de toda a gente, mas sinto-me mal.” “Eu tenho mais controlo. Por eles, porque eles não utilizam a cabeça, utilizam mais a cabeça de baixo do que a cabeça de cima. É que eles... primeiro fazem as coisas, depois é que pensam. Eu não, eu primeiro penso e depois é que faço porque é isso que tu tens de fazer para não te arrependeres, tens de saber aquilo que queres.”
IV. O sentido de pertença das trabalhadoras sexuais à cidade (identidade com os espaços públicos,		

interação e socialização, reivindicação e afirmação nos espaços)		“Estas pessoas (desconhecidas) passam e não... não ligam. Não me tratam de forma diferente sabem o que estou a fazer. “ “Estás a trabalhar num certo sítio (...) e vêm (..) pessoas que não te conhecem. Sentes que és abordada de forma diferente por estares a solicitar, ou... e1: Não, acho que não. Nunca me aconteceu. “ (...) “Onde eu durmo, não trabalho. Nunca. O meu sítio é só o meu e o do Pedro. Não é de mais ninguém. “É o meu espaço. É o meu cantinho, é o meu berço. Porque se levar toda a gente ali já não vai ser o meu berço.”
--	--	--

		“Eu não quero muito saber o que as pessoas acham, se olham se querem saber, não é? Mas sempre com cuidado para que a gente não se meta em confusões.”
V. A configuração e usos dos espaços públicos para a prática de prostituição (áreas urbanas utilizadas para a prática da prostituição)		“Toda a gente sabe que eu faço isto. Eu não escondo, para quê esconder? Passas na rua, vejo a andar para um lado e para o outro, o que é que estás a fazer?” “Não vejo isso. Porque em todos os sítios que eu tenho andado, eles sabem o que eu faço. Porque eu respeito.” “Chego ao pé da pessoa, começo a conversar e depois é que lhe peço-lhe um cigarro e pergunto se tem uma moeda e depois começo a perguntar se quer ir comigo, se queres me

		ajudar ou não...começo sempre assim ok. Mas tenho de ter cuidado (...)" "Para fazer os clientes, a gente tem que ser isolado. Isso é. Porque há certas pessoas que querem estar com pessoas, eu não aceito." "Mas estava lá muita gente (onde se ia prostituir) e eu disse não, não quero. Entreguei o dinheiro e vim-me embora." "É sempre em sítios isolados (que solicita). É sempre... Por exemplo, aqui, aqui não. Aqui não, porque há pessoas e há movimento. Há sempre pessoas a passar, nunca há concentração, nunca há para ter uma pessoa chegar ao ponto não pode estar distraída."
--	--	--

		“Tenho mais segurança quando é um espaço que eu conheço e controlo. (...) Do que se fosse no meio da rua em que não conheço. No meio da rua nunca fiz, nunca fiz nem faço. A primeira regra da prostituição é essa. Nunca fazer na rua, no meio da rua. Por exemplo, tu tens um prédio aqui, não é? Apanhas um cliente e ele quer fazer ali. Não. Não podes fazer porque está sempre a passar gente, mora gente no prédio, não dá. A primeira regra é essa.”
VI. O direito e acesso à cidade das trabalhadoras sexuais (movimentação e circulação na cidade, restrições e acessos)		“ Eu ando pela cidade toda. Sou sem abrigo não é? Eu trabalho aqui nesta zona, depois é onde calha, vou vendo como estão os sítios.”
VII. Sentimento de insegurança e/ou segurança na prática do trabalho sexual na cidade		E1: Em termos de segurança, prefere ser tu a escolher o local porque...

		e1: Claro, podem estar lá na minha espera num sítio qualquer e a situação pode sair-me do controlo, não é? E1: Tu sentes alguma insegurança ao solicitar na rua? e1: Sim, sim, sim... E1: Já houve alguma situação em que sentes essa insegurança? e1: Sim, muito." "Fico um pouco nervosa, fico um pouco desequilibrada, mas depois conversando fica normal. Primeiro ajo diferente porque tento-me abrir mais mas com cuidado pela minha segurança na mesma porque nunca se sabe o que temos à frente. A minha segurança em primeiro lugar para a minha proteção porque já houve pessoas que eu acreditei e dei-me mal."
--	--	---

		“Mas tenho de ter cuidado, muitos tratam-te como lixo não né? E abusam muito, muito mesmo.” “(trabalha) De dia sim. de noite nunca, nunca. (...) Nunca se confia em homens... E1: Mas por uma questão da tua segurança? e1: Sim, claro. (...) há segurança no dia, posso ver os meus clientes e perceber as intenções... ...
VIII. Relações de poder, género e sexualidade na prática da prostituição (dinâmicas de poder e estratégias adaptativas)		“A gente leva com todo o tipo de homem. Todo que existe à face da terra. De assassinos, a mandar na pessoa por uma pequena coisa. Nunca confies em homens filha, só querem o teu mal, sempre, sempre, sempre.”

		“Eu tenho as minhas regras e os homens muitos não querem saber ...” “Gosto sempre de ter o meu espaço para controlar os homens, porque nunca se confia, não é? Eles só te querem mal mas nós precisamos deles mas nunca confiar, nunca, nunca, nunca. Já fui muito inocente, mas agora não, já vivi muito e já sofri muito, muito mesmo, estar na rua não é fácil, é o caminho fácil e dói. A segunda é não habilitar a fazer-se sem camisa com ninguém, nada, nada.” “(...) há uma regra que a gente tem que eles necessitam de nós e nós necessitamos e deles porque necessito de dinheiro, é isso que é a regra fundamental, sigilo.”
--	--	---

IX. Substâncias aditivas e o trabalho sexual		“E1: E achas que o consumo acabou por ser uma forma de te protegeres do que estava a acontecer? e1: Sim, mas não protege nada. Quando iniciei a consumir pensava que sim, mas era ao contrário. Agora vejo que é o contrário. “ “Não quero depender dos meus filhos. Porque se tu vais para a casa dos teus filhos, vais começar a mentir. A enrolar para poder sair, para poder fazer dinheiro para consumir. E eu não quero isso.”
--	--	---

Anexo 9- Grelha de entrevista 2

Dimensões de análise	Análise	Excerto da entrevista
I. As experiências das trabalhadoras sexuais nos espaços públicos (vivências, histórias de vida)		E1:A minha atividade é....agora neste momento é sobre sexualidade, não é? Pronto... (...) Mas não trabalho na rua. É só em pensões e sempre com o dito na pila, tás a ver?”
II. As representações sociais das trabalhadoras sexuais relativamente aos espaços públicos urbanos (sensação de segurança/insegurança, exposição e vulnerabilidades)		“E1: E porque é que confias mais nesta zona? (para trabalhar) e1: Eu confio mais nesta zona porque aqui tem muita mais gente, sabes? E assim como há muita gente que é violada e tal, entendeste? Sabe o que quero dizer? Pronto, é isso. “ E1: E por causa da exposição também? Tem muita gente na rua.

		e1: Exato, ya.”
III. Influência do trabalho sexual de rua nos significados subjetivos das trabalhadoras sexuais (percepções do <i>self</i>, sentimentos e emoções)		“E1: Tem as suas regras. e1: Claro, não sou maluca. Pronto e é o seguinte...mas eu também quero deixar esta vida, não dá muito...” “Quero arranjar trabalho fora disto.” “Vejo isto como um trabalho, uma profissão. Atão não estou a roubar nada a ninguém.” (...) ” Mas é assim também não acho bem aquilo que eu estou a fazer, não é?”. “Eu não me sinto bem comigo própria (...) “Mas eu não tenho medo. (...) O que dá-me gozo é eles fazerem o que estão a fazer e eu não tenho medo de nada.”

IV. O sentido de pertença das trabalhadoras sexuais à cidade (identidade com os espaços públicos, interação e socialização, reivindicação e afirmação nos espaços)		“(…) simplesmente eu estou ali, ou faça ou não faça, eu estou ali, toda a gente sabe dá bem comigo por isso, não excluí de nada, nem deixam de falar para mim, nem nada. Por isso, sou uma pessoa como as outras.” “Eu sinto-me mal é de me verem a ir com as pessoas para os quartos. (...) É verem-me com os homens a ir comigo ao quarto. (...) É isso que me sinto mal.” (...) “Algumas pessoas põem-se a olhar para mim, entendes? E às vezes são piores que nós nesta vida, não é? São piores que muita gente junta e pronto pensam que são os outros e depois são piores que nós. “

		(o caminho da rua até à pensão) “Não é bem medo, como é que eu digo, é aquele receio de olharem para mim assim com aquela cara assim de, sei lá, olha lá vai ela e não sei o quê. Veem-me com maus olhos e não gosto de ser julgada, mas não interessa nada, mas também que se olhem para o espelho delas, não é para o meu, é um espelho, elas que olhem de cima a abaixo para elas. Eu não sou menos que ninguém” “Nós somos distinguidas, por exemplo, de uma empregada de café. Por exemplo, nós somos discriminadas perante a sociedade e uma empregada de café não. E se calhar uma empregada de café faz coisas piores. (...) É, rótulo de puta. (...) Nós, perante a sociedade, somos uma puta e uma
--	--	--

		empregada de café é uma senhora. E não pode ser, (...) magoa-me.”
V. A configuração e usos dos espaços públicos para a prática de prostituição (áreas urbanas utilizadas para a prática da prostituição)		“E1: Ok. E nunca trabalhou na rua? e1: Não, ya. Era. E1: Mas angaria os clientes na rua ou como funciona? e1: Não, só aqui na estação de São Bento, aqui fora. E1. Ou seja, ia buscá-los à estação e não... e1: Não, não. Estou ali, não é? (aponta para a estação) Eles vão ter comigo e eu vou com eles lá acima ali. E1: Ah, então acaba por ser na rua a solicitação? No espaço público. e1: Exatamente, sim.” “Porque eu não vou para mais nada nenhum, porque eu não confio em mais

		nada nenhum. (prostitui-se sempre no mesmo sítio)” “E1: E como é que os aborda? (os clientes) e1: Vem ter comigo ali ou liga para mim, é melhor assim. E1: Mas inicialmente, como é que os abordava? Como é que se comportava? e1: Eles é que vinham ter comigo, não era eu que ia ter com eles. Eles é que vinham ter comigo. (...) Vem dar para mim e olhavam, vinham e perguntavam olha não vais levar a mal? Vou-te fazer uma pergunta. E eu respondia, sim ou não, não é? Era só isso.
--	--	--

		E1: E era por estar numa zona mais conhecida por... e1: Mais resguardada, não ali mesmo à beira. E1: Ok. E nessa zona costuma também estar outras pessoas a fazer o mesmo? e1: Sim, sim. (...) Eles iam a mim porque sabiam se eu estava ali porque como estava ali na zona, associavam. “ “Agia sempre normal. Nunca fui ter com ninguém, ficava ali na estação à espera sempre que houvesse alguém a ir ter contigo.” “Não, não, não, à noite não. Só de tarde, mais ou menos da parte da tarde. (...) É
--	--	--

		assim, às noites as pensões muitas delas estão fechadas. Entendes? (...) Também há menos pessoas, tá escuro e tal. Mais nada. Só por causa disso. Mais nada. Senão eu não vou para a rua, não sou maluca. De noite não.”
VI. O direito e acesso à cidade das trabalhadoras sexuais (movimentação e circulação na cidade, restrições e acessos)		(trabalho sexual e a movimentação na cidade) “Não me afeta em nada, porque assim, nisso não me afeta, porque assim, eu dou-me bem com toda a gente, como tu vês. Toda a gente me respeita e eu respeito toda a gente. Se alguém desrespeitar outra pessoa que seja da minha profissão ou não eu intervenho. Somos todos iguais, só não somos iguais numa coisa, é roubar. Isso, santa paciência. Uma prostituta como na mesa de um rei e um ladrão não.”

		“E1: Mas por questões profissionais, já que trabalhas ali em São Bento, tendes a fazer o teu dia mais nesta zona, porque é o teu local de trabalho ou não tens essa restrição? e1: Não, eu só venho aqui mais, para fazer, se tiver que fazer, faço. Se não quiser fazer, não faço. Fico por causa da metadona, não é por causa de mais nada. E1: (...) Ou seja, não há essa restrição só porque trabalhas aqui e ficas mais tempo... e1: Não, não.”
VII. Sentimento de insegurança e/ou segurança na prática do trabalho sexual na cidade		“E1: Então sentes-te mais segura ou protegida na pensão é isso? e1: Sim neste caso na pensão porque dá-me gozo. Também é mais fechado, tem menos pessoas.

		(...) Na rua não, é insegurança e as pessoas olham. E1: Então preferes a pensão por questões então de segurança e de exposição, não é? e1: Sim, exato. (...) É uma questão da segurança e de hígienes e tudo, não é?” “ (...) a mim nunca me aconteceu mas tas a ver ali várias pessoas que eu conheço obrigadas a fazer coisas que elas não querem e isso para mim era a pior coisa porque eu matava logo a pessoa e ficava logo ali estendida no chão, pronto, estava tudo arrumado.”
VIII. Relações de poder, género e sexualidade na prática da prostituição (dinâmicas de poder e estratégias adaptativas)		“ (...) eu não faço sexualidade como eles, entendes? Eu finjo que faço, entendeste? Percebeste agora... (...) Dá-me gozo, eles pensarem que estou a fazer sexo comigo e

		não estão.” “Dá-me gozo eles pensarem que estão a penetrar e não estão.”
IX. Substâncias aditivas a e o trabalho sexual		“ e1: Há cerca de... quatro anos e meio, mais ou menos. (que se começou a prostituir) Opa fiquei sem trabalho, sem nada. E1: E começou a ir para a prostituição? e1: Sim, depois meti-me na droga, pronto, foi o que me fodeu. (...) E agora a droga foi-se, não é? Ando na metadona mas também me fodi mesmo grande, muito mesmo.” “E1: (...) E era para consumo ou era para... e1: Era para pagar, era para pagar, era para pagar as minhas contas e para consumo também.”

Anexo 10- Grelha de entrevista 3

Dimensões de análise	Análise	Excerto da entrevista
I. As experiências das trabalhadoras sexuais nos espaços públicos (vivências, histórias de vida)		(...) Uma vez...também entrava nos carros, ia para os parques e isso era de madrugada. E uma vez houve um que andou sempre, sempre e eu dizia, então onde é que vamos? E ele “Ai, eu conheço um sítio” ... e depois vou para o sítio e apareceram mais...fui violada... e me deixaram-me lá. E a outra experiência foi um me dizer: “é só pago no fim”. Chegou ao fim e disse aí, agora não há dinheiro para ninguém.”
II. As representações sociais das trabalhadoras sexuais relativamente aos espaços públicos urbanos (sensação de		(em São Bento onde se prostitui) e1: “Onde havia mais pessoas. Também me sentia mais segura, muita gente aqui. Sentia-me mais segura, e tem pensões à beira, tem

segurança/insegurança, exposição e vulnerabilidades)		bastantes. E1: Ok. Então, o facto de também estar muita gente aqui nesta rua, também te fazia sentir que... provavelmente não ia acontecer nada, porque estava muita gente a ver-te? e1: Sim, sim, precisamente!”
III. Influência do trabalho sexual de rua nos significados subjetivos das trabalhadoras sexuais (perceções do <i>self</i> , sentimentos e emoções)		(a discriminação) “Isso também me ajudou a deixar... esse... fiquei com vergonha e acabei por deixar isso. “ E1: “E sentes que tiveste menos apoio quando entraste na prostituição? e1: Sim, sim, tive menos, tive. E1: Ou seja, as pessoas viam-te...sentiste alguma... e1: Com maus olhos. (...) Não me apoiavam, não, acho que até tinham vergonha de

		mim”. A maior parte sim, algumas tinham (vergonha). Olha para a puta...”
IV. O sentido de pertença das trabalhadoras sexuais à cidade (identidade com os espaços públicos, interação e socialização, reivindicação e afirmação nos espaços)		“Algumas (pessoas) discriminam, outras dizem, ahh olha uma mulher da rua...haaaa, e eu...” E1: “Mas tinhas alguma abordagem? Posicionavas-te de alguma forma? (a angariar clientes) e1: Dava-lhe a volta, punha-me sempre encostada nas outras e ele percebia logo. E1: Ou seja, punhas-te ao lado também de outras trabalhadoras sexuais? e1: Sim, sim! E1: E sentias-te segura por estar ali perto de pessoas que também estavam a fazer o mesmo que tu? e1: Sim, sentia, sentia! E1: Então normalmente era sempre ao pé de outras pessoas que também estavam... e1: Sim,

		sim. (...) Às vezes sozinha, às vezes não havia ninguém. Mas tava sempre de uma maneira que eles vissem que estava bastante tempo naquele sítio... eles viam logo que ali era a pessoa que andava na prostituição.” E1: “E para ti, quando exercias a prostituição, qual é que eram as maiores barreiras? Os maiores obstáculos para ti? e1: Ui, era o tempo. Não gostava de estar muito tempo à espera quando demorava muito tempo. Quando demorava muito tempo a aparecer alguém. E1: E sentias mais algum obstáculo? e1: Sim, o medo. Sim, sim, sim. Eram essas duas coisas. (medo) das pessoas e da polícia. Já tive medo disso, também!”
--	--	---

V. A configuração e usos dos espaços públicos para a prática de prostituição (áreas urbanas utilizadas para a prática da prostituição)		“la à beira da pessoa pedia uma moeda para fingir, depois baixinho falava, ou a pessoa convidava e eu dizia sempre à pessoa fala baixinho, não é preciso ninguém ouvir e puxava sempre para a pensão...dizia que era melhor.” (em que zonas angariava clientes) “É por todo lado. (...) Quando eu visse e percebesse que havia alguém à procura, que nota-se sempre.” (onde se prostituía) e1: “Era mais aqui em São Bento, era. O sítio era mais em São Bento. (...) Onde havia mais pessoas. Também me sentia mais segura, muita gente aqui. Sentia-me mais segura, e tem pensões à beira, tem bastantes.
--	--	--

		E1: Ok. Então, o facto de também estar muita gente aqui nesta rua, também te fazia sentir que... provavelmente não ia acontecer nada, porque estava muita gente a ver-te? e1: Sim, sim, precisamente!” “E eles (os clientes) acabam por perceber sempre, notam sempre. Porque depois também há zonas específicas, né? (de prostituição) (...) Isto é a zona própria, eles procuram sempre aqui, ali em baixo, perto da estação. (...) E ali eu punha-me ali... e eles já sabem. “ “Estive (a trabalhar) no Marquês, estive na Batalha, estive em... Estive ali em Ramalde, na zona Industrial, já estive em Baião, já
--	--	---

		estive em Passos Ferreira, aí já andei um bocadinho.”
VI. O direito e acesso à cidade das trabalhadoras sexuais (movimentação e circulação na cidade, restrições e acessos)		E1: “O teu dia-a-dia na cidade. Imagina que não te estavas a prostituir, achavas que mudava alguma coisa o facto de te estares a prostituir? Por exemplo, ficares mais fixa nalguma zona específica? e1: Sim, sim, ficava mais fixa. Sim. E1: E consegues dizer mais um bocadinho dessa parte? e1: Ficar mais fixa claro, eles viam uma pessoa ali tanto tempo parada, viam logo o que era. E1: Movimentavas-te a cidade de acordo com as zonas específicas de prostituição ou não? e1: Sim, sim, era isso mesmo. Ando sempre naquelas zonas. E1: Onde os clientes podiam vir. e1: Sim, sim, onde eu

		sabia que eles vinham. E1: Ou seja, então isso era o teu dia-a-dia? e1: Sim, era. Fazia mais nestas zonas para conseguir mais trabalho.”
VII. Sentimento de insegurança e/ou segurança na prática do trabalho sexual na cidade		(angariar clientes na rua) e1: Tinha medo, sentia medo sempre, sentia. (...) E já me fizeram mal.” “Sentia-me mais à vontade. (na pensão do que na rua) (...) Ninguém estava a ver, não é? E era mais seguro. (sentia-se insegura na rua) (...) “Tinha medo que pudesse aparecer alguém que me puxasse para algum carro, ou coisa... sei lá... podia acontecer” (tinha medo) que tratassem mal.”
VIII. Relações de poder, género e sexualidade na prática da prostituição		Sem informação.

(dinâmicas de poder e estratégias adaptativas)		
IX. Substâncias aditivas e o trabalho sexual		“Era para ganhar dinheiro para o consumo. (...) Para experimentar, para experimentar. Metia-me nas drogas, já uns anos, andava há uns anos, mas agora eu já parei com isso. “

Anexo 11- Grelha de entrevista 4

Dimensões de análise	Análise	Excerto da entrevista
I. As experiências das trabalhadoras sexuais nos espaços públicos (vivências, histórias de vida)		“Teve apenas uma situação em que me abalou pessoalmente. Eu fui ali na esquina tomar um café e pedi...o café, tudo certinho e sentei pra comer. E aí vem um homem, sentou na mesa do lado e começou a me perguntar preços. E eu falei, olha, eu não tô trabalhando, tá? Depois. Não tô no meu horário de trabalho. E a dona do café veio até mim e começou a gritar coisas do gênero, olha, aqui não é lugar disso, isso é um lugar de respeito. Saia daqui, não faça isso aqui. E eu fiquei extremamente constrangida porque o café tava cheio de pessoas. As pessoas sabiam que eu era

		prostituta e fui... foi uma humilhação muito grande pra mim.” “No geral, tem um restaurante que eu sempre almoço e janto. E todo mundo sabe que eu sou prostituta. E eu me senti muito confortável porque nunca fui perguntada de nada. Nunca... sempre foi muito tranquilo.(...) Todo mundo sabia que éramos prostitutas e eu me senti totalmente à vontade.
II. As representações sociais das trabalhadoras sexuais relativamente aos espaços públicos urbanos (sensação de segurança/insegurança, exposição e vulnerabilidades)		“E no caminho para casa eu fiquei pensando, nossa, em uma hora eu fiz 100 euros, sabe. Tipo, 100 euros é o quê? Três, quatro dias de trabalho.”

		“Tá me custando demais querer ter um trabalho honesto. Assim, em abre aspas, né?” “E1: Ou seja, a tua vida é bastante dividida entre a vida pessoal e o teu trabalho, fazes essa separação, divisão muito...” e1: É totalmente separada. (...) eu não tenho esse contato pessoal com os clientes.” “Quando passa uma pessoa, tipo uma mulher, me olhando feio, eu encaro diretamente, porque quando você encara uma pessoa que tá te olhando feio você não olha. A pessoa entende que ela não te assusta, que o olhar dela de julgamento não é um problema. E se é a forma como tu
--	--	--

		expões isso às pessoas, demora a ter esse posicionamento.”
III. Influência do trabalho sexual de rua nos significados subjetivos das trabalhadoras sexuais (percepções do <i>self</i>, sentimentos e emoções)		“A minha irmã olhou pra mim e falou, olha, não é a vida que eu gostaria que você tivesse, mas você está fazendo isso porque você precisa ou porque você quer? E aí eu falei pra ela, olha, hoje é porque eu quero, porque eu não quero ter outro emprego. Eu não quero mais me sujeitar a trabalhar 8 horas pra ganhar 30 euros por dia. Eu não quero mais aguentar humilhação, eu não quero mais aguentar maus-tratos, porque quando a gente é empregada, e principalmente imigrante, a gente é muito humilhado.” “Mas 30 euros de 20 minutos do meu tempo e a maior parte dos clientes terminam em 6,

		10 minutos. Então, em 10 minutos no máximo, eu já recebi 30 euros. Quantos 10 minutos eu não tenho no meu dia? E eu comecei a mudar um pouco a minha visão. Do tipo, não sou pessoa que sou coitada, eu sou uma pessoa que eu tô aqui porque eu escolhi estar.” “E aí eu voltei a trabalhar. Trabalhei normalmente naquele dia, quando eu cheguei em casa, eu cheguei e eu sentei e eu chorei. Porque eu olhei assim e falei, realmente, eu sei que as pessoas são preconceituosas, mas hoje eu senti na pele.” “E eu particularmente, nesse sentido de trabalho, me tornei uma pessoa muito fria.
--	--	---

		Muito fria no sentido de que eu entro, eu entro, eu vou, faço meu trabalho e acabou.” “(…) eu não tenho receio com exposição porque eu sou uma pessoa que...eu não tenho de quem me esconder.”
IV. O sentido de pertença das trabalhadoras sexuais à cidade (identidade com os espaços públicos, interação e socialização, reivindicação e afirmação nos espaços)		“Eu sabia que se eu fosse fazer programa a noite, depois do trabalho, eu ia conseguir compensar. Então foi tranquilo durante uma semana até que ela descobriu e me fez escolher. E naquela época eu ainda tinha uma coisa de querer ter um trabalho honesto para não precisar falar para as pessoas que eu era garota de programa.” “E1: E as pessoas que não estão com o objetivo de contratar esse serviço, mas estão só, por exemplo, a passar na rua, a usar o espaço?”

		e1: Ai, aí você sente muito preconceito (...) Tem as mulheres sozinhas dirigindo e elas passam olhando, assim, com cara de nojo, ou algumas passam olhando, às vezes, com cara de curiosidade (...) mas a grande maioria, assim, das mulheres passam com um olhar, assim, realmente de raiva, de preconceito, de repulsa.” “Eu tomo um pouquinho de cuidado quando casais passam por mim. Por exemplo, eu tô ali na porta parada. E eu vejo que tem um casal vindo, eu olho pro outro lado por respeito à mulher, porque se eu fosse, se eu estivesse no outro do lado da mulher eu não gostaria de passar por uma rua e ter uma prostituta olhando pro meu namorado.”
--	--	---

		“Sim, porque ali já é uma coisa normal e com o tempo, as pessoas que trabalham ali, (..) as pessoas passam, você dá bom dia, você...as pessoas vão vendo que você é um ser humano, você só tá ali fazendo um trabalho diferente. Então, quando eu cheguei ali, isso já era uma coisa muito amenizada.” “É mais na questão de alguns lugares específicos em que as pessoas são um pouquinho mais discriminatórias. Mas, de modo geral, ali é um lugar muito tranquilo de se trabalhar.”
V. A configuração e usos dos espaços públicos para a prática de prostituição (áreas urbanas utilizadas para a prática da prostituição)		“(...) acendi um cigarro e fiquei ali na esquina, parada. Foi questão assim de 15, 20 minutos dois homens me abordaram, eram

		dois rapazes jovens, menos de 30 anos, eles eram estrangeiros (...)" "As pessoas que passam, a gente está exposto e as pessoas que passam de carro, olham muito e depois as pessoas que passam de carro, elas voltam porque elas sabem que ali tem esse tipo de serviço." "E quando o cliente passa e vê uma garota ali que tá posicionada de forma sensual, tá sentindo que ele foi notado, normalmente ele vai, dá uma volta e depois ele volta."
VI. O direito e acesso à cidade das trabalhadoras sexuais (movimentação e circulação na cidade, restrições e acessos)		"E aí ela me falou alguns lugares e falou pra mim, olha, eu sei que em Campo 24 de Agosto tem umas pensões onde as meninas usam o quarto, elas pagam o valor, vão lá, trabalham e é mais seguro."

		“Sim, em alguns lugares eu evito. (...) Eu sempre vou e testo. Eu vou num café, eu tomo um café, vejo (...) Como que eu vou ser recebida. Ou então eu vou num restaurante, vejo como eu vou ser atendida, se vai ter alguma diferença, e aí eu vou vendo aonde eu consigo pisar e onde eu não posso pisar.”
VII. Sentimento de insegurança e/ou segurança na prática do trabalho sexual na cidade		“Eu só fui com eles, atrás deles morrendo de medo. Né, porque aqui na Europa tem muito tráfico humano. Então, eu fui assim, fui eu rezando para Jesus.” “Porque o meu maior medo era acabar caindo na mão de um cafetão, uma pessoa que ia me extorquir. uma pessoa que ia querer pegar parte do dinheiro que eu conseguisse e pudesse me ameaçar ou machucar de alguma forma.”

		“(…) ali você sente um ponto fraco. Porque você sente que a qualquer momento você pode ser atacada.” “Na rua é muito mais perigoso. (...) na pensão, se o cliente fizer qualquer coisa, é só você gritar e tem uma pessoa lá que vai e entra no quarto e socorre. Na rua, tenho colegas que trabalham que entram em carros de clientes para fazer programa. Isso é uma coisa que eu jamais faria. (...) do trajeto onde o cliente te pega até o final, muita coisa pode acontecer. Esse cliente pode-te drogar, esse cliente pode fazer algum tipo de coisa com você.”
VIII. Relações de poder, gênero e sexualidade na prática da prostituição		“ e1: Eu tenho 22 anos, mas para os meus clientes eu tenho 20. E1: Ok. Sentes que tens que ser mais nova para os teus

(dinâmicas de poder e estratégias adaptativas)		clientes? e1: Sim, porque a maioria dos clientes gostam de garotas novinhas, o que é até uma coisa meio preocupante, porque eu atendo muitos idosos. Então isso levanta um precedente referente à pedofilia. Mas, toda vez que eu penso nisso, eu penso que é melhor o cliente estar ali comigo do que fazendo alguma coisa...” “Eu, na porta que eu tô eu sou a mais jovem, tenho 22, as outras têm mais de 30. E na outra porta são mulheres ainda mais velhas e não são, abre aspas, tão arrumadas. Porque nem existe mulher feia, existe mulher que não se arruma. E aí eles vão, dão uma olhada nas opções deles. E aí se eles quiserem, eles voltam. Se eles não quiserem, eles não voltam. Mas geralmente
---	--	--

		quando eles voltam eles já sobem e fazem o programa.”
IX. Toxicodependência e o trabalho sexual		Então, por regra, fomos aconselhadas a não atender nem homem muito bêbado ou drogado (...) Por uma questão de segurança, por conta do precedente. (...) ali na porta, querendo ou não querendo, o cliente para e pergunta o seu preço, você olha para a cara do cliente, você consegue perceber se ele está alcoolizado, você consegue perceber se ele usou algum tipo de substância e aí você consegue fazer esse filtro (...)”

Anexo 12- Grelha de entrevista 5

Dimensões de análise	Análise	Excerto da entrevista
I. As experiências das trabalhadoras sexuais nos espaços públicos (vivências, histórias de vida)		“ (...) comecei tudo aos dezoito. Foi a minha irmã até que me...que me guiou pá vida da noite, comecei nos boates. Tinha praí os meus dezoito...os meus dezoito, dezanove, comecei em boates na vida da noite. (...) Mas, entretanto, conheci o pai da minha filha mais velha e vim pó porto, comecei a trabalhar aqui na Batalha, aqui na rua.” (como trabalhadora sexual) E1: “Há quanto tempo é que... (deixou o trabalho sexual) e1: Já... aí...há uns dois anos. Um ano e meio, dois anitos. (...) Já não tenho muita aptidão para isso... não. (...) Tive (no trabalho sexual) dos dezoito até aos vinte e quatro mais ou menos.”

II. As representações sociais das trabalhadoras sexuais relativamente aos espaços públicos urbanos (sensação de segurança/insegurança, exposição e vulnerabilidades)		É assim, movimentava-me diferente. Lá está, porque ali era o meu sítio de trabalho. No resto da cidade, era uma cidade normal. Nos horários de trabalho, era trabalho. Tirando isso, era uma vida normal. (...) Só no horário de trabalho. Podia almoçar lá, podia ir lá às compras. Mas, não, normalmente, Coelho Neto mesmo era para trabalho. Mas, em redor, era uma vida normal.” e1: “Acabei por alugar lá um quarto, também. (na pensão onde trabalha) Porque não era só pensão, era pensão e era a minha casa, também. Eu (...) trabalhava nos quartos baixos, mas morava nos quartos de cima.
--	--	---

		E1: (...) tinhas um espaço para casa e um espaço para trabalho. e1: Exatamente, era, era. (a distinção casa/trabalho) Fez-me (bem), porque eu tinha a minha privacidade pessoal e tinha o meu trabalho. Nunca juntei trabalho com o pessoal. Nunca, nunca fiz clientes na minha casa. Nunca. Nunca gostei.” “e1: À noite, eu à noite, na rua, era muito raro trabalhar. Era muito raro. E1: Por alguma questão específica? e1: Segurança. E1: Segurança. Achas que o facto, por exemplo, de estar, por exemplo, a luz do dia... e1: A luz do dia, é....é sempre é mais garantido durante o dia do que à noite. Porque depois à noite também não tens
--	--	---

		pensões. Antigamente havia muitas, havia muitas abertas, agora não.”
III. Influência do trabalho sexual de rua nos significados subjetivos das trabalhadoras sexuais (percepções do <i>self</i>, sentimentos e emoções)		“E1: “E até terem uma condição de vida melhor? (estatuto de profissão para o trabalho sexual) e1: Exatamente, exatamente. Porque nem todas é para drogas, nem todas é para vícios. (...) Eu posso dizer até que já fui prostituta para pagar água, luz, renda, comida...(...) esses quatro anos era trabalho mesmo. Infelizmente eu fazia disso mesmo trabalho.” (a prostituição) “Era mesmo para a minha vida, para me sustentar. Era um meio de sustento.” “Havia momentos em que eu ficava reativa, tipo, chegava, por exemplo, era capaz de

		chegar ao quarto, deitava-me e muitas vezes até fechava os olhos. Nem sempre era fácil. Nem sempre.” (...) Uma altura em que eu senti-me mal. (por ser trabalhadora sexual) Tipo, eu olhava para os outros, tipo, os outros eram empregadas de mesa, eram empregadas de cafés e eu nunca consegui sair daquela vida. Havia uma altura que eu julgava-me a mim mesma. E não tenho que me julgar, é uma profissão como as outras.”
IV. O sentido de pertença das trabalhadoras sexuais à cidade (identidade com os espaços públicos, interação e socialização, reivindicação e afirmação nos espaços)		(prostitui-se na rua) É complicado. É um bocadinho complicado, sabes porquê? Porque nós somos muito má vistas perante a sociedade. Nós ainda somos muito julgadas e depois é assim...é muito

		complicado angariares clientes porque é assim, nem sempre sabes se aquele cliente vai querer ir ou não ou se aquele homem... já me aconteceu. Eu até dirigi-me às pessoas e as pessoas não quiserem, já me aconteceu. Por exemplo, à noite, ali em Ferreira Cardoso, aos carros, às vezes eles param e não é para nós... e fica sempre...é...é...é aquela cena constrangida. Há sempre aquele constrangimento” “ e1: Há pessoas que nos veem bem, há outras que fazem sempre aquela cara feia tipo: “Vem aí a prostituta”. E1: Mas já tiveste algum...” e1: Alguém a faltar me ao respeito? Já! Já, já, já tive aquelas velhotas e aqueles homens. Lá está, aquela sociedade menos (...) compreensível perante a nossa
--	--	--

		profissão. E depois é assim, nós somos muito mal-amadas nesta profissão, nós não temos apoio nenhum para já porque é crime, em certo aspeto é crime. Não se pode prostituir assim....e depois é assim, nós temos muito pouco apoio, muuuuito pouco apoio.” (em relação às pessoas que passavam na rua e tinham negócios na zona) “Como eu já tinha o meu sítio, já tinha o meu ambiente, as pessoas começam-se a habituar-se a ti também. É aquele respeito. Por exemplo, eu sou a prostituta naquela porta, fora daquela porta já não sou prostituta. Já sou uma pessoa normal. (...) Tratavam-me sempre (com respeito), trataram e sempre me dei esse respeito também. (...) Tive de ganhar
--	--	--

		esse respeito. (...) Há pessoas que olham-te sempre com má cara. Ou és vista como consumidora, ou és mulher da vida. (sentimentos em relação às reações negativas) Sinto-me bem, agora sinto-me bem. No início, quando era mais catraia, ficava um bocado frustrada. Agora não, agora já sei lidar melhor com isso.”
V. A configuração e usos dos espaços públicos para a prática de prostituição (áreas urbanas utilizadas para a prática da prostituição)		(...) “Comecei a trabalhar aqui na Batalha, aqui na rua. (...) Ali em Coelho Neto, ali no Padrão. (...) Trabalhei quatro anos na rua. (...) Eu ficava na porta da pensão, os homens vinham ter comigo, combinávamos o preço e subíamos.” (angariava os clientes) “Na rua, na porta da pensão. (...) O homem chegava à nossa beira, perguntava-nos o preço, nós fazíamos

		um acordo com o cliente e subíamos. Era cinco euros meia hora que o cliente tinha que pagar de quarto, dez euros uma hora o quarto, fora (o serviço)” Agir de maneira que não dê tanto a entender. Uma pessoa tenta sempre fazer de maneira que...claro que não vais estar no meio da rua: oh, senhor, vamos...não, não é assim. Temos de saber interagir com o homem e o homem connosco. Porque há homens que não gostam, há homens, por exemplo, que chegam à nossa beira e dizem: vamos? “. Vamos, mas vai à frente. Há homens que não gostam de dar nas vistas. (a abordagem) Depende, depende da pessoa também. Tento sempre fazer da maneira mais simples. (...) Normalmente até
--	--	---

		me meto com eles ou peço-lhes o cigarro, ou pergunto-lhes as horas. De maneira que... como o local é para tal, uma pessoa tenta sempre abordá-los de maneira que... em que eles, os prós olham e dizem: “Está a trabalhar?”. (...) “Quando estás à beira da pensão eles sabem que estás para aquilo. Quando estás na rua já é diferente, já pode não ser aquilo que estás a pensar que é. (...) Na pensão nós estamos na porta da pensão e eles próprios vêm ter com nós. (...) Na rua já tens que ser tu, se calhar, um bocadinho a ir ter com eles.” “Há, há, há (diferenças na rua e na pensão) porque assim, na rua uma pessoa sente-se mais suja, eu acho. (...) Não há tanta higiene.
--	--	--

		E depois é assim, calha do homem não ser propriamente aquela pessoa mais higiênica, mete um bocadinho de nojo.”
VI. O direito e acesso à cidade das trabalhadoras sexuais (movimentação e circulação na cidade, restrições e acessos)		“Por exemplo aquela cena de dizerem de nós fazemos descontos eu sinceramente eu não acho que fosse mau fazer disto mesmo uma profissão. Porque há mulheres que fazem disto...há mulheres que fazem disto mesmo profissão. Eu acho que devíamos fazer disto uma profissão, eu acho. Acho que as mulheres da vida deviam ter muito mais respeito do que aquilo que têm.” (em relação às pessoas que passavam na rua e tinham negócios na zona) Como eu já tinha o meu sítio, já tinha o meu ambiente, as

		pessoas começam-se a habituar-se a ti também. É aquele respeito. Por exemplo, eu sou a prostituta naquela porta, fora daquela porta já não sou prostituta. Já sou uma pessoa normal. (...) Tratavam-me sempre (com respeito), trataram e sempre me dei esse respeito também. (...) Tive de ganhar esse respeito. (...) Há pessoas que olham-te sempre com má cara. Ou és vista como consumidora, ou és mulher da vida. (sentimentos em relação às reações negativas) Sinto-me bem, agora sinto-me bem. No início, quando era mais catraia, ficava um bocado frustrada. Agora não, agora já sei lidar melhor com isso.
VII. Sentimento de insegurança e/ou segurança na prática do trabalho sexual na cidade		E1: “E quando trabalhava na rua como é que tu te sentias? Alguma razão para ires para as pensões? e1: É mais privado. É mais

		privado, é mais higiênico, é mais seguro (..) também, porque na rua tu não sabes com quem é que estás. E já mesmo numa pensão, às vezes pode correr mal. (...) Na rua é mais medo. (...) Medo no geral mesmo, de ser roubada, de ser agredida. (...) Até medo dos próprios clientes. Mais à noite, porque normalmente quando eu fazia isso era à noite. E depois assim, uma pessoa não conhece, uma pessoa tem sempre receio que nos aconteça alguma coisa.”
VIII. Relações de poder, género e sexualidade na prática da prostituição (dinâmicas de poder e estratégias adaptativas)		Sem informação.
IX. Substâncias aditivas e o trabalho sexual		“Não, nos finais já era para consumo também. Os meus primeiros três anos era só mesmo para pagar contas, pa ...” (...) “Só ao

		fim de um ano, ao fim de quatro anos, o último ano, aí sim, é que já começou a ser para consumo...” “Até mesmo no mundo agora do consumo, mesmo no nosso mundo de consumo, nós somos muito maltratadas. E eu, se calhar, percebo mais depressa uma mulher que se prostitui para consumir, do que uma mulher que ande com homens por causa de branca.”
--	--	---

Anexo 13- Grelha de entrevista 6

Dimensões de análise	Análise	Excerto da entrevista
I. As experiências das trabalhadoras sexuais nos espaços públicos (vivências, histórias de vida)		“Já fui 12 anos” (trabalhadora sexual). “16.” (quando se começou a prostituir) E1: “E como é que se sentia, por exemplo, quando havia uma diferença entre ser em apartamentos ou ser num local público? Havia alguma diferença? e1: Ah, claro que sim. É uma badalhoquice. Não tínhamos nada para nos limpar a não ser papel, não há água para nos lavar. Totalmente diferente.” “Oh, senhora, eu vou-lhe dizer uma coisa. Cheguei ao ponto de entrar num carro ir para um parque de camionetas e daí

		apontam-me a arma à cabeça, porque viram-me eu a pôr o dinheiro no pé.”
II. As representações sociais das trabalhadoras sexuais relativamente aos espaços públicos urbanos (sensação de segurança/insegurança, exposição e vulnerabilidades)		E1: “E a nível de angariar os clientes, como é que era a sua abordagem? e1: “Queres ir amor? Queres ir? “ E1: Era assim mais direto. e1: Sim.” Queres ir amor? Queres ir ao quarto? E ele disse sim ou não. Só isso. E1: Ou seja, era uma abordagem direta? e1: Sim. E1: E fazia alguma seleção de clientes? e1: E depois ele pergunta, ele pergunta: O que é que fazes? Eu digo, chupar, foder, cona, cu não. Percebes? E1: Sim, sim. e1: Só isso. Só isso. Chupar, foder...é tanto, é tanto e acabou. “

		e1: “Era durante a noite. Era durante... (que se prostituía) Até às sete da manhã. E1: Como é que te sentias em ser à noite? e1: Era fixe. Pegava às dez, saía às sete.”
III. Influência do trabalho sexual de rua nos significados subjetivos das trabalhadoras sexuais (perceções do <i>self</i>, sentimentos e emoções)		
IV. O sentido de pertença das trabalhadoras sexuais à cidade (identidade com os espaços públicos, interação e socialização, reivindicação e afirmação nos espaços)		“E1: E como é que... como é que é essa interação? Por exemplo... e1: Há quem aceite, há quem não aceite.” E1: “E lidava então de forma boa com as pessoas que... e1: Sim, sim.”
V. A configuração e usos dos espaços públicos para a prática de prostituição		E1: “E em que zonas trabalhava mais? e1: Quando era na rua no Jornal de Notícias.

(áreas urbanas utilizadas para a prática da prostituição)		E1: Jornal de Notícias. e1: Teatro, Trindade, Lima 5... era por aí.”
VI. O direito e acesso à cidade das trabalhadoras sexuais (movimentação e circulação na cidade, restrições e acessos)		E1: “Por aí. E porquê esse sítio? Alguma razão específica? e1: Não sei, foi onde eu comecei a parar. E1: Ok. E começou a parar aí porque tinha algum contacto? e1: Não. Foi ali que eu parei.”
VII. Sentimento de insegurança e/ou segurança na prática do trabalho sexual na cidade		“E1: E a nível de... por exemplo, quando trabalhava, há alguma distinção entre quando trabalhava nas pensões, ou era mais na rua, a nível de insegurança? e1: É igual. (...) Insegurança o que é isso? Não conheço a palavra. E1: (...) quero dizer medo ou algum receio ou...sentia algum receio?

		e1: Claro que sim, medo que eles façam mal lá dentro. Já tinha sempre um... tinha um homem cá fora. E1: Nas pensões? e1: Sim. E1: E quando era na rua? e1: Na rua, não (...) Tinha que me safar sozinha. E1: E sentia mais medo nesse aspeto? e1: Mais medo.”
VIII. Relações de poder, género e sexualidade na prática da prostituição (dinâmicas de poder e estratégias adaptativas)		e1: “ (...) há porcos, há porcos, há porcos. E violentos há muito. Há muito. E1: E sentias isso no geral? e1: Sim. E1: Ou mais, por exemplo, na rua ou mais nas pensões?

		e1: Ó filha é igual. (...) Era tudo igual, era tudo igual, depende do homem.” “Tu vês um homem, faz-te uma coisa, mas lá dentro já é outra, já sofri muito, menina. E1: Depois como reage, e como... e1: Pois, pois já é outra. “
IX. Substâncias aditivas e o trabalho sexual		(...) “fui criada com pai e mãe adotivos, eram borrachões, deram-me álcool e eu caí também na mesma situação, tive um namorado que me meteu na droga.” “Levo a minha vida agora na rua. (...) Tomo a metadona, bebo agora. (...) Mas há muitos corpos no chão. Doí muito dormir no chão. (...) E eu estou cada vez a enterrar-me mais.

		(...) Quando acordo, tenho de ter mais 1 eurinho para beber um litrinho..” “Quando conseguir largar isto, juro-te por Deus, que Deus me ajude, não pego mais. É horrível. Ainda por mais uma anemia, sujeita a morrer, de estar lá a dormir e não acordar.” “E1: Prostituí-a-se para consumir? e1: Sim, senhora. Para o consumo, sim, senhora.” “É necessidade. É necessidade do dinheiro, necessidade da droga. Andei 12 anos na droga.”
--	--	---